HISTORIA DO BRAZIL

V

DE ANDRADE

1

2

3

4

5

6

7

8

1. GENERAL DR. BENJAMIM CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES — 2. QUINTINO BOCAYUVA — 3. DR. RUY BARBOZA — 4. EDUARDO WANDENKOLK — 5. MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA — 6. DR. ARISTIDES LOBO — 7. DR. DEMETRIO RIBEIRO — 8. DR. CAMPOS SALLES

RESUMO DA
HISTORIA DO BRAZIL

PARA USO DAS ESCOLAS PRIMARIAS
BRAZILEIRAS

PELA

PROFESSORA MARIA G. L. DE ANDRADE

EDIÇÃO AMPLIADA.

1928
TYP. SIQUEIRA — Rua Libero Badaró, 48
SÃO PAULO

Desejando despertar nos corações dos meninos brazileiros o interesse e o amor pelas cousas patrias, offerece-lhes este opusculo sobre Historia do Brazil, no qual seguiu o methodo do Professor G. W. Pockels, seu veneravel mestre,

A AUCTORA.

HISTORIA DO BRAZIL.

1500–1919.

A HISTORIA DO BRAZIL DIVIDE-SE EM TRES PARTES:—

I. Brazil — Colonia portugueza, desde 1500–1822, subdividida, segundo as dynastias, em tres periodos: —

1°. Dynastia de Aviz, 1500–1581.

2°. Dynastia de Habsburgo-Aragão, 1581–1640.

3°. Dynastia de Bragança, 1640–1822.

II. Brazil — Imperio independente, desde 1822–1889.

III. Os Estados Unidos do Brazil — Republica, subdividida em dous periodos: —

1°. Revolução e Governo Provisorio, 1889–1891.

2°. Constituição republicana, desde 1891 até o presente.

TABELLA DA DYNASTIA DE AVIZ.

1385–1581.

D. Manoel, 1495–1521.

D. Catharina = **D. João III (1556)** | D. Henrique (1581) | Duque de Beja | Duque de Guimarães | **HESPANHA.** Isabel = **Carlos V.**

D. João (1555)

D. Sebastião (1578)

D. Antonio, *Prior do Crato.*

Felippe II (1598)

Felippe III (1621)

Felippe IV (1665)

1640

HABSBURGO-ARAGÃO, UNIÃO IBERICA, 1581–1640.

DYNASTIA DE BRAGANÇA, 1640–1889.

Catharina Guimarães = Luiz de Bragança

D. João IV, 1640–1656.
D. Affonso VI, 1656–1683.
D. Pedro II, 1683–1706.
D. João V, 1706–1750.
D. José I, 1750–1777.
D. Maria I e D. Pedro III, 1777–1816.
D. João VI, 1816–1822.

VASCO DA GAMA

LUIZ DE CAMÕES

HISTORIA DO BRAZIL.

CAPITULO I.

RESUMO DA HISTORIA DE PORTUGAL ANTES DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

1137–1500.

A independencia de Portugal foi fundada por D. Affonso Henriques de Borgonha em 1137, depois da victoria de Ourique. A dynastia de Borgonha governou até 1383. Todos os seus reis se distinguiram nas guerras contra os Arabes. Depois do heroico D. Affonso I, vem seu filho, o pacifico e popular D. Sancho, appellidado o Povoador, cujo filho, D. Affonso II, herdeiro do valor de seu avô, derrotou os Arabes em Tolosa (1212). O infeliz D. Sancho II foi pelo papa Innocencio IV exonerado (1248), em favor de seu irmão D. Affonso III.

Dynastia Borgonha.
1137–1383.

D. Affonso Henriques, 1137–1185.
D. Sancho I, o Povoador, 1185–1211.
D. Affonso II, 1211–1223.
D. Sancho II, 1223–1284.
D. Affonso III, 1284–1276.
D. Diniz, 1276–1325.
D. Affonso IV, 1325–1357.
D. Pedro I, o Cruel, 1357–1367.
D. Fernando, 1367–1383.

Reis de Castella desde 1137 até 1383.

2ª. *Dynastia Borgonha.* — D. Affonso VIII (1157); D. Sancho III (1158); D. Affonso IX (1214); D. Henrique I (1217); S. Fernando III (1252); D. Affonso X (1284); D. Sancho IV (1295); D. Fernando IV (1312); D. Affonso XI (1350); D. Pedro o Crú (1369).
Dynastia Transtamare. — **D. Henrique II (1379).**

A este segue-se D. Diniz,* sem contradicção o mais importante de todos os reis desta dynastia; conquistou os Algarves, deu a Portugal os limites, que até hoje conserva, fundou a universidade de Coimbra (1297), e asylou em sua côrte os Cavalleiros Templarios, dos quaes se originou a Ordem de Christo. Seu filho e successor, o valente D. Affonso IV, fez alliança com D. Affonso XI de Castella e ambos alcançaram sobre os Mouros a victoria do Salado (1347). Mas este rei lançou sobre seu nome a nodoa de crueldade por ter mandado assassinar Ignez de Castro, com cujo cadaver casou-se seu filho, o exaltado D. Pedro I, a quem chamaram o Justiceiro. No governo deste rei rompeu a guerra contra Castella, que continuou durante o governo de D. Fernando de quem diz Camões:

Reis de Castella.
1383-1581.
Dynastia Transtamare.
D. João I, 1379-1390.
D. Henrique III, 1390-1406.
D. João II, 1406-1454.
D. Henrique IV, 1454-1464.
Isabel I e Fernando V, o Catholico, 1464-1516.
Carlos I, 1516-1556.
Felippe II, 1556-1598.

"Um fraco rei faz fraca a forte gente."

Este é o ultimo rei da dynastia Borgonha. Sua filha unica, D. Brites, era casada com D. João I de Castella, que dominou Portugal dous annos.

Os patriotas portuguezes, porêm, acclamaram rei ao filho natural de D. Pedro I, o popular D. João, Mestre de Aviz, que firmou sua corôa pela victoria de Aljubarrota em 1385.

Com D. João I principia a segunda e a mais importante das dynastias de Portugal. Seus tres primeiros reis, D. João I, D. Duarte e D. Affonso V representam a epoca do desenvolvimento da nação portugueza (1385-1481).

---

* "**Eis depois vem Diniz, que bem parece**
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o reino prospero floresce
(Alcançada já a paz aurea, divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes." — *Lus.* III. 96.

D. AFFONSO HENRIQUES

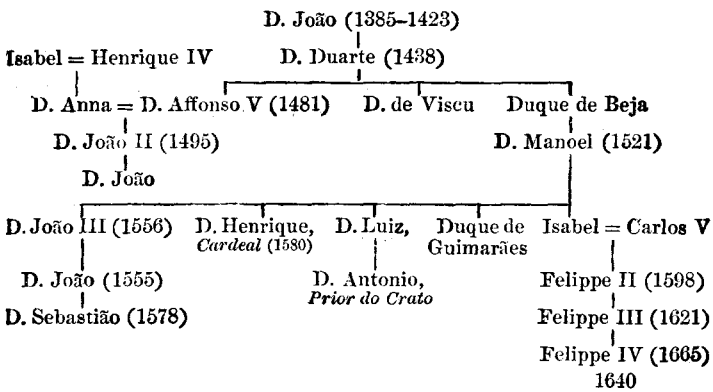
D. DINIZ

Elles souberam aproveitar as grandes vantagens de Portugal em relação á sua feliz situação geographica, na extremidade occidental do continente europeu, e a seus excellentes portos; e sobretudo fizeram servir a seus altos designios a actividade da nação influida pelo fanatismo e pela ambição. Elles mesmos puzeram-se á testa das grandes expedições conquistadoras.

D. João I * tomou em pessoa Ceuta, Penon e Mellila. Seu illustre filho, *D. Henrique o Navegante*, fundou a escola naval de Sagres, onde se iniciáram os audazes descobrimentos, o

---

TABELLA DA DYNASTIA DE AVIZ, 1385-1581.



União Iberica, Dynastia Habsburgo-Aragão, 1581–1640.

Dynastia de Bragança, 1640–1889.

---

* "Assi o filho de Pedro *Justiçoso*,
Sendo governador alevantado
Do reino, foi nas armas tão ditoso,
Que bem pode igualar qualquer passado,
Porque, vendo-se o reino receioso
De ser do Castelhano subjugado,
Aos seus o medo tira que os alcança,
Aos outros a falsifica esperança." — *Lus.* IV.

raiar da aurora dos tempos modernos. D. Duarte, menos feliz, soffreu a derrota de Tanger; mas seu filho, o guerreiro D. Affonso V, foi appellidado o Africano, pela conquista da Africa occidental.

Nessa epoca o Infante D. Henrique havia descoberto todas as ilhas do Atlantico até o golfo de Guiné: — Açores, Madeira, Canarias e Cabo-Verde.

Representam a força e a grandeza de Portugal dous reis — D. João II * (1495) e D. Manoel (1521).

Papas de Roma.
1383-1481.

Urbano VI, 1378-1389.
Bonifacio IX, 1389-1404.
Innocencio VII, 1404-1406.
Gregorio XII, 1406-1409.
Alexandre V, 1409-1410.
João XXIII, 1410-1415.
Martinho V, 1415-1431.
Eugenio IV, 1431-1447.
Felix V, 1447-1448.
Nicolau V, 1448-1455.
Calisto III, 1455-1458.
Pio II, 1458-1464.
Paulo II, 1464-1471.
Sixto IV, 1471-1484.

Pela destruição do poder dos vassallos deu D. João II ao paiz estabilidade interna. Mandou decapitar a um de seus cunhados, o duque de Bragança, e ao outro, o duque de Viseu, apunhalou com a propria mão, mostrando-se assim, em actos violentos, superior ao proprio Luiz XI, seu contemporaneo.

Foi no seu governo confirmada a existencia da rica India Occidental (America), e o almirante portuguez Bartholomeu Dias descobriu o cabo meridional da Africa, a que denominou — *Tormentoso* — e que D. João II chamou — Boa-Esperança, — adivinhando as vantagens que lhe resultariam de seu descobrimento, que foi magnificamente cantado por Camões, no bellissimo episodio do *Gigante Adamastor*.

Com o descobrimento do Novo-Mundo por Christovão Colombo em 12 de outubro de 1492, julgou-se D. João II. offen-

---

* "Porêm, **despois que a escura noite** eterna
Affonso aposentou no ceu sereno,
O principe que o reino então governa,
Foi Joanne segundo e rei trezeno;
Este por haver fama sempiterna
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa aurora
Os terminos." . . . — *Lus.* IV. 60.

D. JOÃO I

D. JOÃO II

dido em seus direitos, e armou-se contra os reis Catholicos; mas o papa interveiu e impoz-lhes o tratado de Tordezilhas (1495).

D. Manoel,* subindo ao throno, aproveitou-se da frota esquipada por seu cunhado para continuar os descobrimentos ao Oriente, e mandou-a para a India, sob o commando de D. Vasco da Gama, que foi o primeiro (desde 600 A.C.) que transpoz o Cabo da Boa-Esperança, e acompanhando a costa oriental da Africa, atravessou o Canal de Moçambique, e tomando em Melinde pilotos que o guiáram para a India Oriental, pelo golfo de Oman, chegou a Calecut. Não duraram muito as relações amigaveis que travára com o Çamorim e o Nababo de Delhi, de modo que o audacioso navegante e descobridor voltou, depois de um anno de viagens, para Portugal, onde foi recebido com grandes festas por D Manoel, que deu-lhe os titulos de Conde de Vidigueira e Almirante dos Mares Orientaes.

O descobrimento do caminho da India pelo sul da Africa foi a causa directa do descobrimento do Brazil.

QUESTIONARIO. — CAPITULO I.

— Como se divide a historia do Brazil?
— Quanto tempo foi o Brazil colonia portugueza?
— Quantas dynastias portuguezas governaram o Brazil?
— Quantos annos dominou o Brazil a dynastia de Aviz?
— Quem foi o primeiro rei desta dynastia?
— Quem foi o ultimo? Qual o mais importante?
— Quem foi o fundador do reino de Portugal?
— Em que anno foi fundada a nação portugueza?
— Qual foi a primeira dynastia de Portugal?
— Quando tempo governou a dynastia de Borgonha?

---

* "Manuel, que a Joanne succedeu
No reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo." — *Lus.* IV. 66.

— Qual o mais importante de seus reis? Porque?
— Quem foi o ultimo rei da dynastia de Borgonha?
— Porque é notavel Affonso IV?
— Quem foi o filho e successor de Affonso IV?
— Quem foi o rei de Portugal desde 1383 até 1385?
— Qual foi a mais importante das dynastias de Portugal?
— Quem foi o primeiro rei da dynastia de Aviz?
— Quem foi o ultimo? Qual o mais importante?
— Que grande acontecimento se deu em 1385?
— Quantos reis representam a epoca de desenvolvimento da nação portugueza? Como se chamavam?
— Quanto tempo governaram?
— Porque é notavel D. João I?
— O que deve Portugal ao Infante D. Henrique?
— Porque D. Affonso V foi appellidado — o Africano?
— Quantos reis representam a força e grandeza da nação portugueza, e quem foram elles?
— Em que foi o governo absoluto de D. João II util á nação portugueza?
— Que descobrimentos notaveis fizeram os portuguezes durante o seu reinado?
— Que effeito produziu no animo de D. João II o descobrimento do Novo-Mundo por Christovão Colombo em outubro de 1492?
— Porque não fez elle a guerra contra a Hespanha?
— Como aproveitou D. Manoel a frota aparelhada por D. João II?
— O que fez Vasco da Gama?
— Como foi recompensado pelo rei?
— Que relação tem com o Brazil o descobrimento do caminho das Indias por Vasco da Gama?

CAPITULO II.

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

Em principios de março de 1500 partiu de Lisboa uma esquadra sob o commando de Pedro Alvares Cabral, Governador da Beira e Senhor de Belmonte, que ia fundar na India uma colonia portugueza, para o que levava todos os materiaes. A carta regia, que abriu na latitude determinada, recommendava-lhe que se afastasse da costa da Africa, para evitar as calmarias; e assim foi apanhado pela corrente Equatorial (então ignorada), que lançou-o directamente para o Novo-Continente.

A primeira terra que avistou foi o cume da serra dos Aymorés, a que deu o nome de *Monte Paschoal* (21 de abril, oitava da Paschoa). O piloto Affonso Lopes descobriu no dia seguinte (22) um porto a que chamou *Porto-Seguro*, perto de um rio, que denominou *Belmonte* (16°. lat. S.).

A frota entrou no porto a 24 de abril, e no dia 1°. de maio celebrou o capellão Fr. Henrique de Coimbra a primeira missa no Brazil, e com toda a solemnidade tomou Cabral posse da nova terra em nome do rei de Portugal.*

A esta região foi dado o nome de *Terra de Vera-Cruz*, que depois mudou-se para o de *Santa-Cruz* (por causa talvez da constellação do Cruzeiro) e mais tarde prevaleceu o nome de Brazil, que lhe davam os negociantes em razão da abundancia da preciosa madeira vermelha, pau-brazil ou ibirapitanga, — que a principio foi o principal artigo de exportação.

---

* Quadro de Victor Meirelles.

Os habitantes do paiz — selvagens, em completa nudez, côr de cobre, com compridos cabellos pretos e lisos e sem barbas — bem longe de mostrarem-se hostis aos portuguezes, contemplavam-nos cheios de curiosidade, e assistiram a todas as ceremonias religiosas e militares com aquella attenção e aquelle recolhimento que scenas imponentes de ordinario despertam no animo dos que pela primeira vez as observam.

Em 1499 já havia Vicente Iãnez Pinson, companheiro de Colombo, tocado no continente Sul-Americano e descoberto o cabo de Nossa Senhora de la Consolacion (hoje S. Agostinho); mas só a Cabral competem de direito as honras de descobridor do Brazil, por ter sido o primeiro que officialmente annunciou a Portugal e a Europa a existencia do novo paiz.

A frota continuou sua derrota para a India; mas o commandante Gaspar de Lemos voltou a Portugal, afim de communicar ao rei a nova do feliz descobrimento.

Na altura do Cabo da Boa-Esperança soffreu Cabral uma horrivel tempestade, que destruiu muitos navios. Entre os mortos nota-se o velho navegante Bartholomeu Dias, descobridor deste mesmo Cabo a que chamou Das Tormentos.

O grande epico portuguez, no seu admiravel episodio de Adamastor, aproveitou-se deste incidente para pôr na bocca do temeroso gigante estas fatidicas palavras:

> "Aqui espero tomar, si não me engano,
> De quem me descobriu crua vingança."

Cabral não conseguiu fundar colonia alguma na India, mas carregou seus navios com as riquezas do paiz e voltando em 1501 para Portugal, encontrou no Atlantico a primeira frota mandada por D. Manoel para a terra de Vera-Cruz.

QUESTIONARIO. — CAPITULO II.

— Quem descobriu o Brazil?

— Como foi o Brazil descoberto?

— Qual foi a primeira terra que avistou Cabral?

— Em que dia, mez e anno tomou Cabral posse da nova terra para a corôa de Portugal?

— Como se chamou o primeiro porto em que desembarcou Cabral?

— Em que dia foi a primeira missa celebrada no territorio brazileiro?

— Quem era o rei de Portugal, quando foi descoberto o Brazil?

— Quantos nomes teve a nova colonia e porque ficou se chamando Brazil?

— Que navegante, antes de Cabral, havia tocado no Brazil?

— Por quem mandou Cabral annunciar a D. Manoel o descobrimento da nova terra?

— Para onde seguiu Cabral?

— Ao dobrar o Cabo da Boa-Esperança que aconteceu á armada de Cabral?

— Que frota encontrou Cabral, voltando para Portugal?

— Em que anno voltou Cabral para a patria?

CAPITULO III.

O GENTIO DO BRAZIL.

Os indigenas do Brazil pertencem á raça mongolica, tartara ou asiatica; mas sem a menor cultura. Attribue-se seu estado selvagem a tres causas: (*a*) Isolação das tribas pouco numerosas; (*b*) Falta de animaes domesticos, gado, etc.; (*c*) Guerras constantes entre as diversas tribus.

As noticias que temos do gentio são quasi exclusivamente devidas aos jesuitas, que para seus proprios fins queriam catechisal-os.

Religião. — Os indios,* como os antigos asiaticos, adoravam as forças da natureza. Sua religião era uma especie de sabeismo grosseiro. Seus *pagés* (adivinhos) gosavam de grande autoridade, viviam isolados e prophetisavam.

Governo. — Cada tribu era despoticamente governada por um chefe (morubixaba). Tinha seu dialecto especial que pouco differia dos outros, tanto que os jesuitas puderam crear a lingua commum — *Tupi*.

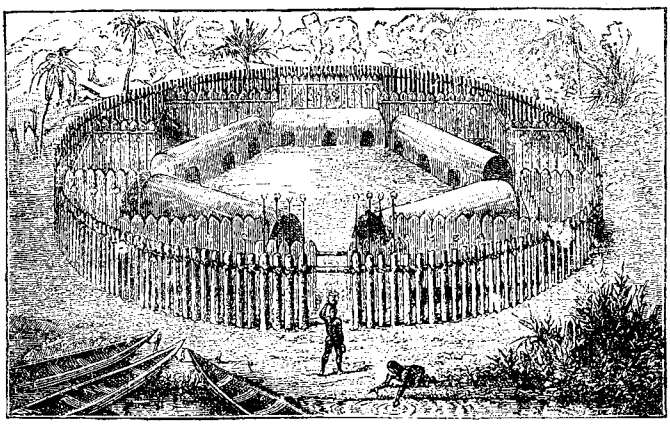
Estavam estas tribus sempre em guerra umas contra as outras. As mais fortes habitavam aldêas fortificadas (tabas), em cujo centro havia um lugar destinado para as festas, que eram quasi sempre celebradas com dansas ruidosas e victimas humanas (prisioneiros de guerra).

Algumas tribus eram antropophagas e devoravam os prisioneiros.

---

* Os selvagens da America são geralmente chamados *indios* por supporem os primeiros descobridores, á frente delles o immortal Colombo, que o Novo-Continente era uma continuação do Antigo e portanto denominaram-no *Indias Occidentaes*.

Armas e enfeites dos Indios



Taba ou aldêa india

Vida social. — Os homens occupavam-se exclusivamente de guerra, pesca e caça. As mulheres eram escravas; tinham todos os encargos da creação dos filhos; preparavam a comida e bebidas fermentadas (cauim) e carregavam as armas para os guerreiros. Havia nas familias grande communidade; quasi todos moravam juntos no mesmo rancho.

Eram os indios de estatura pequena, mas robustos e bem conformados nas extremidades; tinham cabellos pretos, lisos e compridos, olhos pequenos e vivos, as faces salientes e a tez acobreada. Os homens não tinham barba.

Andavam nús, mas gostavam de adornar-se com pennas, metaes e pedras preciosas; os guerreiros sarapintavam o corpo para incutir terror aos inimigos.

Tinham todas as qualidades e defeitos do selvagem; eram corajosos e hospitaleiros, mas perfidos e vingativos.

As tribus mais importantes na epoca do descobrimento eram:

Os *Cahetés* em Pernambuco (1556 morte do primeiro bispo, D. Pedro Fernandes Sardinha), que em 1549 foram exterminados por Mem de Sá.

Os *Aymorés e Goytacazes* na Bahia e no *Espirito-Santo*, que expulsos do littoral tambem por Mem de Sá, metteram-se pelo sertão, onde ainda hoje existem em numero muito reduzido.

Os *Tamoyos* no Rio de Janeiro e S. Paulo, que em 1555 alliaram-se com os francezes e formaram uma poderosa confederação, que a muito custo foi destruida por Mem de Sá, auxiliado pelos padres Nobrega e Anchieta (1567).

Os *Goyanazes* em S. Paulo, que foram logo catechisados pelos jesuitas fundadores do collegio e da cidade de S. Paulo.

Os *Guaycurús* ou *indios cavalleiros* da nação *Tapuya*, em Matto-Grosso.

Condição social do gentio durante o governo colonial. — Pela lei de colonisação promulgada por D. João III em 1534, ficaram os indios escravos dos capitães-mores. Mas em 1570, por influencia dos jesuitas que queriam sós tirar todo o proveito

do trabalho delles, inaugurou D. Sebastião o seu reinado publicando a lei da liberdade dos indios.

Esta lei causou tantas perturbações na colonia que em 1573 o D^{or}. Antonio Salema, governador do Sul, depois de conferenciar com os fazendeiros convocados para o Rio de Janeiro, decretou que seriam considerados captivos os indios aprisionados na guerra.

Esta resolução, que invalidava o decreto real, fez romper a luta entre os fazendeiros e os jesuitas, que tantos males causou á colonia.

A questão aggravou-se ainda pela politica dubia dos reis de Portugal, que óra se declaravam a favor dos jesuitas, óra contra elles, que foram constantemente protegidos pelos papas, — que lançaram a excomunhão sobre os senhores de escravos indios.

Este deploravel estado conservou-se até o governo do grande Pombal, que cortou o nó gordio, expulsando do Brazil os jesuitas (1759) e ao mesmo tempo decretando a liberdade dos indios, a qual foi reconhecida pela constituição de 1824, tendo elles hoje direitos de cidadãos brazileiros.

QUESTIONARIO. — CAPITULO III.

— Que raça de homens habitava o Brazil?
— Qual o seu estado social?
— A que causas se pode attribuir o estado selvagem do gentio?
— A quem devemos o que sabemos a respeito do gentio?
— Qual era a religião do gentio?
— Qual era o governo do gentio?
— Quem eram os pagés?
— Que lingua fallava o gentio?
— Quem formou a lingua *Tupi?*
— Como viviam as tribus entre si?
— Como celebrava o gentio as suas festas?
— Como tratava o gentio aos prisioneiros?

— Qual era a occupação dos homens?
— Em que se occupavam as mulheres?
— Qual era o aspecto physico dos indios?
— Como se vestiam? Com que se enfeitavam?
— Porque se pintavam os guerreiros?
— Qual era o caracter do gentio?
— Quaes eram as tribus mais notaveis?
— Onde habitavam os Cahetés? Por quem foram exterminados?
— Que tribus foram expulsas da Bahia e do Espirito-Santo por Mem de Sá?
— O que fizeram os Tamoyos no Rio de Janeiro?
— Quem foram seus alliados?
— Quando foram vencidos?
— Quem auxiliou a Mem de Sá?
— Que tribu habitava S. Paulo?
— Quem fundou a cidade de S. Paulo?
— Onde habitavam os Guaycurús?
— Qual era a condição social do gentio no Brazil?
— Que rei de Portugal decretou a liberdade dos indios?
— Porque violou D. Sebastião o contracto de D. João III com os capitães-móres?
— Que interesse tinham os jesuitas na liberdade dos indios?
— Qual foi na colonia o resultado do decreto de D. Sebastião?
— O que fez o Dor. Antonio Salema, governador do Sul?
— Como foi aceita pelos jesuitas a resolução do congresso dos fazendeiros no Rio de Janeiro?
— Que politica seguiram os reis de Portugal em relação aos indios?
— Como protegia o papa aos jesuitas no seu intuito de libertar os indios?
— Até quando durou este antagonismo entre jesuitas e fazendeiros?
— Como decidiu o Marquez de Pombal a questão da escravidão dos indios?
— Em que anno foram os jesuitas expulsos do Brazil?
— Que direitos tem hoje em dia os indios no imperio do Brazil?

CAPITULO IV.

EXPLORAÇÕES.

Durante o governo de D. Manoel vieram ao Brazil cinco expedições: duas do governo, uma hespanhola e duas particulares.

I. EXPEDIÇÕES DO GOVERNO.

D. Manoel só mandou duas expedições para o Brazil: a primeira em 1501, commandada por Christovão Jacques, e a segunda em 1503, por Gonçalo Coelho, ambas acompanhadas por Americo Vespucio, cujo nome foi mais tarde dado ao continente descoberto por Colombo; mas faltam-nos noticias certas destas explorações. Só sabemos que foram visitados os cabos e portos importantes, que tomaram os nomes dos santos dos dias em que foram descobertos, em grande parte ainda hoje conservados.

Contemporaneos

Papas.

Alexandre VI (1492-1503).
Julio II (1513).
Leão X (1521).

Reis.

Hespanha.
Fernando o Catholico (1516) e Isabel de Castella (1504).

Inglaterra.
Henrique VII (1485-1509).
Henrique VIII (1547).

Allemanha.
Maximiliano I (1519).
Carlos V (1556).

França.
Luiz XII (1515).
Francisco I (1547).

Nesse tempo os grandes interesses da India attrahiram inteiramente a attenção da nação e do governo portuguez.*

D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque fundaram em 1510 o vice-reinado de Goa, que fez de Portugal a nação mais rica e de sua capital *Lisboa*, a primeira praça de commercio do mundo.

---

* Em seu poema immortal Camões assim celebra os heroes da India:

"Um Pacheco fortissimo e os timidos
Almeidas por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte."

Assim não é de admirar que os Portuguezes ambiciosos de gloria e riquezas, as fossem conquistar na vetusta India, e se esquecessem de recem-nado Brazil, que para revelar-lhes as jazidas de seus inexgotaveis thesouros mineraes e vegetaes, precisava mais da temeridade, constancia e abnegação do humilde explorador do que do valor heroico dos " barões assignalados."

II. EXPLORAÇÕES HESPANHOLAS.

Emquanto o governo de Portugal negligenciava o Brazil, não se esqueciam os reis Catholicos da primeira descoberta feita por Pinzon (1492), e mandaram varias expedições, sendo uma dellas commandada por João Dias de Solis, que explorou as regiões do Prata, onde foi morto pelos Guaranys.

O *Rio-da-Prata*, chamado pelos indigenas *Paraguay*, tomou o nome de rio de *Solis* (1516), que perdeu em 1526, para chamar-se *Prata*.

III. EXPEDIÇOES PARTICULARES.

Negociantes portuguezes tambem mandaram expedições para o Brazil; mas dellas não se pode ter noticia alguma certa.

Entre os primeiros portuguezes que viveram com os caboclos, notam se dous — Diogo Alvares Corrêa, *o Caramurú*, e João Ramalho.

Caramurú viveu por muito tempo entre os Tupinambás da Bahia e auxiliou muito a Thomé de Souza (1549) na fundação da cidade de S. Salvador.

João Ramalho ganhou muita influencia sobre Tyberiçá, chefe dos Goyanazes, com cuja filha casou-se e estabeleceu-se em Piratininga (1552), onde prégava o P^e^. José de Anchieta. Este tendo resolvido mudar a povoação de Piratininga para S. Paulo, onde queria fundar o collegio da Companhia, João Ramalho incitou os colonos a revoltarem-se, e proclamando a liberdade dos Indios, conseguiu pôr de seu lado grande parte da tribu. Foi esta revolta, porêm, de curta duração, pois com a

retirada dos missionarios, ficando privados os colonos de todos os artigos mais necessarios á vida, não puderam continuar em Piratininga e liveram de mudar-se para S. Paulo.

O estado de abandono em que permaneceu o Brazil durante o governo de D. Manoel, cessou quando subiu ao throno seu filho, D. João III (1521–1556), em cujo reinado começa o enfraquecimento de Portugal.

Em consequencia de exforços excessivos ficára em todos os sentidos abatida a nação portugueza, e alem disso já se pode notar o predominio da perniciosa influencia de Hespanha, a que principalmente foram devidas a expulsão dos Judeus, a introdução da inquisição e a alcavala.

Para o Brazil, porêm, foi D. João III o mais importante rei da dynastia de Aviz. Foi elle quem colonisou-o pela primeira vez em 1534, dividindo-o em oito capitanias hereditarias, e quem em 1549 fundou o governo geral em S. Salvador.

Avisado D. João III dos preparativos dos Hespanhoes e Francezes contra sua colonia, mandou para ella uma expedição sob o commando de Christovão Jacques (1526–1529), que voltou depois de expulsar da costa do Brazil os navios estrangeiros, trazendo a noticia das grandes riquezas do paiz, o que fez com que o rei armasse uma segunda expedição, mais importante ainda, dirigida pelos dous irmãos Martim Affonso de Souza e Pero Lopes de Souza, que transportaram para a America o primeiro gado e as primeiras fructas da Europa.

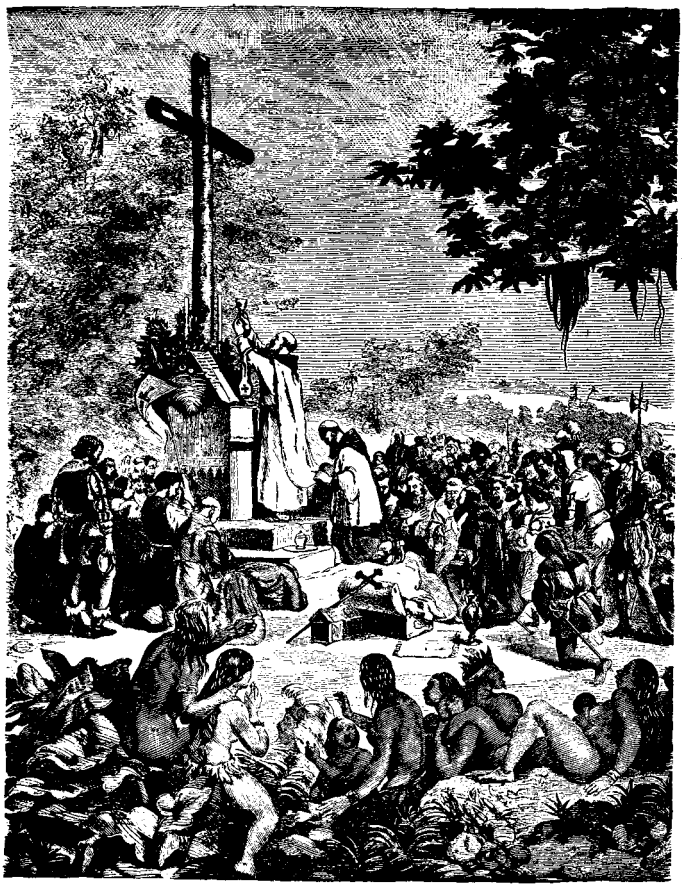
Martim Affonso de Souza fundou a colonia de S. Vincente (1532) e foi o primeiro que explorou a bahia que denominou Bahia do Rio de Janeiro, por julgal-a um grande rio.

Fôra o Rio de Janeiro visitado pela primeira vez por Fernando de Magalhães,* o navegante que fez o primeiro gyro do

---

* Deste navegante disse Camões:—

"O Magalhães no feito com verdade
Portuguez, porem não na lealdade."



A Primeira Missa no Brazil

mundo em 1519, o qual deu-lhe o nome de bahia de Sta. Luzia (13 de dezembro de 1519).

QUESTIONARIO.—CAPITULO IV.

— Quantas expedições vieram ao Brazil no governo de D. Manoel?

— Qual a data da primeira expedição e quem a commandava?

— Quando foi mandada a segunda e quem era seu chefe?

— Que homem notavel acompanhou nestas duas expedições a Christovão Jacques e Gonçalo Coelho?

— O que sabemos de certo a respeito destas duas expedições?

— Porque não tratou D. Manoel de colonisar desde logo o Brazil?

— Em que anno e por quem foi fundado o vice-reinado de Gôa?

— Que vantagens tirou Portugal de seus estabelecimentos na India?

— Qual a mais importante das expedições hespanholas relativamente ao Brazil e que lugares foram então explorados?

— Quantos nomes teve o rio que hoje se chama Rio da Prata?

— Que noticia ha das expedições particulares portuguezas para o Brazil?

— Quem era o Caramurú?

— Com que tribu viveu elle?

— Que serviços prestou aos colonisadores?

— Quem era João Ramalho?

— Em que capitania aportou João Ramalho?

— Sobre que chefe indigena exercia elle grande influencia, e com quem casou-se?

— Onde se estabeleceu e quando?

— Que mudança projectou nesse tempo o Padre José de Anchieta?

— Quem fundou o collegio e a cidade de S. Paulo?

— Qual foi então o procedimento de João Ramalho?

— Qual o resultado de sua revolta?

— Porque tiveram os colonos de mudar-se para S. Paulo?

— Que rei succedeu a D. Manoel em 1521?

— Até quando governou D. João III?

— Como se pode considerar o governo de D. João III relativamente a Portugal?

— Que outras causas, alem da fraqueza do rei, concorreram para o enfraquecimento da nação portugueza?

— Relativamente ao Brazil como se deve considerar o reinado de D. João III?

— Quando recebeu o Brazil a primeira colonisação?

— Como se dividiu o Brazil administrativamente em 1534?

— Que mudança no governo se deu em 1549?

— Qual foi a primeira expedição mandada por D. João III para o Brazil?

— Em que anno?

— O que fez Christovão Jacques ao chegar ao Brazil?

— Que noticias levou elle ao rei a respeito das riquezas do territorio brazileiro?

— O que fez então o rei?

— Quem foram os chefes da seguinte expedição?

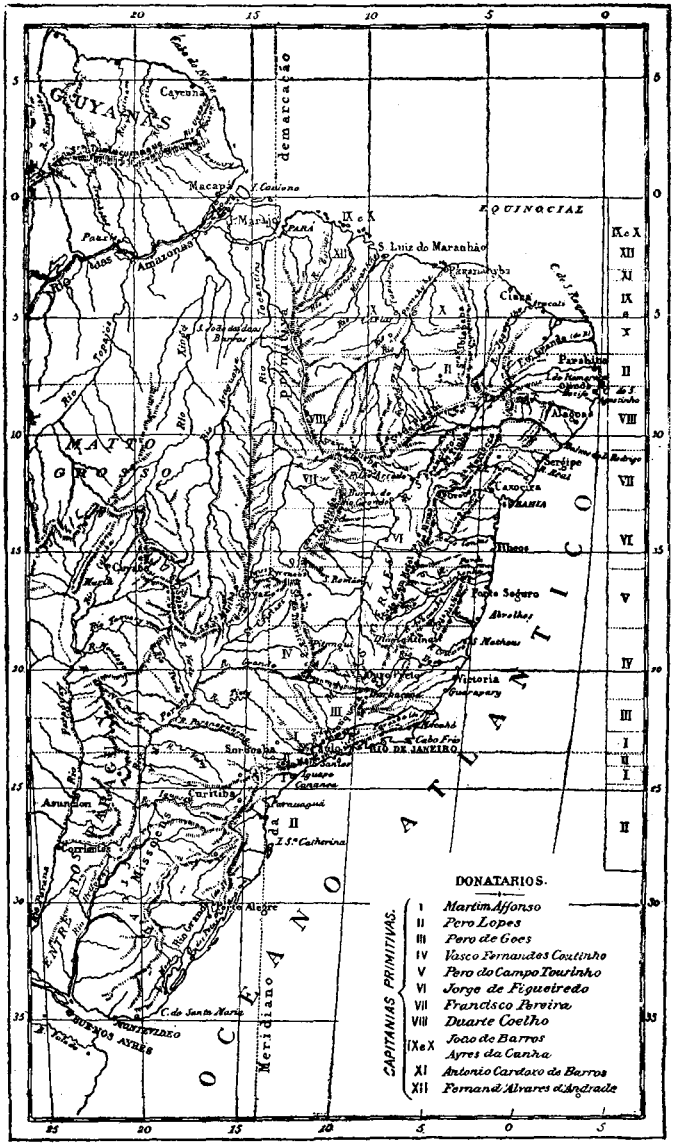
— Que transportaram para a America os dous irmãos Souzas?

— Que colonia fundou Martim Affonso de Souza?

— Que bahia notavel explorou elle, que nome deu-lhe, e porque?

— Foi Martim Affonso de Souza o primeiro navegante que visitou a bahia do Rio de Janeiro?

— Quem foi Fernando de Magalhães? Que nome dera elle á bahia do Rio de Janeiro, e quando?


GUYANAS
Cayenna
Macapá
demarcação
EQUINOCIAL
S. Luiz do Maranhão
Ciara
Parahiba
Alagoas
Sergipe del Rey
Bahia
Ilheos
Porto Seguro
Victoria
RIO DE JANEIRO
Cabo Frio
Sorocoba
Curitiba
Assumpção
Corrientes
S. Catherina
Porto Alegre
MATTO GROSSO
PARAGUAY
OCEANO ATLANTICO
Meridiano da demarcação
C. de Santa Maria
MONTEVIDEO
BUENOS AYRES
DONATARIOS.
CAPITANIAS PRIMITIVAS.
I Martim Affonso
II Pero Lopes
III Pero de Goes
IV Vasco Fernandes Coutinho
V Pero do Campo Tourinho
VI Jorge de Figueiredo
VII Francisco Pereira
VIII Duarte Coelho
IX e X João de Barros
Ayres da Cunha
XI Antonio Cardoso de Barros
XII Fernand Alvares d'Andrade

CAPITULO V.

PRIMEIRA COLONISAÇÃO DO BRAZIL.

1534.

O Brazil dividido em doze capitanias. — As noticias trazidas por Martim Affonso de Souza fizeram com que o rei tomasse a resolução de colonisar todo o paiz. Faltando-lhe, porêm, para isso gente e dinheiro, empregou o systema feudal, usado na idade media em toda a Europa occidental. Este meio de colonisação foi-lhe aconselhado por seu primeiro ministro o Conde de Castanheira.

Dividiu-se então a costa do Brazil desde o cabo de S. Agostinho até a bahia de S. Vicente (700 leguas) em doze porções chamadas *capitanias*, nomeando o rei para governal-as doze vassalos, d' entre os mais nobres da sua côrte, a quem deu o titulo de *Capitães-móres*. Destes só oito conseguiram fundar as seguintes capitanias:

*Capitanias.**	*Capitães.*	*Capitães-móres.*
S. Vicente	S. Vicente	Martim Affonso de Souza
S. Amaro	S. Amaro	Pero Lopes de Souza
Parahyba do Sul	Villa da Rainha	Pero de Góes da Silveira
Espirito-Santo	Victoria	Vasco Fernandes Coutinho
Porto-Seguro	Porto-Seguro	Pero de Campos Tourinho
Ilheos	S. Jorge	Jorge de Figueiredo Corrêa
Bahia	Villa da Victoria	Francisco Pereira Coutinho
Pernambuco	Olinda	Duarte Coelho Pereira

* Estas 8 Capitanias formam hoje 5 Provincias:

Capitanias.	*Provincias.*
S. Vicente com o territorio meridional de S. Amaro . .	S. Paulo
Parahyba do Sul	Rio de Janeiro
Espirito-Santo	Espirito-Santo
Porto-Seguro, Ilheos e Bahia	Bahia
Pernambuco com o territorio septentrional de S. Amaro .	Pernambuco

Foi mal succedida uma expedição de João de Barros para o Maranhão, que só foi colonisado em 1614, depois da expulsão dos Francezes, no governo de Gaspar de Souza, durante a unidade iberica, sendo rei D. Felippe III (1598–1621).

CONTRACTO ENTRE D. JOÃO III E OS CAPITÃES-MORES.

Os Capitães-móres eram vassallos sujeitos directamente ao rei, independentes uns dos outros, e tinham sobre suas capitanias direitos hereditarios com exclusão da lei salica. Podiam arrendar, vender ou dar grande parte das suas terras, mas ficando garantida a integridade das capitanias. Eram senhores dos indios que as habitavam, e tinham o direito de nomear todas as autoridades de suas colonias e cunhar moeda.

As cartas regias e foraes das capitanias de S. Amaro, Espirito-Santo, Porto-Seguro, Ilheos, Bahia, Pernambuco e Maranhão foram passadas em 1534 e as de S. Vicente e Parahyba do Sul em 1535.

Por sua parte comprometteram-se elles a colonisar e defender á propria custa suas capitanias e dar á corôa o quinto dos metaes e pedras preciosas, o dizimo de certos rendimentos, a vintena de algumas produçoes, e o monopolio das drogas, especiarias e pau-brazil.

RESULTADO DA COLONISAÇÃO DAS CAPITANIAS.

1ª. **S. Vicente.** — O territorio desta capitania, que extendia-se por cem leguas, desde doze leguas ao sul da ilha de Cananéa até a barra de Macahé, foi doado ao Conselheiro
1535 Martim Affonso de Souza,* illustre capitão, que em 1532, já havia ahi fundado duas colonias, e que não voltando mais ao Brazil, confiou a direcção dellas a Gonçalo Monteiro e a João Ramalho, que deram-lhes grande desenvolvimento. Na ilha de

* Martim Affonso de Souza, celebre por seus heroicos feitos na India, era conselheiro do rei e proximo parente e amigo intimo do illustre Conde de Castanheira, que muito influiu para que elle viesse com poderes extraordinarios fundar uma colonia no Brazil.

S. Vicente, si de um lado decahia a colonia de S. Vicente, do outro prosperava rapidamente a povoação de Santos, por causa de seu excellente porto. Esta capitania, que havia recebido da Madeira a canna de assucar, já possuia seis engenhos e sua população se elevava a mais de 500 colonos. A villa de Piratininga especialmente estava muito florescente.

2ª. **S. Amaro.** — Esta capitania que contava 80 leguas de extensão era dividida em duas porçoes: uma de 50 leguas ao sul (terras de S. Anna), desde a Laguna até o rio Curupacé, em parte encravada na de Martim Affonso de 1534
Souza; e outra de 30 leguas ao norte, desde o rio Iguarassú até a bahia da Traição, comprehendendo a ilha de Itamaracá. Seu donatario foi Pero Lopes de Souza,* que, como seu irmão, Martim Affonso, nunca mais tornou ao Brazil, e mandou colonisar suas terras do norte por João Gonçalves, que fez progredir vantajosamente o nucleo colonial de Itamaracá; e as do sul confiou a Gonçalo Coelho, que fundou na ilha de Guiambé a colonia de S. Amaro, que deu seu nome á capitania, mas que soffrendo constantes ataques do gentio não poude prosperar.

3ª. **Parahyba do Sul.** — Apenas comprehendia um territorio de 30 leguas, desde o limite septentrional de S. Vicente até o rio Itapemirim, o qual foi doado un 1535 a Pero de Góes da Silveira,† que fundou a povoação da *Villa da* 1535
Rainha, onde deu começo á plantação da canna de assucar; mas faltando-lhe meios de estabelecer os engenhos, voltou ao

---

* Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso de Souza, era "moço honrado, de grandes brios e valor" e alem disso de illustração pouco vulgar naquelles tempos. A seus escriptos devemos as informações que temos destas duas expedições de 1531 e 1535.

† Pero de Góes da Silveira era irmão do illustre escriptor Damião de Góes, e havia ja prestado á patria relevantes serviços na armada. Alem disto era muito estimado pelos irmãos Souzas tanto assim que elle "escreveu por sua propria letra o diario de Pero Lopes."

Reino, deixando em seu lugar a um tal Jorge Martins, que durante sua ausencia negligenciou inteiramente a colonia. O donatario, logo que chegou, tentou de novo organisar a colonisação; mas as continuas lutas com o gentio o constrangeram a abandonar a capitania.

4ª. **Espirito-Santo.** — Contava 50 leguas desde o rio Itapemirim até o Mucury, e seu donatario foi Vasco Fernandes Coutinho.* Depois de vender suas propriedades na patria,
1534 reuniu grande numero de colonos e veiu para a sua capitania, onde assentou os fundamentos da povoação do Espirito-Santo ao sul da serra de Mestre-Alvaro.

A principio parecia a colonia prosperar; mas não só as hostilidades do gentio, como tambem desavenças entre os principaes colonos e o donatario foram a causa de sua decadencia, de nada valendo a mudança da povoação para a ilha de S. Antonio, sob a invoccação de N. S. da Victoria.

5ª. **Porto-Seguro.** — Fôra esta capitania dada a Pero de Campos Tourinho,† e extendia-se por 50 leguas ao norte do Mucury,
1534 sem limite septentrional bem determinado. Fundou o donatario o seu primeiro nucleo colonial em Porto-Seguro, o proprio lugar onde desembarcou Cabral. Emquanto dirigida por Tourinho prosperou a capitania; mas depois de sua morte decahiu de tal sorte que seus herdeiros a venderam por um juro de doze mil e quinheutos reis e mais dous moios de trigo por anno, durante a vida da cessionaria, que recebeu alem disso seiscentos mil reis.

---

* Vasco Fernandes Coutinho era fidalgo da casa real e havia servido em Goa, em Malaca e na China ás ordens do grande Affonso de Albuquerque. Elle habitava em Alemquer, n'uma propriedade visinha da de um amigo do Conde de Castanheira, o qual certamente o influiu para obter um quinhão na partilha das terras do Brazil.

† Pero de Campos Tourinho era um rico proprietario de Vianna do Minho, que á imitação de Duarte Coelho Pereira, trouxe comsigo toda a sua familia para sua capitania.

6ª. **Ilheos.** — O territorio desta capitania limitava-se ao sul com a de Porto-Seguro e terminava na barra da Bahia de Todos os Santos, comprehendendo 50 leguas. Foi doado a Jorge de Figueiredo Corrêa,* que não podendo sahir do Reino, 1534 incumbiu a colonisação de suas terras a Francisco Romero. Este fundou uma villa na ilha de Tinharé, e depois mudou-a mais para o sul, para o porto dos Ilheos, e denominou-a *S. Jorge*, em honra do donatario. Mas como a Romero faltassem tino administrativo e conhecimentos do governo politico, tornou-se insupportavel aos colonos, a quem vexava com seu despotismo e foi por elles reenviado preso ao donatario, que desastradamente tentou restabelecel-o, causando assim tal discordia entre os colonos, que apezar de sua prosperidade, não puderam resistir ás incursões do gentio e tiveram de abandonar seus estabelecimentos.

7ª. **Bahia de Todos os Santos.** — Esta capitania contava 50 leguas de extensão desde a barra da Bahia até a emboccadura do rio S. Francisco, e seu donatario e capitão-mór foi o velho e illustre capitão Francisco Pereira Coutinho. 1534 Foi só pela volta de 1537 que elle chegou ao Brazil, trazendo comsigo muitos aventureiros. Aportou na Bahia de Todos os Santos, onde encontrou a Diogo Alvares, o Caramurú, e outros portuguezes, que com os Tupinambás o ajudaram a fundar a povoação da *Victoria*,† onde se conservou por algum tempo, apezar de ver a sua autoridade constantemente menoscabada pelos colonos já afeitos ao modo de vida dos selvagens, e de não poder impedir que elles se disseminassem pelo sertão e assim

---

* Jorge de Figueiredo Corrêa era não só fidalgo da casa real, como tambem exercia na côrte o cargo de escrivão da Fazenda, o que lhe proporcionava o ensejo de entrar no numero dos favorecidos com capitanias hereditarias.

† Os colonos atacados de sorpreza pelos selvagens, os haviam completamente desbaratado neste lugar, que ficou por isso chamando-se Villa da Victoria.

ficassem expostos a cahir nas mãos do gentio. A desmoralisação da colonia chegou a tal ponto que declarou-se a guerra entre os colonos, o donatario e os selvagens, da qual resultou a expulsão do capitão-mór com a maior parte dos portuguezes, que depois de muitas lutas e privações foram se acolher nas capitanias visinhas de Ilheos e Porto-Seguro. Passado algum tempo o Caramurú auxiliado pelos poucos europeus, que haviam ficado na Villa da Victoria, conseguiram do gentio promessas de paz e tornaram a convidar o donatario para a sua capitania. Francisco Pereira Coutinho * aceitou a proposta, mas quando voltava para a Bahia, deu á costa junto á ilha de Itaparica, salvando-se do naufragio só para cahir nas mãos do gentio que o devorou com quasi todos os seus companheiros de infortunio.

8ª. **Pernambuco.** — O territorio desta capitania, que abrangia 60 leguas desde a emboccadura do rio S. Francisco até o rio Iguarassú ao norte, foi doado a Duarte Coelho Pereira,† 1534 o mais importante dos capitães-móres por sua virtude, severidade e actividade. Este habilissimo administrador trouxe em 1535 comsigo toda a sua familia e alguns colonos e escolheu para fundar a sua villa ou colonia capital o mesmo sitio onde já d'antes existia o nucleo da pequena povoação de Pero Lopes, que se havia mudado para as margens do Biberibe, e que foi

---

* Francisco Pereira Coutinho foi nomeado Capitão-mór da Bahia pelos *muitos serviços* prestados em Portugal e "nas partes da India onde servira muito tempo com o Conde Almirante [1] e com o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e com Affonso de Albuquerque, e em todos os feitos e cousas que os ditos capitães nas ditas partes fizeram, nos quaes dera sempre de si muito boa conta."

† Duarte Coelho Pereira, casado com uma irmã de Jeronymo de Albuquerque, era um "valente capitão, que muito se distinguira por feitos no Oriente, em cujos fastos achámos mais de uma vez consignado honrosamente o seu nome, em missões ao reino de Sião e á China, no descobrimento da Conchinchina, no recontro que teve com duas armadas, conseguindo fazer vinte e tantas prêzas, e em outras acções illustres."

[1] Vasco da Gama.

chamada *Olinda* em rasão da paragem pittoresca em que fôra assentada. Com grande geito soube o donatario attrahir os Tabayares, fazendo-lhes presentes e promettendo-lhes auxilio contra seus inimigos, tanto que conseguiu delles que trabalhassem com os seus nas fortificações da nova villa, e lhe prestassem outros serviços importantes na guerra contra os Cahetés,* que incitados por alguns francezes vieram atacar a colonia.

O desenvolvimento da colonia de Duarte Coelho Pereira era admiravel: a cultura do algodão, da canna e de outros mantimentos; a industria e o commercio davam os melhores resultados não só para o donatario, como para os colonos e a corôa.

Empenhou-se tambem Duarte Coelho em promover casamentos entre portuguezes e indigenas, em regularisar a administração da justiça e determinar os fóros de seus colonos, conseguindo assim para seu estabelecimento paz e prosperidade, o que attrahiu a Pernambuco muitos colonos das outras capitanias.

Resta-nos agora tratar dos quatro donatarios, que não chegaram a fundar suas capitanias, e estes foram: João de Barros

---

* "'Mas Tabyra! Tabyra! que é delle?
Onde agora se esconde o pujante!"
Não n'o vedes?! — Tabyra é aquelle
Que sangrento, impiedoso lá vai!
Vel-o-heis andar sempre adiante,
Larga esteira de mortos deixando
Traz de si, como o raio cortando
Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

* * * * * * *

E com furia tão grande arremettem, —
Com despego tão nobre da vida;
Tantos golpes tão fundo repetem,
Que senhores do campo já são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda á féra mais torva e bravia
Disputando guarida de um dia
No mais fundo do vasto sertão." — *G. Dias.*

e Ayres da Cunha, Antonio Cardoso de Barros e Fernando Alvares de Andrade.

João de Barros e Ayres da Cunha obtiveram um lote de 150 leguas de terra alem da bahia da Traição (Parahyba e Rio Grande do Norte) encravando a doação de Fernando Alvares de Andrade.

Antonio Cardoso de Barros * recebeu 40 leguas mais ao norte (Ceará), desde o rio da Cruz até a Angra dos Negros.

A Fernando Alvares de Andrade tocou 75 leguas de territorio, incluindo parte da costa do Piauhy e Maranhão, "desde o cabo de Todos os Santos a leste do rio Maranhão até o rio da Cruz. Elle associou-se com João de Barros e seus dous filhos e com Ayres da Cunha, reuniu colonos e embarcou-se n'uma pequena frota para o Brazil; mas soffreram um naufragio junto aos bancos do Maranhão, onde morreram muitos dos emigrantes, entre elles Ayres da Cunha. Os que escaparam só depois de longas privações e innumeras fadigas conseguiram voltar ao Reino.

Temos visto que das doze capitanias do Brazil, quatro nem chegaram a ser fundadas, e das outras oito só vingou a colonisação de seis, a saber: S. Vicente, S. Amaro, Pernambuco, Espirito-Santo, Porto-Seguro e Ilheos, mallogrando-se as tentativas de Pedro de Góes da Silveira e Francisco Pereira Coutinho para fundar Parahyba do Sul e Bahia.

QUESTIONARIO. — CAPITULO V.

— Porque se apressou D. João III a colonisar o Brazil?

— Que meios empregou? e porque?

— Quem influiu o rei para fundar no Brazil o systema feudal já desacreditado na Europa?

---

* Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro fidalgo da casa real, foi o unico dos donatarios que nada tentou para fundar a sua capitania; mais tarde, porêm, foi nomeado para um cargo na Bahia, e de volta a Portugal naufragou e cahiu nas mãos dos indios que o assassinaram.

— Como foi dividido o Brazil?

— Que extensão da costa foi comprehendida nas capitanias?

— Quantas capitanias se crearam?

— Em que classe escolheu D. João III os governadores das capitanias?

— Que titulo tiveram os donatarios?

— Quantos delles fundaram seus estabelecimentos?

— Como se chamavam?

— Que capitanias fundaram?

— Quaes os nomes das primeiras povoações ou villas capitaes?

— Em que anno foram estas doações feitas?

— Que succedeu ao Maranhão?

— Quaes os privilegios dos capitães-móres?

— Quaes eram os seus compromissos para com a corôa?

— Que extensão tinha a capitania de S. Vicente? quaes os seus limites? e a quem foi dada?

— Quem era Martim Affonso de Souza?

— Havia elle já visitado o Brazil?

— A quem confiou elle a direcção de sua capitania e com que resultado?

— Que vantagem tinha a povoação de Santos?

— Que desenvolvimento tivera esta capitania e qual a sua população?

— Qual era a extensão e a situação da capitania de S. Amaro?

— A quem foi dada? e em que anno?

— Quem era Pero Lopes de Souza?

— Quem foi o colonisador de S. Amaro? e com que resultado?

— Quem era? e o que fez João Gonçalves?

— Que extensão tinha a Parahyba do Sul e quaes eram os seus limites?

— A quem foi doada e em que anno?

— Que nucleo colonial fundou Pero de Góes da Silveira? e com que resultado?

— Quem era Pero de Góes da Silveira?

— Qual a extensão da capitania do Espirito-Santo? e quaes eram os seus limites?

— Quem foi o seu donatario? que povoação fundou e onde?

— Quem era Vasco Fernandes Coutinho?

— Qual foi o resultado da colonisação do Espirito-Santo?

— Que territorio comprehendia a capitania de Porto-Seguro? e a quem foi doada?

— Quem era Pedro de Campos Tourinho?

— Qual foi a primeira villa que fundou? e onde?

— Que foi feito desta capitania depois da morte do donatario?

— Qual a extensão e quaes os limites da capitania dos Ilheos?

— A quem foi dada? e quando?

— Quem foi incumbido de colonisal-a? e que villa fundou?

— Qual foi a sorte desta colonia?

— Porque não veiu Jorge de Figueiredo Corrêa fundar a sua capitania?

— Qual a causa da discordia entre os colonos?

— Qual era a extensão da capitania da Bahia? e quaes os seus limites?

— Quem foi o seu donatario? e em que anno veiu elle colonisal-a?

— Quem o auxiliou na fundação da Villa da Victoria?

— Porque não vingou a colonisação da Bahia?

— Qual foi o resultado da intervenção do Caramurú para fazer a paz entre os portuguezes e os Tupinambás?

— Como e onde morreu Francisco Pereira Coutinho?

— Qual era a extensão da capitania de Pernambuco? e quaes os seus limites?

— Quem foi o seu donatario?

— Quem era Duarte Coelho Pereira?

— Onde fundou elle a sua villa capital? e que nome deu-lhe?

— Como se aveiu com os Tabayares?

— Que serviços lhe prestaram os indios?

— Como se desenvolveu a sua colonia?

— Qual o resultado da habil e energica administração de Duarte Coelho?

— Que donatarios não chegaram a fundar suas capitanias?

— Qual era a extensão e a situação da capitania de João de Barros?

— Que territorio foi dado a Fernando Alvares de Andrade? e quaes os seus limites?

— Com quem associou-se elle?

— Qual foi o resultado de sua tentativa em colonisar o Maranhão?

— Qual dos donatarios nada tentou para fundar sua capitania?

— Como e onde morreu Antonio Cardoso de Barros?

— Quantas capitanias se crearam? quantas foram fundadas? De quantas vingou a colonisação? e quaes foram as que mallograram?

Chegada de Thomé de Souza á Bahia

CAPITULO VI.

GOVERNO GERAL: THOMÉ DE SOUZA.

1549-1553.

Bem depressa se patentearam os graves defeitos das doações das capitanias. Os direitos reservados á corôa eram quasi nullos. Os *privilegios* concedidos aos capitães-móres eram exagerados; mas apezar disso era-lhes impossivel, por falta de recursos, colonisar e defender seus vastissimos territorios contra os indios e os piratas estrangeiros, ainda mais sendo, como eram, independentes uns dos outros. Alem disso a limitação não passava da linha da costa, sem a menor indicação quanto a superficie de cada um quinhão para o interior. Os *colonos* eram pela maior parte degradados e aventureiros ambiciosos de

---

O CANTO DO GUERREIRO.

I.

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros,
— Ouvi meu cantar.

II.

Valente na guerra
Quem ha, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fataes como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
— Quem ha, como eu sou?

III.

Quem guia nos ares
A frexa implumada,
Ferindo uma preza,
Com tanta certeza
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros, ouvi-me,
— Ouvi meu cantar.

IV.

Quem tantos imigos
Em guerra preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me
— Quem ha, como eu sou?

lucro. Os *escravos* ou *trabalhadores* eram selvagens acostumados á mais absoluta independencia e mais dispostos a morrer que a soffrer uma affronta ao que entendiam seu direito; e contra sua indomavel altivez só havia um recurso — a violencia — e os resultados do emprego da força, provocando a reacção, foram quasi sempre tão fataes aos colonos como ao gentio, que não obstante invadiu e destruiu quasi todos os estabelecimentos.

A desmoralisação de algumas capitanias havia chegado a ponto de nellas se armarem navios contrabandistas. Por toda a parte lavrava a insubordinação, a irreligiosidade e a immora-

---

V.

Na caça ou na lide,
Quem ha que me affronte ?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no ceu.
— Quem ha mais valente,
— Mais dextro do que eu ?

VI.

Si as matas estrujo
Co' os sons do Boré,
Mil arcos se encurvam,
Mil setas lá vôam,
Mil gritos rebôam,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é ?

VII.

Lá vão pelas matas;
Não fazem ruido:
O vento gemendo
E as matas tremendo
E o triste carpido
D' uma ave a cantar,
São elles — guerreiros,
Que faço avançar.

VIII.

E o Piaga se ruge
No seu maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados,
Os campos juncados
De mortos são já:
Mil homens viveram,
Mil homens são lá.

IX.

E então si de novo
Eu toco o Boré;
Qual fonte que salta
De rocha empinada
Que vai marulhosa
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é,
Taes elles se escôam
Aos sons do Boré.
— Guerreiros, dizei-me,
— Tão forte quem é ? — *G. Dias.*

lidade. Os piratas estrangeiros continuaram a assolar a costa como d'antes.

Assim foi o rei obrigado, attendendo aos justos interesses do Brazil, a faltar sua palavra para com os donatarios e a dar-lhes um governador geral.

Era muito difficil encontrar um homem que pudesse exercer tão grande autoridade. Apresentou-se

Thomé de Souza, parente da casa real e celebre por sua bravura e sisudez nas guerras da Asia e da Africa. Foram tambem com elle nomeados um *ouvidor-geral*, o desembargador Pero Borges; um *provedor-mór* da Fazenda, Antonio Cardoso de Barros; e um *capitão-mór* da costa, Pero de Góes da Silveira. 1549-1553

D. João III escolhêra a Bahia, como ponto mais central, para a séde do governo geral; mas esta capitania pertencia de direito ao filho do donatario, que ficára pobrissimo e sem meios de colonisal-a, assim fez o rei com elle um contracto de ceder a capitania a troco de um padrão de quatrocentos mil reis annuaes para si e seus descendentes.

Thomé de Souza chegou ao Brazil com uma frota consideravel, aportou na Bahia de Todos os Santos e ahi fundou perto da antiga Villa da Victoria, depois chamada Villa-Velha, uma cidade que denominou *S. Salvador*, dando-lhe por armas uma bandeira azul, onde se via uma pomba branca com um ramo de oliveira no bico e a divisa — *Sic illa ad arcam reversa est.*

Na fundação da cidade foi o governador auxiliado pelos Tupinambás e por Caramurú, que desde muitos annos vivia entre aquellas tribus, ás quaes tambem o prendiam affeições de familia, pois havia se casado com a india Paraguassú e tinha uma numerosa progenie. 1549

É tradição que o nome de *Caramurú* foi dado a Diogo Alvares, porque logo depois de aportar na Bahia (suppõe-se em 1510), vendo-se cercado de indios, receiou que o quizessem matar, e para intimidal-os disparou um tiro da espingarda com que estava armado. Tal effeito produziu a detonação de sua

arma de fogo sobre os selvagens que, attribuindo-lhe poder sobrenatural, mostraram-se dispostos a obedecer-lhe em tudo.

Caramurú significa em lingua brazilica uma especie de enguia electrica, com que os indios compararam a espingarda de Diogo Alvares, por sua virtude de fazer estremecer e ferir, e por extensão usavam desse nome para designar o possuidor da temerosa arma.

Thomé de Souza trouxe comsigo seis jesuitas sob as ordens do Pe. Manoel da Nobrega, os quaes foram os primeiros que vieram para o Brazil.

1552 Com elles viajou o governador pelas differentes capitanias, e fundou as novas colonias de Santos (S. Paulo), S. Thomé e S. André (Espirito-Santo), nas quaes deixou alguns padres para catechisar os indios.

O Pe. Manoel da Nobrega, afim de attrahir os indigenas á religião empregou como principaes meios a musica, o canto e as brilhantes pompas das ceremonias do christianismo. Os meninos (columins) especialmente ficavam encantados com as procissões.

Em relação aos colonos não procedeu menos avisadamente este habil jesuita, fundando em um dos mais bellos sitios da cidade de S. Salvador um collegio, onde a seu geito se educasse a mocidade, assentando assim as mais solidas bases para o dominio jesuitico no Brazil.

O Pe. João de Azpilcueta Navarro estudou a lingua tupi, arranjou-lhe uma grammatica e nella prégava aos indios que o veneravam como a seus proprios Pagés.

1550 Em 1550 mandou o papa Julio III para S. Salvador o bispo Pedro Fernandes Sardinha, que antes tivera jurisdicção sobre Funchal, capital da ilha da Madeira.*

---

* O bispado da Bahia foi o unico do Brazil até 1676, quando Innocencio XI elevou-o a arcebispado e fundou mais tres bispados, os de Pernambuco, Rio de Janeiro e Maranhão. Actualmente tem o Brazil um arcebispado e onze bispados.

Os principaes estabelecimentos da colonia nesse tempo eram: *Pernambuco*, *S. Vicente* e *S. Amaro*, que tambem tinha a ilha de Itamaracá em frente a Pernambuco, a qual desenvolvia-se excepcionalmente.

As villas capitaes das outras capitanias eram: *Porto-Seguro*, *Ilheos* e *Victoria* quasi de todo abandonadas.

Thomé de Souza cumpriu fielmente a missão de que fôra encarregado por D. João III, de estabelecer a centralisação administrativa e politica no Brazil. Animou o mais que poude a lavoura, a industria e o commercio, e mandou buscar ás ilhas do Cabo Verde gado para a Bahia. Foi benevolo e justo, e ao mesmo tempo, severo não só para com os indios, como tambem para com os colonos habituados a insubordinação; de tal sorte que, quando se retirou em 1553, deixou na colonia as melhores recordações, e até sua morte mereceu as boas graças e a estima de seu soberano. 1553

QUESTIONARIO. — CAPITULO VI.

— Que grave defeito se descobriu na doação das capitanias relativamente á corôa? Aos donatarios? Á divisão das terras? Aos colonos? Aos escravos?

— Era o gentio trabalhador paciente e humilde?

— Qual foi o resultado do emprego da força contra o gentio?

— Qual era o estado da colonia em relação á moral e á religião?

— Podiam os colonos proteger seus estabelecimentos contra os piratas?

— A vista de tal desorganisação o que fez D. João III?

— Quem foi o primeiro governador geral?

— Quem era Thomé de Souza?

— Que outras autoridades trouxe comsigo o governador?

— Onde estabeleceu-se a séde do governo geral? e porque?

— Que contracto fez o rei com o herdeiro do donatario?

— Onde aportou Thomé de Souza e que cidade fundou?

— Que deu por armas á nova cidade?

— Quem auxiliou a Thomé de Souza na fundação da cidade de S. Salvador?

— Que relações havia entre Caramurú e o gentio?

— Quem era Paraguassú?

— Porque chamavam os indios a Diogo Alvares — Caramurú?

— Em que anno chegou Diogo Alvares á Bahia?

— Que quer dizer em lingua brazilica — Caramurú?

— Alem das autoridades civis e militares que homens notaveis vieram com Thomé de Souza para o Brazil?

— Que colonias fundou o governador?

— Quem era o Pe. Manoel da Nobrega?

— O que fez o Pe. Nobrega relativamente ao gentio?

— Onde fundou elle um collegio jesuitico?

— Porque criaram os jesuitas um collegio em S. Salvador?

— Porquê celebrisou-se o Pe. Azpilcueta Navarro?

— Quem foi o primeiro bispo do Brazil? quem o nomeou? e em que anno?

— Quaes eram então os principaes estabelecimentos coloniaes?

— Quaes eram as capitaes das outras capitanias?

— Como desempenhou Thomé de Souza a sua commissão?

— De que o encarregára D. João III?

— Que beneficios fez o governador á colonia?

— Como tratou os indios e os colonos?

— Quando se retirou? Que recordações deixou?

— Como foi tratado pelo rei?

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

Matança do 1.º bispo da Bahia e de seus companheiros

CAPITULO VII.

DUARTE DA COSTA.

1553-1557.

Duarte da Costa, segundo governador geral do Brazil, recebeu o governo das mãos de Thomé de Souza; mas não soube merecer os mesmos justos louvorês que seu predecessor e teve alem disto a má fortuna de administrar a colonia durante uma epoca em que nella se deram bem lamentaveis acontecimentos.

Logo no principio teve desavenças com o bispo, que foi pelo rei chamado a Lisboa. O prelado foi obrigado a embarcar-se em um navio estragado, que foi a pique na costa de Pernambuco, e só escapou ao naufragio para cahir nas mãos dos Cahetés, que o devoraram. 1556

Em S. Vicente rompeu nessa occasião a fatal luta a respeito dos indios, entre os jesuitas e os fazendeiros, a qual tinha para o futuro de causar tantos e tão grandes males á colonia. 1554

Em companhia de Duarte da Costa vieram de Portugal grande numero de jesuitas, que trouxeram a noticia de ter o Brazil sido elevado á categoria de provincia a parte sob a direcção do P^e^. Nobrega. Este redobrando de zelo no desempenho de sua missão, levou logo alguns dos recemchegados, entre os quaes o celebre José de Anchieta, para Piratininga, afim de ahi fundar um novo e grande collegio; mas depois de algumas explorações pela visinhança no intuito de escolher uma boa localidade, que não encontrou, foi estabelecel-o algumas leguas para o interior, n'um sitio elevado, que chamou *S. Paulo*, em honra do apostolo, cuja festa se celebra a 25 de janeiro, dia em que se fundou o collegio. O nome de S. Paulo passou 1554

depois para a cidade e finalmente tornou-se extensivo a toda a capitania de S. Vicente. Para lá convidou o P^e. Anchieta os indios, cuja catechese havia começado com grande zelo.

Contemporaneos Papas.

Clemente VII (1534).
Paulo III (1550).
Julio III (1555).
Paulo IV (1559).

Ora os fazendeiros de Piratininga vendo-se abandonados de seus escravos, armaram-se contra os jesuitas, e tomaram por chefe a João Ramalho, que desde muitos annos vivia entre os Goyanazes. Esta luta dos jesuitas e fazendeiros não cessou durante todo o governo de Duarte da Costa.

CONTEMPORANEOS.

HESPANHA.

Castella-Aragão (1476–1516)

Isabel (1504) = Fernando (1516)

Joana a Louca . . . . = ... Felippe o Bello (1516)

Carlos V (1556) — Fernando I (1565) — *Habsburgo-Aragão* (1516–1556)

Maximiliano II (1572)

Anna — Rodolfo (1610) — Mathias (1619).

ALLEMANHA.

Habsburgo (1438–1619)

Maximiliano I (1519)

INGLATERRA.

Dynastia Tudor (1485–1603)

Henrique VIII (1509–1547)

Maria I (1558) — Isabel (1603) — Eduardo VI (1553).

FRANÇA.

Orléans-Valois (1493–1589)

Luiz XII (1515)

Claudia = Francisco I (1547)

Henrique II (1559) = Catharina de Médicis

Felippe II = Isabel — Francisco II (1560) — Carlos IX (1576) — Henrique III (1589) — Margarida = Henrique IV (1610) — Francisco, *Duque de Alençon*

Clara Eugenia.

No norte, os indios de Pernambuco, Bahia e Espirito-Santo atacaram e assolaram as povoações desprevenidas, chegando sua audacia a ponto de em suas igáras (canôas) acommetterem e tomarem as caravellas, que navegavam pela costa, e a fazer incursões até as portas da cidade de S. Salvador, donde foram repellidos por Alvaro da Costa, filho do governador, o qual perseguiu-os a ferro e fogo, obrigando-os a sujeitarem-se ou a fugirem para o sertão.

Entre os mais bravos morubixabas ou chefes notam-se: Cunhambebe o Morubixabaçú ou o Grande-Chefe, e Iperuaçú

TABYRA.

POESIA AMERICANA.

I.

É Tabyra guerreiro valente,
Cumpre as partes de chefe e soldado;
É caudilho de tribu potente,
— Tobajaras — o povo senhor;
Ninguem mais observa o tratado,
Ninguem menos de perigos se aterra,
Ninguem corre aos acenos da guerra,
Mais depressa que o bom lidador!

II.

Seu viver é batalha aturada,
Dos contrarios a traça aventando;
É dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha metter!
Levam noites com elle sonhando.
Potiguares, que o viram de perto;
Potiguares, que assellam por certo
Que Tabyra só sabe vencer!

III.

Mil enganos lhe tem já tecido,
Mil ciladas lhe tem preparado;
Mas Tabyra, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre bravo fronteiro apparece,
Que os enganos crueis lhes destece,
Face a face, arco e settas na mão.

* * * * * * *

VII.

Vivem homens de pel' côr da noite
Neste solo, que a vida embelleza;
Podem, servos, debaixo do açoite,
Nenias tristes da patria cantar!
Mas o indio que a vida só préza
Por amor dos combates e festas
Dos triumphos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

VIII.

Ocioso, indolente, vadio,
Ou activo, incansavel, fragueiro;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a gloria, ama a vida; mas antes

ou Tubarão-Grande. O nome de Cunhambebe era pronunciado com tanto terror em S. Vicente, como o de Barba-Roxa pouco antes no Mediterraneo. Diziam que o valente selvagem, bem longe de ter medo da artilheria, até servira-se de dous falcões que tomára aos colonos e "carregando-os ás costas, lhes dava fogo, aguentando elle o recuo."

Em Pernambuco, depois da morte de Duarte Coelho, os indios reunindo algumas tribus atacaram as fazendas e arraiaes, destruindo tudo quanto encontravam. Alguns engenhos foram de todo abandonados por falta de gente e armas com que pudessem se defender.

No Espirito-Santo tambem revoltaram-se os indios que trabalhavam nas fazendas, matando a muitos dos seus senhores e destruindo as plantações.

Que viver amargados instantes,
Quer e pode e bem sabe morrer!

IX.

Eia, avante! ó caudilho valente!
Potiguares lá vem denodados;
Tão cerrado concusso de gente,
Ninguem viu nestas partes assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jocundo!
Restos são, mas são restos de um mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!

* * * * * * *

XVIII.

Eis que os arcos de longe se encurvam,
Eis que as settas aladas já vôam,
Eis que os ares se cobrem, se turvam,
De frexados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos rebôam,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

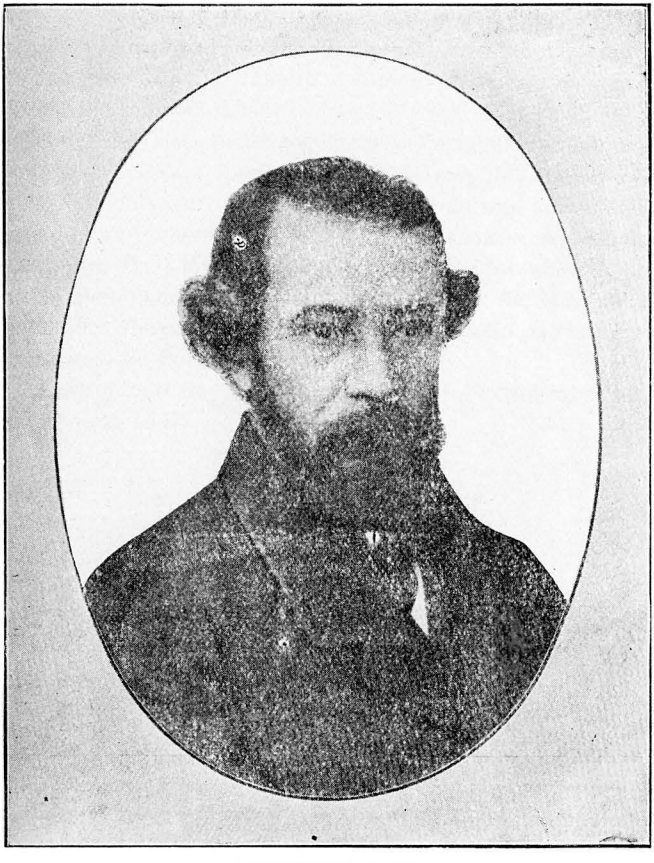
XIX.

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu' indicisa a victoria inda está.
Todos movem tacapes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra —
No imigo que morde na terra,
Que sepulchro talvez lhe será.

XX.

"Mas Tabyra! Tabyra! que é delle?
Onde agora se esconde o pujante?"
Não n'o vedes?! — Tabyra é aquelle
Que sangrento, impiedoso lá vai!
Vel-o-heis andar sempre adiante,
Larga esteira de mortos deixando
Traz de si, como o raio cortando
Ramos, troncos do bosque, onde cai.

— *G. Dias.*



GONÇALVES DIAS

Nesse tempo havia rompido na Europa as hostilidades entre a França e a Allemanha, e como D. João III declarou-se em favor de seu cunhado, o imperador Carlos V, Coligny, 1553 almirante de Henrique II de França, mandou para o Brazil um official huguenote — Villegaignon — que estabeleceu-se na bahia do Rio de Janeiro e tomou posse da ilha que 1555 ainda hoje tem seu nome.

Duarte da Costa pediu soccorros a Portugal que nada poude fazer por ter nessa epoca morrido D. João III, que deixou por unico herdeiro seu neto D. Sebastião com tres annos de idade, tomando sua viuva, D. Catharina d'Austria, a regencia que durou de 1556 a 1570. Esta rainha foi absoluta- 1556 mente dominada por seu irmão Felippe II de Hespanha, que Alexandre Herculano em sua nobre indignação patriotica chama o *Carrasco* de Portugal.

Acabrunhado de desgostos Duarte da Costa abandonou o governo em 1557.

QUESTIONARIO. — CAPITULO VII.

— Quem foi o segundo governador geral do Brazil?
— Quanto tempo governou?
— Merece Duarte da Costa ser louvado por sua administração?
— Qual foi a primeira difficuldade com que teve de lutar?
— Porque se retirou o bispo?
— O que aconteceu a D. Pedro Fernandes Sardinha depois de partir para Lisboa?
— Em que anno morreu o bispo? e como?
— Que acontecimento se deu em S. Vicente?
— Quem veiu de Portugal com Duarte da Costa?
— Que noticia trouxeram os jesuitas?
— O que fez então o provincial Nobrega?
— Que homem notavel levou para Piratininga?
— O que tencionava fazer em Piratininga o jesuita?
— Porque foi fundar o collegio mais para o interior?
— Que nome se deu ao novo collegio? e porque?

— Que nome tomou a capitania de S. Vicente?

— Porque se revoltaram os fazendeiros de Piratininga contra os jesuitas?

— Quem foi o chefe dos revoltosos?

— Poz o governador termo á esta luta?

— Que faziam no norte os indios?

— Podiam as caravellas portuguezas navegar pela costa em segurança?

— Até onde chegaram as incursões dos indios?

— Quem os repelliu da Bahia?

— Quaes foram os chefes mais notaveis dos indios?

— Como procederam os indios em Pernambuco depois que souberam da morte do donatario?

— Qual foi o resultado de suas correrias?

— Que acontecimentos se deram no Espirito-Santo?

— Que aconteceu na Europa em 1553?

— Que partido tomou D. João III?

— Quem era Coligny?

— Que fez elle relativamente ao Brazil? e porque?

— Quem era Villegaignon? e o que fez?

— Que medidas tomou Duarte da Costa?

— Porque não lhe vieram soccorros da mãe-patria?

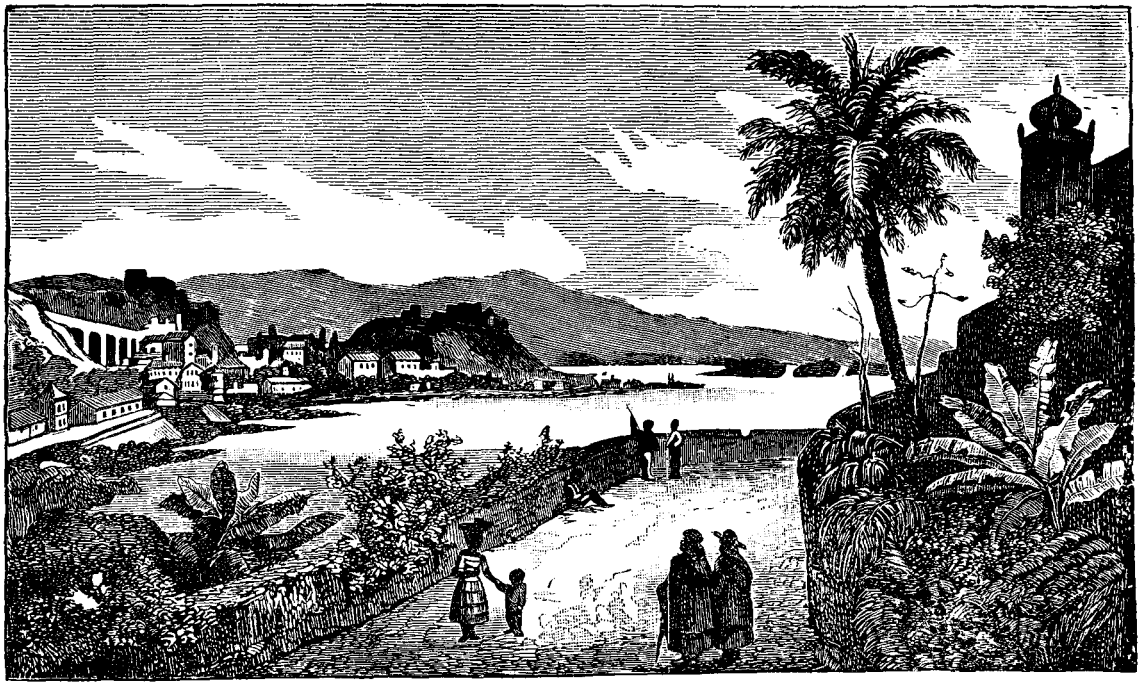
— Quem tomou as redeas do governo de Portugal depois da morte de D. João III? e porque?

— Quanto tempo durou a regencia de D. Catharina?

— Quem exerceu absoluta influencia sobre ella?

— Que nome dá Alexandre Herculano a Felippe II?

— O que fez o governador geral vendo-se abandonado pelo governo de Portugal?



Rio de Janeiro

CAPITULO VIII.

MEN DE SÁ.

1557-1572.

Men de Sá, irmão do poeta Sá de Miranda, foi o terceiro governador-geral do Brazil, e o unico que mereceu ser chamado *o Pae da Patria*.

Como vimos achava-se então o Brazil em situação tão critica que só um magistrado do caracter, da energia e da illustração do desembargador Men de Sá podia salval-o. Tambem um só anno de sua administração activa, entendida e sobretudo honesta, não se passou sem que se executasse alguma cousa de importante e util para a colonia.

Papas.

Paulo IV (1559).
Pio IV (1565).
S. Pio V (1572).
Gregorio XIII (1585).

Logo que chegou marchou contra os Cahetés, que não cessavam suas correrias, e aos quaes desbaratou completamente. Contra os Goytacazes, que assolavam as capitanias de Ilheos, Porto-Seguro e Espirito-Santo, mandou seu filho Fernando de Sá, que morreu nesta campanha; mas foi vingado por seu pae e pelos jesuitas Nobrega e Anchieta, que dirigiam os indios já catechisados. Os Goyanazes foram em grande parte destruidos.

Na Bahia reformou os tribunaes, pondo termo aos abusos dos que estavam encarregados de administrar a justiça e que, por amor de lucro vil, provocavam innumeros litigios; tambem empregou todos os meios ao seu alcance para acabar com o jogo, praga que se havia estendido a quasi todas as classes.

Em 1560 dirigiu-se Men de Sá contra os Francezes estabelecidos em Villegaignon. O chefe estava ausente e a ilha foi tomada depois de dois dias de desesperada resistencia, ficando prisioneiros muitos francezes e retirando-se os outros com os Tamoyos, seus alliados, para as matas do continente.

Depois seguiu Men de Sá para o sul e poz termo á luta entre Piratininga e S. Paulo, ordenando que a villa de Piratininga fosse transferida para S. Paulo, onde os jesuitas haviam já fundado seu collegio.

O Rio de Janeiro comquanto pertencesse ao quinhão de Martim Affonso de Souza, foi não obstante desde logo considerado capitania exclusivamente sujeita á corôa.

No Espirito-Santo havia Men de Sá, a pedido dos colonos, recebido do velho donatario Vasco Fernandes Coutinho, que morreu no anno seguinte, 1561, o auto de renuncia da sua capitania, para a qual nomeou capitão-mór o valente Belchior de Azevedo.

O CANTO DO PIÁGA.

I.

Ó Guerreiros de Taba sagrada,
Ó Guerreiros da tribu Tupi,
Fallam Deuses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrivel caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodigios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meus pés um phantasma,
Um phantasma d'immensa extensão;
Liso craneo repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Fallam Deuses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

II.

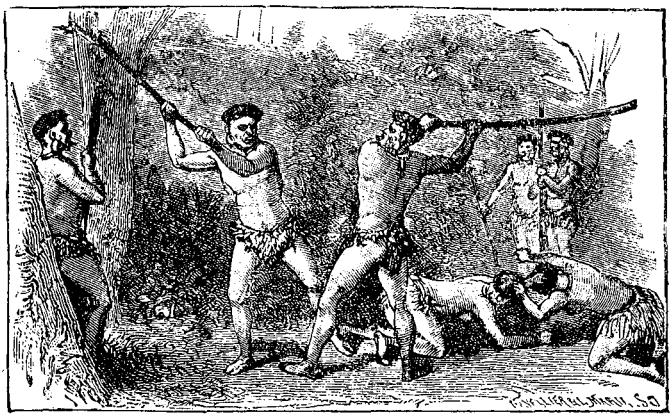
Porque dormes, ó Piága divino?
Começou-me a Visão a fallar,
Porque dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos ceus um negrume
Toda a face do sol offuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piága divino!
E Anhangá te prohibe sonhar!

Dança guerreira e religiosa dos Tupinambás



Combate singular entre dous Aymorés

Não se descuidou Men de Sá de mandar practicos explorar a terra nos lugares onde se suspeitava haver minas de ouro, de que em 1562 mandaram algumas amostras, 1561 depois de muitas fadigas e da perda de muitas vidas.

Neste mesmo anno teve o governador de attender a um novo perigo que ameçava Porto-Seguro e Ilheos. Uma tribu de gentios ferocissimos — os Aymorés — vindos recentemente do sertão, invadiram e assolaram as duas capitanias. Eram estas tribus ainda mais selvagens que os Tupis; não construiam tabas nem canôas, nem usavam redes; eram grandes corredores, mas não sabiam nadar. O dialecto mui guttural era

---

E tu dormes, ó Piága, e não sabes,
E não podes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! ó ruina! ó Tupá!

III.

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, hi vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas taes monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vario cipó —
Dessas brenhas contem vossas matas,
Taes e quaes, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Brancas azas abrindo ao tufão,
Como um bando de candidas garças
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja . . .
Esse monstro . . . — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —
Dons crueis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribu Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos,
Mesmo o Piága inda escravo ha de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por invio sertão;
Anhangá de prazer ha de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos deuses, ó Piága, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
Ó desgraça! ó ruina! ó Tupá!

inteiramente differente do das outras tribus. Eram tão dados á antropophagia que preferiam a carne humana á dos animaes. Faziam incisões nos beiços e nas orelhas e nellas introduziam taboinhas, que iam alargando á medida que a pelle que as segurava se ia distendendo. Dahi vem que são tambem chamados *Botocudos* por denominarem a tal taboinha *botoque*.

Immediatamente mandou o governador os soccorros necessarios áquellas capitanias; mas os ferozes Aymorés resistiram terrivelmente e deram aos colonos sanguinolentos e renhidos combates em que ficaram vencidos, mas não tão completamente que não pudessem, annos mais tarde, fazer novas e horriveis incursões, tornando-se assim em grande parte a causa do enfraquecimento e da destruição destas colonias.

Na Bahia teve o governador de acudir aos colonos entre os quaes principiou a lavrar com tal intensidade a peste das bexigas, que em pouco tempo dizimára a população e fizera voltar para as selvas a maior parte do gentio. Em seguida veiu a fome que reduziu a nova capital do Brazil a um tristissimo estado de miseria.

Apenas havia Men de Sá restabelecido a segurança e o socego no norte, quando sua attenção foi chamada para o imminente perigo que corria a capitania de S. Vicente, onde a povoação de S. Paulo fôra atacada pelas hordas dos Tamoyos, que reunindo-se em grande numero haviam determinado acabar com o poder portuguez no Brazil.

Tabyriçá com os da sua nação favoreciam os colonos, que mesmo assim não eram bastante fortes para repellir os Tamoyos.

Em tão criticas circumstancias apresentaram-se a Men de Sá os padres Nobrega e Anchieta, propondo-se a ir offerecer aos Tamoyos condições de paz. Estes illustres jesuitas com tanta habilidade e dedicação desempenharam a sua missão que conseguiram daquelles selvagens a promessa da cessação das hostilidades, salvando assim a capitania de uma guerra terrivel e assoladora.

Fundação do Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1567. — Em 1562 recebeu Men de Sá noticia da volta de Villegaignon e da reconstrucção do forte Coligny, e para destruil-o, pediu ao governo de Portugal que mandasse seu sobrinho Estacio de Sá com uma forte armada, o que lhe foi promptamente concedido.

Estacio de Sá, logo que chegou ao Rio de Janeiro, fortificou-se na entrada da bahia para bloquear Villegaignon, e afim de tirar a sua gente qualquer idéa de retirada, despediu todos os navios;* mas passaram-se quatro annos sem que pudesse atacal-a. Só em janeiro de 1567, tendo chegado do sul os padres Nobrega e Anchieta com os indios, e Men de Sá com alguma tropa de S. Salvador, ficaram os Portuguezes em estado de começar o combate, que durou dois dias, de 18 até 20, dia de S. Sebastião. O theatro da luta foram principalmente as praias de Sta. Luzia, e Flamengo e as ilhas adjacentes. Depois da victoria lançou o padre Nobrega os alicerces da actual igreja dos Capuchinhos no morro do Castello, e o governador resolveu mudar a povoação para o interior da bahia, dando-lhe o nome de cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro e por armas um molho de settas.

A excellente situação da nova cidade fel-a rivalisar logo com Olinda e mesmo com Bahia. Ella foi capital do sul em 1573 e 1608, e Pombal elevou-a a capital de toda a colonia em 1763; mas seu grande desenvolvimento foi em maior parte devido a D. João VI, que tomou-a por sua côrte desde 1808 até 1821. O Rio de Janeiro é hoje a segunda cidade da America do Sul.

Em 1569 pediu Men de Sá sua exoneração e foi mandado para o Brazil o quarto governador-geral *Luiz de Vasconcellos*, cuja frota cahiu em poder dos corsarios inglezes Jacques Sore e João Capdeville, que assassinaram o governador, toda a tripolação e quarenta e tantos jesuitas, que vinham reforçar as missões do Brazil.

---

* Agatocles e Fernando Cortez.

Em consequencia desta calamidade teve Men de Sá de conservar-se ainda no governo, e prestou de novo relevantissimos serviços á colonia que se achava em situação bem critica.

Em 1570 a regente D. Catharina entregou o governo a seu neto o rei D. Sebastião, cuja educação fôra exclusivamente confiada aos jesuitas. O primeiro decreto que o novo rei assignou foi o da liberdade dos indios no Brazil.

Dest'arte foi novamente violado um dos principaes privilegios dos capitães-mores — a escravidão dos indios. As revoltas, porêm, foram todas reprimidas durante o governo de Men de Sá.

1572 Foi este governador o primeiro que morreu no Brazil e seu corpo foi sepultado na Bahia junto ao tumulo do padre Nobrega, seu amigo.

GOVERNADORES-GERAES DO BRAZIL.

Thomé de Souza (1549–1553). Duarte da Costa (1553–1557). Men de Sá (1557–1572).

QUESTIONARIO. — CAPITULO VIII.

— Quem foi o terceiro governador-geral do Brazil?
— Que titulo mereceu por sua excellente administração?
— Em que estado achou elle o Brazil?
— Que qualidades concorriam em Men de Sá para fazer delle o melhor dos governadores?
— O que fez logo que chegou?
— Para onde mandou seu filho Fernando? E o que lhe aconteceu?
— Que foi feito dos Goyanazes?
— Que medidas administrativas tomou na Bahia o governador?
— Que fez em 1560 no Rio de Janeiro?
— Como poz termo á luta entre Piratininga e S. Paulo?
— A que donatario pertencia o Rio de Janeiro?
— Que fez Men de Sá no Espirito-Santo?
— A quem nomeou capitão-mór do Espirito-Santo?
— Qual foi o resultado da exploração de terras auriferas em 1562?

— Que novo perigo ameaçava Porto-Seguro e Ilheos?

— Quem eram os Aymorés? E a que horrivel practica eram dados?

— Em que differençavam-se das outras tribus?

— Conseguiram os colonos destruir os Aymorés?

— Qual foi o resultado dessas lutas para as capitanias de Ilheos e Porto-Seguro?

— Que calamidades soffreu então a Bahia?

— Que poderosa confederação de indios se formou no sul? E com que intenção?

— Que chefe de tribu era alliado dos portuguezes?

— Quem conseguiu fazer a paz com os Tamoyos e salvar assim a colonia?

— Em que dia, mez e anno foi fundada a cidade do Rio de Janeiro?

— Que noticia recebeu Men de Sá em 1562?

— Que providencias tomou contra os Francezes?

— Onde fortificou-se Estacio de Sá? E que ordens deu á frota?

— Quanto tempo passou sem atacar o forte?

— Que auxilios recebeu em 1567?

— Quantos dias durou o assalto? E qual o resultado?

— Em que partes da povoação foi mais renhido o combate?

— Depois da victoria, o que fez o padre Nobrega?

— Para onde mudou o governador a cidade? E que nome e armas lhe deu?

— Porque tornou-se logo importante a nova cidade?

— Quantas vezes foi ella capital do Sul? E quando?

— Quem fel-a capital de toda a colonia? E quando?

— A quem deve principalmente seu desenvolvimento?

— Que lugar tem o Rio de Janeiro entre as cidades da America do Sul?

— Quando pediu Men de Sá sua exoneração?

— Quem foi o quarto governador-geral do Brazil? E o que lhe aconteceu?

— Que fez então Men de Sá?

— Quando começou o governo de D. Sebastião?

— Por quem fôra educado?

— Qual foi o primeiro decreto que assignou?

— Que direito dos donatarios foi violado por este decreto? E o que resultou?

— Em que anno morreu Men de Sá e onde foi sepultado?

CAPITULO IX.

O BRAZIL DIVIDIDO EM DOIS GOVERNOS, NORTE E SUL; E DE NOVO REUNIDO EM UM SÓ.

1572-1580.

Em 1572 D. Sebastião, em vista do grande desenvolvimento do Brazil, julgou mais conveniente dividil-o em dois governos distinctos — Norte e Sul.

I. Governo do Norte	*Capital*	S. Salvador (Bahia).
	Capitanias . . .	Pernambuco, Bahia e Ilheos.
	Governador . . .	Luiz de Brito e Almeida.
II. Governo do Sul	*Capital*	S. Sebastião (Rio de Janeiro).
	Capitanias . . .	Porto-Seguro, Rio de Janeiro, S. Vicente e S. Amaro.
	Governador . . .	D^{or} Antonio Salema.

Foram portanto nomeados dois governadores: *Luiz de Brito e Almeida* para o Norte, e o *D^{or}. Antonio Salema* para o Sul, e ambos se mostraram dignos da ardua missão de que foram

---

GOVERNADORES GERAES DO BRAZIL (1549-1581).

I. Thomé de Souza (1549-1553).
II. Duarte da Costa (1553-1557).
III. Men de Sá (1557-1572). Luiz de Vasconcellos (1569).

Divisão do Brazil em dois governos —
Norte. Luiz de Brito e Almeida (1572-1577).
Sul. D^{or}. Antonio Salema (1572-1577).

Reunião – IV. Luiz de Brito e Almeida (1577-1578).
V. Lourenço da Veiga (1578-1581).

encarregados. Mas apezar da harmonia e unidade de pensamento, que existia entre elles, não puderam deixar de reconhecer os graves inconvenientes da divisão das forças, já por si bem mingoadas, de que podia dispor o Reino para proteger e defender a colonia, que só devia sua recente prosperidade á sua união no governo energico de Men de Sá.

Os dois governadores reuniram-se em S. Salvador, e n'uma conferencia com os padres jesuitas e o ouvidor-geral Fernão da Silva, discutiram a nova lei sobre a liberdade dos indios, á qual addicionaram a clausula de que ficariam escravos os indios aprisionados na guerra (belli jure).

Desta arte, não obstante os esforços dos papas e dos jesuitas, conservou-se a escravidão dos indios, accrescendo a ella a introducção de escravos africanos, os primeiros dos quaes foram importados no governo de Men de Sá.

Luiz de Brito tratou logo de explorar o paiz e sujeitar os indios. Primeiramente atacou as tribus que habitavam as margens do Rio Real, as quaes desbaratou em alguns combates e principiou a colonisação de Sergipe, nome que se deriva de Serigy (Ferrão de Serî), o valente morubixaba, que com outros chefes se rendeu ao governador.

As tentativas que fez Luiz de Brito ao norte de Itamaracá para conquistar os indios, não foram bem succedidas, mas abriram o caminho para a fundação da Parahyba do Norte.

O D^{or}. Antonio Salema seguiu para o Sul e reunindo uma força consideravel marchou contra as hordas selvagens de Cabo-Frio, que faziam terriveis correrias nas colonias visinhas, instigadas por francezes contrabandistas de pau brazil, que ahi tinham uma feitoria. A luta foi renhida, mas os Tapuyas ficaram completamente desbaratados e fugiram para o sertão.

Apezar destas victorias não foi possivel, por falta de recursos, a continuação dos dous governos independentes, e os proprios chefes representaram á corôa neste sentido; de sorte que em 1577 foi de novo a colonia reunida em um só governo, sob as ordens de Luiz de Brito, que no anno seguinte teve por successor

Lourenço da Veiga, em cujo governo se deram os mais tristes acontecimentos em Portugal.

1578 D. Sebastião ambicioso de gloria e influido por traidores vendidos aos jesuitas e a Felippe II, partiu para a conquista de Marrocos, onde perdeu a flor de seus cavalleiros e elle proprio desappareceu na batalha de Alcacerquibir (1578).

Succedeu-lhe no throno seu velho tio-avô o *Cardeal D. Henrique* (1578–1580), que só governou dois annos e deixou indecisa a successão.

QUESTIONARIO — CAPITULO IX.

— Quando foi o Brazil dividido em dois governos? Por quem? E porque?

— Qual foi a capital do governo do Norte? Quantas capitanias comprehendia? Quem foi o governador?

— Qual foi a capital do governo do Sul? Que capitanias comprehendia? Quem foi o governador?

— Achavam-se os dois governadores em melhores condições de fazer prosperar a colonia que seus antecessores?

— Havia rivalidades entre elles?

— Com quem conferenciaram em S. Salvador, antes de tomar conta de seus respectivos governos?

— Sobre que discutiram com os jesuitas e o ouvidor?

— Que nova clausula addicionaram ao decreto de D. Sebastião?

— Qual foi o resultado de tal additamento?

— Alem dos indios que outros escravos havia no Brazil?

— Quando se deu a primeira importação de africanos para o Brazil?

— O que fez Luiz de Brito? Que nova capitania colonisou?

— Porque se chamou esta colonia Sergipe?

— Que tentativas fez mais Luiz de Brito para explorar o paiz e sujeitar os indios?

— Qual foi o resultado da expedição para o norte de Itamaracá?

— No Sul qual foi o primeiro cuidado do D^{or}. Salema?

— Quem instigava os indios a atacar os colonos portuguezes?

— Que resistencia encontrou o Dor. Salema da parte dos indios? e qual foi o resultado da luta?

— Foram estas victorias favoraveis á continuação da divisão da colonia?

— Em que anno foram os dous governos reunidos em um só? e quem foi o governador?

— Qual foi o successor de Luiz de Brito?

— Que catastrophes deram-se em Portugal nesse tempo?

— Porque emprehendeu D. Sebastião a conquista de Marrocos?

— Que grande desgraça lhe aconteceu, e aos seus valentes cavalleiros?

— Em que anno se deu a batalha de Alcacerquibir?

— Quem succedeu no throno a D. Sebastião? quanto tempo governou? e a quem deixou a corôa?

CAPITULO X.

UNIÃO IBERICA; O BRAZIL SOB O DOMINIO HESPANHOL; MANOEL TELLES BARRETO, SEXTO GOVERNADOR-GERAL.

1581-1592.

Tendo morrido o Cardeal-rei D. Henrique, apresentaram-se tres pretendentes: D. Antonio, Prior do Crato, filho do duque de Beja; Catharina de Guimarães e Felippe II de Hespanha. Os dous primeiros com mais direitos que Felippe, que reclamava os direitos de sua mãe. O clero e a nobreza de Portugal foram comprados por Gregorio XIII. A pequena resistencia do Prior do Crato foi vencida pelo duque d'Alba, que mandou guarnições hespanholas para as principaes cidades portuguezas, e convocou as côrtes em Thomar, onde foi estipulada a infeliz — união iberica, — que Alexandre Herculano chama — captiveiro de sessenta annos.

Portugal perdeu sua independencia politica, mas a Hespanha prometteu deixar aos Portuguezes sua constituição, a adminis-
1581 tração do thesouro e mesmo das provincias. Todas estas promessas foram gravemente violadas, e o Brazil soffreu relativamente muito mais que Portugal; não só foi nessa epoca inteiramente negligenciado, como teve de soffrer ataques das grandes nações européas provocadas pela politica guerreira de Hespanha.

BISPOS DO BRAZIL.

I. D. Pedro Fernandes Sardinha (1550-1556).
II. D. Pedro Leitão (1559-1573).
III. D. Antonio Barreiros (1574-1601).

Nota-se então a expedição aventureira de D. Antonio, que chegou com alguns navios ao Rio de Janeiro, com intenção de tornar a colonia um reino independente; mas foi-lhe prohibido o desembarque por Salvador Corrêa de Sá, que já havia reconhecido a Felippe II. 1581

Foi ainda no governo de Lourenço da Veiga que foi feita a exploração do caudaloso rio de S. Francisco por João Coelho de Souza, e a do interior do sertão até Minas por Antonio Dias Adorno, que de lá trouxe amostras de turmalinas e amethystas. Foi tambem explorado o porto do Maranhão com alguns dos rios que nelle desemboccam. Por esse mesmo tempo vieram para o Brazil os primeiros monges Benedictinos, Carmelitas e Capuchinhos. 1579 1580

Em 1581 morreu Lourenço da Veiga, e ficou o Brazil exposto a grandes irregularidades. A camara de S. Salvador dirigida

---

CONTEMPORANEOS.

PAPAS.

Sixto V (1585–1590). Gregorio XIV (1591).
Urbano VII (1590–1591). Innocencio IX (1592).
Clemente VIII (1592–1605).

IMPERADORES DA ALLEMANHA.

Maximiliano II (1572)

Rodolfo (1610) Mathias (1619).

REIS DE FRANÇA.

Henrique II (1559) = Catharina de Médicis

Felippe II = Isabel (1560) | Francisco II (1560) | Carlos IX (1576) | Henrique III (1589) | Margarida = Henrique IV (1610) | Francisco, *Duque de Alençon*

Clara Eugenia.

INGLATERRA.

Isabel a Grande (1558–1603).

por um intrigante, Rangel de Macedo, fez com que se retirasse o bispo Barreiros, governador provisorio; mas restabeleceu-se a ordem com a chegada do primeiro governador nomeado pelo rei de Hespanha.

Manoel Telles Barreto (1582–1587), que proclamou amnistia geral e ganhou as sympathias de todos os partidos.

Felippe II estava nesse tempo em guerra com tres nações: Inglaterra, França e Hollanda. O governador cuidou logo em fortificar S. Salvador, Rio de Janeiro e o porto do Recife, cujas fortalezas ainda em parte hoje existem. Mandou diversas expedições á Parahyba do Norte, onde os indios haviam des-
1586 truido o forte de S. Felippe, retirando-se os Portuguezes para Itamaracá; mas só em 1586, com o auxilio de uma frota hespanhola ao commando de Diogo Flores Valdez, de concerto com o chefe indio Piragybe, poude retomar aquella posição.

1586 Esta capitania da Parahyba do Norte teve por primeiro governador Fructuoso Barboza.

Foram sem duvida relevantes os serviços prestados ao Brazil por Manoel Telles Barreto. Restabeleceu a ordem na colonia anarchisada; cobrou as dividas da Fazenda; regularisou o commercio de escravos entre os traficantes e os fazendeiros; mandou fazer explorações do terreno; e tratou especialmente, como sua principal missão, da defensa do Brazil.

Por morte deste governador (1587), recebeu o bispo, segundo a carta regia, de novo o governo provisorio, que exerceu dignamente até 1592.

GOVERNADORES DO BRAZIL.

Lourenço da Veiga (1578–1581), 5°. Governador-geral.
D. Antonio Barreiros (1581–1582), Governador provisorio.
Manoel Telles Barreto (1582–1587), 6°. Governador-geral.
D. Antonio Barreiros (1587–1592), Governador provisorio.

QUESTIONARIO. — CAPITULO X.

— Quando morreu o Cardeal-rei D. Henrique, quantos e quaes foram os pretendentes á corôa de Portugal?

— Com que direito apresentou-se Felippe II?

— Como influiu o papa para que a Hespanha ficasse senhora de Portugal?

— O que aconteceu ao pretendente Prior do Crato?

— Que medidas energicas tomou o duque d'Alba?

— O que foi resolvido pelas côrtes em Thomar?

— Que nome dá o patriota A. Herculano á época da sujeição de seu paiz á Hespanha?

— O que perdeu Portugal pela união com a Hespanha?

— Que promessas fez a Hespanha aos Portuguezes?

— Foram cumpridas essas promessas?

— Qual foi a sorte do Brazil nesse triste periodo?

— Porque foi desfavoravel ao Brazil o tratado de Thomar?

— Quem tentou fazer nesse tempo do Brazil uma nação independente? e porque não levou a effeito o seu projecto?

— Que explorações se fizeram no governo de Lourenço da Veiga?

— Que ordens religiosas vieram estabelecer-se no Brazil em 1580?

— Quando morreu Lourenço da Veiga? E como ficou o Brazil?

— Quem foi o governador provisorio?

— Porque se retirou?

— Quem restabeleceu a ordem em S. Salvador?

— Quanto tempo governou Manoel Telles Barreto?

— Que medidas empregou e com que resultado?

— A que nações havia Felippe II declarado guerra?

— Qual foi o primeiro cuidado do governador?

— O que fez elle relativamente á Parahyba do Norte?

— Que acontecimentos se deram na Parahyba?

— Quando foi ella reconquistada?

— Quem auxiliou ao governador nesta conquista?

— Quem foi o primeiro governador da Parahyba do Norte?

— Que serviços prestou ao Brazil Manoel Telles Barreto?

— Quem succedeu no governo a Manoel Telles Barreto?

— Quanto tempo governou o bispo D. Antonio Barreiros?

CAPITULO XI.

D. FRANCISCO DE SOUZA E DIOGO BOTELHO.

1588-1608.

Em 1588 partiu de Lisboa o governador Francisco Giraldes nomeado para o Brazil; mas aconteceu que o galeão em que vinha arribou duas vezes, o que attribuiu a aviso do céu, e portanto resignou o cargo, que foi mais tarde dado a *D. Francisco de Souza* (1591-1602) que veiu em 1591 tomar posse do governo, que fôra perto de quatro annos exercido pela junta provisoria.

1591-1602

Neste mesmo tempo (1588) perdêra a Hespanha sua "invencivel armada" sob as ordens do duque de Medina Sidonia e principiaram os corsarios estrangeiros a atacar differentes pontos da costa do Brazil. Thomaz Cavendish, corsario inglez conhecido por suas depredações na India, aportou em S. Vicente, que saqueou, deixando para vigial-a seu piloto Cook, emquanto fazia uma excursão ao sul. Na volta achando a cidade em grande parte roubada pelos proprios habitantes, incendiou-a. Foi em seguida atacar os portos de Santos e da Victoria, donde foi repellido com grandes perdas.

1591

1592

ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS.

Gabriel Soares viveu muitos annos no Brazil e foi escriptor originalissimo e encyclopedico. Seu estylo comquanto não apurado é encantador e suas descripções exactissimas, tão profunda e sustentada era sua maneira de observar as cousas. Escreveu sobre corographia, topographia (perfeita descripção da Bahia); phytologia (excellente explicação das plantas do Brazil) apezar de não ter estudado botanica; historia; hydrographia; agricultura intertropical e especialmente brazileira; materia medica indigena; madeiras; mineralogia; zoologia; e até economia administrativa.

Fernão Cardim, provincial dos jesuitas no Brazil, foi o autor da *Narrativa Epistolar,* cartas em que descreve com naturalidade e fluencia

Mais fataes ainda foram os ataques de Lancastre e Venner contra Recife e Olinda, onde demoraram-se tres mezes e só se retiraram depois de aprisionar todos os navios da costa. 1594 1595

Apresentaram-se tambem os corsarios hollandezes Harteman e Broer, precursores da grande guerra hollandeza. 1600

Em 1598 celebrou Felippe II com a França o tratado de Vervins e conservou-se a paz entre as duas nações até a morte de Henrique IV de França (1610). 1598 1610

Um bahiano Roberio Dias apresentou-se a Felippe II offerecendo-se para mostrar as jazidas de riquissimas minas de prata, e pedindo em recompensa o titulo de "Marquez das Minas." Felippe II negou-lhe o titulo; mas deu ordem a Francisco de Souza que mandasse expedições ao interior para descobril-as. Gastou-se em vão gente, cabedal e tempo, n'uma epoca em que toda a energia era necessaria para a defesa e desenvolvimento do paiz. 1593

Com este mesmo governador, porêm, nota-se progresso na colonisação do Norte. A tribu dos Pitagoares (Rio Grande do Norte) ameaçava constantemente a nova colonia da Parahyba, e algumas expedições haviam sido mal succedidas. Jeronymo de Albuquerque marchou á frente de uma pequena tropa, ganhou alguns morubixabas e com seu auxilio destruiu grande parte da tribu. Este mesmo capitão fundou 1597

---

a opulenta e maravilhosa natureza sul-americana. Foi Cardim quem attrahiu á Companhia o valente campeão do jesuitismo, o padre Antonio Vieira.

Segundo as obras de Gabriel Soares e Fernão Cardim achavam-se as capitanias do Brazil em 1581, quando passaram para o dominio de Hespanha, nas seguintes condições:—

A **Parahyba** tinha um engenho e rendia o monopolio de pau brazil quarenta mil crusados por anno ao Estado. Os jesuitas que se haviam estabelecido nesta capitania foram della expulsos pelos benedictinos que attrahiram a si todos os habitantes.

Em **Itamaracá** prosperava a villa da Conceição, onde já trabalhavam tres engenhos.

no dia de Natal de 1598 a fortaleza dos Tres Reis Magos, que ainda hoje defende a capital do Rio Grande do Norte.

Em 1598 D. Francisco de Souza deixando como seu lugartenente na Bahia, o capitão mór Alvaro de Carvalho, fez uma excursão ás capitanias do sul. Visitou primeiro o Espirito-Santo, onde reinava a paz e a segurança desde que Miguel de Azeredo sujeitára o gentio pelas armas, de tal sorte que os colonos podiam a salvamento internar-se por centos de leguas para o sertão.

1599 Dahi seguiu para o Rio de Janeiro, que desenvolvia-se extraordinariamente pelo commercio com o Perú pelo Rio da Prata. Continuou sua viagem por S. Vicente, Santos e S. Paulo, cujos emprehendedores habitantes já começavam

1602 a devassar os sertões e acossar os indios que escravisavam; mas chegando ás terras da Laguna, já encontraram opposição dos jesuitas que ahi haviam erguido uma capella e travado relações amigaveis com *Tacaranha*, o morubixaba daquellas tribus.

1602 Estava D. Francisco de Souza ainda no sul em busca de informações de minas, a cuja preocupação sacrificou seus deveres mais sagrados, quando desembarcou na Bahia o seu successor.

Pernambuco era de todas as capitanias a que dava maiores rendimentos, e cujos habitantes se distinguiam pela cortezia do seu trato e o luxo de que se rodeavam. Contava sessenta e seis engenhos, que por anno produziam mais de duzentas mil arrobas de assucar. Em Olinda havia uma boa igreja matriz e muitas capellas, um collegio jesuitico com cursos de primeiras letras e latim, e boas casas de pedra e cal. No Recife havia apenas um começo de povoado com alguns armazens.

A **Bahia,** importante como a capital de toda a colonia, possuia dois mil colonos, quatro mil escravos africanos e seis mil indios catechisados. Contava trinta e seis engenhos. Em suas dezeseis freguezias havia um collegio dos padres, um mosteiro de S. Bento e outro de capuchos, e mais de quarenta igrejas e capellinhas, e em S. Salvador achavam-se bons edificios. No collegio dos jesuitas havia cursos de theologia, humanidades e artes, alem do de primeiras letras.

Diogo Botelho (1602–1608), que encontrou na sua administração serias difficuldades, não porque lhe faltassem zelo e energia, mas por serem os tempos bastante criticos e de provação. Teve que lutar contra inimigos externos, ataques do gentio no interior, desfalque das rendas publicas, e alem de tudo isso uma terrivel opposição da parte do novo bispo e dos jesuitas.

Tendo morrido em 1598 o rei Felippe II, succedêra-lhe no throno seu filho Felippe III (1598–1621), que tomára por conselheiro o conde de Lerma, que celebrou um tratado de paz com os Inglezes e os Hollandezes. Mas isto de nada valeu á colonia, que ainda em cima foi atacada pelos Francezes irritados pela alliança da Hespanha com a Austria. 1598–1621

Os ataques dos corsarios continuaram incessantes contra o Brazil-colonia.

O governador foi de todos os modos perseguido pelo bispo, que pouco antes delle chegára, D. Constantino Barradas, que conspirou com os jesuitas para exoneral-o; mas a desharmonia entre os clericaes fez mallograr a intriga, que muito concorreu para o mau exito das expedições do norte, as quaes tinham por fim fundar uma nova capitania.

Ilheos, Porto-Seguro e **Espirito-Santo,** apezar da fecundidade de seu solo, dos muitos rios que as regam, e de seus excellentes portos, haviam tido pouco desenvolvimento.

Nos **Ilheos** só havia a povoação de S. Jorge com uns cincoenta colonos, tres engenhos e algumas roças de algodão.

Porto-Seguro, alem da villa capital com quarenta colonos e um engenho de assucar, tinha o povoado de Santa Cruz e duas aldêas de indios.

O **Espirito-Santo** possuia cento e cincoenta colonos, seis engenhos de assucar, muito gado e algodões e mais gentio manso que as outras capitanias, de sorte que quasi não se viam escravos africanos.

O **Rio de Janeiro,** fundado havia então vinte annos, tinha cento e cincoenta colonos, tres engenhos, um collegio jesuitico e um hospital.

S. Vicente e **S. Amaro** muito longe de progredir estavam em atrazo, pela mudança de muitos colonos para o Rio de Janeiro e as rapinas dos

Quanto á civilisação dos indios julgava Diogo Botelho que os meios empregados pelos padres jesuitas de separal-os em aldêas suas, em nada eram proveitosos ao estado, nem mesmo ao progresso moral dos selvagens, e portanto fez varias propostas ao governo, no intuito de mandal-os vir para os povoados, onde ainda que com alguma quebra de sua liberdade, se associassem aos trabalhos e ao modo de vida dos colonos. Os jesuitas, porêm, a isto se oppuzeram tão fortemente que o governador nada conseguiu, antes viu-se obrigado a embarcar-se para Portugal, sem esperar a chegada do seu successor.

---

piratas que repetidas vezes as tinham assolado, especialmente a villa de S. Vicente, da qual só mais decadente havia a villa da Conceição de Itanhaem. Tambem havia falta de braços em Santos e S. Amaro, que não obstante tinha uma fortaleza bem guarnecida. S. Paulo era o povoado mais importante.

O assucar era naquella epoca a principal producção do Brazil, que possuia cento e vinte engenhos. Um engenho é equivalente a uma grande povoação, e alem de necessitar de muitos trabalhadores, representa terras de cannaviaes, de mato, de pasto e de mantimentos. O rendimento era de setenta mil crusados por setecentos mil quintaes de assucar que produziam os engenhos.

E'triste dizer que o meio mais rapido de fazer então fortuna era o trafico dos negros.

Em summa era o Brazil a mais importante das colonias portuguezas que tinham-se sujeitado á Hespanha; pois que as colonias da Asia já iam em decadencia devida a erros da administração e á fraqueza do pequeno Portugal, que desde a morte de D. Manoel, gemia sob a pressão odiosa da politica hespanhola e mais tarde a dos jesuitas, e da inquisição que desastradamente perseguia os judeus e os christãos novos.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XI.

— Quem foi o governador geral nomeado em 1588 para o Brazil? e porque não tomou conta do governo?

— Em que anno terminou o governo da junta provisoria?

— Quem foi nomeado governador geral em 1591? E quanto tempo governou?

— Que perda soffrêra a Hespanha em 1588?

— Qual foi para o Brazil o resultado da perda da "invencivel armada"?

— Quem foi Thomaz Cavendish? O que fez em S. Vicente?

— Que outros portos do Brazil atacou? e com que resultado?

— Que corsarios atacaram Recife e Olinda? quando e como se retiraram?

— Quem eram Harteman e Broer?

— Com quem celebrou Felippe II em 1598 o tratado de Vervins e com que resultado?

— Que proposta fez Roberio Dias a Felippe II? E o que conseguiu?

— Que ordens do rei recebeu D. Francisco de Souza?

— Como cumpriu o governador as ordens de Felippe II?

— Qual foi o resultado das expedições para o descobrimento das minas?

— Que acontecia no norte nessa epoca?

— O que faziam os Pitagoares? E que lugar habitavam?

— O que fez Jeronymo de Albuquerque para salvar a Parahyba? E que fortaleza fundou?

— Para onde se dirigiu D. Francisco de Souza em 1598? e a quem deixou em seu lugar na Bahia?

— Qual foi a primeira capitania que visitou? e em que estado a encontrou?

— Para onde seguiu? e porque prosperava tanto o Rio de Janeiro?

— Que outras capitanias visitou?

— Em que já se occupavam os Paulistas? e que opposição encontraram no sul?

— Quem chegou á Bahia em 1602?

— Onde estava D. Francisco de Souza?

— O que fazia elle no sul?

— Quem foi Diogo Botelho? Quanto tempo governou?

— Porque lhe foi difficultosa a administração?

— Que aconteceu na metropole em 1598?

— Quem succedeu no throno a Felippe II? e quantos annos governou?

— Quem era o primeiro ministro de Felippe III?

— Que tratado celebrou com os Inglezes e Hollandezes?

— Em que aproveitou o tratado á colonia?

— Que novos inimigos a atacaram? e porque?

— Que soffreu o governador do bispo e dos jesuitas?

— Que máu effeito produziram essas desavenças sobre a colonia?

— Relativamente aos indios em que discordavam Diogo Botelho e os jesuitas? quaes foram as propostas do governador? e que resultado tiveram?

CAPITULO XII.

SEGUNDA DIVISÃO DO BRAZIL EM DOIS GOVERNOS: REUNIÃO COM D. LUIZ DE SOUZA; PRIMEIRA RELAÇÃO DO BRAZIL; OS FRANCEZES NO MARANHÃO.

1607-1621.

Em 1607 D. Diogo de Menezes, que foi depois primeiro conde de Ericeira,* nomeado governador geral para o Brazil, desembarcou em Pernambuco, onde demorou-se um anno, afim de organisar a administração das capitanias do norte, e 1607 fortificar-lhes os portos. Em seguida dirigiu-se para a Bahia, onde apenas chegado recebeu a inesperada noticia de que as capitanias do sul haviam de novo sido separadas para formar um governo e capitania geral á parte. 1608

Sabemos que em 1604 se creára em Lisboa para administrar o Brazil um *Conselho* igual ao *Conselho da India* instituido em 1550 por Carlos V para administração dos quatro vice-reinados; mas sua acção foi desde o principio annullada pelo despotismo dos reis de Hespanha, que tencionavam extender a colonisação até o Amazonas, e procurar no sul as riquezas mineraes. Para este fim foi mandado em 1608 para o sul D. Francisco de Souza como *governador geral* e *superintendente das minas*, o qual governou até 1610, e teve por successor seu filho D. Luiz de Souza, que desde 1616 até 1620 reuniu outra vez os dois governos em um só.

---

* Deste excellente governador, que tão relevantes serviços prestou ao Brazil, temos toda a correspondencia de proprio punho e a importante obra historica, — *Rasão do Estado do Brazil no governo do Norte sómente assim como o teve D. Diogo de Menezes até o anno de 1612.*

I. Governo do Norte	*Capital* . . .	S. Salvador (Bahia).
	Capitanias . .	Pernambuco, Bahia, Ilheos, Parahyba do Norte, Rio Grande do Norte, Sergipe.
	Governador .	D. Diogo de Menezes.
II. Governo do Sul	*Capital* . . .	S. Sebastião (Rio de Janeiro).
	Capitanias . .	Espirito-Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente.*
	Governador .	D. Francisco de Souza.

As explorações mineralogicas não deram resultado; mas então começaram as expedições paulistas em busca de escravos indios. Foram elles, os Paulistas, os verdadeiros descobridores, e depois os civilisadores do vasto sertão do Brazil. Os chefes paulistas iam buscar escravos ao Paraguay, e até mesmo á Africa. Entre elles se nota *Lacerda de Almeida*, o explorador da região do Congo, cujas descobertas estão sendo confirmadas pelos tres grandes exploradores da Africa: Livingston, Stanley e o major Serpa Pinto.

Foi no governo de D. Diogo de Menezes que se installou na Bahia a primeira Relação do Brazil (1609)† composta de oito desembargadores vindos do reino, dos quaes era presidente Gaspar da Costa.

---

* A capitania de S. Amaro estava como encorporada com a de S. Vicente, porisso trataremos de ambas como se fossem só uma.

† O Brazil possue actualmente 11 Relações: —

I.	Bahia (1609)	Felippe III.
II.	Rio de Janeiro (1751)	D. José I.
III.	S. Luiz (1811)	D. João VI.
IV.	Recife (1821)	"
V.	Belem (1873)	D. Pedro II.
VI.	Fortaleza (1873)	"
VII.	S. Paulo (1873)	"
VIII.	Porto-Alegre (1873)	"
IX.	Ouro-Preto (1873)	"
X.	Cuyabá (1873)	"
XI.	Goyaz (1873)	"

O governador teve que sustentar uma renhida luta com os jesuitas a respeito dos indios, e com o bispo D. Constantino Barradas, que confiado na protecção escandalosa da côrte de Madrid dominada pela Companhia, pretendia ter parte no poder administrativo que só era da competencia do governador.

Como seu predecessor, não approvava D. Diogo de Menezes o systema jesuitico de aldear os indios separadamente, fóra de toda jurisdição civil e da convivencia social com os colonos. Elle pensava com rasão que o gentio apartado das villas e cidades não podia civilisar-se e ganhar habitos de policia e decencia e muito menos adquirir sentimentos verdadeiramente religiosos ; ao passo que as povoações perdiam nelles trabalhadores e defensores, que sempre necessarios, o eram então muito mais nas condições criticas em que se achava o Brazil-colonia. Portanto empenhou-se com todo o zelo para obter da côrte um regulamento, pelo qual pudessem ficar as aldêas dos indios mais sujeitas ao governo civil, e conseguiu que a este respeito se tomassem algumas providencias.

Só muito mais tarde (1759) foi esta questão dos indios 1759
resolvida pelo marquez de Pombal.

Quanto á colonisação do norte propoz D. Diogo de Menezes a criação de tres novas capitanias : uma no Jaguaribe ou Ceará ; uma no Piauhy e uma no Maranhão.

Mandou para o Ceará a Martim Soares Moreno,* que no porto proximo á ponta de Mocuripe, fundou uma aldêa com um presidio fortificado, donde procedeu chamar-se *Fortaleza* a povoação que foi crescendo e que veiu a ser a capital da 1610
capitania, cujo primeiro governador foi o mesmo Martim Soares Moreno, seu fundador.

---

* Martim S. Moreno era Tenente do Rio Grande do Norte, e de muito joven estivera nó Jaguaribe, onde se relacionára com os indios, como elles, deixára-se *cotiar*[1] na pelle, e era muito amigo de um chefe indigena, que prestou-lhe grande auxilio na fundação da nova aldêa.

[1] *Cotiar* significa tauxear de côres a pelle ; o mesmo que *tatuir*.

D. Diogo de Menezes foi substituido em 1610 por Gaspar de Souza, que foi residir em Pernambuco.

Fundação de Maranhão e Pará. — O tratado de Vervins entre Felippe II e Henrique IV rompeu-se no governo de Felippe III e os corsarios francezes Jacques Riffault e Charles de Vaux vieram ao Brazil explorar terreno para uma colonia.

Tendo morrido Henrique IV, a regente Maria de Médicis, mandou (1612) para o Brazil a Daniel de La Ravardière com
1612 uma frota, cujo pavilhão trazia o escudo dos Bourbons com os tres lirios e a orgulhosa divisa: *Tanti duces feminâ facti.* La Ravardière fundou na ilha do Maranhão a colonia de S. Luiz em honra a Luiz XIII.

Mandou Gaspar de Souza em 1613 para a mesma região uma frota ao commando de Jeronymo de Albuquerque,* que não tinha ordem terminante de atacar os Francezes, e portanto limitou-se, com o auxilio de Martim Soares Moreno, a fundar ao norte do Ceará a colonia de *Nossa Senhora do Rosario.*

Entretanto chegaram da Hespanha ordens definitivas de expulsar os Francezes, e um reforço de dois mil homens com que Jeronymo de Albuquerque tomou aos Francezes suas possessões
1613 sobre o continente; mas faltando-lhe material para atacar o forte da ilha de S. Luiz, celebrou com elles um armisticio de um anno. Terminado este prazo chegaram reforços de Hespanha, sob o commando de Alexandre de Moura,† que as-
1614 senhoreou-se da fortaleza, capitulando La Ravardière com as honras da guerra.

---

* Este capitão era irmão de Mathias de Albuquerque e "experimentado nas cousas do sertão e dos indios e grande truxamante ou lingua entre elles, e com nome de seu bemfeitor e parente . . . mui acceito e conhecido em toda aquella costa."

† Alexandre de Moura, que fôra capitão em Pernambuco, chegou ao acampamento de Jeronymo de Albuquerque com o titulo de Governador geral da Armada e Conquista, e portanto com autoridade superior á de Jeronymo de Albuquerque.

Jeronymo de Albuquerque foi nomeado governador da nova capitania com o titulo de *Barão do Maranhão*.

Alexandre de Moura mandou para o Pará ao Coronel Francisco Caldeira Castello Branco, que fundou Belem e foi o primeiro governador da capitania do Grão-Pará (1616). 1616

Nesse tempo extendia-se o Brazil desde o Amazonas até a bahia de S. Vicente (900 leguas de costa).

Felippe III reuniu as tres capitanias do norte — Pará, Maranhão, e Ceará — e fundou com ellas o *Estado do Maranhão* (1621). Este rei morreu neste mesmo anno e com seu successor Felippe IV principiou para o Brazil o triste periodo da guerra da Hollanda (1624–1654), que termina com o tratado de Haya (1661). 1621 1624

O governador geral Gaspar de Souza havia sido em 1617 substituido por D. Luiz de Souza, governador das tres capitanias do sul, o qual veiu acabar com a fatal idéa de separações em terras e povos, e reuniu sob sua jurisdicção os governos do norte e do sul. Teve por successor em 1622 a Diogo de Mendonça Furtado. 1617

QUESTIONARIO. — CAPITULO XII.

— Que novo governador geral chegou a Pernambuco em 1607?

— Quanto tempo ahi se demorou? e para que?

— Que noticias recebeu na Bahia?

— Qual foi o resultado da creação do *Conselho da India* relativamente ao Brazil?

— Com que fim especial foi D. Francisco de Souza mandado para o sul, como governador geral? e em que anno?

— Quanto tempo governou? e quem foi seu successor?

— Qual era a capital do governo do Norte? quantas capitanias comprehendia? e quem foi o governador?

— Quem foi o governador do Sul? Sobre quantas capitanias extendia-se sua jurisdicção? e qual era a capital?

— Qual o resultado das explorações das minas?

— O que se nota a respeito dos Paulistas?

— Foram suas expedições proveitosas ao Brazil? e até onde se extenderam ellas?

— Qual foi o mais notavel dos Paulistas exploradores da Africa?

— Que região daquelle continente foi explorada? e que outros notaveis viajantes tem confirmado as asserções de Lacerda de Almeida?

— Quando foi installada a primeira Relação na Bahia?

— Quantos membros contava? e quem foi seu presidente?

— Teve o governador desavenças com o clero?

— Porque motivo se desaveiu com o bispo? e com os jesuitas?

— O que pensava D. Diogo a respeito do aldeamento dos indios segundo o systema dos jesuitas? e qual era esse systema?

— Que grande mal provinha desse systema para os indios? para as povoações?

— Que medidas tomou o governador?

— Quando foi resolvida essa questão da escravidão dos indios?

— Quantas capitanias creou D. Diogo? quaes? e onde?

— Para onde mandou a Martim S. Moreno? e quando?

— Onde fundou elle o povoado que veiu a ser capital da capitania? que nome teve? e porque?

— Quem foi o primeiro governador do Ceará?

— Em que anno foi substituido D. Diogo? e por quem?

— Onde foi residir Gaspar de Souza?

— Qual foi o resultado do rompimento do tratado de Vervins entre a França e a Hespanha?

— Em que anno veiu Daniel de La Ravardière para o Brazil?

— Quem o mandou? e que pavilhão trazia a náu capitanea? Qual era a divisa?

— Que colonia fundou La Ravardière? onde? e porque chamou-a S. Luiz?

— O que fez o governador geral quando soube que os Francezes se tinham estabelecido no Maranhão?

— O que fez Jeronymo de Albuquerque? quem o auxiliou?

— Quando expulsou elle os Francezes do continente? e porque não tomou a ilha de S. Luiz do Maranhão?

— Por quanto tempo foi celebrado o armisticio?

— Quem foi Alexandre de Moura?

— Como se retiraram os Francezes?

— Quem foi o governador da nova capitania? e que titulo recebeu?

— Quem foi Francisco C. Castello Branco?

— Qual era então a extensão da costa do Brazil?

— Quando foi fundado o *Estado do Maranhão?* Por quem? De quantas capitanias se compunha?

— Quando morreu Felippe III? quem foi seu successor?

— Quando foi o Brazil atacado pelos Hollandezes? quanto tempo durou esta guerra? com que tratado termina?

— Quem substituiu a Gaspar de Souza e em que anno?

— Quem era D. Luiz de Souza? e que mudança fez no governo?

— Quem succedeu a D. Luiz de Souza? e quando?

CAPITULO XIII.

PRIMEIRA INVASÃO HOLLANDEZA.

1624-1625.

Hespanha e Hollanda antes da guerra hollandeza.— Em 1477, com a morte de Carlos o Temerario em Nancy, annexou-se a Bourgogne á Allemanha pelo casamento de Maria de Bourgogne com Maximiliano I.

Reis de Hespanha e Portugal.
Felippe II (1556-1598).
Felippe III (1621).
Felippe IV (1665), sobre Portugal só até 1640.

A Hollanda e a Belgica (Batavia e Wallonia) formavam a parte mais importante do ducado de Bourgogne, e seus povos haviam se desenvolvido admiravelmente pelo commercio, e pela agricultura e industria.

Maximiliano I e seu neto e successor Carlos V, tambem rei
1500 de Hespanha (Carlos I) deixaram a estes dois paizes grandes privilegios. Carlos V nascido em Gand (1500), nem siquer prohibiu nelles a introducção da doutrina de Calvino.

Pela abdicação de Carlos V herdou Felippe II, seu filho
1556 unico, as possessões da dynastia Habsburgo-Aragão e deixou a administração da Hollanda e Belgica a sua irmã Margarida de Parma. Contra a fraca regente revoltaram-se os habitantes do norte e Felippe II mandou para lá o tyrannico duque d'Alba, afim de á força introduzir a inquisição, a

---

HEROES HOLLANDEZES.

Jacob Willickens, *almirante.*
Pieter Heyn, *vice-almirante.*
Johan van Dorth, *general.*
Alberto Shouten, *official.*
Wilhelm Shouten, *official.*
Hans Ernest Kiff, *official.*
Hendrickzoon, *official.*

JOÃO FERNANDES VIEIRA (CASTRIOTO LUSITANO)

alcavalla e os monopolios. Este governador fez correr rios de sangue, e mandou decapitar o conde de Horn e o duque de Egmont. Tudo foi em vão. O mais habil dos conspiradores, Guilherme o Taciturno, fugiu para a Allemanha e auxiliado por Isabel a Grande da Inglaterra, adversaria de Felippe II, poude depois de uma guerra desastrosa alcançar a liberdade que proclamou em Utrecht (1579).

Statholders da dynastia Nassau-Orange.

Guilherme I (1579-1584).
Mauricio (1625).
Frederico I (1647).
Guilherme II (1650).

Republica (1650-1672).

João Witt e
Cornelio Witt.

Statholder.

Guilherme III (1672-1702).
Rei de Inglaterra (1688).

Foi elle o primeiro *statholder* da nova republica das Provincias-Unidas.

Guilherme I o Taciturno foi logo assassinado pelas intrigas de Felippe II; mas succedeu-lhe seu illustre filho Mauricio (1625), em cujo governo fundou-se a companhia das Indias Orientaes, que gosava de direitos soberanos, do mesmo modo que a antiga confederação hanseatica e a das cidades de Aragão. 1625

Na Hespanha durante esse tempo predominou a politica pacifica do duque de Lerma, mas depois da morte de Felippe III, encetára o conde de Olivares um systema contrario. 1621-1625

Os Hollandezes crearam uma nova Companhia das Indias Occidentaes com o fim de estabelecer na America uma colonia tão lucrativa como a de Batavia, no archipelago de Sonda, pertencente á Companhia das Indias Orientaes. A nova Companhia era dirigida pelo Conselho dos XIX, que para estabelecer a colonia escolheu o Brazil, em rasão de sua proximidade e do abandono em que se achava.

HEROES PORTUGUEZES.

D. Marcos Teixeira, *bispo.*
Mathias de Albuquerque, *governador de Pernambuco.*
D. Fradique de Toledo Ozorio, *almirante hespanhol.*
Lourenço Cavalcanti.
Antonio Cardoso de Barros, *official.*
Francisco Padilha, *official.*
Salvador Corrêa de Sá, *official.*
Diogo de Mendonça Furtado, *governador geral* (1621-1624).

Ao passo que a Hollanda desenvolvia-se extraordinariamente, enfraqueciam-se de dia a dia Portugal e Brazil. Assim explicam-se as grandes vantagens das armas hollandezas na primeira epoca da guerra.

Tomada de S. Salvador pelos Hollandezes (3 de maio de 1624). — Em frente a S. Salvador apresentou-se no dia 1°. de maio de 1624, parte da grande frota hollandeza da Companhia das Indias Occidentaes, que se reunira antes no archipelago dos Açores. O commandante Wilhelm Shouten notando grande confusão na cidade, atacou immediatamente sem esperar o resto da frota com o general Johan van Dorth. Depois de um pequeno bombardeamento o exercito hollandez entrou sem resistencia, aprisionando no proprio palacio o governador Mendonça Furtado, seu filho e mais alguns cavalheiros. Toda a cidade foi occupada pelos Hollandezes. No dia seguinte chegou o general com o almirante Pieter Heyn, que proclamou amnistia geral afim de atrahir os habitantes para a cidade e aproveital-os na agricultura.

O bispo Teixeira, porêm, reanimou os fugitivos que se armaram e formaram pequenos bandos de guerrilhas sob o commando dos capitães Cardoso e Cavalcanti.

Entretanto foi aberta a carta regia que designava para successor de Mendonça Furtado a Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, que seguiu logo para S. Salvador e deu á resistencia mais regularidade.

GOVERNADORES DO BRAZIL.

1583-1624.

Manoel Telles Barreto (1583–1587). D. Francisco de Souza (1592–1602). Diogo Botelho (1607).

2ª. Divisão:

Norte { D. Diogo de Menezes (1610). D. Gaspar de Souza (1616). } *Sul* { D. Francisco de Souza (1610). D. Luiz de Souza (1616). }

GOVERNADORES GERAES.

D. Luiz de Souza (1616–1620) Diogo de Mendonça Furtado (1624).

Os Hollandezes soffreram logo grandes perdas em consequencia de epidemias e outras causas. Seu general Johan van Dorth foi morto em combate singular pelo capitão Padilha. Pieter Heyn sahira com a frota a fazer explorações, mas seu desembarque no Espirito-Santo foi impedido por Salvador Corrêa de Sá, governador do Rio de Janeiro, que se dirigia para o norte em soccorro de S. Salvador. Á guarnição hollandeza tambem faltava regularidade de commando, e houve uma revolta contra Alberto e Wilhelm Shouten, que foram mortos. O commando foi dado a Ernest Kiff.

Finalmente chegára aos Brazileiros soccorro da Europa com o almirante D. Fradique de Toledo Ozorio. A cidade foi cercada por mar e por terra e capitulou a 1°. de maio de 1625.*

Foram os Hollandezes mandados em tres navios para sua patria. No caminho encontraram uma frota que vinha em seu auxilio, mas o almirante Hendrickzoon não quiz atacar.

No dia 1°. de maio de 1625, um anno depois de haver sido S. Salvador tomada por Wilhelm Shouten, arvoraram-se de novo nas muralhas as bandeiras portuguezas vencedoras. A Bahia estava restaurada. Entre os valiosos objectos entregues pelos invasores notam-se duzentos e dezenove canhões.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XIII.

— A que nação annexou-se a Bourgogne em 1477? e como?

— O que eram então a Hollanda e a Belgica? e em que estado se achavam?

— O que em favor destes dois paizes fizeram Maximiliano I e Carlos V?

— Como herdou Felippe II os estados da dynastia Habsburgo-Aragão?

---

* Durante a segunda invasão hollandeza foi S. Salvador atacada mais tres vezes, — por Mauricio de Nassau em 1638; por Lichtart em 1641; e por Sigismundo von Schoppe em 1646, — mas sempre victoriosamente defendida pela bravura dos Portuguezes.

— A quem confiou Felippe II a administração da Hollanda e Belgica? e o que aconteceu no governo de Margarida?

— Para que mandou Felippe II o duque d'Alba para a Hollanda e Belgica? o que fez o tyrannico governador? e qual o resultado de suas crueldades?

— Quem era Guilherme o Taciturno? para onde fugiu? quem o auxiliou? o que conseguiu? e quando?

— Que titulo tomou Guilherme? que nome deu ao paiz que fundou? como e quando morreu? e quem lhe succedeu?

— O que era a Companhia das Indias Orientaes? quando fundou-se e de que direitos gosava?

— Que mudança então se deu na politica de Hespanha?

— Com que fim crearam os Hollandezes a Companhia das Indias Occidentaes? quem era seu presidente? que lugar escolheu para fundar uma colonia? e porque?

— Em que condições achava-se a Hollanda? e Portugal?

— Porque a principio tiveram vantagem os Hollandezes?

— Que acontecimento se deu em S. Salvador em 1°. de maio de 1624?

— Quem era o commandante desta parte da frota? e o que fez?

— Qual foi o resultado do ataque repentino de Wilhelm Shouten?

— Que foi feito da cidade?

— Quando chegou Pieter Heyn e porque proclamou amnistia geral?

— O que fez o bispo D. Marcos Teixeira?

— Quem succedeu a Mendonça Furtado? e como?

— Para onde foi Mathias de Albuquerque? e o que fez?

— Que calamidades soffreram os Hollandezes?

— Como morreu o general Johan van Dorth?

— O que fez Pieter Heyn? e quem o impediu de tomar o Espirito-Santo?

— Como morreram Alberto e Wilhelm Shouten? e a quem foi dado o commando da praça?

— Quem trouxe aos Brazileiros soccorros da Europa? e o que fez D. Fradique? e qual o resultado do sitio?

— Que foi feito dos Hollandezes? e quem encontraram, quando voltavam para a patria?

— Quanto tempo esteve S. Salvador em poder dos Hollandezes?

CAPITULO XIV.

SEGUNDA INVASÃO HOLLANDEZA ATÉ A EXONERAÇÃO DE MATHIAS DE ALBUQUERQUE.

1630-1635.

No intervallo da primeira á segunda invasão hollandeza notam-se algumas explorações de Pieter Heyn nas costas do Brazil, sendo o facto mais importante a tomada dos galeões de ouro do Mexico em 1628. N'um bombardeamento de S. Salvador morreu o capitão Padilha.

O Conselho dos XIX resolveu empregar todas as suas riquezas em colonisar um terreno vasto e fertil, e escolheu a provincia de Pernambuco.

O conde de Olivares avisado dos projectos da Hollanda, mandára ordem a Mathias de Albuquerque para voltar a Pernambuco; havendo já desde 1626 nomeado governador geral

---

HOLLANDEZES.

H. Corneliszoon Loncq, *commandante.*
Adryens Patrid, *almirante.*
Diederich Weerdenburgh, *general.*
Rembach, *general.*
Sigismundo von Schkoppe, *general.*
Lichtart, *general.*
Artichoffsky, *official.*

PORTUGUEZES.

Mathias de Albuquerque, *general.*
D. Antonio Felippe Camarão (Poty), *chefe dos indios.*
Henrique Dias, *chefe dos pretos.*
Antonio de Lima, *capitão.*
Cypriano Pitta Portocarreiro, *capitão.*
Fernandes Vieira, *capitão.*
João de Mattos Cardoso, *capitão.*
Pedro de Albuquerque, *capitão.*
Salvador Azevedo, *prior dos jesuitas.*
Domingos Fernandes Calabar, *pernambucano.*

HESPANHOES.

D. Antonio Oquendo, *almirante.*
Conde de Bagnuolo, *general.*

GOVERNADOR GERAL: Diogo Luiz de Oliveira.

da Bahia a Martinho de Sá, governador do Rio de Janeiro independente de Diogo Luiz de Oliveira.

A Hespanha não poude soccorrer suas colonias por causa de graves crises na Europa: os exercitos hespanhoes foram então batidos na Allemanha por Gustavo Adolfo, o heroico rei da Suecia; em Napoles o aventureiro pescador Mazzanielo proclamára a republica; e a Catalunha e Milão estavam revoltadas por causa de impostos exagerados.

Em 14 de fevereiro de 1630 apresentou-se em frente do Recife a frota hollandeza composta de setenta navios e sete mil homens. Seu commandante Corneliszoon ordenou logo a Adriano Patrid que principiasse o bombardeamento dos fortes S. Francisco e S. Jorge, e debaixo do fogo da artilheria desembarcou com a tropa o general Diederich Weerdenburgh.

Vencida a pequena resistencia que tinha Mathias de Albuquerque preparado sobre o rio Doce, perto de Pau-Amarello, foi tomada Olinda. Só o convento dos jesuitas estava disposto para a defesa, mas o prior Azevedo entregou-o sem combate, ao passo que o capitão Lima defendeu-se valentemente por quinze dias nas fortalezas, obtendo por fim licença para retirar-se com as armas.

Os Pernambucanos, como os Bahianos em 1624, passado o primeiro susto, recobraram animo e influidos por seu valente chefe Mathias de Albuquerque, começaram uma forte resistencia contra as forças superiores de Corneliszoon Loncq. Habil estrategico, Mathias de Albuquerque estabeleceu o acampamento do Bom-Jesus entre Olinda e Recife e confiou a seus proprios chefes o commando das differentes raças com que foi obrigado a formar seu exercito. Os colonos portuguezes eram

---

CONTEMPORANEOS (1624–1635).

ALLEMANHA:	Fernando III (1619–1637).	PAPAS:
FRANÇA:	Luiz XIII (1610–1643).	Paulo V (1605–1621).
INGLATERRA:	Diogo I (1625).	Gregorio XV (1623).
	Carlos I (1649).	Urbano VIII (1644).

commandados por Fernandes Vieira; os indios por Felippe Camarão; e os negros por Henrique Dias. Este exercito formado de tres raças differentes, durante cinco annos conservou-se unido combatendo pela patria e pela religião que professavam.

Em 1631 chegaram para ambos os partidos reforços da Europa. As duas esquadras encontraram-se nas aguas da Bahia. A nau almirante de Adriano Patrid incendiou-se logo no principio da luta, e elle julgando a batalha perdida, lançou-se ao mar com seu pavilhão exclamando: "O oceano é a unica sepultura digna de um almirante vencido."

D. Antonio Oquendo, almirante hespanhol, desembarcou parte de suas tropas na Bahia e outra parte nas Alagoas, sob o commando do conde de Bagnuolo, que sem detença marchou para o arraial do Bom-Jesus. Assim poude Mathias de Albuquerque começar a offensiva com bom resultado, e expulsou os Hollandezes de Potengy (Rio Grande do Norte), de Nazareth (Pernambuco) e de Porto-Calvo (Alagoas). 1631

Nestes combates distinguiram-se os capitães Pitta Portocarreiro, Cardoso e Pedro de Albuquerque.

A felicidade das armas brazileiras durou até 1632, quando os Hollandezes receberam consideraveis reforços e os excellentes generaes Rembach, Lichtart, Sigismundo von Schkoppe e Artichoffsky. 1632

Alem disso desertou para o acampamento de Weerdenburgh o pardo Calabar, o Iphialtes do Brazil, que mostrou aos Hollandezes os caminhos pelos quaes poderiam mais facilmente derrotar as forças de Mathias de Albuquerque.

1624. — Tomada de S. Salvador por Wilhelm Shouten.

1625. — Retomada de S. Salvador por D. Fradique de Toledo Ozorio.

1628. — Captura dos galeões do Mexico por Pieter Heyn.

1630. — Segunda invasão hollandeza no Recife. Arraial do Bom-Jesus.

1631. — Combate naval na Bahia e victoria do almirante hespanhol D. Antonio Oquendo sobre o hollandez Adryens Patrid, que atirou-se ao mar. Incendio de Olinda por Weerdenburgh. Expulsão dos Hollandezes do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e das Alagoas.

No anno seguinte reconquistaram os Hollandezes todas as fortalezas perdidas, apezar de heroicas resistencias, como a do Leonidas de nossa historia, Pedro de Albuquerque, o heroe do
1633 forte do Rio Formoso, o qual com vinte homens defendeu-o contra o exercito hollandez, até perder o ultimo de seus soldados (tal qual o valente rei de Esparta nas Thermopylas), e a quem os proprios Hollandezes honraram exaltando sua admiravel coragem.

Animado por estas victorias preparou Rembach o ataque do campo do Bom-Jesus, mas foi repellido e morto.

Em 1631 fôra Olinda incendiada por Weerdenburgh.*

Tendo Mathias de Albuquerque em 1634 noticia de uma ex-
pedição hollandeza contra o Maranhão, reuniu suas ul-
1634 timas forças e atacou o Recife; mas foi mal succedido e
1635 este grande revez accarretou-lhe no mesmo anno a perda do seu acampamento do Bom-Jesus (1635).

Entretanto foram pelos Hollandezes occupadas as costas de Pernambuco e Alagoas, e Mathias de Albuquerque temendo perder as communicações com a Bahia, preparou a retirada. Com grande patriotismo reuniram-se ao seu exercito muitas familias pernambucanas, em numero de mais de oito mil pessoas.

Na marcha para as Alagoas atacou Porto-Calvo, que tomou de assalto, aprisionou o commandante Picard e condemnou á forca o traidor Calabar, que ahi foi encontrado. A fortaleza foi arrazada, o que prova a fraqueza de Mathias de Albuquerque, que empregou todos os meios possiveis para defender sua provincia.

Este grande general e patriota foi mal recompensado pelo conde de Olivares, que desconhecendo seus serviços, mandou exoneral-o vergonhosamente e substituir pelo general Rojas y

---

* Era naquelle tempo tradição popular que o incendio de Olinda havia sido um anno antes prophetisado por frei Rosario, que annunciára: "Em um anno será incendiada Olinda por Olanda."

Borjas, que chegou com o novo governador geral Pedro da Silva o Duro (1635–1638).

Cinco annos mais tarde, no dia 1°. de dezembro de 1640, foi declarada a independencia de Portugal por D. João IV, que deu a Mathias de Albuquerque o commando de uma força consideravel, com a qual alcançou sobre os Hespanhoes a victoria do Mondego. Talvez seja este na historia o unico exemplo de um general vingar-se dignamente de um rei.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XIV.

— Que acontecimentos se deram no intervallo da primeira á segunda invasão hollandeza?

— Onde morreu o capitão Padilha?

— O que fez o Conselho dos XIX relativamente a Pernambuco?

— O que ordenára o conde de Olivares a Mathias de Albuquerque? e porque?

— Quem era o governador geral?

— Quem era Martinho de Sá? e em que anno foi nomeado governador geral?

— Porque não soccorreu a Hespanha a sua colonia brazileira?

— Que aconteceu ao exercito hespanhol na Allemanha?

— Quem era Gustavo Adolfo?

— O que fizera o pescador Mazzanielo em Napoles então sujeito á Hespanha?

1632. — Chegam poderosos reforços para os Hollandezes.

1633. — Tomada do Forte do Rio Formoso por Sigismundo von Schkoppe. Ataque mallogrado do Bom-Jesus. Rembach morto.

1634. — Expedição hollandeza contra o Maranhão. Ataque mallogrado do Recife por Mathias de Albuquerque. Tomada do Bom-Jesus pelos Hollandezes.

1635. — Retirada de Mathias de Albuquerque de Pernambuco. Assalto de Porto-Calvo (Alagoas); prisão de Picard; morte de Calabar. Chegada de Pedro da Silva e de Rojas y Borjas. Exoneração de Mathias de Albuquerque.

— Qual a causa da revolta da Catalunha e Milão?

— Quando apresentou-se no Recife a frota hollandeza? de quantos navios se compunha? e que forças trazia?

— Quem era o commandante e o que fez logo que chegou?

— Como desembarcou Weerdenburgh? onde encontrou resistencia? e que cidade tomou?

— Estava Olinda preparada para defender-se?

— Qual foi o procedimento do prior Azevedo?

— O que fez nestas circumstancias o valente capitão Lima?

— Passado o primeiro susto, o que resolveram os Pernambucanos?

— Onde fortificou-se Mathias de Albuquerque? e a quem deu o commando das differentes raças de que se compunha seu pequeno exercito? Quem commandava os Portuguezes? os indios? os negros?

— Que sublimes laços moraes ligaram por cinco longos annos estas tres raças tão differentes em condição, costumes e cultura?

— Quando chegaram reforços da Europa?

— Onde se encontraram as duas esquadras?

— O que aconteceu á náu almirante de Patrid? E qual foi o resultado deste incendio?

— Quem era o almirante hespanhol? e o que fez?

— Quem era o conde de Bagnuolo? e para onde se dirigiu?

— Porque tomou Mathias de Albuquerque a offensiva? e donde expulsou os Hollandezes?

— Que chefes se distinguiram nesses ataques?

— Quanto tempo durou a felicidade das armas brazileiras?

— Que vantagem tiveram então os Hollandezes?

— Quem era Calabar? e porque é comparado com Iphialtes?

— Que fizeram os Hollandezes em 1633?

— Quem era Pedro de Albuquerque? que guarnição commandava? e como se portaram seus soldados?

— Que parallelo tem na historia a heroicidade de Pedro de Albuquerque e de seus vinte companheiros de armas?

— Como foi a sua briosa resistencia apreciada pelos proprios inimigos?

— Que aconteceu a Olinda em 1631? e por quem foi incendiada?

— O que resolveu Mathias de Albuquerque em 1634?

— Que desastre lhe sobreveiu em 1635?

— Que posições foram então occupadas pelos Hollandezes?

— Porque determinou Mathias de Albuquerque a retirada?

— Que bello exemplo de patriotismo deram então os Pernambucanos?

— O que aconteceu em Porto-Calvo? Quem era o commandante da praça? e que foi feito delle? Como trataram ao traidor Calabar?

— Porque foi a fortaleza arrazada?

— Que recompensa da Hespanha tiveram os serviços de Mathias de Albuquerque?

— Quem era Rojas y Borjas? com quem veiu? e quando?

— Como se vingou Mathias de Albuquerque de Felippe IV? quando?

— Quem foi acclamado rei de Portugal em 1640?

— Que circumstancias concorreram para ennobrecer a vingança do heroico governador de Pernambuco?

CAPITULO XV.

GUERRA HOLLANDEZA DESDE A EXONERAÇÃO DE MATHIAS DE ALBUQUERQUE ATÉ A INDEPENDENCIA DE PORTUGAL E ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV NO BRAZIL.

1635–1641.

O novo commandante hespanhol, Rojas y Borjas, contra a opinião dos valentes capitães dos Independentes,* tomou a ofensiva; mas perdeu com seu exercito a vida na batalha da Matta-Redonda (1636).

1636

Os bandos de guerrilheiros foram outra vez reunidos pelo conde de Bagnuolo, que encetando um systema de sortidas, sustentou a guerra nos dois annos que se seguem (1636–1638). Nesses combates distinguiram-se o indio *Camarão*, o preto *Henrique Dias* e os capitães *Rebello*, *Souto* e *André Vidal de Negreiros*.

Principiam tambem na Hollanda as lutas politico-religiosas (Agostinianos e Pelagianos, Orangistas e Republicanos) e por isso Artichoffsky não recebeu reforços.

Horrorosas crueldades de parte a parte assignalam esta epoca, em que formaram-se tambem os bandos dos Palmares (Quilombos).

Este estado de guerra sem vantagens decisivas mudou-se completamente para os Hollandezes com a chegada do principe Mauricio de Nassau-Orange.

1637

O Conselho dos XIX resolvido a dar a sua colonia mais estabilidade, reuniu o poder militar e administrativo n'uma só

---

* Nome que tomára o pequeno, mas bravo exercito de Mathias de Albuquerque.

pessoa — o neto de Guilherme o Taciturno, o principe Mauricio de Nassau, que alem de illustre nascimento, possuia os grandes dotes de bom estrategico e excellente administrador. Assim tinha um poder quasi absoluto.

Chegando este principe ao Recife em 1637, fez uma reforma radical na administração, diminuiu os impostos e proclamou a tolerancia religiosa. Por sua intelligencia, suas qualidades e seu poder poz elle em grande perigo as possessões portuguezas no Brazil.

Em seguida marchou para as Alagoas, e tendo dahi expulsado a Bagnuolo com suas guerrilhas, marcou por limite do dominio hespanhol o rio de S. Francisco ao sul, onde levantou tres fortes a que deu seu nome: *Mauricio*, *Nassau*, e *Orange*. Reedificou Olinda incendiada por Weerdenburgh e deu-lhe tambem o nome de *Mauricéa* (1637). 1637

Em 1638, a instancias do Conselho dos XIX, armou uma expedição contra S. Salvador.

O governador Pedro da Silva, auxiliado por Bagnuolo, repelliu a frota hollandeza, que vingou-se destruindo os arrebaldes da cidade e as fazendas da ilha de Itaparica. 1638

Chegando estas noticias a Portugal, preparou-se logo uma frota, cujo commando foi dado ao conde da Torre, D. Fernando de Mascarenhas, tambem nomeado governador geral (1638–1640). Era esta a maior armada que jamais viram as aguas do Brazil. 1639

O conde da Torre com a idéa de reforçar a sua esquadra retardou o ataque, deixando assim que os inimigos recebessem soccorros; e só dez mezes depois, quando reuniu á armada mais vinte e tantos navios, com os quaes elevou o numero de seus vasos a oitenta e nove, decidiu-se a dar a vela para Pernambuco. Como a *invencivel armada*, porêm, foi tambem esta destruida em maior parte pelos temporaes, de sorte que sua

STATHOLDERS DA HOLLANDA.
Frederico I (1625–1647).

aniquilação pouco custou á frota hollandeza sob o commando de Corneliszoon e Lichtart.

O conde da Torre foi exonerado e substituido por D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, primeiro vice-rei do Brazil, o qual foi elevado a esta dignidade afim de entrar em conferencias com o principe Mauricio.

Os projectos de paz não se realisaram por causa do grande acontecimento de 1°. de dezembro de 1640 em Portugal, que foi declarado independente pela revolução de Lisboa e acclamado rei D. João IV que foi reconhecido por todas as possessões portuguezas.

1640

Apezar de ter o cardeal de Richelieu preparado a *Restauração* de Portugal, e de continuar a auxilial-a contra a Hespanha,

---

CONTEMPORANEOS.

UNIÃO IBERICA — *Dynastia de Aragão* (1581–1640):

Felippe II (1581–1598). Felippe III (1621). Felippe IV (1665), 1640

PORTUGAL — *Dynastia de Bragança* (1640–1822):

Catharina Guimarães = Luiz de Bragança

D. João IV (1640–1656) = D. Luiza de Guzman

Stuarts
Carlos II = D. Catharina — D. Affonso VI (1667) 1683† — D. Pedro II (1706) — D. João V (1750).

INGLATERRA — *Dynastia Stuart* (1603–1714):

Carlos I (1625–1649). Republica (1649–1659), Cromwell.

FRANÇA — *Dynastia Bourbon* (1589–1789):

Luiz XIII (1610–1643). Luiz XIV (1715).

ALLEMANHA — *Dynastia Habsburgo-Styria* (1619–1740):

Fernando II (1619–1637). Fernando III (1657).

ITALIA — PAPAS:

Urbano VIII (1623–1644). Innocencio X (1655).

que immediatamente declarou a guerra a Portugal, achou-se D. João IV nimiamente fraco e por todas as formas tratou de alliar-se ás nações européas afim de ser legitimamente reconhecido, e com effeito o foi pelo tratado de Westphalia (1648).

Esta fraqueza de D. João IV teve as peiores consequencias para o Brazil. O principe Mauricio, aproveitando a occasião, occupou os terrenos ao sul do S. Francisco (Sergipe) e tomou por limite o rio Real. Mandou tambem atacar a Bahia pelo general Joppert Lichtart (1640); mas ainda desta vez sem resultado. Deu então Lichtart á vela para Maranhão e estendeu a colonia hollandeza sobre grande parte da provincia. Estavam então os Hollandezes senhores de mais de 300 leguas de costa desde o rio Gurupy até o rio Real.

A proclamação de D. João IV produziu no Brazil dous accidentes singulares: —

1°. O marquez de Montalvão prohibiu na Bahia as festividades da Restauração e por isso foi preso e mandado para a Europa, ficando com o governo o bispo D. Pedro da Silva, que administrou a colonia por dois annos (1640–1642) até a chegada do novo governador Antonio Telles da Silva (1642–1646). 1642

2°. Em S. Paulo havia indisposição do povo contra os jesuitas, que foram expulsos por causa da liberdade dos indios, e contra os administradores da alfandega; e tal era o resentimento que os revoltosos declararam-se independentes de Portugal e acclamaram rei a um popular chamado Amador Bueno, que com grande tino abafou a revolta, e fez proclamar a D. João IV. 1640

GOVERNADORES DO BRAZIL.

Pedro da Silva o Duro (1635–1638).
D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, 1°. Vice-rei (1640).
D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão (1641).
IV Governo Provisorio — D. Pedro da Silva, bispo (1642).

QUESTIONARIO.—CAPITULO XV.

— Quem era Rojas y Borjas? o que fez? que opposição encontrou? qual o resultado do ataque? e onde se deu?

— Como poude o conde de Bagnuolo sustentar a guerra por mais dois annos?

— Que acontecimentos se deram então na Hollanda? e qual o resultado delles para o Brazil?

— No Brazil que ha de notavel neste periodo?

— Que chefe importante mandaram os Hollandezes para o Brazil em 1637? e que effeito produziu sua chegada?

— Que poderes tinha o principe Mauricio? quem lh' os concedeu? e porque?

— A que familia pertencia este principe? e quaes eram as qualidades que o caracterisavam?

— Qual foi seu primeiro cuidado ao chegar ao Recife?

— Porque poz elle em grande perigo o dominio hespanhol no Brazil?

— Qual foi a primeira capitania que atacou? a quem expulsou dahi? e onde marcou o limite do dominio hespanhol?

— Que fortalezas levantou? e onde?

— Que cidade reedificou e que nome lhe deu?

— Quando tentou atacar S. Salvador? e porque?

— Quem era o governador geral do Brazil? e por quem foi auxiliado na defesa da Bahia?

— Qual foi o resultado do ataque contra a Bahia?

— Como se vingaram os Hollandezes?

— Que effeito produziu em Portugal a noticia do ataque contra a Bahia?

— Quem foi o governador geral nomeado em 1639?

— Porque demorou o conde da Torre em atacar os Hollandezes? e qual foi o resultado da demora?

— Quando resolveu atacar? quantos navios tinha? e o que succedeu a sua numerosa esquadra?

— Quem era o commandante da frota Hollandeza?

— Como foi tratado pelo governo o conde da Torre? e quem o substituiu? com que titulo? e para que?

— O que impediu que se firmasse a paz?

— Porque grande estadista foi preparada a Restauração de Portugal?

— O que fez a Hespanha?

— Como se achava D. João IV apezar da protecção da França? e qual foi o seu primeiro cuidado?

— Por que tratado foi a independencia de Portugal reconhecida? e quando?

— O que soffreu o Brazil por causa da fraqueza de D. João IV?

— De que terrenos se apoderou o principe Mauricio?

— O que foi ordenado a Lichtart em 1640? com que resultado atacou a Bahia? para onde se dirigiu? e sobre que capitania estendeu o dominio hollandez?

— Que extensão da costa estava em poder dos Hollandezes? e quaes seus limites?

— Que incidentes se deram no Brazil por occasião da acclamação de D. João IV?

— O que fez na Bahia o marquez de Montalvão? quem era elle? e o que lhe aconteceu?

— Quem tomou conta do governo? por quanto tempo?

— Quando chegou o novo governador geral? como se chamava? e quanto tempo governou?

— Que acontecimento se deu em S. Paulo em 1641?

— Qual a causa da revolta?

— Porque foram expulsos os jesuitas?

— O que fez Amador Bueno?

CAPITULO XVI.

GUERRA HOLLANDEZA NO BRAZIL DESDE A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL ATÉ A CAPITULAÇÃO DA CAMPINA DE TABORDA.

1641-1654.

Não podendo o principe Mauricio de Nassau, por causa das desconfianças do Conselho dos XIX, aproveitar-se do estado de fraqueza em que se achava o Brazil depois do dominio hespanhol, resolveu deixar o governo, e em 1644 retirou-se
1644 sem esperar successor, tão acabrunhado estava de desgostos.

Com a noticia da sua retirada cobraram de novo animo os Brazileiros.

Do lado dos Hollandezes havia abatimento por causa de revoltas internas e depois pela guerra contra a Inglaterra. O Conselho dos XIX tomou medidas imprudentes que enfraqueceram a administração e desgostaram os Brazileiros que se haviam estabelecido na colonia hollandeza.

O governo foi confiado a um triumvirato de avarentos e fanaticos negociantes: Hamel, Boolstrate e Bass. O exercito era commandado pelo general Haus. Os impostos se augmentaram.

Tal era o estado dos Hollandezes quando começaram os motins. A primeira revolta deu-se no Maranhão, e seguiu-se o audacioso projecto de Fernandes Vieira de expulsar os Hollandezes de Pernambuco, e para isso formou-se uma conspiração.

GOVERNADORES-GERAES DO BRAZIL.

Antonio Telles da Silva (1642-1646).
Antonio de Souza de Menezes (1650).
João Rodrigues de Vasconcellos e Souza (1654).

Desde então volta a felicidade para as armas portuguezas, o que foi em grande parte devido ás circumstancias favoraveis de enfraquecimento do adversario, a principio por intranquillidades internas e mais tarde pela guerra dos Hollandezes contra Cromwell, que proclamára a republica na Inglaterra em 1649; mas sobretudo pelo valor dos heroes do antigo acampamento do Bom-Jesus, os quaes em 1645, dez annos depois da retirada de Mathias de Albuquerque, conquistaram sua provincia, para dahi a nove annos, em 1654, expulsarem do Brazil os Hollandezes. O mais importante dos chefes desta memoravel campanha de vinte annos é Fernandes Vieira, natural da ilha da Madeira, cabeça da conspiração do Recife. 1645

Esta conspiração foi planejada com grande tino. Vidal de Negreiros, official portuguez, havia preparado a juncção das forças de Camarão e de Henrique Dias nas proximidades do Recife. Já estava marcado o dia do rompimento, quando levaram uma denuncia do projecto aos triumviros. O general Haus declarou a cidade em estado de sitio. Os principaes compromettidos, Fernandes Vieira, Cardoso e Maciel Parente, fugiram para o acampamento de Henrique Dias e Camarão, onde Vieira foi proclamado presidente dos Insurgentes para continuar a guerra a todo o transe. Esta patriotica resolução sustentou-se mesmo quando os insurgentes receberam de Pernambuco ordens do governo para cessar a guerra. 1645

Eram estes valentes bem poucos, mas em seus peitos de heroes ferviam a fé e o patriotismo, que os tornavam invenciveis. Tomaram uma nova bandeira com a divisa — "*Deus e Liberdade*," — e sem auxilio algum dos Portuguezes alcançaram as primeiras victorias.

STATHOLDERS DA HOLLANDA.

Frederico I (1625–1647).
Guilherme II (1650).
João Witt e Cornelio Witt (1650–1672), *Republica.*
Guilherme III (1672–1702), rei de Inglaterra (1688).

Assim nasceu o povo brazileiro formado das tres principaes raças humanas que, segundo a tradição biblica, foram expulsas da Asia pela confusão das linguas, durante a construcção da torre de Babel, e talvez desde então pela primeira vez reunidas neste paraizo do novo mundo.

A jovem nação recebeu logo o baptismo de sangue na victoria das *Tabocas* (3 de agosto de 1645), em que este pequeno bando de insurgentes bateu completamente o general Haus com um exercito bem disciplinado e aguerrido, obrigando-o a refugiar-se no Recife.

Algum tempo depois chegaram reforços de tropas regulares guiadas por Vidal de Negreiros, com que puderam reoccupar grande parte de Pernambuco.

Vidal de Negreiros viera do reino em 1642 com o governador Antonio Telles da Silva (1642–1646), e quando se despediu do rei, recebeu a promessa do governo do Maranhão, logo que fosse restaurada. Ora, havendo-se os Maranhenses revoltado contra as exacções e a tyrannia dos conquistadores, conseguiram expulsal-os completamente em 1644. Portanto D. João IV em conformidade de sua promessa nomeou a Vidal de Negreiros governador e capitão-general do Maranhão.

Com o intuito de diminuir o commercio hollandez havia o governador-geral Antonio Telles da Silva ordenado a André Vidal de Negreiros que destruisse as plantações de canna de assucar em redor de Pernambuco. Esta ordem foi rigorosamente executada por Vieira e Negreiros, que principiaram pela devastação e incendio de suas proprias fazendas.

CONTEMPORANEOS.

INGLATERRA . . .	*Stuarts* (1603–1714): Carlos I (1625–1649). *Republica* (1649–1659): Cromwell.
FRANÇA	*Bourbons* (1589–1789): Luiz XIII (1610–1643). Luiz XIV (1715.)
ITALIA	***Papas:*** Urbano VIII (1623–1644). Innocencio X (1655).

Nessa occasião escapou Fernandes Vieira de ser victima de uma tentativa contra sua vida.

Em 1646 receberam os Hollandezes reforços consideraveis com o general Sigismundo von Schkoppe, que em balde publicou amnistia geral e grandes promessas de dinheiro aos insurgentes que quizessem voltar para Pernambuco. Este general foi tambem mal succedido no ataque que então dirigiu contra a Bahia (1647). Só conseguiu apoderar-se da ilha de Itaparica, mas chamado a toda a pressa para o Recife, teve de abandonar sua conquista. 1647

D. João IV havia sido até então obrigado a empregar grande astucia para com a Hollanda, por não poder executar-se o armisticio, visto não ser possivel ao rei impedir as hostilidades dos insurgentes pernambucanos, nem auxilial-os convenientemente, estando em circumstancias realmente embaraçosas por falta de recursos, por se estarem dando em Munster as negociações de paz que precederam o tratado de Westphalia (1648), pelo qual esperava ser reconhecida, como foi, a independencia de Portugal, e pela continuação da guerra contra a Hespanha. Portanto mandára ordem official aos insurgentes que cessassem as hostilidades; mas os chefes pernambucanos responderam aos dois jesuitas, portadores do decreto real, que *iriam receber o castigo de seu crime de desobediencia depois de expulsar de Pernambuco o estrangeiro invasor.*

Mas á vista da ostensiva aggressão de Sigismundo von Schkoppe contra a Bahia, tomou finalmente D. João IV medidas mais energicas.

Antonio Telles da Silva foi substituido por Antonio de Souza de Menezes, conde de Villa Pouca de Aguiar, que governou até 1650. Este novo governador trouxe reforços sob o commando de seu irmão Francisco Barreto de Menezes, nomeado pelo rei general em chefe dos Pernambucanos, o qual foi preso pelos Hollandezes; mas conseguindo escapar, chegou ao acampamento de Vieira, e ganhou logo as sympathias daquelle exercito composto dos elementos mais heterogeneos. 1646

Em 1648 decidiu Sigismundo atacar energicamente o exercito pernambucano, que se tinha aproximado da cidade até ás collinas dos *Guararapes;* mas suas forças foram derrotadas e elle proprio ficou gravemente ferido (19 de abril de 1648). Os heroes desta famosa victoria, que mais se distinguiram, foram: Cardoso, Henrique Dias e Camarão com sua mulher D. Clara.

1648 O celebre chefe da tribu dos Potyguaras, o Commendador D. Antonio Felippe Camarão, capitão-mór dos indios, morreu neste mesmo anno (1648).

Chegaram em principios de 1649 novos reforços aos Portuguezes, e Sigismundo cercado no Recife mandou o coronel Van den Brincke com um forte exercito postar-se outra vez nos montes *Guararapes* em posição bem escolhida.

1649 A segunda derrota foi ainda mais completa que a primeira: entre os mortos acharam-se o general hollandez e Henrique Dias (19 de fevereiro de 1649).

João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, conde de Castel Melhor, succedeu em 1650 ao conde de Villa Pouca de Aguiar, e governou até 1654.

1650 Em 1650 formou-se em Lisboa, pelo modelo das companhias commerciaes da Hollanda, uma *Companhia Geral do Commercio*, mais tarde desacreditada sob o nome de *Junta do Commercio*, a qual se obrigava a defender com séus navios as costas do Brazil.

A primeira frota da Companhia Geral sob o commando do almirante Magalhães chegou ao Brazil em 1653 e principiou a bloquear por mar o Recife que já o era por terra.

Não podendo mais a Hollanda soccorrer sua colonia, Sigismundo depois de uma briosa defesa de nove mezes e de perdidos todos os fortes até o de Cinco-Pontas, defronte do qual extende-se a campina de Taborda, teve de aceitar a honrosa capitulação que lhe offereceu Barreto de Menezes com seus officiaes de estado maior, Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros.

Tratado de Taborda. — Foi permittido a Sigismundo e suas tropas retirarem-se com as honras da guerra do Recife, de Pernambuco e de todos os outros pontos que ainda estavam em seu poder; mas obrigado a deixar todo o armamento, maquinas de guerra e munições que tinha no Brazil. 1654

Os Portuguezes prometteram tolerancia e que deixariam tempo aos Hollandezes para terminar seus negocios com os particulares.

Este tratado foi confirmado pelo governador geral Rodrigues de Vasconcellos (1650–1654).

Os valentes guerreiros de Pernambuco foram recompensados pelo rei com grande munificencia. Negreiros e Cardoso tiveram o foro de fidalgos com grandes rendimentos. A familia do indio Camarão foi declarada nobre. Henrique Dias foi esquecido, mas em compensação deram os Bahianos a um batalhão da cidade o nome do heroico e piedoso patriota, de quem o grande orador, Antonio Vieira, então prégador sagrado em S. Salvador, fallava em seus sermões com tanta admiração.

Não obstante o tratado de Taborda, ainda por sete annos conservou-se inimizade entre a Hollanda e Portugal; mas não houve combates por causa da fraqueza de ambas as nações.

Em Portugal continua a guerra com a Hespanha.

Em 1656 morreu D. João IV e tomou a regencia D. Luiza de Guzman, durante a minoridade de seu filho Affonso VI.

Na Hollanda continuaram as revoltas dos partidos — Orangista e Republicano. Em 1653 rompeu a guerra contra Cromwell e os melhores almirantes hollandezes, Witt, Heyn, Van Tromp e Ruyter foram batidos.

Finalmente a 16 de agosto de 1661 celebrou-se o tratado de Haya por intervenção de Carlos II, Stuart, casado com Catharina de Bragança. Este tratado determinava que Portugal entregaria todos os objectos hollandezes que ainda se achassem no Brazil. Portugal, Inglaterra e Hollanda celebraram alliança intima que conservaram até os tempos modernissimos.

Resultados da guerra hollandeza para o Brazil:

1°. O desenvolvimento da produção. Os Hollandezes então a primeira nação commercial, continuaram depois da guerra o commercio com o Brazil, espalhando pelo mundo inteiro a fama de seus productos agricolas.

2°. O principio da união intima entre as capitanias, até então completamente isoladas.

3°. O nascimento da nacionalidade brazileira. Os defensores do Bom-Jesus (1630–1635), depois insurgentes de Pernambuco (1645–1654) podem ser considerados como os verdadeiros fundadores da nação brazileira.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XVI.

— O que fez o principe Mauricio em 1644? e como se retirou?

— Qual o effeito de sua retirada sobre os Brazileiros?

— Que calamidades soffreram os hollandezes nessa epoca?

— O que fez o Conselho dos XIX relativamente ao Brazil?

— Quem eram os governadores da colonia hollandeza no Brazil?

— Quem commandava o exercito hollandez em Pernambuco?

— Onde se deu a primeira revolta contra os Hollandezes?

— O que projectou Fernandes Vieira?

— Qual a causa das vantagens obtidas pelos Portuguezes sobre os Hollandezes?

— Quaes as causas de enfraquecimento da parte dos Hollandezes?

— Que fizeram em 1645 os heroes do Bom-Jesus? e em 1654?

— Quem foi o chefe mais importante dos Independentes?

— Que parte tomou Vidal de Negreiros na conspiração do Recife?

— O que fez mallograr o projecto?

— Que medidas tomou o general Haus?

— Quem eram os mais compromettidos? e o que fizeram?

— Que posição occupou Vieira entre os Insurgentes? e com que condições?

— Foram essas condições annuladas pelo governo?

— Que sentimentos animavam este pequeno grupo de insurgentes?

— Que divisa tomaram para sua bandeira? e como alcançaram as primeiras victorias?

— Como se pode considerar na historia do Brazil esta heroica resolução dos insurgentes de Pernambuco? De quantas raças se compunha este nucleo patriotico?

— Em que dia memoravel receberam o baptismo de sangue?

— O que succedeu ao general Haus?

— Quem trouxe reforços aos insurgentes? e o que conseguiram elles?

— Quando viera de Portugal Vidal de Negreiros?

— Quem foi nomeado governador geral do Brazil em 1642? e quantos annos governou?

— Que promessa fizera D. João IV a Negreiros?

— Qual foi a causa da revolta do Maranhão? seu resultado? e em que anno foram os Hollandezes expulsos?

— Que cargo exerceu Vidal de Negreiros no Brazil?

— Porque ordenou o governador geral a destruição dos cannaviaes de Pernambuco?

— Como foi tal ordem cumprida por Vieira e Negreiros?

— De que escapou então Fernandes Vieira?

— Quem chegou da Hollanda em 1646? e o que fez?

— Que cidade atacou Sigismundo? quando? com que resultado? e porque abandonou a conquista?

— Qual foi a politica de D. João IV para com a Hollanda?

— Porque não auxiliou o rei aos Pernambucanos?

— Que relação tem com Portugal e Brazil o tratado de Westphalia?

— Em que anno foi pela Europa reconhecida a independencia de Portugal?

— Que ordem mandára o rei aos chefes dos insurgentes? e que digna resposta deram elles aos dois jesuitas que lh'a levaram?

— Que fez D. João IV ao receber a noticia do ataque da Bahia?

— Quem foi nomeado governador geral? quanto tempo governou?

— Quem era Francisco Barreto de Menezes? e quando veiu? o que lhe aconteceu em Pernambuco?

— O que fez Sigismundo em 1648?

— Quando se deu a batalha dos Guararapes? e com que resultado?

— Quaes os chefes insurgentes que mais se distinguiram?

— Que aconteceu a Camarão em 1648? e que titulos tinha?

— Que fez Sigismundo em 1649?

— Quando foi pelejada a segunda batalha dos Guararapes? e com que resultado? Que bravos guerreiros foram encontrados entre os mortos?

— Quem succedeu no governo geral ao conde de Villa Pouca de Aguiar? e quando?

— Quando e onde se formou a Companhia Geral do Commercio?

— Quando chegou ao Brazil o almirante Magalhães? e o que fez em Pernambuco?

— Como resistiu Sigismundo? por quanto tempo? porque capitulou? a quem se rendeu? e com que condições?

— Quaes foram as principaes estipulações do tratado de Taborda relativamente aos Hollandezes? e aos Portuguezes? quem o confirmou? e quando?

— Como foram recompensados os chefes pernambucanos?

— Que graças foram concedidas a Negreiros e Cardoso? á familia de Camarão? Qual foi a recompensa do bravo Henrique Dias?

— Quem foi Antonio Vieira?

— Quanto tempo durou a inimizade entre Portugal e a Hollanda? e porque não houve ataques?

— Havia a Hespanha feito paz com Portugal?

— Em que anno morreu D. João IV? quem tomou a regencia? e porque?

— Que acontecimentos se deram então na Hollanda?

— Quando rompeu a guerra contra Cromwell?

— Que almirantes hollandezes soffreram revezes?

— Quando foi celebrado o tratado de Haya? por intervenção de quem? o que estipulou relativamente a Portugal? e que alliança foi feita entre Portugal, Inglaterra e Hollanda?

— Quaes foram os resultados da guerra hollandeza para o Brazil?

— Porque se desenvolveu a produção agricola no Brazil?

— Porque é na historia essa epoca considerada como a da formação da nação brazileira?

CAPITULO XVII.

ERROS ADMINISTRATIVOS. — LUTAS ENTRE OS JESUITAS E OS COLONOS.

Desde 1640 que o Brazil voltára ao dominio de Portugal, mas continuaram os erros administrativos e a falta de centralisação do governo; accrescendo a esses males os prejuizos provenientes do monopolio e dos privilegios de que gosava a Companhia Geral do Commercio. 1654

No Rio de Janeiro amotinou-se o povo por occasião do lançamento de novos impostos pelo governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que tendo partido para S. Paulo, deixára em seu lugar a Thomé C. de Alvarenga. Os revoltosos depuzeram o governador interino e nomearam para esse 1660 cargo a Agostinho Barbalho, que com grande habilidade socegou o povo, promettendo-lhe que obteria do rei a remoção de todos os aggravos.

Voltando o governador foram os chefes rebeldes presos e mandados para o reino com Barbalho, cuja fidelidade foi recompensada com a doação da ilha de Santa Catharina.

Havia tambem graves erros na administração ecclesiastica e cada vez tornavam-se mais frequentes as lutas entre os jesuitas e os colonos.

Não será fóra de lugar dar aqui algumas explicações sobre a poderosa associação que se denomina — Companhia de Jesus.

Foi a Companhia de Jesus creada por Paulo III no mesmo anno em que elle reuniu o concilio Tridentino (1545). Immediatamente alcançaram os jesuitas a maior preponderancia sobre as nações da Europa, concorrendo para isso tres causas principaes:

1ª. O exemplo de seu fanatico fundador, Ignacio de Loyola e o de seus habeis companheiros. Elles deram á ordem essa organisação militar que exige dos discipulos obediencia absoluta e sacrificio não só individual, como tambem da familia e da patria. Entre os mais illustres dos fundadores notam-se: Leinitz, segundo grãomestre, o grande orador do concilio de Trento; S. Francisco Xavier, que tão celebre tornou-se na India; Nobrega e Anchieta, os primeiros provinciaes do Brazil-colonia.

2ª. Os grandes privilegios, que dos papas e reis catholicos recebeu a ordem, especialmente o de possuir vastos terrenos e tratar de negocios profanos.

3ª. A opportunidade da fundação. A maior parte das antigas ordens já não existiam: a dos Templarios fôra abolida em 1314, assim como as hespanholas de S. Thiago de Calatrava, e de Alcantra por Fernando o Catholico em 1500, e as portuguezas de Aviz e de Christo por D. João II. De sorte que as unicas ordens então importantes eram as dos Dominicanos e Franciscanos; mas ambas perderam a confiança das nações, que desejavam que os papas ao mesmo tempo reprimissem os perigosos movimentos da Reforma, e divulgassem o catholicismo romano entre os indigenas dos paizes recem-descobertos.

No seculo seguinte (XVII) puzeram-se os jesuitas á frente de todos os grandes movimentos religiosos, politicos e sociaes da Europa.

Na politica nota-se Richelieu, que morreu em 1643 e Mazarino em 1661.

No sentido social influiram poderosamente pela educação da juventude e por meio da confissão dominaram as consciencias. Pierre La Chaise (1624–1709) foi o confessor de Luiz XIV.

A Reforma soffreu uma forte e efficaz opposição da parte dos jesuitas. Em todos as novas colonias da Europa na Asia, Africa e America introduziram elles com o catholicismo a primeira cultura, e levantaram innumeras igrejas e conventos.

As grandes cathedraes das principaes cidades do Imperio do Brazil foram edificadas pelos jesuitas, podendo-se quasi dizer o mesmo das grandes obras de engenharia e industria. Na fazenda de Santa Cruz, ainda hoje é o terreno cultivado pela desviação dos differentes rios e esta obra tem a orgulhosa divisa:

Flecte, viator, flecte genu!
Hic etiam refluens reflectitur amnis aqua.

O que significa:

Curva-te, ó viandante, dobra o joelho!
Aqui curvaram-se do rio as aguas.

A grande importancia dos jesuitas provocou desde logo a inveja das outras ordens religiosas. Elles proprios desmoralisaram-se pelo abuso do poder e grande numero dos crimes perpetrados nos seculos XVI e XVII foram-lhes attribuidos. Basta citar os attentados contra Isabel de Inglaterra (1603); a morte de Guilherme o Taciturno em 1584; a de Henrique IV em 1610; e a conspiração da polvora em 1606. Tendo-se tornado a ordem muito perigosa no seculo XVIII, tomou sobre si o marquez de Pombal, o habil conselheiro de D. José I, a tarefa de expulsar os jesuitas de Portugal e suas colonias pelo alvará de 21 de abril de 1759.

Os jesuitas e a escravidão dos indios.—A par da grande actividade que os jesuitas mostraram no Brazil em favor da civilisação, serios abalos foram tambem por elles causados entre os colonos, com a proclamação da liberdade dos indios. Um decreto de D. João III determinára a escravidão dos indios, ao passo que Carlos V pelo codigo da India havia decretado a sua liberdade.

Os jesuitas logo depois de sua fundação estabeleceram-se nas colonias do Brazil e dos vice-reinados de Hespanha, firmando seu dominio sobre as terras do Paraguay pela catechisação dos indios Guaranys.

Desejando a Companhia extender seu poder sobre o Brazil, persuadiu a D. Sebastião que lavrasse um decreto revogando o acto de escravidão de seu avô e proclamando a liberdade dos indios. Os motins que se deram em consequencia de tal decreto foram a causa da primeira divisão do Brazil, e da convocação pelo Dor. Salema, em 1573, de uma conferencia na Bahia com Luiz de Brito e outras autoridades, pela qual se decretou a continuação da escravidão dos indios com certas condições.

Desde então principia a prolongada luta entre os fazendeiros e os jesuitas apoiados constantemente pelos papas, que excommungaram os senhores de escravos indios. Entre os papas nota-se Urbano VIII, que tambem excommungou a Galileu e a todos os que fizessem uso do tabaco ou fumassem.

Os reis de Portugal declararam-se ora em favor da escravidão, ora contra ella. Esta é uma das causas de desgosto que se encontra em todos os motins populares, que se deram na epoca seguinte. Na revolta de 1640 em S. Paulo foram juntamente com os empregados da alfandega expulsos os jesuitas. O mesmo aconteceu em 1663 no Rio de Janeiro pela revolta de Agostinho Barbalho, e a revolução de Manoel Beckman no Maranhão, em 1685, foi principalmente dirigida contra os padres da Companhia.

Apesar dos grandes esforços do eminente prégador padre Antonio Vieira, continuou a escravidão dos indios até 1759, quando o marquez de Pombal decretou a sua liberdade juntamente com a expulsão dos jesuitas do Brazil. A constituição dada ao Imperio do Brazil por D. Pedro I em 25 de março de 1824 concede aos indios os fóros de cidadãos brazileiros.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XVII.

— Haviam com a volta para o dominio portuguez melhorado as condiçoes do Brazil?

— Que nova fonte de males lhe sobreveiu?

— Que acontecimentos se deram no Rio de Janeiro em 1660?

— Quem era o governador do Rio de Janeiro? e onde estava?

— Quem era Thomé de Alvarenga? e o que lhe aconteceu?

— Que fez Agostinho Barbalho?

— Que foi feito dos chefes da revolta?

— Que recompensa recebeu Barbalho?

— Qual foi o resultado da intervenção ecclesiastica na administração da colonia?

— Que papa approvou os estatutos da Companhia de Jesus? e quando?

— Que importancia alcançou ella na Europa? e quaes as principaes causas?

— Quem foi seu fundador? e sobre que base especial foi fundada essa famosa ordem? quaes os mais notaveis dos companheiros de Loyola?

— Que privilegios especiaes recebêra a ordem dos papas e reis?

— Não havia então outras ordens religiosas importantes?

— Quando foram abolidos os Templarios?

— Que ordens aboliu Fernando o Catholico em 1500?

— Que rei aboliu as ordens de Aviz e Christo em Portugal?

— Que dupla missão incumbia aos papas nesse tempo?

— Em que seculo foram os jesuitas os arbitros das nações e dos reis?

— Que illustres cardeaes dirigiram a politica da França no seculo XVII?

— Que poderosa influencia tiveram os jesuitas sobre o estado social das nações?

— O que soffreu a Reforma da parte dos jesuitas?

— Que papel representaram elles nas colonias?

— Que edificios construiram no Brazil?

— Como aperfeiçoaram a agricultura na fazenda de Santa Cruz?

— Que sentimento despertou seu poder nas outras ordens?

— Qual o resultado do abuso que fizeram de seu poder? e que crimes lhe são attribuidos?

— Que grande estadista tomou a peito a abolição da Companhia?

— Quando foram os jesuitas expulsos de Portugal e Brazil?

— Como foi contrabalançada a actividade civilisadora dos jesuitas no Brazil?

— Quem decretou a escravidão dos indios? e quem os declarou livres?

— Quem influiu sobre D. Sebastião para decretar a liberdade dos indios? e qual o resultado dessa medida?

— Qual a causa da luta constante entre os fazendeiros e os jesuitas no Brazil?

— Quem apoiava os jesuitas?

— Quem foi Urbano VIII?

— Que politica seguiram os reis de Portugal em relação aos indios?

— Como se revelou o desgosto dos colonos para com os jesuitas?

— Quem foi Antonio Vieira?

— Quando terminou a luta entre os fazendeiros e os jesuitas? e quaes as condições actuaes dos indios no Brazil?

CAPITULO XVIII.

ORIGEM E FORMAÇÃO DA NAÇÃO BRAZILEIRA; MINAS E BANDEIRANTES; GUERRAS DOS EMBOABAS; FUNDAÇÃO DE S. PAULO, MINAS-GERAES, GOYAZ E MATTO-GROSSO.

1645-1750.

Um dos mais bellos phenomenos da historia do Brazil é a origem e a formação da nação durante o estado colonial. O barão de Porto-Seguro acha nesta formação o principal factor dos grandes successos que então se deram: I. Expulsão dos Hollandezes. II. Descobrimento e colonisação das vastas regiões interiores. III. Guerras heroicas do Rio Grande do Sul.

I. **Causas da formação da nacionalidade brazileira.** — A fraqueza de Portugal, os graves erros da administração e ao mesmo tempo a necessidade de conservar sua existencia contra os ataques dos indios e aggressores estrangeiros fizeram despertar nos colonos o sentimento da emancipação n'uma epoca em que os Estados-Unidos ainda se achavam na infancia de sua formação, e os quatro vice-reinados de Hespanha inteiramente paralysados pelo codigo tyrannico de Carlos V. 1645

GOVERNADORES GERAES DO BRAZIL.

D. Jeronymo d'Athayde Conde de Atouguia (1650-1654).
Francisco Barreto de Menezes (1654-1657).
D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, 2º. Vice-rei (1657-1663).
Alexandre de Souza Freire (1663-1667).
Affonso Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena (1667-1671).

II. **Fundação da nacionalidade brazileira.** — A nação brazileira fundou-se no seculo dezesete, por assim dizer, em tres differentes pontos: Pernambuco, Rio Grande do Sul, e S. Paulo.

Pelos Pernambucanos foram expulsos os Hollandezes. O juramento de Fernandes Vieira e seus companheiros, Henrique Dias e Felippe Camarão, de livrar a patria do jugo hollandez contra a vontade de D. João IV é já um acto digno de uma nação independente. A victoria das Tabocas em 3 de agosto de 1645 mostrou que a joven nação era já bastante forte para defender os direitos que reclamava.

1654

No Rio Grande do Sul observa-se mais tarde o mesmo sentimento de patriotismo pela vontade do povo em conservar unida ao Brazil a região do Prata. Depois dos infelizes tratados de S. Ildefonso em 1777 e de Badajoz em 1801 foram pelos Portuguezes desarmados os valentes voluntarios Rio-Grandenses.

1759

Os ambiciosos e audaciosos bandeirantes paulistas descobriram e exploraram as vastas regiões interiores do sul e oeste. Mais tarde foram encontradas as tão desejadas minas de metaes preciosos e fundaram-se no seculo XVIII os nucleos das subsequentes capitaes de novas provincias.

1681

Fundação da capitania de S. Paulo. — Esta capitania foi formada pela reunião das de S. Vicente e S. Amaro, fundadas em 1533 antes da grande divisão do Brazil em capitanias por D. João III. Ellas extenderam-se logo sobre as

1711

GOVERNADORES GERAES DO BRAZIL.

Roque da Costa Barreto (1671–1678).

Antonio de Souza de Menezes (1678–1682).

D. Antonio Luiz de Souza Telo de Menezes, 2°. marquez das Minas (1682–1684).

Mathias da Cunha (1684–1687).

Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho (1687–1690).

D. João de Lencastre (1690–1694).

regiões do rio Parahyba do Sul, onde se fundaram grande numero de fazendas, que são hoje as importantes cidades de Taubaté, Rezende, Pindamonhangaba e Guaratinguetá.

Ás novas colonias foi dada em 1681 por capital S. Paulo, fundada por Anchieta em 1556. A administração da capitania ficou sujeita á do Rio de Janeiro até 1711, quando foi separada desta para formar uma provincia á parte — S. Paulo — que teve por primeiro governador a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, cujo dominio extendia-se sobre as actuaes provincias de Minas, Goyaz, e Matto-Grosso. Um seculo antes da separação haviam começado as grandes expedições para o interior, que a principio tinham por fim duas causas: I. A procura das minas de ouro. II. A acquisição de escravos. 1711

A procura das minas já havia principiado no governo dos reis da dynastia de Bragança, porêm sem resultado, e continuou do mesmo modo por todo o governo dos tres Felippes. Francisco de Souza foi duas vezes mandado para o Brazil no principio do governo de Felippe III, mas em vão gastou gente e dinheiro, porque as minas só foram descobertas no fim do seculo, durante o governo do rei D. Pedro II.

Entretanto continuou com grande animação a caça dos indios, que tornaram-se os primeiros artigos de commercio, e pelo que tiveram os Paulistas constantemente de travar renhidas lutas com os jesuitas; mas a busca de escravos continuou não obstante a bulla de Urbano VIII, que excommungava os senhores de escravos indios, e assim foi uma das causas da revolução de 1640, que expulsou os jesuitas de S. Paulo.

GOVERNADORES GERAES DO BRAZIL.

D. Rodrigo da Costa (1694–1702).
Luiz Cesar de Menezes (1702–1705).
D. Lourenço d'Almada (1705–1710).
Pedro de Vasconcellos de Souza (1710–1711).
D. Pedro Antonio de Noronha, marquez de Angeja, 3°. Vice-rei (1711–1714).
D. Sancho de Faro e Souza, conde de Vimieiro (1714–1718).

A energia e temeridade dos bandeirantes foi recompensada pela descoberta das ricas minas de ouro do sertão. Os irmãos Araujo e Domingos Paes fizeram uma grande expedição para o interior em 1676 e estabeleceram as primeiras fazendas de criação de gado no Piauhy. As explorações extenderam-se desde o Amazonas até o rio da Prata, que foi assim chamado pelos bandeirantes, sendo antes conhecido por Paraguay ou Rio de Solis.

1676

Em 1690 acharam-se minas de ouro nas regiões do Tieté, e Bartholomeu Bueno que havia se internado até Sabará, de lá mandou as primeiras amostras do precioso metal para o reino, pelo que recebeu o titulo de *Guarda das Minas*.

Guerra dos emboabas. — A descoberta do ouro attrahiu para aquellas regiões grande numero de estrangeiros, pela maior parte portuguezes (*emboabas* ou forasteiros). A principio defenderam os Paulistas energicamente seus valiosos terrenos, conseguindo seu chefe Domingos Monteiro expulsar os *emboabas* pela victoria do rio das Mortes. Reuniram-se, porêm, logo muitos aventureiros de differentes nações sob o commando do official portuguez Nunes Vianna e por sua vez venceram e expulsaram os Paulistas de suas terras. Consta que as proprias mulheres de S. Paulo influiram a seus maridos e filhos a vingarem-se dos invasores. Esse odio augmentou-se pelo orgulho de Nunes Vianna, que destribuiu entre os do seu partido grandes territorios e o ouro de que se apoderaram.

Estas rivalidades só terminaram em 1709 com a chegada do energico e illustre Antonio de Albuquerque, nomeado governador independente da região das minas. Desde então receberam

---

GOVERNADORES GERAES DO BRAZIL.

Vasco Fernandes de Cesar de Menezes, 4°. Vice-rei (1718–1720).
André de Mello e Castro, conde das Galveas, 5°. Vice-rei (1720–1735).
Conde de Atouguia, 6°. Vice-rei (1735–1749).
D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, 7°. Vice-rei (1749–1755).

os bandeirantes uma organisação amilitarada, e dentro de pouco tempo foram exploradas as ricas minas de Goyaz, onde fundou-se, no sitio da capital actual, o arraial do Ferreiro, por Bartholomeu Dias em 1722. Foi tambem então fundado o arraial da Forquilha, que deu origem a Cuyabá, achando-se nesta mesma região as primeiras esmeraldas e diamantes. Bartholomeu Dias foi agraciado pelo rei D. João V com o titulo de *Capitão das minas*, e mandou ao seu soberano, algumas fructas brazileiras de tamanho natural, feitas de ouro massiço.

As descobertas de metaes e pedras preciosas acarretaram logo grande desenvolvimento para as novas regiões e data-se do governo de D. João V a terceira grande fundação, que comprehende as capitanias do centro e do sul.

Capitanias.	*Capitaes.*	*Governadores.*
S. Paulo (separada do Rio de Janeiro em 1710)	S. Paulo.	Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho
Minas-Geraes (separada de S. Paulo em 1720)	Villa-Rica (Ouro-Preto)	Lourenço de Almeida
Goyaz (separada de Minas em 1744)	Goyaz	D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos
Matto-Grosso (separada de Goyaz em 1748)	. . . . .	D. Antonio Rolim de Moura, conde de Azambuja

No mesmo tempo fundaram-se ao sul duas capitanias: — *Rio Grande do Sul*, em 1727, pelos capitães Francisco de Brito Peixoto e João Magalhães; e *Santa Catharina*, em 1737, pelo brigadeiro paulista José da Silva Paes.

Assim termina a grande colonisação do vasto territorio do Brazil, que se divide em tres periodos:

I. Colonisação do Centro. — Comprehende as 8 capitanias fundadas por D. João III, em 1534.

II. Colonisação do Norte. — Effectuada durante a annexação á Hespanha, de 1581 a 1640.

III. Colonisação do Sul. — Effectuada durante o governo de D. João V, de 1706 a 1750.

No governo de D. Pedro II de Portugal nota-se a fundação da colonia de S. Sacramento, tencionando então o rei dar por limites a sua colonia do Brazil os dois immensos rios ao norte e ao sul o Amazonas e o Prata.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XVIII.

— Qual é o mais importante periodo do Brazil no estado colonial?

— O que diz o barão de Porto Seguro a respeito da formação da nossa nacionalidade?

— O que deve o Brazil-colonia ao patriotismo de seus filhos?

— Quaes as causas da formação da nacionalidade brazileira durante o estado colonial?

— Que vantagens leva então o Brazil sobre as colonias inglezas e hespanholas na America?

— Quando foi fundada a nação brazileira? e onde?

— Que fizeram os Pernambucanos?

— Que facto historico revela o patriotismo dos brazileiros durante a guerra hollandeza?

— Porque é notavel o dia 3 de agosto de 1645?

— Onde apresenta-se mais tarde o mesmo sentimento patriotico? como? e com que resultado?

— Que fizeram os Paulistas?

— Quando foram fundados os primeiros povoados no sul e oeste? e porque?

— Como se formou a capitania de S. Paulo?

— Em que direcção extenderam-se as novas colonias? e qual foi a sua capital?

— Quando foi S. Paulo separada do governo do Rio de Janeiro?

— Quem foi o primeiro governador de S. Paulo?

— Que outros terrenos abrangia então S. Paulo?

— Quaes foram as causas das expedições dos Paulistas para o interior?

— Quando principiára a procura das minas de ouro no Brazil? e com que resultado?

— O que fez a respeito das minas Francisco de Souza?

— Que rei governava em Portugal quando se descobriram as minas?

— O que soffreram então os indios? quem os protegia? como? e com que resultado?

— Como trataram os Paulistas aos jesuitas em 1640?

— Qual foi o resultado das expedições dos bandeirantes para o sertão?

— Que fizeram os irmãos Araujo e Domingos Paes? e quando?

— Até aonde se extenderam as explorações?

— Quem deu ao rio Paraguay o nome de Prata?

— Quando se descobriram as minas do Tieté?

— Quem mandou para o reino as primeiras amostras de ouro? e como foi recompensado?

— Quem eram os *emboabas?* e o que fizeram no sertão?

— Quem era o chefe dos Paulistas? como se defenderam? e com que resultado?

— Quem era Nunes Vianna? e o que fez contra os Paulistas?

— Quem instigou os Paulistas a vingarem-se?

— Qual foi o procedimento de Nunes Vianna?

— Quando terminaram estas rivalidades?

— Que povoado fundaram os bandeirantes em Goyaz? quem foi o chefe desta expedição? e que presente fez ao rei de Portugal?

— Quando fundou-se o arraial da Forquilha? e que nome tem hoje esta povoação?

— Qual o resultado do descobrimento do ouro e pedras preciosas no interior do Brazil?

— Que capitanias se fundaram no reinado de D. João V?

— Quando foi S. Paulo separada do Rio de Janeiro? qual a sua capital? e quem foi seu primeiro governador?

— Quando foi Minas-Geraes separada de S. Paulo? qual foi a sua capital? e quem foi seu primeiro governador?

— Quando foi Goyaz separada de Minas? qual foi a sua capital? e quem foi seu primeiro governador?

— Quando foi Matto-Grosso separada de Goyaz? e quem foi seu primeiro governador?

— Que capitanias mais fundaram-se ao sul? quando? e por quem?

— Em quantos periodos principaes se divide a colonisação do Brazil?

— Qual é o primeiro periodo? e quantas capitanias se fundaram?
— No segundo periodo que parte foi colonisada? e quando?
— Que colonisação se effectuou no terceiro periodo? quem era então o rei de Portugal? e quanto tempo governou?
— Quando foi fundada a colonia de S. Sacramento? e porque?

GOMES FREIRE DE ANDRADE, CONDE DE BOBADELLA

CAPITULO XIX.

MOTINS POPULARES: REVOLUÇÃO DE BECKMAN; DESTRUIÇÃO DOS PALMARES; GUERRA DOS MASCASTES.

1683-1714.

Em 1662 começára o proprio governo de D. Affonso VI que, como seu pae D. João IV, não poude na menor cousa remediar a grande fraqueza do reino e das colonias. Já vimos que para a expulsão dos Hollandezes do Brazil concorrêra muito mais a nova nação brazileira do que o reino de Portugal.

Durante a regencia da rainha-mãe D. Luiza de Guzman, casára-se a princeza D. Catharina com Carlos II Stuart, 1661
levando-lhe em dote a rica provincia de Bengala, e assim começou a Inglaterra a herdar as antigas glorias de Portugal.

Em 1667 foi D. Affonso VI exonerado por seu irmão D. Pedro II, e morreu na prisão muitos annos depois em Cintra (1683).

Em D. Pedro II (1668-1706) teve emfim Portugal um rei mais activo; as muitas reformas, porêm, no Brazil, referiam-se mais aos interesses da mãe-patria do que ao desenvolvimento da colonia.

Estava então o Brazil dividido em quatro governos: Bahia,

CONTEMPORANEOS.

INGLATERRA. — *Stuarts:*
Carlos II (1650-1685). Diogo II (1688). Guilherme III e Maria (1714)

FRANÇA. — *Bourbons:*
Luiz XIV (1643-1715).

Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão, que tinham seus governadores especiaes.

Em 1676 fundou Innocencio XI o arcebispado da *Bahia*, de que foi primeiro arcebispo D. Gaspar Barata de Mendonça; e os bispados do *Rio de Janeiro*, primeiro bispo D. José de Barros de Alarção; de *Pernambuco*, primeiro bispo D. Estevão Brioso de Figueiredo; e do *Maranhão*, primeiro bispo D. Gregorio dos Anjos.

O governador da Bahia, Roque da Costa Barreto, chegou em 1678 com uma serie de alvarás que regularisavam os impostos e monopolios e prohibiam o commercio com as nações estrangeiras.

Estas reformas, porêm, em nada remediaram os grandes males que, originados no governo da dynastia de Aviz, tinham-se tornado chronicos durante a annexação iberica, e provocavam então grande numero de motins e revoluções. Estes males eram: *escravidão dos indios; monopolios exagerados; irregularidade de limites.*

Tendo já tratado da questão dos indios, só fallaremos aqui das duas ultimas.

Fortes monopolios, mesmo sobre materias primas, foram introduzidos no Brazil pela *Junta do Commercio*, que durante o governo de D. Pedro II, extendeu seus direitos sobre todos os generos, e até mesmo sobre a importação de escravos africanos, aggravando ainda mais seu peso pela prohibição do commercio do Brazil com as outras nações.

A irregularidade nas demarcações principiou desde a fundação das capitanias, cujos limites foram apenas indicados no littoral.

CONTEMPORANEOS.

ALLEMANHA. — *Habsburgo-Styria:*

Leopoldo I (1657-1706). José I (1711). Carlos VI (1740).

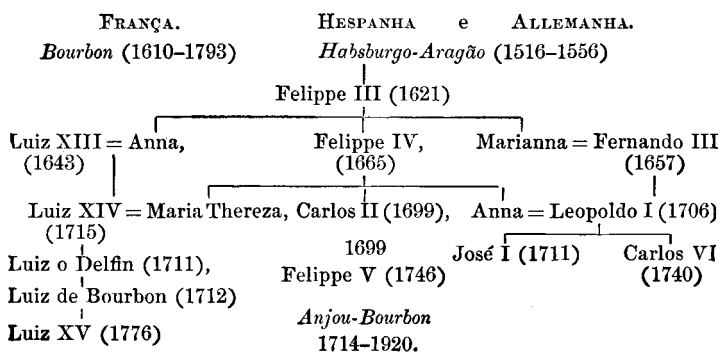
As doações exageradas dos reis tambem deram causa a muitas contendas, que só terminaram quando Pombal cassou os privilegios dos capitães-móres (1758).

Revolução de Beckman (1684–1685). — O Estado do Maranhão fôra fundado no governo de Felippe III (1621) com as tres capitanias do norte — Ceará, Maranhão e Pará, e ligado intimamente com o governo de Lisboa gosou de grandes privilegios. Os fazendeiros do sertão viviam em completa independencia, não eram sujeitos a impostos e iam continuando a escravisar os indios que apanhavam nas vastas planices dos Amazonas.

Por causa disto fez o celebre prégador, padre Antonio Vieira, depois da guerra da Hollanda, visitas ao Pará e Maranhão donde foi expulso, enviado para Portugal (1661), e lá condemnado a degredo no Porto por D. Affonso VI.

Em 1684 ordenou D. Pedro II que a administração do governo geral da Bahia se extendesse ao Estado de Maranhão, e para isso mandou para S. Luiz o novo governador geral Francisco de Sá e Menezes com uma frota consideravel e todos os preparativos necessarios afim de fundar na 1684

CONTEMPORANEOS.



cidade as casas da *Companhia do Estanco* (alfandega) e os collegios dos jesuitas.

A principio não houve a menor opposição, e á vista desta tranquillidade apparente deixou Francisco de Menezes provisoriamente no governo a Balthasar Fernandes e dirigiu-se com grande parte da força para Belem. Foi então que rompeu a famosa revolução das irmãos Manoel e Thomaz Beckman.

Os empregados do estanco e os jesuitas foram expulsos de S. Luiz e suas casas destruidas. Manoel Beckman foi eleito presidente da revolução, tomou por auxiliar a Jorge Sampaio e mandou seu irmão Thomaz para Lisboa afim de representar ao rei D. Pedro II em favor da revolução.

Os revolucionarios formaram um conselho dos tres estados — clero, nobreza e povo — e mandaram emissarios ao Ceará e ao Pará, onde nada conseguiram em apoio do movimento.

No anno seguinte (1685) chegou de Portugal com uma força consideravel o conde de Bobadella, general Gomes Freire de Andrade, que proclamou amnistia geral e restabeleceu os jesuitas e a companhia do monopolio, ao passo que foi dando tempo de fugir aos chefes mais compromettidos condemnados á morte por ordem directa de D. Pedro II.

GOVERNADORES DO MARANHÃO.

Jeronymo de Albuquerque (1614).
Antonio de Albuquerque (1621).
Domingos da Costa (1624).
Francisco Coelho de Carvalho (1631).
Bento Maciel Parente (1638).
Antonio Muniz Barreto (1642).
Antonio Teixeira de Mello (1644).
Francisco Coelho de Carvalho (sobrinho) (1646).
Luiz de Magalhães (1649).
Balthasar de Souza Pereira (1652).
André Vidal de Negreiros (1655).
Agostinho Corrêa (1656).
D. Pedro de Mello (1658).
Ruy Vaz de Sequeira (1662).
Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1667).
Pedro Cesar de Menezes (1671).
Ignacio Coelho da Silva (1678).
Francisco de Sá e Menezes (1682).
Gomes Freire de Andrade (1685).
Arthur de Sá e Menezes (1687).
A. d'Albuquerque Coelho de Carvalho (1690).
D. Manoel Rolim de Moura (1702).
Christovão da Costa Freire (1707).
Bernardo Pereira de Berredo (1718).

Desta generosidade do illustre general aproveitaram-se Manoel Beckman e Jorge de Sampaio e esconderam-se na sua fazenda do Mearim. Appareceu, porêm, um miseravel traidor, — Lazaro de Mello — que allucinado pelas promessas do governo revelou o lugar onde se escondêra seu padrinho e bemfeitor, Manoel Beckman, que juntamente com Jorge de Sampaio foi preso e expiou no patibulo a temeridade de usar de sua influencia para melhorar as condições sociaes de seus compatriotas, arrostando o despotismo do rei e a ambição dos jesuitas.

O infeliz Lazaro de Mello coberto de vergonha e ralado de remorsos por sua negra perfidia suicidou-se.

Destruição dos Palmares (1676–1697).—Durante a guerra da Hollanda, principalmente desde 1644, retirada de Mauricio de Nassau, formaram-se nas provincias atacadas pelos Hollandezes quilombos de escravos fugidos e malfeitores, os quaes tomaram o nome de *Palmares*. Depois de expulsos os invasores procurou em vão o governo destruir os salteadores que ameaçavam aquellas capitanias e levavam suas correrias até o Estado do Maranhão.

Os paulistas Araujo e Silva Paes, quando em 1676 estabeleceram em Piauhy as primeiras fazendas de gado, expulsaram do norte aquelles quilombolas; mas elles acharam em Alagoas, nas faldas da serra da Barriga, um sitio muito favoravel, onde fundaram um estado, cuja capital era Atalaya, e tinham um valente chefe conhecido pelo nome de Zumbi.

João da Cunha Soutomaior, que então era o governador de Pernambuco, contractou com o paulista Diogo Velho a expulsão dos quilombolas dos Palmares, com condição de dar-lhe o governo todo o material e gente necessaria para a conquista, a posse dos terrenos occupados na guerra e, depois de terminada a luta, a da capitania das Alagoas, e de tambem deixar os prisioneiros a sua discrição. 1687

Apezar de grandes despezas e esforços prolongou-se a luta até 1697. Consta que o Zumbi cercado com os ultimos dos

seus n'um alto rochedo, precipitou-se delle abaixo para não cahir em poder dos Paulistas.

1697 Esta guerra teve por resultado a fundação da capitania das Alagoas (1697), que ficou annexada a Pernambuco até a revolução de 1817.

Guerra dos mascates, 1710. — A cidade de Olinda, orgulhosa capital de Duarte Coelho Pereira, era a mais aristocratica do Brazil, não obstante o maior desenvolvimento da Bahia (1549) e do Rio de Janeiro (1567). Durante o governo dos Felippes formou-se a algumas legoas de Olinda, sobre a bella bahia do Recife, uma povoação que se desenvolveu muito pelo commercio com a rica aristocracia de Olinda, principalmente na guerra hollandeza. Estabeleceram-se ahi negociantes portuguezes cujas grandes riquezas excitaram mais tarde a inveja dos orgulhosos fazendeiros olindenses, cujo amor ao luxo absorvia quasi toda a fortuna, tornando-os pela maior parte devedores dos commerciantes do Recife, aos quaes por despeito denominavam *mascates*.

A estes preconceitos juntavam-se rivalidades a respeito das eleições da camara entre os de Olinda e Recife. D. João V

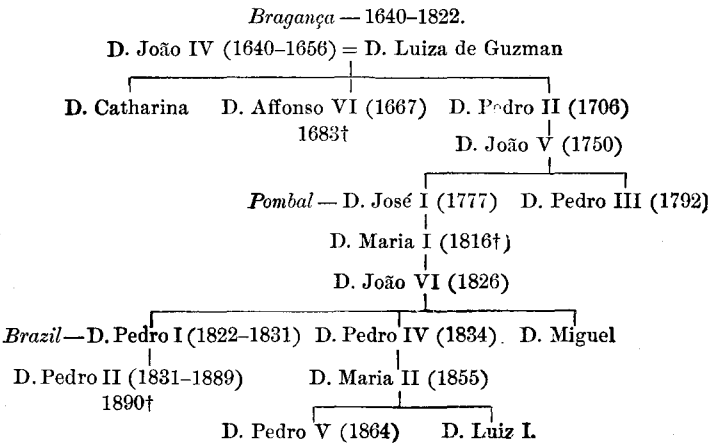
GOVERNADORES DE PERNAMBUCO.

João Fernandes Vieira (1645).
Francisco Barreto de Menezes (1648).
André Vidal de Negreiros (1657).
Francisco de Brito Freire (1661).
Jeronymo de Mendonça Furtado (1664).
Bernardo de Miranda Henriques (1667).
Fernando de Souza Coutinho (1670).
D. Pedro de Almeida (1674).
Ayres de Souza Castro (1678).
D. João de Souza (1682).
João da Cunha Soutomaior (1685).
Fernão Cabral (1688).
D. Mathias de Figueiredo, interino (bispo) (1688).
Antonio L. G. da Camara Coutinho (1689).
D. Antonio F. M. S. e Castro, marquez de Monte Bello (1690).
Caetano de Mello de Castro (1693).
D. Fernando Martins Mascarenhas (1699).
Francisco Castro de Moraes (1703). — Vide Rio de Janeiro.
Sebastião de Castro e Caldas (1707).
D. Manoel Alvares da Costa (1710).
Antonio Felix José Machado (1711).

(1706–1750) afim de impedir que estas constantes irritações entre os dous partidos se convertessem em serios conflictos, mandou para Olinda o governador Sebastião de Castro Caldas com ordem de effectuar a installação da villa do Recife. Sebastião de Castro, de caracter feroz, excitou logo os Olindenses contra si, e mudando sua residencia para o Recife, augmentou ainda sua impopularidade. Aconteceu que passando um dia pelas ruas de Olinda, recebeu um tiro, que o feriu levemente não se sabe, si de inimigo particular ou politico. Isto foi bastante para que o governador declarasse logo a cidade em estado de sitio, e mandasse prender os membros da Camara de Olinda, que haviam feito opposição a suas medidas, reclamando para a cidade o terreno que elle determinára annexar á nova villa. Os compromettidos, entre elles o Dor. Luiz de Valenzuela Ortiz, fugiram para o interior; mas o capitão João da Motta organisou a resistencia e marchou contra o Recife. Sebastião de Castro retirou-se para a Bahia.

Durante sua ausencia tomou o bispo D. Manoel Alvares da Costa a direcção do governo, tranquillisando os partidos pela

---



amnistia geral e promettendo aos habitantes do Recife a installação da sua villa.

Passou-se, porêm, quasi um anno sem que esta promessa fosse cumprida, e os *mascates* do Recife prepararam nova revolução, e aproveitando a presença do bispo na sua povoação, obrigaram-no a renovar a palavra dada. O bispo coagido accedeu a tudo, mas assim que voltou para Olinda intimou-os a que obedecessem. Isto bastou para fazer romper a guerra.

Depois de seis mezes de ataques de parte a parte chegou em 1711 o novo governador Felix José Machado de Mendonça, que
1711 desarmou os partidos amnistiando-os; mas ao mesmo tempo encetou uma rigorosissima perseguição contra o partido brazileiro, no que foi auxiliado pelo ouvidor João Marques Bacalhau e o juiz de fóra Paulo Carvalho. Esta per-
1714 seguição de tres annos só cessou por ordem regia de 7 de abril 1714, e pode-se comparar com a que seguiu-se á revolução de Pernambuco de 1817, começada pelo governador Rego Barreto e elevada a mais requintada crueldade pelo desembargador Bernardo Teixeira Coutinho.

QUESTIONARIO.—CAPITULO XIX.

— Quando começou a reinar D. Affonso VI? e o que fez para restabelecer seu reino?

— Por quem foram principalmente expulsos os Hollandezes do Brazil?

— Com quem se casou a princeza de Portugal D. Catharina? e que terrenos levou em dote?

— Que aconteceu ao rei D. Affonso VI em 1667? e quando e onde morreu?

— Quanto tempo governou D. Pedro II? e o que fez pelo Brazil?

— Como estava então dividido o Brazil?

— Quando foi fundado o arcebispado da Bahia? e que outros bispados foram creados?

— Quem foi o primeiro arcebispo do Brazil? o primeiro bispo do Rio de Janeiro? de Pernambuco? do Maranhão?

— Quando chegou Roque da Costa Barreto? que reformas fez na colonia? e de que utilidade foram essas reformas?

— Que males trouxe á colonia a Junta do Commercio? e quando se aggravaram elles?

— Alem dos monopolios, que outras causas de desgosto havia entre os colonos?

— Quem fundou o Estado do Maranhão? quando? com que capitanias? e de que privilegios gosava?

— Que celebre jesuita foi prégar no Maranhão sobre a liberdade dos indios? e o que lhe aconteceu?

— Que fez D. Pedro II relativamente ao Maranhão?

— Que governador mandou para S. Luiz? quando? e para que?

— Como foi recebido Sá e Menezes? e a quem deixou em seu lugar quando se retirou para Belem?

— Que aconteceu então em S. Luiz?

— Quem foram os chefes da revolta?

— Que foi feito dos empregados do estanco e dos jesuitas?

— Para onde foi mandado Thomaz Beckman? e para que?

— O que fizeram os revoltosos? e o que conseguiram?

— Quando chegou o conde de Bobadella? e o que fez?

— Para onde foram Manoel Beckman e Jorge de Sampaio?

— Por quem foram trahidos? e que sorte tiveram?

— Que aconteceu a Lazaro de Mello?

— O que se entende por Palmares? e o que faziam os quilombolas?

— Quem expulsou-os do Piauhy?

— Onde fundaram um estado? qual era a capital? e que titulo tinha o chefe?

— Quem era o governador de Pernambuco? com quem tratou a expulsão dos quilombolas? e com que condições?

— Quanto tempo durou a luta? Como morreu o valente Zumbi?

— Que capitania se fundou então? e quando foi separada de Pernambuco?

— Quem fundou Olinda? quando?

— Quando se fundou o Recife? onde? e porque tanto prosperou?

— Que classe de colonos especialmente se estabeleceu no Recife? e que rivalidade havia entre elles e os habitantes de Olinda?

— Quem era então o rei de Portugal? e para que mandou o governador Sebastião de Castro installar a villa do Recife?

— O que fez o novo governador? e onde foi morar?

— Que circumstancia irritou ao ultimo ponto seu odio contra os Olindenses?

— Que medidas rigorosas tomou Sebastião de Castro?

— Que opposição haviam-lhe feito os membros da Camara?

— Como procedeu o D^or^. Luiz de Valenzuela Ortiz?

— O que fez o capitão João da Motta?

— Para onde foi Sebastião de Castro?

— Quem dirigiu o governo? como socegou os partidos? e por quanto tempo?

— O que fizeram os *mascates?*

— Compriu o bispo a promessa renovada? e qual o resultado da falta do cumprimento de sua palavra?

— Quanto tempo durou a luta? quem a terminou? quando? como? contra quem usou de rigor? e por quem foi nisso auxiliado?

— Que outro exemplo temos na historia do Brazil de atroz perseguição em seguida a uma revolta popular?

— Quem foi o carrasco de Pernambuco em 1817?

CAPITULO XX.

FUNDAÇÃO DA COLONIA DO SACRAMENTO; INFLUENCIA DA GUERRA DA SUCCESSÃO DE HESPANHA SOBRE PORTUGAL E BRAZIL; INVASÃO HESPANHOLA NO SUL; INVASÕES DE DUCLERC E DE DUGUAY-TROUIN.

1679-1714.

A fundação da colonia do Sacramento (1679) despertou na America o antigo odio entre Portuguezes e Hespanhoes, odio que principiára com a fundação do reino de Portugal por D. Affonso Henriques, depois da batalha de Ourique (1137). Durante o governo da primeira dynastia, a de Borgonha, havia se desenvolvido no novo reinosinho um forte patriotismo, de que resultou a revolta contra D. João I de Castella em 1383, quando readquiriu o governo de Portugal, por seu casamento com D. Brites, filha de D. Fernando o Formoso, ultimo rei daquella dynastia.

A nação portugueza para conservar sua independencia proclamou rei D. João I, Mestre de Aviz, filho natural de D. Pedro o Cruel, o qual consolidou sua posição pela victoria de Aljubarrota (1385).

Circumstancias politicas e sociaes alimentaram e augmentaram a inimizade destas duas nações: em 1476 pela morte de Henrique IV de Castella, competia de direito a corôa a D. Af-

---

CONTEMPORANEOS.

PAPAS.

Alexandre VII (1655).	Alexandre VIII (1680).
Clemente IX (1667).	Innocencio XII (1691).
Clemente X (1670).	Clemente XI (1700).
Innocencio XI (1676).	Innocencio XIII (1721).

fonso V o Africano, que a perdeu pela derrota de Toro (1479) e foi obrigado a reconhecer a legitimidade de Isabel e Fernando. Depois da morte de D. Henrique o Cardeal effectuou-se finalmente a unidade iberica pelo triste tratado de Thomar (1581), de que resultou para ambos os paizes tornar-se a antiga aversão em odio declarado.

D. Pedro II, terceiro rei da dynastia de Bragança, tencionou dar a sua colonia sua extensão natural até o rio da Prata; mas a região ao norte do rio, hoje Uruguay, fôra descoberta pelo hespanhol João Dias Solis (1508). O tratado de Tordesilhas celebrado por Alexandre VI (1495) antes da exploração das terras desconhecidas, deixou esta questão indecisa e ne-
1678 nhuma rectificação de limites teve lugar no seculo seguinte por causa da unidade iberica. Comtudo ordenou o rei ao governador do Rio de Janeiro, D. Manoel Lobo, que colonisasse as regiões de La Plata. Este governador partiu com todo o material necessario e fundou no anno seguinte (1679) uma colonia defronte da ilha de S. Gabriel, a qual se chamou do *Sacramento*. Nesta colonisação distinguiu-se o capitão Jorge de Macedo. Foi postada na nova colonia uma guarnição com algumas peças de artilheria.

O vice-rei de Buenos-Ayres atacou com grande força o forte brazileiro, obrigou a guarnição a capitular e mandou-a para o interior.

D. Pedro II obteve por intervenção de Innocencio XI um arbitrio das grandes potencias européas, que decidiram que fosse a colonia restituida aos Portuguezes, o que se realisou em 1681; mas por causa da incerteza dos limites continuou a guerra até os tempos modernissimos.

CONTEMPORANEOS.

PRINCIPES TITULARES DO ESTADO DO BRAZIL.

1645-1714.

D. Theodosio (1653).
D. Affonso (1662).
D. João (1688).
D. João (V de Portugal) (1689-1707).
D. Pedro (1712-1714).
D. José (I de Portugal) (1750).

Influencia da guerra da successão de Hespanha sobre Portugal e Brazil. — Carlos II morreu em 1699 e com elle acaba-se na Hespanha a dynastia Habsburgo-Aragão. Apresentaram-se dois pretendentes: Luiz XIV, que reclamava os direitos da Infanta primogenita, os quaes cedêra a seu segundo neto, Felippe de Anjou (Felippe V); e o imperador Leopoldo I, que reclamava os direitos dynasticos de Carlos V, os quaes tambem passára a seu filho segundo, o archiduque Carlos (Carlos VI), para evitar nova união do imperio com a Hespanha.

Felippe V obteve a corôa por testamento de Carlos II, e votação das Côrtes, foi solemnemente coroado em Madrid e deveu sua conservação no throno ao patriotismo hespanhol, muito mais que á protecção da França, então já muito enfraquecida no ultimo periodo do governo de Luiz XIV, que a par de poucos soccorros suscitava-lhe fortes inimigos, como Guilherme III de Inglaterra, que influiu muito sobre D. Pedro II para entrar na guerra contra a Hespanha.

Achava-se então Portugal em condições muito favoraveis por causa do ouro recentemente explorado em Minas-Geraes; mas o rei morreu durante esta guerra e succedeu-lhe D. João V, que

---

GOVERNADORES DO RIO DE JANEIRO.

Estacio de Sá (1565).
Salvador Corrêa (1567).
Christovão de Barros (1569).
Dor. Antonio Salema (1574).
Salvador Corrêa (1577).
Francisco de Mendonça e Vasconcellos (1599).
Martim de Sá (1603).
Affonso de Albuquerque (1608).
D. Francisco de Souza (1610).
D. Luiz de Souza (1616).
Francisco Farjado (1620).
Martim de Sá (1623).
Salvador Corrêa de Sá e Benevides (1637).
Duarte Corrêa Vasqueanes (1642).
Luiz Barbalho Bezerra (1643).
Francisco de Soutomaior (1644).
Duarte Corrêa Vasqueanes (1645).
Salvador Corrêa de Sá e Benevides (1648).
Salvador de Brito Pereira (1649).
Antonio Galvão (1651).
D. Luiz de Almeida (1652).
Salvador Corrêa de Sá e Benevides (1659).

seguiu a politica ingleza. A acção mais importante do exercito portuguez foi a occupação de Madrid pelo conde das Minas, que expulsou Felippe V de sua capital. Mas concorreram para pôr termo a esta luta varias circumstancias, entre as quaes se notam a exoneração de Marlborough pela rainha Anna, e a morte de José I, que deixou a corôa do imperio a Carlos VI, o pretendente, que foi em 1711 coroado imperador. Isto influiu extraordinariamente sobre os successos dos Portuguezes, que foram expulsos de Hespanha por Vendôme, vencedor de Villa-Viçosa.

O tratado de Utrecht em 1713 poz termo á guerra e por intervenção da Inglaterra foram restituidos a Portugal os terrenos tomados no Brazil pelos Francezes e Hespanhoes.

Em 1705 o vice-rei de Buenos-Ayres, Affonso Valdez, dirigiu-se com uma grande frota para a colonia do Sacramento e cercou-a por mar e por terra. O commandante do forte, Sebastião da Veiga Cabral, resistiu valentemente durante seis mezes. A colonia ficou em poder da Hespanha até o tratado de Utrecht, que deu a Portugal direito sobre toda a Banda Oriental, e rectificou ao norte os limites pelo rio Oyapoc. Estas condições foram frequentes vezes violadas por Francezes e Hespanhoes.

GOVERNADORES DO RIO DE JANEIRO.

Agostinho Barbalho Bezerra (1660) por acclamação.
Pedro de Mello (1662).
D. Pedro de Mascarenhas (1666).
João de Souza e Souza (1670).
Mathias da Cunha (1675).
D. Manoel Lobo (1679).
Pedro Gomes (1681).
Duarte Teixeira Chaves (1682).
João Fernando de Mendonça (1686).
D. Francisco de Lencaster (1689).
Luiz Cesar de Menezes (1690).
Antonio Paes de Sande (1693).
Sebastião de Castro e Caldas (1695).
Arthur de Sá e Menezes (1697).
Martim Corrêa Vasques (1697).
Francisco de Castro Moraes (1700).
D. Alvaro da Silveira e Albuquerque (1702).
D. Fernando Martim Mascarenhas (1705).
Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1709).
Francisco de Castro Moraes (1710).
Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1711).
Antonio Brito de Menezes (1717).

A colonia do Sacramento soffreu no governo de D. João V constantes ataques e os Hespanhoes em 1723 fundaram sobre o territorio portuguez a cidade de Montevidéo.

Em 1737 celebrou D. João V com Felippe V o tratado de Madrid, que nada determinou precisamente. Só o energico marquez de Pombal conseguiu em 1750 a nomeação de uma commissão para marcar os limites do Oyapoc e do Prata.

Invasões francezas. — Antes da guerra da successão de Hespanha notam-se duas invasões com o fim de fundar uma colonia franceza no Brazil. A primeira foi a de Villegaignon mandada pelo almirante Coligny (1553), o qual foi expulso por Mem de Sá, fundador de Sebastianopolis (1567). A segunda na regencia de Maria de Médicis, por La Ravardière contra o Maranhão (1614), que foi repellida por Jeronymo de Albuquerque, fundador da capitania do Maranhão.

Estas expedições foram feitas contra Portugal por causa de sua alliança com a Austria e na intenção de apoderarem-se das riquezas do paiz, cuja fama se tinha espalhado na Europa.

No seculo 18° houve ainda duas expedições Francezas contra o Brazil; uma em 1710 e a outra em 1711.

Duclerc (19 de setembro de 1710). — A primeira ao commando do corsario Carlos Duclerc compunha-se de uma flotilha de seis navios e mil homens de tripolação. Depois de algumas tentativas em frente á bahia do Rio de Janeiro, desembarcaram as tropas francezas em Guaratiba e entraram na cidade pelo Engenho-Novo.

O governador Francisco de Castro Moraes, apesar de dispor de uma força de cinco mil homens, nada fez para impedir a entrada dos Francezes, contra quem armaram-se os particulares.

BISPOS DA BAHIA.

D. Constantino Barradas (1618). D. Pedro da Silva (1649).
D. Marcos Teixeira (1622). D. Alvaro de Castro (1668).
Estevam dos Santos (1675).

Duclerc atravessou sem grandes perdas a rua de Mata-Cavallos, e notou que as forças portuguezas estavam concentradas n'uma fortificação no largo do Rosario; mas chegando á rua Direita foi energicamente atacado pela cavallaria dirigida por Gregorio de Castro, irmão do governador, o qual morreu no combate. Chegou depois a infanteria e o corsario tendo já perdido muita gente, retirou-se para o trapiche da cidade, onde fortificou-se e resistiu até o dia seguinte, em que entregou-se. Alguns mezes depois morreu Duclerc assassinado.

Duguay-Trouin (22 de setembro de 1711). — A noticia do assassinato de Duclerc e do mau tratamento dos Francezes provocou uma segunda e maior invasão dirigida pelo habil mareante Duguay-Trouin, que auxiliado pelos ricos negociantes de Saint-Malô e Calais, elevou sua frota a quatorze navios, com uma tripolação de mais de tres mil homens.

Castro Moraes apesar de avisado do grande perigo que corria a cidade, nada fez para augmentar os seus meios de defeza e segurança.

Os Francezes, não obstante o fogo da artilheria, aproveitando uma briza favoravel, entraram na bahia. Duguay-Trouin occupou a ilha das Cobras onde fortificou-se e mandou uma nota ao governador, exigindo uma contribuição exagerada.

Castro Moraes respondeu que defenderia a cidade até a ultima gota de seu sangue.

Os Francezes desembarcaram no Sacco do Alferes e fortificaram-se nas collinas da Gamboa, donde principiaram a bombardear a cidade.

ARCEBISPOS DA BAHIA.

D. Gaspar Barata de Mendonça (1677).
D. Frei João da Madre de Deus (1686).
D. Frei Manoel da Resurreição (1688).
D. João Francisco de Oliveira (1697).
D. Sebastião Monteiro da Vide (1703).
D. Luiz Alvares de Figueiredo (1725).

Entretanto os presos fugiram da cadêa e começaram o saque, ao passo que a guarnição portugueza, retirando-se vergonhosamente, lançava fogo a varias partes da cidade. Grande numero de habitantes fugiram para o matto e o covarde governador foi tomar posição no Engenho-Novo, donde encetou negociações com Duguay-Trouin, que alem de grandes roubos e destruições (mais de dois milhões de crusados), recebeu 610 mil crusados em ouro, 100 caixas de assucar e 200 bois. Para transportar carga tão rica tomaram os Francezes todos os navios surtos no porto e retiraram-se em novembro ao saberem que chegavam soccorros de Minas, cujo valente governador Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho reunira dois mil cavalleiros que eram seguidos de perto por seis mil negros armados. Albuquerque não chegou a tempo de prevenir o vergonhoso pacto do resgate da cidade; mas foi escolhido governador, sendo Castro de Moraes preso e mandado para Portugal e de lá para as fortalezas da India.

A grande riqueza do paiz fez logo esquecer este grave prejuizo; mas a França nada restituiu, apesar de sua promessa no tratado de Utrecht. As riquezas do Brazil apressaram cada vez mais a decadencia de Portugal; mas seu vaidoso rei D.

BISPOS DO RIO DE JANEIRO.

D. Frei Manoel Pereira (1676).
D. José de Barros Maream (1682).
D. Francisco de S. Jeronymo (1702).
D. Frei Antonio de Guadalupe (1725).

BISPOS DE PERNAMBUCO.

D. Estevam Brioso de Figueiredo (1678).
D. Mathias de Figueiredo e Mello (1688).
D. Fr. Francisco de Lima (1696).
D. Manoel Alvares da Costa (1710).
Fr. José Fialho (1725).

BISPOS DO MARANHÃO.

D. Fr. Gregorio dos Anjos (1680).
D. Fr. Thimoteo do Sacramento (1696).
D. Fr. José Delgarte (1717).
D. Fr. Manoel da Cruz (1737).

João V rivalisava em luxo e extravagancias com o proprio Luiz XIV. A instituição do patriarchado, o aqueducto das aguas livres, a reconstrucção de Cintra e o convento de Mafra são monumentos dessa epoca, e não é para admirar que seu filho D. José I (1750–1777) encontrasse o thesouro exhausto e a nação enfraquecida e anarchica.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XX.

— Qual foi o resultado da fundação da colonia do Sacramento pelos Portuguezes no sul?

— Quando começára a odiosidade entre Portuguezes e Hespanhoes?

— Como se revelou esta animosidade entre os Portuguezes depois da morte de D. Fernando o Formoso? e quando?

— Quem foi eleito rei de Portugal em 1385?

— Que victoria memoravel ganhou o Mestre de Aviz? quando?

— De quem era filho D. João I?

— Quem tinha direito á corôa de Castella em 1476 pela morte de Henrique IV? E porque não governou elle?

— Quando foi Portugal reunido a Hespanha? por quem foi decidida a annexação? e qual o resultado?

— O que tencionava D. Pedro II fazer relativamente ao Brazil? com que difficuldade teve de lutar? porque?

— O que ordenou o rei ao governador Manoel Lobo?

— Em que anno fundou elle a colonia? onde? e que nome teve?

— Quem mais se distinguiu nesta expedição? e como foi fortificada a colonia?

— O que fez o vice-rei de Buenos-Ayres?

— Como readquiriu D. Pedro II a colonia do Sacramento? e quando cessou a luta?

— Qual foi o ultimo rei da dynastia Habsburgo-Aragão na Hespanha? e quando morreu?

— Quantos pretendentes teve a corôa de Hespanha em 1699?

— Para quem reclamava Luiz XIV os direitos de Maria Thereza?

— A quem cedêra o imperador os direitos dynasticos? e para que?

— Quem alcançou a corôa de Hespanha? como?

— Como se achava a França no fim do governo de Luiz XIV?

— Que inimigos suscitou a França á Hespanha?

— Quaes eram as condições de Portugal durante a guerra da successão de Hespanha? e porque?

— Quem foi o successor de D. Pedro II? quando? e que politica seguiu D. João V?

— Que victoria notavel alcançaram os Portuguezes na Hespanha? e qual o resultado?

— Que circumstancias concorreram para pôr termo á guerra?

— Quem foi coroado imperador da Allemanha em 1711?

— Quem expulsou os Portuguezes de Hespanha?

— Que relação tem com o Brazil-colonia o tratado de Utrecht? Que nação interveio em favor de Portugal?

— Que aconteceu á colonia do Sacramento em 1705? quem era seu commandante? quanto tempo resistiu?

— Foram respeitadas as estipulações do tratado de Utrecht?

— Que cidade fundaram os Hespanhoes no sul em 1723? e em que terrenos?

— Quando foi celebrado o tratado de Madrid? entre que soberanos? e o que decidiu?

— Que estadista determinou a questão de limites?

— Quantas vezes foi o Brazil invadido pelos Francezes? em que pontos?

— Quem foi o primeiro invasor? quando? que lugar atacou? e quem o expulsou?

— Quem foi o segundo? quando? que capitania tomou? e por quem foi expulso?

— Porque atacaram os Francezes o Brazil?

— Quem foi Carlos Duclerc? que força commandava?

— Que cidade atacou Duclerc? onde desembarcou, e por onde entrou na cidade?

— Quem era o governador? qual o seu procedimento?

— Quem resistiu aos Francezes?

— O que aconteceu a Duclerc?

— Como vingaram os Francezes a sua morte?

— Quem commandou a segunda expedição contra o Rio de Janeiro? com que forças?

— Como resistiu Castro Moraes?

— Que ilha occupou Duguay-Trouin? e o que exigiu?

— O que respondeu-lhe o governador?

— Que pontos tomaram os Francezes?

— Que tristes scenas se davam na cidade em quanto os inimigos a bombardeavam?

— Como procedeu o governador? e que resgate pagou?

— Que depredações mais fizeram os francezes? quando se retiraram?

— Quem era Antonio Albuquerque Coelho de Carvalho? porque veiu para o Rio? e que posição ahi alcançou?

— Que foi feito do covarde Castro Moraes?

— Como se remediaram estes prejuizos enormes?

— Cumpriu a França as clausulas do tratado de Utrecht relativamente á espoliação do Rio de Janeiro?

— Qual foi para Portugal o resultado da descoberta do ouro no Brazil?

— Porque se distingue o governo de D. João V? e qual o resultado de seu luxo extravagante?

CAPITULO XXI.

O BRAZIL NO GOVERNO DE D. JOSÉ I: O MARQUEZ DE POMBAL.

1750-1777.

Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras e marquez de Pombal, principiou sua carreira politica nas côrtes de Jorge III de Inglaterra, cujo primeiro ministro era Walpole (1745) e de Maria Thereza d'Austria onde a politica era dirigida por Kaunitz. Com a morte de D. João V em 1750 recebeu a corôa D. José I que depositou em Pombal a mais absoluta confiança. Desde o principio de sua administração adquiriu o grande conselheiro por sua intelligencia e energia uma grande popularidade que augmentou-se ainda pelos serviços que prestou á capital por occasião do terremoto que em 1755 assolou Lisboa. 1750 1755

O segundo periodo do seculo XVIII tem na historia o nome de — periodo da reforma — por ter sido a epoca em que os reis aconselhados por habeis ministros operaram no sentido liberal grandes mudanças governativas, que preveniram serias catastrophes. Nesse tempo governaram: na Prussia, Frederico II (1786); na Austria, Maria Thereza, e depois de sua morte em 1780, seu filho D. José II (1792), que tiveram por conselheiro o principe de Kaunitz; na Inglaterra dirigiram a politica Fox e Pitt, successores de Walpole; na Russia era imperatriz Catharina II a Grande (1695); na França foi primeiro ministro Choiseul, cuja administração de 1758 a 1770 marca a epoca mais feliz do reinado de Luiz XV; na Italia teve Carlos IV de Napoles o illustre Tanuzzi, e quando recebeu em 1759 a corôa de Hespanha (Carlos III), tomou por conselheiros Aranda e

Florida-Blanca. Entre todas estas summidades diplomaticas representa Pombal um importante papel e por seu prestigio foi Portugal durante o seu governo respeitado entre as nações da Europa.

Tratado de Madrid (1750). — Em 1750 morreu D. João V deixando por executar-se o tratado de Madrid, que determinava os limites da colonia do Brazil com os dos tres vice-reinados de Hespanha — Santa-Fé, Perú e Buenos-Ayres. O territorio de Buenos-Ayres já tinha provocado differentes guerras entre Hespanhoes e Portuguezes. Em 1714 pelo tratado de Utrecht, que poz fim á guerra da successão de Hespanha, recebeu Portugal os territorios de La Plata e das Missões; mas as hostilidades dos Hespanhoes continuaram até á morte de D. João V, apesar de envidar Portugal todos os esforços para realisar a demarcação de limites do Brazil conforme o tratado de Madrid que dava o territorio das Sete Missões aos Portuguezes em troca da colonia do Sacramento ao norte do Prata. Pombal nada conseguiu apesar de ter-se reunido a commissão demarcadora composta do governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, e do marquez de Valdelirios, plenipotenciario de Carlos III, a qual depois de tres annos não podendo chegar a um accordo, teve de separar-se, voltando Gomes Freire de Andrade para o Rio de Janeiro, depois de algumas lutas contra os jesuitas dirigidos por seu superior Mathias Strobel e o cura Lourenço Balda. Mais tarde vingou-se Pombal tanto dos jesuitas como dos Hespanhoes.

Abolição dos jesuitas. — A companhia de Jesus formava em Portugal um estado, como em França os huguenots no tempo do cardeal Richelieu. Pombal gravemente offendido pelos jesuitas que impediam-no de executar suas reformas, projectou a abolição da Companhia.

Em 1758 deu-se contra a vida de D. José I o attentado em que se acharam compromettidos os jesuitas e as nobres familias

dos condes de Tavora e Aveiro. Instaurou-se um processo extraordinario e os compromettidos foram condemnados a morte. Entre elles se notam o conde de Aveiro, o conde de Tavora, sua mulher D. Leonor, dama de honor da infanta D. Maria, e o jesuita Malagrida.

No anno seguinte (1759) conseguiu Pombal de D. José I que assignasse um decreto expulsando os jesuitas de Portugal e do Brazil.

O exemplo do eminente politico foi logo imitado por Luiz XV na França (1764) e na Hespanha e Italia por Aranda, conselheiro do Carlos III (1767), sendo o papa Clemente XIV (Ganganelli) obrigado em 1773 por estas nações a supprimir a ordem dos jesuitas, o que fez pela bulla Dominus ac Redemptor.

Pombal ao passo que expulsava os jesuitas da colonia do Brazil, tambem proclamava nella a liberdade dos indios.

Tratado de Paris (1763). — Pombal vingou-se tambem da Hespanha, entrando em 1756, na guerra de sete annos, em alliança com a Inglaterra e a Prussia, contra a Hespanha, a Italia e a França. Estes tres ultimos paizes tinham por chefes reis da dynastia Bourbon — Luiz XV, Carlos III e Fernando IV, filho de Carlos III, que recebeu de seu pae a corôa de Napoles.

Em 1763 armou a Hespanha uma grande frota contra o sul do Brazil, onde era governador o illustre Gomes Freire de Andrade. O general hespanhol, depois vice-rei, D. Pedro Ceballos, occupou a colonia do Sacramento e as pequenas fortalezas do arroio Chuy, e preparou-se para atacar o Rio de Janeiro. A noticia desta invasão apressou a morte do nobre governador Gomes Freire de Andrade (1763); mas foi amplamente reparada pelo glorioso tratado de Paris (1763), que restituiu a Portugal todas as regiões que já lhe haviam sido concedidas pelo tratado de Utrecht.

O grande poder do ministro de D. José I explica-se: (*a*) Pela

completa confiança de seu rei que até á morte nunca se desmentiu. Richelieu gosou de igual confiança da parte de Luiz XIII, assim como tambem actualmente o principe de Bismarck que tem encontrado o mais decidido apoio do seu imperador Guilherme I. (*b*) Pela felicidade de no principio de seu governo encontrar um papa liberal, Benedicto XIV (Lambertini), que era, por assim dizer inimigo dos jesuitas, ao qual o proprio Voltaire honrou com o seguinte epitaphio:

> "Lambertinus hic est, Roma decus et pater orbis,
> Qui mundum scriptis, virtutibus ornat."

É sobretudo notavel a superioridade, e energia que revelou em todos os seus actos; Pombal, como Richelieu, adoptára a devisa: dito e feito. Sua influencia em Portugal sobre a administração, a agricultura, o commercio e a industria, interrompeu a decadencia do reino só durante seu governo. No Brazil, porêm, suas reformas despertaram as primeiras idéas de independencia, cuja realisação foi apressada pela presença de D. João VI no Brazil (1808–1821), e proclamada por D. Pedro I a 7 de setembro de 1822.

Reformas de Pombal no Brazil. — O eximio estadista aboliu no Brazil todos os direitos dos antigos capitães-móres, que se tinham conservado desde 1534. As capitanias de Porto-Seguro e Ilhéos foram annexadas á Bahia; mas a cidade de S. Salvador perdeu as regalias de residencia dos governadores, a qual mudou-se em 1763 para o Rio de Janeiro. Pernambuco e Bahia tiveram governadores especiaes.

Introduziu tambem importantes reformas na administração da justiça, abolindo a inquisição e todos os direitos temporaes do clero.

Deu a liberdade aos indios e substituiu a falta de braços por uma grande immigração de Ilhéos; consta que mais de 20,000 vieram então dos Açores para o Brazil.

O commercio recebeu grande animação pela diminuição dos

monopolios e a instituição de bancos commerciaes no Brazil. Os mais importantes foram os do Grão Pará e de Pernambuco.

Cuidou especialmente da administração das minas e mandou de Portugal excellentes directores que deram muito desenvolvimento á provincia de Minas, onde então se fundaram collegios que até hoje gosam de muito boa fama.

Os thesouros do Brazil e a sua boa administração foram os principaes factores do brilhante estado em que Pombal deixou as finanças. Organisou um excellente exercito, equipou uma boa frota, e mandou reconstruir as fortalezas do Brazil conforme o novo systema de bastiões de Vauban, e aperfeiçoar como se acham actualmente os portos do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

Pombal conseguiu estabelecer uma completa união entre Brazileiros e Portuguezes. O odio que havia germinado pelos erros do governo portuguez, preparou a boa recepção de D. João VI em 1808; ao passo que os reis de Hespanha, Carlos IV e Fernando VII, não acharam asylo nos seus ricos vice-reinados e foram obrigados a sujeitar-se á politica de Napoleão I.

Em 1776 mandou Carlos III uma segunda frota contra o Brazil, commandada por D. Pedro de Ceballos, vice-rei de Buenos-Ayres, que de novo occupou a região do Prata.

Nesse interim morreu D. José I e succedeu-lhe D. Maria I, sua filha casada com D. Pedro III, a qual era inimiga implacavel do grande ministro que foi logo dimittido, processado e exilado da côrte em 1781.

Este eminente estadista morreu no esquecimento em 1782; seu centenario porêm, foi celebrado com grande enthusiasmo em Portugal e no Brazil. A historia de Portugal conta tres heroes immortaes: Vasco da Gama, o descobridor; Luiz de Camões, o poeta; e o Marquez de Pombal, o grande estadista.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXI.

— Com que grandes diplomatas fez Pombal seu tirocinio politico?

— Que rei de Portugal nomeou-o seu primeiro ministro?

— O que no principio da sua administração augmentou sua popularidade?

— Porque tem na historia o nome de — periodo da reforma — a segunda parte do seculo XVIII?

— Quem governava então a Prussia? na Austria quem dirigia a politica? e na Inglaterra?

— Quem foi Choiseul? e quanto tempo dominou a politica franceza?

— Que grandes ministros teve Carlos III de Hespanha?

— Que lugar occupa Pombal entre os grandes estadistas? e o que lhe deve Portugal?

— O que determinara o tratado de Madrid relativamente ao Brazil?

— O que dispoz o tratado de Utrecht a respeito do territorio do Prata e das Sete Missões? Puzeram estes tratados termo ás hostilidades?

— Quem foram os membros da commissão de limites ao sul? quanto tempo estiveram reunidos? e o que conseguiram?

— Como procederam os jesuitas acerca das ordens do governo?

— De que modo vingou-se Pombal da opposição da Companhia?

— Que circumstancia favoreceu o projecto de Pombal?

— Como foram punidos os compromettidos no attentado contra a vida do rei?

— Em que anno foram os jesuitas expulsos de Portugal e Brazil?

— Que nações da Europa imitaram a Portugal na expulsão dos jesuitas?

— Que papa aboliu a Companhia de Jesus? e quando?

— Como acabou Pombal com a questão dos indios?

— Que vingança tomou Pombal dos Hespanhoes?

— A que dynastia pertenciam os reis de Hespanha, Italia e França? e quem eram elles?

— Quem era o governador do Rio de Janeiro em 1763?

— Que ponto do Brazil foi em 1763 atacado pelos Hespanhoes? e com que resultado?

— Que tratado restituiu a Portugal os terrenos perdidos? e que terrenos eram esses?

— Como se explica o grande poder de Pombal no interior? e no exterior?

— Que elevadas qualidades distinguiam seu caracter?

— Que influencia teve sua administração sobre Portugal? e sobre o Brazil?

— Que reformas operou Pombal no Brazil?

— De que modo reformou a administração da justiça?

— Depois de dar a liberdade aos indios, como remediou a falta de trabalhadores?

— Que attenção deu ás minas do Brazil? em que estado deixou as finanças? e porque?

— O que fez Pombal relativamente ao exercito? á marinha? ás fortificações da costa do Brazil? aos portos?

— Qual o resultado da administração de Pombal para o Brazil?

— Que prova se deu da amizade fraternal entre Brazileiros e Portuguezes?

— Que nova invasão se deu no Brazil em 1776? e onde? quem a commandava? e o que conseguiu?

— Que grande desgraça aconteceu a Portugal em 1777? quem subiu ao throno?

— Que foi feito de Pombal? Quando morreu? Foram seus serviços devidamente apreciados pela posteridade? como se prova isto?

— Que trindade de heroes honra as paginas da historia de Portugal?

CAPITULO XXII.

PROJECTOS DE INDEPENDENCIA DO BRAZIL: CONSPIRAÇÃO DO TIRADENTES.

1777-1792

Durante o estado colonial apresentaram-se differentes projectos de tornar o Brazil independente de Portugal, os quaes classificam-se, conforme sua origem, em dous grupos: *europeus* e *brazileiros*. Entre os primeiros apontam-se dous:

I. O projecto do Prior do Crato em 1581, o qual batido pelo duque d'Alba, tentou, como legitimo herdeiro da corôa portugueza, fundar no Brazil um reino independente. D. Antonio chegou ao Rio de Janeiro com alguns navios fornecidos por Henrique III de França; mas não lhe permittiu desembarcar o governador Salvador Corrêa de Sá, que já havia prestado juramento a Felippe II.

II. O projecto do conde de Aranda, ministro de Carlos III de Hespanha, que tencionára depois do tratado de Paris (1763), fundar com as vastas colonias hespanholas e portuguezas da America reinos independentes, prevendo desde então a difficuldade de sua conservação. Entrára para isso antecedentemente em negociações com Pombal, ministro de D. José I, mas nada conseguiu. Suas previsões realisaram-se no seculo

1786

CONTEMPORANEOS PAPAS.

Benedicto XIII (Orsini), 1724-1730.
Clemente XII (Corsino), 1730-1740.
Benedicto XIV (Lambertini), 1740-1758.
Clemente XIII (Rezzonico), 1758-1769.
Clemente XIV (Ganganelli), 1769-1775.
Pio VI (Braschi), 1775-1800.

seguinte, quando os vice-reinados da Hespanha formaram republicas e o Brazil um imperio independente.

Nos motins e revoltas que se originaram no Brazil notam-se já desejos de separação; mas taes movimentos eram principalmente dirigidos contra graves erros do governo e por isso localisaram-se, não se divulgando por toda a colonia.

Os erros governativos que frequentemente provocavam essas demonstrações de desgosto eram: escravidão dos indios, incerteza de limites e monopolios.

Revoltas no Brazil. — Em 1640 proclamação de Amador Bueno em S. Paulo, e expulsão dos jesuitas e empregados do fisco. Amador Bueno com toda a lealdade applacou a revolta e alcançou para os Paulistas amnistia geral de D. João IV. 1640

Em 1663 Agostinho Barbalho foi pelo povo do Rio de Janeiro acclamado governador da capitania, sendo expulsos o governador, os jesuitas e os empregados do fisco. Tambem esta revolta não teve graves consequencias.

Mais séria foi a revolução dos irmãos Beckmans no Maranhão (1683); mas cumpre notar que apezar de haver na colonia inteira a mesma oppressão da parte dos jesuitas e do fisco, nenhuma outra capitania tomou o partido dos revolucionarios, e quando chegou (1684) o novo governador, Gomes Freire de Andrade, sujeitou-se o Maranhão sem resistencia, e viu mesmo, 1683

CONTEMPORANEOS: VICE-REIS E GOVERNADORES-GERAES DO BRAZIL.

D. Antonio de Almeida Soares e Portugal, conde de **Avintes (1755–1762).**
General Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella **(1763).**
D. Antonio Rolim de Moura Tavares, conde de Azambuja **(1767).**
D. Luiz de Almeida Portugal, conde de Avintes (1768).
José da Cunha Grã Ataide e Lancastro, conde de **Pavolide (1769).**
Manoel da Cunha Menezes (1774).
D. Affonso Miguel de Portugal, marquez de Valença (1779).
D. Rodrigo José de Menezes e Castro (1784).
D. Fernando José de Portugal e Castro (1801).

sem revoltar-se, subir ao patibulo seus chefes Manoel Beckman e o D^{or}. Sampaio.

Comtudo já então existia a nacionalidade brazileira, que se havia formado na guerra prolongada da Hollanda, e cujos representantes tinham conseguido expulsar o inimigo estrangeiro. Os Brazileiros desenvolveram-se rapidamente no sentido social pelo descobrimento das grandes riquezas mineraes e pelas favoraveis instituições de Pombal que lhes deram direitos quasi iguaes aos do reino de Portugal.

Em 1777 quando a implacavel inimiga do marquez de Pombal, D. Maria I subiu ao throno, tratou logo de dimittil-o e de abolir caprichosamente as sabias instituições daquelle grande reformador.

Mais que Portugal soffreu o Brazil com tal regresso. Foi prohibido o commercio do Brazil com as outras nações; introduzidos de novo os antigos privilegios; os monopolios estenderam-se sobre todos os generos de primeira necessidade; e pelos alvarás regios de 1782 e 1783 foi vedada toda a industria e o luxo punido com fortes multas. Esta tyrannia exercia-se no Brazil ao mesmo tempo em que no mundo inteiro surgiam idéas liberaes.

CONTEMPORANEOS: GOVERNADORES DO RIO DE JANEIRO.

Ayres de Saldanha e Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha (1717–1719).
Luiz Vahia Monteiro (1725).
Gomes Freire de Andrade (1733)
Governo interino (1733–1753).
Gomes Freire de Andrade (2ª. vez), conde de Bobadella, vice-rei (1762).
D. Antonio Alvares da Cunha, conde da Cunha, vice-rei (1763).
D. Antonio Rolim de Moura, conde de Azambuja, vice-rei (1767).
D. Luiz de Almeida Portugal Soares Eça Mello Silva Mascaranhas marquez de Lavradio, vice-rei (1769).
D. Luiz de Vasconcellos e Souza, vice-rei (1779–1790.
D. José de Castro, conde de Rezende, vice-rei (1790–1801).
D. Fernando José de Portugal, vice-rei (1801–1806).
D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, vice-rei (1806–1807).

Em 1773 rompêra nos Estados-Unidos a guerra contra a forte Inglaterra; nos vice reinados hespanhoes apparecem frequentes revoltas; na India levantaram-se Tippo-Saeb e Hyder-Alli contra a oppressão ingleza; e na França preparava-se a Grande Revolução.

A tranquillidade e a indifferença da nação brazileira explicam-se por tres causas:

I. Relações intimas com a metropole.

II. Riqueza de produção em todos os sentidos.

III. Falta de animo para entrar em guerra aberta com a mãe-patria.

Apezar disto a nova tyrannia provocou uma grande indignação no animo dos patriotas exaltados. Muitos estudantes brazileiros achavam-se então nas universidades de Coimbra, de Paris e de Londres e assistiram aos grandes acontecimentos dessa epoca.

Consta que um tal D^{or}. Barboza de Minas teve mesmo conferencias em Paris, mas sem nenhum exito, com Jefferson, embaixador dos Estados-Unidos, cuja independencia havia sido reconhecida em 1783 com grande enthusiasmo em Versailles.

Em 1788 formou-se em Villa-Rica (hoje Ouro-Preto) capital de Minas-Geraes, uma conjuração que tem o nome de seu chefe, Joaquim José da Silva Xavier, appellidado o *Tiradentes*, alferes de cavallaria que se reuniu com homens importantes, como os poetas, Thomaz Antonio Gonzaga,* Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa, o D^{or}. Maciel, Francisco de Paula Freire Andrade, e o rico fazendeiro padre Manoel Rodrigues da Costa e seus parentes. As reuniões eram em casa de Claudio. Os conspiradores projectavam instituir uma republica independente, tendo por capital S. João d'Elrei, e fundando-se uma universidade em Ouro-Preto. 1788

* O mavioso cantor de *Marilia de Dirceu*. O dezembargador poeta assim intitulára o seu primoroso cancioneiro em que exalta a belleza e os dotes de sua noiva adoptando elle como arcade o nome de *Dirceu*.

Escolheram uma bandeira branca onde via-se um anjo quebrando cadeias e a divisa: *Libertas quo sera tamen.*

O vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza havia mandado para Minas o habil visconde de Barbacena em substituição a Cunha de Menezes, que se mostrára fraco no cumprimento da derrama. O visconde foi secretamente avisado por um certo Joaquim Silverio dos Reis do projecto dos conspiradores que queriam romper a revolta no dia do lançamento da derrama.

Habil diplomata adiou o visconde a cobrança do imposto, o que causou grande alegria entre o povo, e facilmente foram presos todos os conjurados e sem impedimento transportados ao Rio de Janeiro, onde tambem o Tiradentes cahira nas mãos da justiça. O processo foi immediatamente instaurado por dezembargadores portuguezes. Todos os compromettidos foram condemnados á morte; mas um decreto de D. Maria I ordenou que só fosse executado o chefe.

Com grande magnanimidade tomou sobre si o nobre Tiradentes toda a culpa de seus companheiros. Claudio havia
1792 se suicidado na prisão e os outros compromettidos foram degradados para os presidios da costa da Africa.

A execução do Tiradentes effectuou-se a 21 de abril de 1792, no largo do Rocio, e conforme as leis crueis daquelle tempo foi seu corpo esquartejado e mandado para Villa-Rica (Ouro-Preto); sua casa foi arrasada e sua familia declarada infame.

O heroismo com que este nobre martyr, offereceu-se para satisfazer a justiça real, salvando assim a vida de seus companheiros, é acima de todo o louvor, e por sua morte affrontosa mereceu elle a corôa de gloria com que a patria reverente o adorna nos altares da immortalidade.

QUESTIONARIO.—CAPITULO XXII.

— Houve projectos de tornar o Brazil independente antes de 1822? como se classificam? qual o primeiro? quando?

— Quem auxiliou ao Prior do Crato? de que modo? qual o resultado da tentativa? porque?

— Quem formou o segundo projecto? quando? porque? e qual o resultado?

— Quando realisaram-se as previsões do conde de Aranda?

— O que se nota nos motins e revoltas do Brazil? qual a causa especial dessas revoltas? e porque foram facilmente reprimidas?

— Quem foi escolhido chefe da revolução de S. Paulo em 1640? contra quem foi ella dirigida? Como correspondeu Amador Bueno a confiança do povo? e qual o resultado da revolta?

— Contra quem se revoltaram os habitantes do Rio de Janeiro em 1663? A quem escolheram para governador? e como terminou a revolta?

— Que revolução houve no Maranhão em 1683? Quem foram os chefes? tiveram o apoio de outras capitanias? Quando foi suffocada a revolta? por quem?

— Resistiram os Maranhenses ao novo governador? o que foi feito dos chefes dos revoltosos?

— Como podemos provar que já então existisse a nacionalidade brazileira? onde se formára ella?

— A que é devido o grande desenvolvimento social dos brazileiros?

— Que aconteceu a Pombal depois da morte de D. José I?

— Por quem foi elle demittido e perseguido? salvaram-se suas instituições? porque?

— Que effeito teve no Brazil o governo retrogrado de D. Maria I? O que soffreu o commercio brazileiro? que males voltaram de novo? e sobre a industria e o luxo que decretaram os alvarás regios de 1782 e 1783?

— Era então o mundo europeu dominado por idéas reaccionarias?

— Que acontecimento se dera nos Estados-Unidos em 1773? nos vice-reinados hespanhoes? na India? e na França?

— Como se explica a apathia dos brazileiros?

— Que classe resentiu-se da nova tyrannia? porque se indignaram os estudantes brazileiros? procuraram elles apoio estrangeiro?

— **Que conjuração** formou-se em Villa-Rica em **1788?**

— Que nome tem hoje a capital de Minas?

— Quem era o Tiradentes? com quem se associou? Onde se reuniam os conjurados? Que projecto tinham? que bandeira adoptaram?

— Quem era então o vice-rei do Brazil? a quem nomeou governador de Minas? Porque foi Cunha Menezes substituido?

— Que denuncia recebeu o Visconde de Barbacena? de quem?

— Quando devia romper a revolução?

— Que medidas preventivas tomou o visconde? com que resultado? O que foi feito dos conjurados? onde estava o Tiradentes? e o que lhe aconteceu?

— Quem processou os revoltosos de Villa-Rica? que sentença tiveram? e o que ordenou D. Maria I?

— Que sublime rasgo de generosidade praticou o Tiradentes? e qual dos conjurados revelou profunda fraqueza moral?

— Como foram punidos os conjurados com excepção do Tiradentes?

— Qual foi a sorte do magnanimo conspirador?

— Que requintes de crueldade acompanharam sua execução?

— **Como vingou a posteridade o martyrio do corajoso patriota?**

D. JOÃO VI
Rei de Portugal, Brazil e Algarves

CAPITULO XXIII.

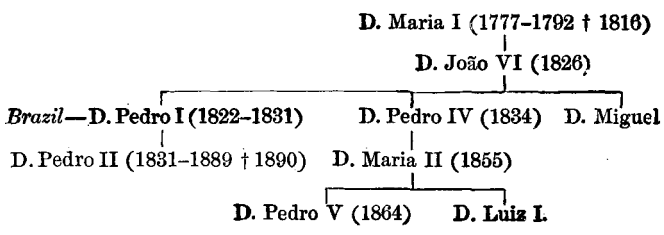
TRANSMIGRAÇÃO DE D. JOÃO VI E DA FAMILIA REAL PARA O BRAZIL: SÉDE DA MONARCHIA PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO.

1777–1821.

Em 1777 começou o infeliz governo de D. Maria I, a primeira rainha que governou Portugal, bem que desde sua fundação em 1137 por D. Affonso Henriques fosse excluida de seu codigo a lei salica.

Com a demissão de Pombal principia uma longa serie de desgraças: confusão nas finanças, irregularidades na administração e oppressão das colonias. No Brazil foram de novo fechados os portos e prohibidos todos os ramos de industria. No exterior o estado de cousas tornou-se ainda peior: a rainha 1778 celebrou em 1777 com a Hespanha o tratado de Santo Ildefonso, pelo qual perdeu Portugal vastos terrenos ao sul do Prata: o Uruguay inclusive o territorio das Sete Missões e a colonia do Sacramento. O mesmo tratado estipulou alliança intima entre Hespanha e Portugal, o que deu mais tarde bem tristes resultados.

DYNASTIA DE BRAGANÇA.



Principiam então nos paizes europeus os movimentos precursores da grande revolução franceza. Mirabeau, o Demosthenes da França, compara o estado da Europa com o da terra antes da erupção de um volcão.

Em 1785 morreu Carlos III de Hespanha e succedeu-lhe o fraco Carlos IV inteiramente sujeito á politica de Godoy que projectou a destruição de Portugal, no que foi auxiliado pelas circumstancias.

D. Maria I desde a morte de seu tio e marido D. Pedro III em 1786, ficára enfraquecida da rasão e em 1792 retirou-se para um convento, deixando a regencia a seu filho D. João VI, que exerceu-a até 1816. Elle foi o segundo regente do reino, tendo o primeiro sido D. Pedro II desde 1668 até 1680, por causa da exoneração de seu irmão D. Affonso VI.

A revolução franceza que havia rompido em 1789 desenvolveu-se rapidamente e chegando ao seu ponto culminante no governo do Terror, principiou com a morte de Robespierre um movimento de reacção creando o Directorio em 1795. Nesse
1795 mesmo anno assignou Godoy um tratado de paz com a França em Basiléa, que se conservou até 1808, ao passo que Portugal continuava unido á Inglaterra.

Em 1800 preparou Godoy uma invasão contra Portugal e occupou sem encontrar resistencia uma grande parte do Alemtejo.

CONTEMPORANEOS.

FRANÇA — *Revolução* (1789–1804).
Imperio: Napoleão I (1804–1815).
Reino: Luiz XVIII (1815–1824). Carlos X (1824–1830).

INGLATERRA — *Dynastia de Hannover:*
Jorge III (1760–1820). Jorge IV (1830).

ALLEMANHA:
José II (1780–1792). Leopoldo II (1792). Francisco II (1806).

HESPANHA:
Carlos IV (1788–1808). José Bonaparte (1813). Fernando VII (1832).

Os patrioticos Rio-Grandenses recebendo a noticia do rompimento da guerra, não esperaram as ordens do governo e reoccuparam as antigas possessões do Brazil — Uruguay e as Sete-Missões — perdidas pelo tratado de Santo Ildefonso. Correu o sangue inutilmente; pois o Principe Regente para salvar seu reino celebrou com o Primeiro Consul o vergonhoso tratado de Badajoz (1801), que o obrigava a restituir a Hespanha os terrenos do Brazil, pagar uma forte contribuição e entregar á França todo o territorio ao norte do Amazonas. Esta ultima clausula foi annullada por intervenção da Inglaterra que em 1802 celebrou com a França o tratado de Amiens.

Em 1804 o Primeiro Consul declarou-se Imperador. Renovou-se a guerra e depois da derrota de Francisco II e Alexandre I a 2 de dezembro de 1805, celebrou-se o tratado de Presburgo (1806). Em presença de tão grande perigo a Inglaterra não fraqueou e alliou-se com a Prussia. As derrotas de Iena, Auersted, Eylau e Friedland tiveram por resultado o tratado de Tilsit (1807). Alexandre I ligou-se com Napoleão I, que formou o reino de Westphalia com parte da Prussia, e senhor do continente europeu, publicou em Berlim o bloqueio continental para acabar com seu ultimo inimigo — a Inglaterra.

Tres potencias de segunda ordem resistiram ás imposições da França: os Estados da Igreja, Dinamarca e Portugal. O papa foi deposto e seus estados annexados ao novo reino de Italia. A Dinamarca sujeitou-se, mas a Inglaterra bombardeou sua capital, Copenhague. Em frente de Lisboa postou-se uma

---

ARCEBISPOS DO BRAZIL.

D. Frei José Fialho (1737-1741).
D. José Botelho de Mattos (1762).
D. Frei Manoel de Santa Ignez (1773).
D. Joaquim Borges de Figueirôa (1776).
D. Frei Antonio de S. José (1781).
D. Frei Antonio Corrêa (1805).
D. Frei José de Santa Escolastica (1814).
D. Frei de S. Damazo d'Abreu Vieira (1821).

esquadra ingleza, emquanto Napoleão mandava um forte exercito contra Portugal, o qual era commandado pelo general Junot, que atravessou sem obstaculo a Hespanha, graças á traição de Godoy, a quem Napoleão promettêra dar uma parte de Portugal, cuja divisão foi determinada em Fontainebleau.

D. João VI para evitar a destruição de sua cidade, embarcou-se com sua familia, grande parte do exercito e muitos fidalgos para o Brazil.

Um habil diplomata, Rodrigo da Silva Coutinho, brazileiro de nascimento e ministro do rei, tinha mandado preparar nas grandes cidades da colonia pomposos festejos para a recepção do rei, que foi feita com o maior enthusiasmo.

A frota foi dispersada por uma tempestade, arribando á Bahia, entre outras, a nau real. Na antiga capital de Thome de Souza foi o rei recebido com grande ostentação, e tomou por ministro José da Silva Lisbôa, depois Visconde de Cayrú. Nesta cidade foi a 28 de janeiro de 1808, publicado o notavel decreto da abolição dos monopolios e abertura dos portos do Brazil a todas as nações. Neste decreto notam-se as palavras — "*O novo Imperio declara guerra á França.*"

A 8 de março de 1808 chegou D. João VI ao Rio de Janeiro e a cidade de Men de Sá foi sua residencia até 26 de abril de 1821.

A vinda do rei deu grande impulso á colonia.

Notam-se os seguintes desenvolvimentos:

Abertura dos portos, 1808.

ESCRIPTORES NOTAVEIS DO BRAZIL.

D. Frei José Marianno da Conceição Vellozo. — Illustre botanico brazileiro, autor do *Fazendeiro do Brazil*, obra em onze volumes com preciosas instrucções para a cultura do café, da canna, do cacáo, do cacto cochenilheiro, etc.

José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú. — Escreveu varios livros sobre direito mercantil, economia politica, historia e muitos artigos sobre politica. Em economia politica seguia a doutrina de J. B. Say e de Burke, de cujas obras fez algumas traduções. Propoz reformas importantes na administração, entre ellas a franquia dos portos.

Elevação a reino, 1815.

Instituição da Relação no Rio, 1815.

Mudança das capitanias em provincias.

Fundação de tres novas provincias: Rio Grande do Sul (1806), Santa Catharina (1810) e Alagoas (1817).

Na cidade do Rio de Janeiro fundaram-se as academias de engenharia e escolar militar, os arsenaes de guerra e marinha, o museu, a bibliotheca, o jardim botanico, o passeio publico, hospitaes civis e militares, a imprensa regia, e o erario. Tambem teve calçamento regular e illuminação.

Cumpre notar que foram creadas escolas de estudos superiores e academias, mas não *escolas primarias*, de que havia muito poucas para meninos e *nem uma siquer para o sexo femenino*. Isto é prova evidente de quão mal comprehendidas eram ainda as verdadeiras bases do perfeito desenvolvimento e da grandeza de uma nação.

O Brazil feliz nas campanhas do sul e do norte, recebeu sua maior extensão desde o rio Oyapoc, na Goyana Franceza até o rio da Prata (1815). Montevideo, que se annexára em 1822, separou-se em 1828.

O bispo **Azeredo Coutinho** era dotado de altas virtudes, nobreza de caracter, variados conhecimentos e brilhante intelligencia. Suas obras tratam de direito de governo e economia politica e tambem de varias sciencias como a mechanica; tambem occupou-se do problema da navegação aerea.

Hypolito José da Costa tão illustre como Cayrú ou Coutinho, foi mais liberal que ambos, e sem duvida com o seu *Correio Braziliense* que então estava á frente da imprensa periodica prestou á patria mui relevantes serviços. Suas opiniões liberaes fizeram-no incorrer no desagrado da Inquisição, de sorte que para salvar a vida teve de fugir de Lisboa e abrigar-se em Londres, onde encetou a publicação do *Investigador*.

Frei Francisco de S. Carlos. — Autor do poema epico *Assumpção da Virgem*.

Balthazar da Silva Lisboa. — Autor dos *Annaes do Rio de Janeiro*.

Antonio de Moraes e Silva. — Autor de um *Diccionario da lingua portugueza*.

Os acontecimentos particulares deixaram tambem impressões favoraveis e deram aos Brazileiros esperanças de que o rei mudasse a côrte de seus tres reinos definitivamente para o Rio de Janeiro.

O principe herdeiro D. Pedro celebrou seu casamento com a archiduqueza D. Maria Leopoldina, filha de Francisco II e D. João VI em 1817 decretou que sua coroação seria feita no Rio de Janeiro. As festividades foram interrompidas pela revolução de Pernambuco (1817), que foi promptamente suffocada, mas deixou no animo do rei e do povo uma dolorosa impressão, que muito influiu em 1821 sobre a resolução de D. João VI em voltar para Portugal, depois da revolução do Porto em 1820.

Muitas revoluções e tentativas contra o governo de Portugal mallograram completamente ou desappareceram como pequenos movimentos locaes; mas o insulto aos deputados brazileiros em 21 de abril de 1821 foi uma ferida que sentiu a nação inteira. A partida para Portugal de D. João VI a 26 de abril do mesmo anno foi o signal da declaracão de independencia.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXIII.

— Quem foi a primeira rainha de Portugal? quando começou a reinar?

— Que desgraças publicas accarretou a demissão de Pombal?

— Que effeito teve no Brazil? nas relações internacionaes de Portugal?

— Que perdeu a nação portugueza pelo tratado de Santo Ildefonso?

— Em que estado achavam-se então os paizes europeus?

— Quando subira Carlos IV ao throno de Hespanha? que ministro o dominou? e que plano formou a respeito de Portugal?

— Porque deixou o governo D. Maria I? quem ficou com a regencia? até quando?

— Quantos regentes havia até então tido Portugal? quem foi o primeiro? porque?

— Que aconteceu em França em 1789? e quando foi creado o Directorio?

— Que ministro assignou o tratado de Basiléa com a França?

— Com que nação estava Portugal alliado? e o que soffreu da Hespanha em 1800?

— Que effeito produziu no Rio Grande do Sul a noticia da guerra entre Hespanha e Portugal?

— Foi o patriotismo rio-grandense de alguma utilidade para o reino? porque foram baldados tão grandes esforços?

— Que importancia tem para Portugal o tratado de Amiens?

— Que titulo tomou o chefe do governo francez em 1804?

— Qual foi a consequencia da victoria de Napoleão sobre a Austria e a Russia em 2 de dezembro de 1805? e que medidas tomou a Inglaterra?

— Que derrotas determinaram a Prussia a assignar o tratado de Tilsit? quando? Que soberano alliou-se então a Napoleão? que novo reino se fundou? onde? quem decretou o bloqueio continental contra a Inglaterra? e onde?

— Que nações resistiram a Napoleão? que aconteceu ao papa? a Dinamarca? a Portugal?

— Como poude o general Junot atravessar a Hespanha?

— Que promessa fizera Napoleão a Godoy? e onde foi decidida a divisão de Portugal?

— Que resolução tomou D. João VI? para que?

— Quem foi Rodrigo da Silva Coutinho? e que aviso deu aos seus patricios?

— Que aconteceu á frota de D. João VI? como foi o rei recebido na Bahia? que homem notavel tomou para ministro? e que decreto notavel foi ahi publicado?

— Em que dia chegou D. João VI ao Rio de Janeiro? e quanto tempo ahi residiu?

— Que vantàgens trouxe ao Brazil a vinda do rei? e especialmente á cidade do Rio de Janeiro?

— O que se nota então a respeito de instrução primaria?

— Quaes eram os limites do Brazil ao norte e ao sul?

— Por quanto tempo fez o Uruguay parte do Brazil com o nome de — provincia Cisplatina?

— Que acontecimentos particulares á familia real concorreram para

convencer aos Brazileiros de que o Rio de Janeiro ficaria sendo a séde da monarchia?

— Porque foram interrompidas as festividades da coroação?

— Que offensa da parte dos Portuguezes excitou mais a indignação do Brazil em 1821? e o que foi decidido depois da partida do rei?

CAPITULO XXIV.

GUERRAS NO SUL COM OS HESPANHOES E NO NORTE COM OS FRANCEZES.

1801-1820.

O Rio da Prata por causa das incessantes inimizades entre os Portuguezes e os Hespanhoes pode-se comparar com o rio Rheno relativamente aos Francezes e aos Allemães. Este sentimento de hostilidade entre os fronteiros não está ainda mesmo hoje de todo extincto; e é a essa herança de indole guerreira e habito em affrontar perigos que a nossa heroica provincia do Rio Grande do Sul deve a gloria de ter dado á patria seus mais illustres estrategicos, como Ozorio, Camara, Porto-Alegre, Mena Barreto, e a de ser appellidada com o nobre titulo de "Escudo do Brazil."

Em 1801 chegaram ao Brazil noticias da guerra declarada a Portugal pela Hespanha, que se havia alliado á França, e os Rio-Grandenses mesmo antes de receber ordens do governo, com as poucas forças de que podiam dispor, foram reconquistando todos os terrenos perdidos pelo triste tratado de Santo Ildefonso. O governador da capitania Xavier da Veiga Cabral reoccupou as posições hespanholas desde S. José até Serro Lago, comprehendendo todas as vertentes da lagôa Mirim, e mandou o coronel Manoel Marques de Souza devassar a fronteira até alem do Jaguarão e Santa Tecla. 1801

A noticia da paz de Badajoz veiu impedir que os Hespanhoes tomassem desforra e a despeito de todas as reclamações ficaram em poder dos Portuguezes os territorios conquistados.

Em 1808 foram exonerados na Hespanha os reis Carlos IV

1808 e seu filho Fernando VII, e a corôa dada pelo omnipotente Napoleão a seu irmão José I. Revoltaram-se contra o novo rei os quatro vice-reinados de Hespanha.

D. João VI casado com D. Carlota Joaquina, filha mais velha de Carlos IV, projectou a annexação das regiões do Prata aconselhado pelos governadores Xavier Elio de Montevidéo e Francisco Liniers de Buenos-Ayres; antes, porêm, do resultado das

1810 conferencias foi em Buenos-Ayres proclamada a republica por Artigas. Montevidéo e Paraguay separaram-se e formaram republicas independentes. O caudilho José Artigas invadiu a Banda Oriental; mas o governador D. Francisco Xavier Elio chamou em seu soccorro, os Portuguezes.

O brigadeiro Manoel Marques de Souza depois da expulsão dos Argentinos, retirou suas tropas com grande desinteresse.

1812 José Artigas viu-se obrigado a assignar um armisticio illimitado, que foi approvado pelo principe regente (1812).

Neste interim o duque de Wellington terminou a expulsão dos Francezes da peninsula Iberica, e D. João VI poude chamar para o Brazil grande parte do exercito ao commando de Carlos Frederico Lecór, ulteriormente conde de Laguna. No Rio-Grande do Sul concentrou-se uma forte guarnição, de sorte que quando Artigas tentou uma nova invasão em 1817, foi

1820 promptamente repellido por uma serie de victorias que terminaram com a sua completa derrota em Taquarembó (1820).

A consequencia da superioridade das armas brazileiras e da boa disciplina que mostrou o exercito durante a occupação do paiz, foi a annexação ao Brazil da região do Uruguay, a qual effectuou-se pela votação da Assembléa nacional reunida em Montevidéo. Infelizmente esta reunião só durou seis annos, desde 1822 até 1828.

As guerras européas trouxeram tambem algumas complicações no norte do Brazil em rasão de ter Portugal incorrido no desagrado da França, por sua alliança com a Inglaterra.

Já vimos como o tratado de Badajoz (1801) espoliára Portugal de todas as terras ao norte do Amazonas, e como esta mesma estipulação fôra annullada no anno seguinte pelo de Amiens por intervenção da Inglaterra. 1801 1802

D. João VI logo que chegou ao Brazil dirigiu ás nações da Europa um manifesto explicando as rasões porque declarava guerra á França e ao mesmo tempo mandou que o coronel Manoel Marques de Souza tomasse a Guyana franceza, o que foi promptamente executado, não tendo os Francezes força sufficiente para resistir aos ataques dos Brazileiros, que o obrigaram a capitular e entregar a fortaleza de Cayenna. 1808

Foi nomeado governador da Guyana o dezembargador João Severiano Maciel da Costa, que administrou-a até 1817, quando foi de novo entregue aos Francezes pela convenção de Paris, que determinou provisoriamente os limites do Brazil pelo rio Oyapoc. 1817

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXIV.

— Porque se pode comparar o rio da Prata com o Rheno?

— A que se pode attribuir a indole guerreira e a bravura natural dos Rio-Grandenses? que homens notaveis entre elles?

— Porque actos se revelou o patriotismo dos Rio-Grandenses em 1801? quem era o governador da capitania? e o que fez?

— Porque não tomaram desforço os Hespanhoes?

— Que soffreram em 1808 Carlos IV e Fernando VII de Hespanha? a quem foi dada a corôa? e por quem?

— O que fizeram os vice-reinados hespanhoes?

— Que projecto formou D. João VI? porque? quem o aconselhou?

— Que acontecimento se deu então em Buenos-Ayres?

— Quem invadiu a Banda Oriental? e o que fez o governador?

— Como procedeu o brigadeiro Manoel Marques de Souza?

— Quem assignou o armisticio? por quem foi approvado? e quando?

— Que acontecimentos tinham então lugar na Hespanha? que vantagens disso resultou para o Brazil? que ponto recebeu uma forte guarnição? e de que utilidade foram essas medidas?

— Onde foi Artigas completamente derrotado? quando?

— Qual o resultado da bravura e disciplina do exercito brazileiro? quanto tempo durou esta annexação?

— Que outro ponto do Brazil soffreu em consequencia das lutas européas? qual a clausula do tratado de Badajoz relativo ao Brazil? e como foi ella annullada?

— Que manifesto dirigiu D. João VI ás nações da Europa em 1808? que colonia franceza mandou atacar? e por quem?

— Como foi a ordem do rei executada? porque?

— Quem foi nomeado governador da Guyana? quanto tempo exerceu o lugar? e porque deixou de governar?

— Que determinou a convenção de Paris relativamente aos limites do Brazil com a Guyana franceza?

CAPITULO XXV.

REVOLUÇÃO REPUBLICANA DE PERNAMBUCO EM 1817; REVOLUÇÃO DE PORTUGAL EM 1820; RETIRADA DA CÔRTE PARA PORTUGAL.

1817-1821.

A revolução de Pernambuco no Brazil e a do Porto em Portugal, inteiramente differentes a todos os respeitos, combinam-se somente em apressar o mais importante acontecimento da historia do Brazil — a proclamação da independencia — 7 de setembro de 1822.

Revolução pernambucana (de 7 de março a 29 de maio de 1817). — Á primeira vista parece a revolução pernambucana uma grande ingratidão do povo brazileiro para com o Principe Regente, que sacrificára em seu proveito a propria patria.

Entre os grandes beneficios que em geral elle trouxe ao Brazil, notam-se: Abertura dos portos (1808); a elevação a reino (1815) a instituição da relação do Rio; muitas outras medidas relativas á administração das provincias; e o que é mais importante, a residencia do rei no Rio de Janeiro.

Não obstante estas vantagens que trazia á colonia, o rei não ganhou popularidade por dous motivos: 1°. A recordação muito recente do governo tyrannico de sua mãe D. Maria I. 2°. A grande parcialidade com que tratava os favoritos que com elle vieram de Portugal, os quaes não só occupavam os primeiros lugares em todas as repartições, mas devoravam sommas immensas em divertimentos, provocando assim por todos os modos o odio dos Brazileiros. Uma das principaes causas da desharmonia dos dous partidos no Rio de Janeiro foi a occupação das casas particulares, que depois de expulsos seus moradores foram marcadas com o fatal P. R.

Os descontentes affluiram para Pernambuco menos vigiada do que o Rio e Bahia, onde era governador o rigoroso Conde dos Arcos. Alem disso acharam nos Pernambucanos disposições favoraveis ás suas idéas, pela inveja que tinham ao Rio e á Bahia, e pela lembrança ainda viva da cruel perseguição que soffreram em consequencia da guerra dos Mascates (1711), que mais que qualquer outra causa formou uma completa separação entre Pernambucanos e Portuguezes.

O partido portuguez não perdia occasião de excitar os descontentes, e ao receber a noticia de que D. João VI resolvêra celebrar a sua coroação no Rio de Janeiro, procurou incutir no animo do rei desgostos contra a nação brazileira, e só em Pernambuco poude realisar suas tenções. A revolução mallogrou como todas as outras tentativas deste genero.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, visconde da Praia Grande, avisado por certos indicios convocou no dia 6 de março
1817 um conselho de seu estado maior, quasi todo composto de coroneis portuguezes, que ordenaram a prisão dos compromettidos militares ou paizanos. Entre os ultimos havia um rico negociante, José Martins, que tinha correspondencia activa com Portugal e os Estados-Unidos, e havia pouco antes recebido grandes encommendas de armas e munições, servindo sua casa de ponto de reunião aos conspiradores.

Effectuou-se sem resistencia a prisão de José Martins e de outras pessoas; mas quando o coronel Barboza convocou os officiaes de artilheria, foi assassinado pelo capitão Barros Lima, appellidado *Leão Coroado*. Deu-se o signal da revolta, o povo em multidão proclamou nas ruas a independencia e a republica. A causa do governo ficou logo perdida pela fraternisação dos

---

BRAZIL-COLONIA, 1580-1822.

Dynastia de Aviz, 1500-1580. Dynastia de Aragão, 1580-1640.
Dynastia de Bragança, 1640-1822.

BRAZIL INDEPENDENTE.

Imperio, 1822-1889. Republica, desde 1889.

soldados com o povo. Montenegro retirou-se para a fortaleza de Brum, donde com alguns officiaes embarcou-se para o Rio de Janeiro.

Os revolucionarios formaram um governo provisorio, de que foi eleito presidente o padre João Ribeiro Pessoa, sendo nomeado commandante das armas o capitão Domingos Theotonio Jorge. Foi logo convocado um conselho republicano, cujos principaes membros eram José Martins, o padre Miguel Joaquim de Almeida, chamado *o Miguelinho*, Abreu Lima conhecido por *Padre Roma* e José de Alencar.

As medidas por elles tomadas foram taes que indignaram a maior parte dos Pernambucanos, que immediatamente retiraram-se. Entre ellas basta citar a soltura dos criminosos e a abolição do titulo de *Senhor* substituido por *tu*. Foram tambem mal succedidas as tentativas para attrahir a cooperação das outras provincias. Só Alagôas e Rio Grande do Norte sujeitaram-se em parte por causa da antiga annexação. José de Alencar mandado para o Ceará foi expulso por seus proprios patricios. Peior resultado ainda teve a embaixada do Padre Roma, que foi preso na Bahia pelo conde dos Arcos e publicamente assassinado na praça da Polvora.

O mesmo conde ordenou ao coronel Cogominho que com toda a força que pudesse reunir marchasse para o theatro da guerra, e já nas Algôas augmentou-se a pequena tropa com grande numero de voluntarios.

José Martins e o capitão Cavalcanti procuraram atacal-os, mas o primeiro foi preso e fusilado.

Ficaram no Rio interrompidas as grandes festividades da

D. Pedro I (1822–1831) = Archiduqueza M. Leopoldina
D. Pedro II (1831–1889) = D. Thereza Christina
1890†
Conde d'Eu = D. Isabel, D. Leopoldina (1871†) = Duque de Saxe
D. Pedro D. Luiz D. Antonio.

coroação de D. João VI; mas a resolução que elle mostrou de effectuar este acto solemne na nova côrte confirmou ainda mais a esperança dos Brazileiros de que o rei queria fixar sua residencia para sempre neste paiz.

Para Pernambuco foi mandada uma frota ás ordens de Rodrigo Lobo que, quando chegou ao Recife, já achou a cidade cercada por Cogominho.

Grande parte dos compromettidos fugiram e entre elles o presidente, e a 29 de maio entregou-se a cidade sem condição ao severo tribunal militar que assignou nove sentenças de morte. Ribeiro Pessoa suicidou-se.

Segue-se a instituição de um tribunal especial presidido pelo dezembargardor Bernardo Teixeira, que chegára com o novo governador Luiz do Rego Barreto, e principiam no meio da maior tranquillidade as tristes perseguições, que se estenderam até aos parentes dos compromettidos, tal como a que já soffrêra esta mesma cidade em 1711, depois da guerra dos Mascates, da parte do governador José Machado de Mendonça e do ouvidor Marques Bacalhau.

Revolução de Portugal em 1820. — O imperio de Napoleão havia recebido o golpe mortal pela victoria dos exercitos europeus sob as ordens do duque de Wellington em Waterloo. Os embaixadores dos soberanos da Europa reuniram-se em Vienna presididos pelo principe de

1814

FRANÇA. — *Bourbons:*
Luiz XVIII (1815–1824); Carlos X (1824–1830).
Orléans:
Luiz Felippe (1830–1848).

HESPANHA:
Fernando VII (1813–1832).

INGLATERRA:
Jorge IV (1820–1830); Guilherme IV (1837).

AUSTRIA:
Francisco I (1792–1835).

Metternich, cuja maxima principal era a completa restauração do antigo estado. As nações recebem com suas antigas dynastias sua independencia nacional, mas perdem as grandes liberdades que gosavam no sentido social (commercio e industria). Estes inconvenientes deram causa a graves motins nos tres reinos onde governava a dynastia Bourbon. Em França — Luiz XVIII (1815–1824), Hespanha — Fernando VII (1814–1833), e Napoles — Fernando I (1815–1825), foram introduzidos os monopolios e a alcavala e mesmo prohibiu-se a liberdade de consciencia. 1815

Pio VII pela bulla *Sollicitudo omnium ecclesiarum* restabeleceu a ordem dos jesuitas.

Contra a tyrannia de Fernando VII rebentou uma revolução em Cadix (1820) dirigida pelo coronel Riego, um dos heroes da guerra da independencia, que tinha reunido uma força consideravel na cidade afim de embarcar-se para o Mexico. Elle aproveitou a boa disposição do povo e proclamou a constituição de 1812, gravemente violada pelo rei que se tornára impopular. O successo foi rapido. Vendo que a revolução era geral o rei curvou-se á nação e prestou de novo o solemne juramento de diminuição dos impostos e abolição das instituições oppressoras.

O facil triumpho da revolução hespanhola animou a nação portugueza, assim como provocou motins em todos os paizes europeus. As grandes potencias — Russia, Alexandre II (1801–1825); Austria, Francisco II (1792–1835); França, Luiz XVIII (1815–1824); e Prussia, Frederico Guilherme III (1797–1840) — promptamente reprimiram as revoltas á força das armas; mas os reis de Saboia, Napoles e Portugal foram obrigados a sujeitarem-se á nação.

ITALIA — PAPAS:

Pio VII (1799–1823); Leão XII (1829); Pio VIII (1830); Gregorio XVI (1846).

PRUSSIA:

Frederico Guilherme III (1797–1840).

Em Portugal alem das queixas geraes do despotismo dos jesuitas, ali introduzidos de novo por Pio VII, dos monopolios e aggravos da oppressão da Inglaterra, influiu muito sobre o povo a ausencia do rei que devêra ter voltado em 1812, e ainda se achava na sua côrte do Rio de Janeiro.

A principal causa desta demora era sem duvida a grande independencia de que gosava o rei livre da influencia européa. Sua resolução de celebrar no Rio de Janeiro a coroação, a qual não poude a revolução pernambucana abalar, inspirou á nação portugueza o justo receio de que Lisboa perdesse a antiga preponderancia e importancia commercial.

Assim offendidos os interesses e a vaidade dos Portuguezes, quando chegou a noticia do feliz exito da revolução de Cadix, rompeu logo no Porto uma revolta. As antigas Côrtes foram expulsas e a nação inteira satisfeita com o movimento resolveu eleger uma camara que funccionasse a principio no Porto, e decretasse por um manifesto a necessidade da volta do rei e de uma constituição tão liberal como a de Hespanha (1812).

Effeitos da revolução do Porto sobre o Brazil. — A noticia desta revolução, chegando primeiro ao Norte, foi com grande enthusiasmo recebida em Pará, Maranhão, Pernambuco e Bahia, onde a influencia predominante do partido portuguez fez esquecer aos Brazileiros que era inteiramente dirigida contra os proprios interesses.

Em cada uma daquellas cidades formaram-se juntas que só foram instituidas sem intranquillidades, na Bahia, onde apenas deu-se um leve motim militar, que fez voltar o governador, conde de Palma, para o Rio de Janeiro.

O partido brazileiro applaudiu muito o primeiro decreto de D. João VI de 18 de fevereiro (1821) ordenando uma reunião dos deputados de seus tres reinos no Rio de Janeiro. Principiam immediatamente no Brazil os movimentos para as eleições.

Esta determinação irritou o partido portuguez que nos dias

seguintes convocou conferencias militares. Uma dellas deu-se publicamente no campo de Santa Anna; mas foi interrompida pela presença do principe herdeiro (25 de fevereiro), que mandou em nome de seu pae publicar um decreto datado do dia antecedente, tratando da necessidade de dar aos reinos uma constituição semelhante á de Hespanha. No mesmo dia fizeram-se grandes reuniões publicas e foram dados vivas ao rei. O enthusiasmo subiu de ponto quando os principes D. Pedro e D. Miguel entraram no theatro de S. João (hoje S. Pedro) e escreveram seus nomes nos abaixo-assignados em que se pedia ao rei uma constituição. Favoravel foi tambem a entrada para o ministerio de Sylvestre Pinheiro, que empregou todos os meios de persuadir ao rei que ficasse no Brazil. Sua influencia, porêm, foi paralysada por Thornton, embaixador de Inglaterra, que tinha interesse em que o rei voltasse a Portugal.

No mesmo tempo chegavam urgentes instancias de Lisboa, de sorte que em conselho, a 7 de março, foi resolvida a volta do rei.

Grande parte dos novos deputados estavam já eleitos. Os Brazileiros viram com desgosto os preparativos para a volta do rei, pois receiavam com a retirada de D. João VI, perder os grandes privilegios que elle lhes dera e voltar ao estado colonial.

Para garantia contra esse perigo nove deputados á assembléa geral reuniram-se por alguns dias na Praça do Commercio, para enviar um manifesto ao rei, pedindo que firmasse para sempre os privilegios de que gosava o Brazil.

Em 20 de abril enviaram a S. Christovam varias deputações, que não foram recebidas. Os deputados e o povo excitados assentaram de impedir a sahida do rei, e prolongando-se os debates na Praça do Commercio até meia noite, entrou na sala uma força que á bayoneta calada dispersou a assembléa. Este acto de brutalidade causou indignação geral; mas a força armada e o partido portuguez muito numeroso abafaram os motins.

O rei embarcou-se no dia seguinte, mas ficou na bahia até o dia 26 (abril) e tendo conseguido passar para a frota grandes riquezas, retirou-se para Portugal acompanhado por quasi todos os fidalgos que com elle tinham vindo (26 de abril de 1821).

D. João VI já previa que sua retirada seria o signal da independencia do Brazil. Os Estados-Unidos já haviam sacudido o jugo da metropole desde 1783. Em todos os vice-reinados hespanhoes haviam sido os oppressores expulsos e fundadas as republicas. Esta previsão se revela nas palavras com que se despediu do principe herdeiro D. Pedro, que ficava no Brazil como Regente: "Pedro, em pouco tempo separar-se-ha o Brazil, si assim fôr, colloca a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della."

Logo depois da partida do rei rompem as lutas da independencia.

No anno seguinte (1822), dia 9 de janeiro declarou o Principe Regente que tomava a resolução de ficar no Brazil, a 7 de setembro do mesmo anno proclamou a independencia em S. Paulo, junto ás margens do Ipiranga. No dia 12 de outubro (1822) foi creado o novo Imperio e a corôa hereditaria offerecida a seu fundador D. Pedro I. 1822

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXV.

— Que relação tem entre si as revoluções — de Pernambuco em 1817 e do Porto em 1820? Que identidade no resultado de ambas?

— Como foi a revolução republicana de Pernambuco considerada em geral pelos Brazileiros?

— Que beneficios havia o Principe Regente feito ao Brazil?

— Porque não ganhou D. João VI popularidade no Brazil?

— A que medidas despoticas tiveram de sujeitar-se os habitantes da nova côrte? e qual o resultado destes aggravos?

— Para onde retiraram-se os descontentes? e porque foram favorecidos pelos Pernambucanos?

— Como procedia o partido portuguez? e o que fez com a noticia de que o rei queria celebrar sua coroação no Rio de Janeiro? e onde poude realisar suas tenções?

— Teve bom exito a revolução de Pernambuco?

— Quem era o governador de Pernambuco? e que medidas tomou para abafar a revolução?

— Onde se reuniram os conspiradores?

— Quem era José Martins?

— Como se deu a prisão dos paizanos?

— Por quem foi assassinado o coronel Barboza?

— O que fez o povo quando se deu o signal da revolta? e a tropa?

— Para onde retirou-se o governador?

— Quem foi nomeado presidente dos revoltosos? Quem foi o commandante das armas?

— Quem eram os membros do conselho republicano?

— Que medidas absurdas foram tomadas pelo novo governo?

— Procuraram elles o apoio das outras provincias? e com que resultado?

— Que aconteceu no Ceará a José de Alencar? e ao Padre Roma na Bahia?

— Que medidas tomou o conde dos Arcos contra a revolução?

— Que aconteceu a José Martins?

— Que effeito teve esta revolta sobre as festas da coroação?

— Mudou D. João VI de resolução? e que esperança entretinham os Brazileiros?

— Quem foi o commandante da frota mandada contra os Pernambucanos?

— Como terminou a revolução?

— Quantos dos compromettidos foram condemnados á morte?

— Qual delles suicidou-se?

— Quem foi o novo governador nomeado? que tribunal instituiu? quem o presidiu? e que medidas rigorosas tomou?

— Já havia Pernambuco soffrido tamanha tyrannia?

— Como acabou o imperio francez? quando? e quem foi o general em chefe dos exercitos alliados contra Napoleão?

— Qual foi a base principal sobre que conferenciaram os embaixadores europeus em Vienna, presididos pelo principe de Metternich?

— O que ganharam as nações européas com o tratado de Vienna de

1815? o que perderam? e o que resultou disso? para a França, Hespanha e Napoles? quem governava esses paizes?

— Quem restabeleceu a ordem dos jesuitas?

— Quem foi o chefe da revolução de Cadix? contra quem foi ella feita? quando? O que fez Riego? e que resultado teve a revolução?

— Que effeito teve em Portugal a noticia da feliz revolução de Cadix?

— Em que paizes foram os motins reprimidos?

— Em que paizes sujeitaram-se os reis á vontade popular?

— Que motivos de queixa tinha Portugal?

— Porque demorava-se D. João VI no Rio de Janeiro? e que graves receios inspirou á nação portugueza seu desejo de celebrar no Rio sua coroação?

— Qual a causa da revolução do Porto? e que medidas tomaram os novos chefes do governo revolucionario?

— Como foi a noticia desta revolução recebida no Norte do Brazil? porque? Que acontecimentos se deram nas cidades do Norte? e especialmente na Bahia?

— O que ordenava o decreto de D. João VI de 18 de fevereiro de 1821? como foi recebido pelos Brazileiros? e pelos Portuguezes?

— Que decreto foi no dia 25 de fevereiro publicado pelo principe herdeiro D. Pedro, no Campo de Santa Anna? e qual o resultado dessa publicação?

— Que effeito produziu nos habitantes da côrte a assignatura dos dous principes na petição para a outorga de uma constituição?

— Que novo ministro foi nomeado favoravel ao partido brazileiro? quem impediu o rei de seguir os conselhos de Sylvestre Pinheiro? porque?

— Quando foi decidida a volta do rei? o que a appressou?

— Porque não desejavam os deputados brazileiros que D. João VI voltasse para Portugal? o que resolveram fazer? e o que conseguiram?

— Que medidas se tomaram no dia 20 de abril? o que fizeram então os deputados e o povo? e o que lhes aconteceu na Praça do Commercio?

— Foi o povo indifferente a esta affronta?

— Para onde retirou-se o rei? em que dia deixou o Brazil? e por quem foi acompanhado?

— Previa D. João VI que resultado teria sua retirada do Rio de Janeiro? Como podemos sabel-o?

— Que outras colonias americanas já se haviam tornado nações independentes?

— Que acontecimentos se deram no Brazil depois da partida do rei?

— Quando declarou o Principe Regente que *ficava* no Brazil? em que dia foi proclamada a independencia? por quem? onde?

— Quando foi o novo imperio fundado? por quem?

CAPITULO XXVI.

REGENCIA DO PRINCIPE D. PEDRO NO BRAZIL; INDEPENDENCIA; GOVERNO DO PRIMEIRO IMPERADOR, D. PEDRO I.

1821–1831.

Entre as colonias do Novo-Mundo foi incontestavelmente a portugueza — o Brazil — a que lutou com mais difficuldades por sua independencia.

As colonias inglezas tiveram uma emigração européa forte e sã, em grande parte de raça germanica, que acostumaram-se pelas circumstancias a uma organisação tal que por si mesma estava preparada a independencia. Os elementos das outras raças — indios e negros — foram completamente opprimidos.

Nos vice-reinados hespanhoes, especialmente no Mexico e no Peru, conservou-se a preponderancia da raça americana que apesar da oppressão predominou numericamente logo depois da independencia.

No Brazil, porêm, foram os indios e os negros submettidos pela escravidão, ao passo que chegava da metropole, pelo menos até o descobrimento das minas de ouro, uma emigração fraca proveniente quasi exclusivamente das camadas mais infimas do povo. Não obstante durante a guerra hollandeza, com estes fracos elementos, graças á situação e fertilidade do paiz, formou-se o nucleo da nação brazileira que caracterisava-se pela sua liga intima com Portugal; ao passo que nos Estados-Unidos já antes da independencia havia separação da Inglaterra, e os indios do Mexico e do Perú tinham conservado contra seus conquistadores um odio implacavel.

No Brazil notam-se differentes motins, os primeiros dos quaes

O CONSELHEIRO JOSÉ BONIFACIO

foram exclusivamente dirigidos contra medidas erroneas do governo: a revolução de Amador Bueno em S. Paulo (1640), a de Agostinho Barbalho no Rio de Janeiro (1663), e mesmo a de Manoel Beckman no Maranhão (1683), eram só contra os odiosos jesuitas e a instituição dos monopolios.

Já se pode perceber, porêm, uma irritação nacional nos motins seguintes: Revolta dos Mascates em Pernambuco (1710) e Guerra dos Emboabas em S. Paulo (1711); mas a liga intima com a metropole mostra-se de novo nas duas ultimas revoluções, uma das quaes — a do Tiradentes — (1789) proclamou a independencia, sendo o martyr executado sem que sua morte provocasse o menor abalo nacional; e ainda na ultima revolução pernambucana (1817) deu a nação inteira prompto auxilio para que ella fosse suffocada.

A intimidade com Portugal persistiu apesar das tyrannias do governo. A fertilidade e a riqueza do paiz alliviavam as inconvencias da oppressão e desde a chegada de D. João VI ao Brazil que surgira no animo de todos os Brazileiros a esperança de que o rei mudaria sua residencia para este paiz, que havia mais de um seculo sustentava o luxo de seus antepassados. As garantias que deu o rei á colonia augmentaram ainda essa esperança, que mudou-se em certeza, quando o rei, depois da morte de sua mãe D. Maria I (1816), preparou com grande pompa sua coroação no Rio de Janeiro. A triste revolução de Pernambuco interrompeu as festividades, mas não abalou a resolução do rei, que revela-se claramente no principio com a noticia da revolução do Porto, quando D. João VI decretou a reunião dos deputados de seus tres reinos (Portugal, Brazil e Algarves) no Rio de Janeiro.

O decreto de 7 de março em que o rei determinava voltar para Portugal destruiu todas estas esperanças. Os insultos aos deputados brazileiros no dia 21 de abril e a partida repentina do rei a 26, alienaram de D. João todas as sympathias, e os Brazileiros lembrando-se então das injurias soffridas por tantos annos, sentiram vivamente a necessidade da separação. 1821

Na administração existia a mais horrivel confusão: o thesouro estava exhausto, e as repartições publicas fechadas em consequencia da bancarota.

1821 Com tão tristes auspicios principiou a regencia do moço principe apenas com 23 annos de idade (nascido a 12 de outubro de 1798). Esta regencia apresenta duas phases:

1ª. De 26 de abril de 1821 até 9 de janeiro de 1822, desde a partida do rei até a declaração do *Fico*.

2ª. De 9 de janeiro a 12 de outubro, proclamação do imperio.

Os primeiros mezes depois da retirada de D. João VI passaram-se muito tristes. Grande parte dos ricos negociantes receiosos foram para Portugal e os fazendeiros retiraram-se para suas provincias.

Tambem o principe nessa epoca bem longe de ostentar luxo, por conselho de seu tutor, o Conde dos Arcos, diminuiu em todos os sentidos as despezas da côrte.

Os partidos politicos que então se formaram não puderam chegar a um accordo: o partido portuguez desejava que o Brazil voltasse ao antigo estado colonial, ao passo que o partido brazileiro, em grande parte republicano, proclamava bem alto a completa separação; mas esta separação de certo havia de acarretar grandes desgraças, entre as quaes podemos apontar as seguintes:

I. *Destruição da grandiosa unidade de nossa patria.*

II. *Guerra de exterminio com Portugal*, unico paiz do mundo civilisado com que estava ligado o Brazil.

III. *Guerra civil*, ainda talvez peior que a guerra com a mãe-patria.

MINISTROS DO PRINCIPE REGENTE D. PEDRO.

José Bonifacio de Andrada e Silva (Reino e Estrangeiros); Martim Francisco de Andrada e Silva (Fazenda); Luiz Pereira da Nobrega de Azeredo Coutinho (Guerra); Luiz da Cunha Moreira, depois Visconde de Cabo Frio (Marinha); Caetano Pinto de Miranda Montenegro (Justiça). Nomeados a 16 de janeiro de 1822.

Estas desgraças foram evitadas pelos grandes patriotas cujo bom senso nesta grande crise salvou o paiz. Entre elles notam-se José Bonifacio Ribeiro de Andrada e Silva, o jornalista Justiniano Joaquim da Rocha, José Clemente Pereira, Frei Francisco de Sampaio e o D^{or}. Barboza.

O grande movimento patriota revelou-se principalmente nas provincias do sul — Minas-Geraes, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Durante este tempo deram-se alguns motins nas provincias do norte, especialmente em Pernambuco, onde depois de muitos combates capitulou o governador Rego Barreto (Convenção do Biberibe) e retirou-se para Portugal.

Os esforços do partido patriota foram por todos os modos favorecidos pela imprudencia das Côrtes portuguezas, em cuja dependencia governára D. João VI até a invasão franceza na peninsula. Os actos das Côrtes que mais irritaram o principe D. Pedro e a nação brazileira são:

I. O juramento da guarnição portugueza que sem permissão de D. Pedro, tomou o coronel Jorge de Avilez. Este pouco caso do regente foi a causa de retirar-se para Portugal o Conde dos Arcos.

II. A redução e abolição de muitos estabelecimentos publicos (tribunaes e repartições) fundados no governo de D. João VI, como tambem a liga directa da administração de cada provincia com Portugal. Algumas provincias, entre ellas a Bahia, onde predominava o partido portuguez, declararam-se immediatamente contra D. Pedro, cuja posição ficou assim compromettida.

III. A pretenção das Côrtes em obrigar o rei a mandar voltar para Portugal o principe regente, afim de completar sua educação por meio de viagens.

Os patriotas brazileiros aproveitaram-se da justa indignação do valente principe e até o fim do anno organisaram nas provincias do sul milhares de assignaturas para a representação que iam fazer ao Principe. 1821

No dia 9 de janeiro de 1822 reuniram-se na Côrte os deputados das differentes provincias e com o povo, a cuja frente ia o senado presidido por José Clemente Pereira, dirigiram-
1822 se ao palacio do principe, pedindo-lhe que ficasse. D. Pedro respondeu: "*Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.*"

As forças portuguezas sob o commando de Avilez sahiram de seus quarteis e tomaram posição no morro do Castello.

O povo brazileiro reunido no campo de Santa Anna, que desde então chamou-se Campo da Acclamação, recebeu com grande jubilo o moço principe, que apresentou-se armado com seus officiaes e ordenou que atrelassem seus proprios cavallos ás carretas de artilheria da Praia-Vermelha.

Á vista de tal demonstração de resistencia retirou-se a guarnição portugueza para Nicteroy, onde embarcou-se.

Muito tino mostrou o principe escolhendo para seu ministro e conselheiro a José Bonifacio de Andrada e Silva. Este illustre brazileiro já havia dado provas do mais acrysolado patriotismo, evitando por sua influencia sobre o principe as desgraças de uma guerra com Portugal, e por sua actividade em convocar uma assembléa geral dos procuradores de cada provincia impediu a separação dellas, e ao mesmo tempo não se esqueceu de arranjar as sommas necessarias ao governo e de preparar relações de amizade com a Inglaterra, França e Hollanda.

O moço principe fez tambem tudo quanto de si dependia para firmar sua posição e reunir os differentes partidos. Ao receber a noticia de uma sublevação em Minas, dirigiu-se em pessoa
1822 para esta capitania, onde foi recebido com grande enthusiasmo. Na volta achou no Rio de Janeiro grande agitação por causa das injurias feitas em Lisboa aos deputados brazileiros que se retiraram para a Inglaterra.*

---

* Estes deputados eram 7 — Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva, Costa Aguiar, Bueno, o padre Diogo Antonio Feijó, Gomes, Barata de Almeida, e Lino Coutinho.

No intuito de dar á nação ainda mais garantias da firmeza de sua resolução, tomou o principe o titulo de *Defensor perpetuo do Brazil*, e por meio de medidas energicas rompeu os ultimos laços com Portugal. Foram desarmadas as guarnições portuguezas que ainda se achavam no Brazil e a maior parte de seus soldados entraram para o exercito brazileiro. Foi communicado aos chefes de repartiçoes publicas que receberiam directamente todas as ordens do principe e que era prohibida a publicação de qualquer lei sem o *placet* de D. Pedro.

No norte predominava o partido portuguez. Ignacio Madeira na Bahia provocou uma revolta que fez com que o partido liberal se retirasse para a Cachoeira. Nesse tempo Madeira representava na colonia o governo portuguez, e chegou a sublevar os escravos; mas do Rio de Janeiro partiu uma força contra elle, composta de grandes navios mercantes, acompanhados por alguns vasos de guerra, que haviam combatido no Chile em favor da liberdade, sob o commando do almirante inglez Cochrane, com quem o principe D. Pedro havia contractado a expedição, de que fizeram parte os capitães Greenfell e Taylor.

Chegando á Bahia o commandante Labatut cercou a cidade, mas uma revolução forçou-o a retirar-se. Foi logo substituido por José Joaquim de Lima e Silva, que com a frota de Cochrane cercou S. Salvador por mar e por terra. Madeira aproveitou-se da escuridão da noite de 1°. de julho de 1823 e retirou-se com muitos navios mercantes. Cochrane perseguiu-o até a emboccadura do Tejo, onde chegou a entrar Taylor, capitão da fragata Nicteroy, e voltaram com grandes riquezas para o Brazil.

Entretanto havia quasi um anno que estava proclamada a independencia.

Em agosto de 1822 tornára D. Pedro a Minas e na volta, passando por S. Paulo, recebeu, junto ao rio Ypiranga, despachos injuriosos das Côrtes portuguezas,* que provocaram o

* Estes despachos annullavam a convocação de Procuradores das Provincias brazileiras; mandavam responsabilisar os ministros do principe, os

grito de *Independencia ou Morte!* a 7 de setembro de 1822, e apressaram sua chegada ao Rio de Janeiro.

Recebido com grande enthusiasmo, marcou o principe o dia 12 de outubro, seu anniversario natalicio, para a solemne proclamação do novo imperio, effectuando-se sua coroação a 1°. de dezembro de 1822.

1822

D. Pedro I, Imperador do Brazil (1822–1831). — O governo de D. Pedro I divide-se em dous periodos: 1°. Epoca de felicidade desde 1822 até 1831; 2°. Epoca de revezes que foram a causa da impopularidade e retirada do Imperador em 1831.

Os grandes acontecimentos do ultimo periodo da independencia prepararam a sympathia geral entre os partidos, que se revelou nos primeiros annos do imperio.

Os partidos portuguez e republicano desappareceram, e as ultimas forças, que Portugal tinha na America, retiraram-se do territorio brazileiro. Na Bahia foi expulso o general Luiz Ignacio Madeira de Mello, a 2 de julho de 1823; e ainda hoje celebra-se esta expulsão no arcebispado da Bahia. Logo depois retirou-se a guarnição portugueza do Uruguay e a pequena republica annexou-se ao imperio. Infelizmente durou a união só até 1828.

Entretanto reuniu-se no Rio de Janeiro a primeira Assembléa Constituinte, composta de deputados de todas as provincias do imperio, a qual conservou-se nos primeiros mezes em harmonia com o Imperador por causa da influencia do conselheiro José Bonifacio e de seus irmãos Antonio Carlos, o grande orador, e Martim Francisco, o grande financeiro. Divergencias, porêm, entre D. Pedro e José Bonifacio provocaram a retirada do ministerio dos irmãos Andradas, que se reuniram á opposição.

---

membros da Junta de S. Paulo e os signatarios das representações de janeiro; ordenavam a mais completa sujeição ás Côrtes; e nomeavam ministros novos para o principe, arrancando-lhe o direito de escolher seus conselheiros.

O novo projecto de lei da Constituinte era ultra-liberal e limitava excessivamente a acção do Imperador, tirando-lhe o *poder moderador* e só reconhecendo tres poderes politicos: o executivo, o legislativo e o judiciario. O Imperador não podia dissolver a Camara dos Deputados, nem conceder amnistia.

No mesmo tempo foram gravemente injuriados os officiaes portuguezes pelo novo exercito brazileiro, e D. Pedro, para acabar com a crise, encerrou a camara á força armada e decretou a prisão dos principaes membros da opposição que foram expatriados. Entre os chefes notam-se José Bonifacio e seus irmãos e o jornalista Justiniano J. da Rocha. O Imperador reuniu um conselho de estado com o qual preparou uma constituição, que foi jurada a 25 de março de 1824 e até hoje rege o imperio com uma unica modificação em 1834 pelo acto addicional — a da formação do municipio da cidade do Rio de Janeiro e a concessão ás provincias de Camaras legislativas especiaes e Presidentes nomeados pelo governo. Esta constituição foi a mesma que recebeu pouco antes Portugal de D. João VI e tem por base a constituição dos Estados-Unidos de 1783.

As provincias do sul prestaram sem difficuldade juramento á constituição; no norte, porêm, houve resistencia, de modo que o Imperador foi obrigado a mandar novos presidentes para essas provincias: em Pernambuco a prisão de Carvalho, o cabeça da opposição, provocou uma revolta e reunindo-se a elle uma parte da guarnição, foi proclamada a Republica do Equador, a que tambem adheriram Parahyba do Norte, Rio Grande do Norte e Ceará. 1824

A frota ás ordens de Cochrane e o exercito commandado por Francisco de Lima e Silva abafaram a revolta, e os compromettidos salvaram-se no vapor inglez Tweed. Não obstante mais de onze pessoas foram condemnadas á morte, e entre ellas João Ratcliff, que foi enforcado na Prainha, no Rio de Janeiro. De Pernambuco dirigiu-se Cochrane para Ceará e Maranhão, e reclamando grandes sommas das presas, pagou-se por suas proprias

mãos, e sem permissão do governo retirou-se para a Inglaterra a bordo da fragata brazileira *Piranga*.

Em 1826 foi D. Pedro para a Bahia afim de com sua presença pôr termo aos continuados tumultos que ahi se davam, o que tendo conseguido voltou para o Rio.

Desde 1825 que havia rompido uma revolução no Uruguay contra o Brazil. O partido *Blanco* influido pelos Argentinos proclamou a independencia e tomou por chefe a João Antonio Lavalleja, e a revolta estendeu-se por toda a provincia.

O visconde da Laguna, presidente da Cisplatina * deixou-se ficar inactivo em Montevidéo, esperando ordens do governo, ao passo que os revoltosos recebiam forte soccorro de Buenos-Ayres. Foram mandadas para a Cisplatina forças de mar e terra e o proprio Imperador para lá partiu em novembro de 1826 ; mas teve de voltar immediatamente ao receber a noticia da morte da Imperatriz (11 de dezembro de 1826), deixando o commando do exercito ao Marquez de Barbacena, que soffreu uma grande derrota em *Ituzaingo* perto do *Passo do Rosario*.

No mesmo tempo soffria tambem a frota grandes revezes, perdendo 16 navios em frente á ilha de Martim Garcia, os quaes foram aprisionados e alguns queimados pelo almirante Brown de Buenos-Ayres. Tambem as Camaras recusaram votar creditos extraordinarios para restabelecer as perdas.

Firmou-se portanto o infeliz tratado de paz do Rio de Janeiro em 1828, pelo qual separou-se a Banda Oriental e formou-se a actual republica do Uruguay, sob a protecção da Inglaterra.

Os mercenarios irlandezes e allemães, que tinham voltado de Montevidéo, provocaram logo motins na capital, e no exterior deram-se tambem factos bem desagradaveis.

Em 1825 foi por intervenção de Sir Charles Stuart celebrado o tratado pelo qual Portugal reconheceu a independencia do Imperio. D. João VI conservou o titulo de Imperador do

---

* Era o nome do estado do Uruguay emquanto fez parte do imperio do Brazil (1821–1828).

Brazil e recebeu sommas extraordinarias,* o que muito desgostou a nação brazileira. No mesmo anno celebrou-se o tratado pelo qual Leão XII entregou o arcebispado da Bahia á administração ecclesiastica do novo Imperio. 1825

D. João VI morreu em 1826 e D. Pedro abdicou seus direitos sobre a corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria; mas o regente do reino, o principe D. Miguel de Bragança, irmão de D. Pedro, ligou-se com o clero portuguez, e convocando uma camara do partido catholico, usurpou o throno.

D. Pedro quiz voltar para Portugal, afim de fazer valer seus direitos; mas as Camaras não lh'o permittiram. A princeza D. Maria foi mandada para Londres, donde só voltou em companhia da princeza D. Amelia de Leuchtemberg, noiva de D. Pedro.

Logo depois da chegada das princezas foi celebrado o casamento e para commemorar este acto instituiu o Imperador a Imperial Ordem da Rosa,† civil e militar (17 de outubro de 1829). 1829

A condecoração brazileira da Ordem do Cruzeiro havia sido creada no dia da coroação do Imperador — 1°. de dezembro de 1822.

A provincia de Minas ultra-liberal era considerada o centro das hostilidades contra o Imperador, assim resolveu elle ir outra vez a Minas e restabelecer a sua autoridade perdida, mas foi recebido mui friamente e voltou para o Rio de Janeiro, onde as festas pela sua chegada degeneraram em motim (noite das garrafadas, 13 de março de 1831) entre nacionaes e portuguezes.

Vendo o Imperador que o ministerio não tomava as providencias necessarias, demittiu-o, o que serviu de pretexto á opposição para começar a revolução, que foi a causa da abdicação em 7 de abril de 1831, pois, sendo intimado por uma deputação

---

* Dois milhões sterlinos, mais de 20 mil contos de reis.

† Na rosetta de esmalte rosa cravejado de brilhantes lê-se a divisa — Amor e Fidelidade, e no centro estão as letras P. A. (Pedro e Amelia).

do povo para reintegrar o ministerio anterior, respondêra-lhe: "*Tenho o direito de escolher os meus ministros. . . . Estou prompto a fazer tudo para o povo, nada porêm pelo povo.*" Ao entregar o acto de abdicação ao Major Miguel de Frias, elle disse-lhe: "*Estimarei que sejam felizes. Eu retiro-me para a Europa, e deixo um paiz que sempre amei e que amo ainda.*" *

D. Pedro I retirou-se com sua esposa a Imperatriz D. Amelia e sua filha a rainha de Portugal D. Maria II. Deixou como tutor de seus filhos no Brazil — S. M. I. o Snr. D. Pedro II, e as princezas D. Januaria, D. Francisca e D. Paula — o illustre brazileiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

D. Pedro I tem na historia do Brazil o cognome de *Fundador*, na de Portugal o de *Libertador* e tambem o de *Rei-Soldado*. Sua lembrança vivirá eternamente no Brazil e em Portugal. Das tres estatuas elevadas á sua memoria em Lisboa, Porto e Rio de Janeiro, é a ultima a mais artistica e caracteristica. O Imperador é representado montado em um fogoso cavallo que refrêa com energia, tendo na mão direita a Constituição: na base do pedestal figuras allegoricas representam as provincias do vasto imperio do Brazil.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXVI.

— Porque tiveram as colonias inglezas na America menos difficuldades que o Brazil em tornarem-se independentes? E os vice-reinados hespanhoes?

— O que tornava para o Brazil tão embaraçosa a declaração da independencia?

— Quando e de que elementos se formou a nacionalidade brazileira?

---

* Ultimo ministerio nomeado por D. Pedro I a 5 de abril de 1831: — Marquez de Inhambupe (Imperio); Visconde de Alcantara (Justiça); Marquez de Aracaty (Estrangeiros); Marquez de Paranaguá (Marinha); Marquez de Lages (Guerra); Marquez de Baependy (Fazenda).

— Qual o caracter distinctivo dessa nacionalidade? e em que differia dos Norte-Americanos, Mexicanos e Peruvianos?

— Com que fim se fizeram as primeiras revoluções no Brazil-colonia?

— Que tendencia se nota nas que se deram no seculo decimo-oitavo?

— Porque não vingou a conjuração do Tiradentes?

— Como se prova que não era a conjuração popular?

— O que aconteceu com a revolução republicana de Pernambuco em 1817?

— Porque não podia a tyrannia do governo abalar a liga intima entre Brazileiros e Portuguezes?

— Que resolução do rei tornou essa amizade mais forte da parte dos Brazileiros?

— Que decreto real destruiu estas sympathias e fez sentir á nação brazileira a necessidade da separação?

— Com a retirada de D. João VI em que estado ficou a administração? o thesouro? e as repartições publicas?

— Quem tomou conta do governo? com que titulo? quando?

— Quantas phases apresenta a regencia? quaes?

— Quem era o principal ministro do Principe Regente? e que sabios conselhos lhe deu nessa epoca tão critica?

— Que partidos politicos então se formaram? e a que aspiravam?

— Que desgraças proviriam com a separação desejada pelo partido republicano?

— Como foram tão grandes calamidades prevenidas?

— Onde mostrava-se mais exaltado o sentimento patriotico?

— Que acontecimentos se deram no norte e especialmente em Pernambuco?

— Que actos das Côrtes favoreceram o partido patriotico brazileiro, levando a indignação ao animo de D. Pedro?

— O que resolveram os brazileiros em principios de 1822?

— O que respondeu o Regente á deputação dos patriotas?

— Que fizeram os chefes portuguezes?

— Onde se reuniu o povo? e como procedeu o principe D. Pedro?

— Para onde retirou-se a guarnição portugueza?

— A quem escolheu o Regente para seu primeiro ministro?

— Que sabias medidas haviam revelado o patriotismo e a elevada intelligencia do grande estadista José Bonifacio?

— Como procedeu D. Pedro nestas criticas circumstancias?

— Que provincia visitou então? e como foi recebido?

— Que era feito dos deputados brazileiros em Lisboa?

— Porque tomou o principe o titulo de "*Defensor Perpetuo do Brazil*"? como tratou as guarnições portuguezas? e que ordens deu aos chefes das repartições publicas?

— Onde predominava o partido portuguez? Quem era o chefe? onde? e que medidas energicas tomou?

— Como foi o general Madeira expulso da Bahia? quando? para onde se retirou?

— Quem foi o commandante da frota contra a Bahia? que outros capitães tomaram parte na expedição?

— Quando foi D. Pedro segunda vez a Minas?

— Quando deu o principe o grito de "*Independencia ou Morte*"? onde? porque?

— Como foi recebido no Rio de Janeiro? e que dia marcou para a solemne proclamação do novo Imperio? e quando foi coroado Imperador?

— Em quantos periodos se pode dividir o governo de D. Pedro? Quaes?

— Que foi feito dos partidos portuguez e republicano?

— Que aconteceu na Bahia? No Uruguay? e por quanto tempo foi a provincia da Cisplatina annexada ao Imperio?

— De que membros se compoz a primeira Assembléa Constituinte? onde se reuniu? e porque no principio conservou harmonia com o Imperador?

— Que resultou das divergencias entre o Imperador e o Conselheiro José Bonifacio?

— Que projecto de lei preparava a Constituinte?

— Que medida extrema tomou o Imperador para acabar com a crise?

— Por quem foi substituida a Constituinte?

— Quem deu ao Brazil sua Constituição? quando? e que modificações tem soffrido até hoje?

— Que modello tomou o Imperador para a formação da constituição brazileira?

— Que provincias aceitaram pacificamente a constituição de 1824? Onde deram-se resistencias?

— Qual foi o resultado da prisão de Carvalho em Pernambuco?

— Que outras provincias reuniram-se á Republica do Equador?

— Quem foi mandado para o norte como commandante da frota e do exercito? e o que conseguiram?

— Quantos dos revoltosos foram condemnados á morte e qual o mais notavel?

— Qual foi o procedimento do almirante Lord Cochrane, que estava a soldo do Brazil?

— Quando visitou D. Pedro I a Bahia? porque? e com que resultado?

— Que acontecimentos se davam na Cisplatina em 1825?

— Que nação protegia o partido *Blanco* revoltoso? quem era chefe do partido *Blanco?* e até onde estendeu-se a revolta?

— Quem era então o Presidente da provincia da Cisplatina? que providencias tomou contra a revolução?

— Como procedeu o governo imperial? e o que fez o proprio Imperador? porque não se demorou lá? a quem deixou o commando do exercito?

— Que batalha notavel perdeu o Marquez de Barbacena?

— Foi a frota mais feliz então que o exercito? quem a derrotou?

— A vista destes revezes como procederam as Camaras?

— Qual foi o resultado de privar-se o governo de recursos para continuar a guerra?

— Com a volta do exercito que tristes acontecimentos se deram na capital?

— Quando reconheceu Portugal a independencia do Brazil? quem foi o intermediario para a celebração do tratado?

— Que titulo conservou D. João VI? que indemnisação exigiu? e que effeito teve esta exigencia sobre os Brazileiros?

— Que papa entregou o arcebispado da Bahia á administração do Imperio? quando?

— Em que anno morreu D. João VI?

— Quem herdou a corôa de Portugal? Em quem abdicou D. Pedro I? e quem usurpou o throno? como?

— Porque não foi D. Pedro I a Portugal expulsar o usurpador?

— Para onde foi mandada a futura rainha de Portugal?

— Com quem voltou ella para o Rio?

— Que Ordem civil e militar creou D. Pedro I para commemorar o dia de seu casamento com a princeza D. Amelia de Leuchtemberg? e quando fôra creada a Ordem do Cruzeiro?

— Porque foi o Imperador segunda vez a Minas? como foi recebido? e que tristes occurrencias se deram no Rio por occasião da sua volta?

— Porque foi demittido o ministerio? e qual o resultado de sua demissão?

— Que respondeu o Imperador á deputação do povo, que pedia a reintegração do antigo ministerio?

— Que palavras dirigiu D. Pedro I ao Major Miguel de Frias ao entregar-lhe o acto de abdicação? quando?

— Para onde retirou-se D. Pedro I? com quem? quantos filhos deixou no Brazil? e a quem nomeou tutor delles?

— Que titulo dão os historiadores brazileiros a D. Pedro I? e os portuguezes?

— De que modo tem as nações brazileira e portugueza revelado seu reconhecimento á memoria de D. Pedro I?

CAPITULO XXVII.

GOVERNOS REGENCIAES; MAIORIDADE.

1831-1840.

Os acontecimentos que se deram no Brazil logo depois da partida de D. João VI (1821), resultaram na proclamação da independencia (7 de setembro de 1822) e do Imperio (12 de outubro) sendo coroado Imperador o Principe Regente, D. Pedro no dia 1°. de dezembro de 1822.

Durante os primeiros mezes de seu governo congraçou o Imperador todos os partidos e gosou da maior popularidade, que em pouco tempo foi perdendo successivamente, em parte devido ao seu proprio caracter mais do que ás circumstancias difficeis em que se achava. As principaes causas de desharmonia entre D. Pedro I e os Brazileiros foram:

I. Demissão de José Bonifacio de Andrada, que deu causa á opposição exaltada de seus irmãos, o que obrigou o Imperador a dissolver a Constituinte, seguindo-se logo a doação autocratica da Constituição.

II. A revolução de Pernambuco mostrou que o partido republicano era ainda forte no Imperio, e o castigo dos chefes, especialmente o de João Ratcliff, suscitou contra D. Pedro I grande numero de inimigos pessoaes.

III. O tratado de 1825 com D. João VI e o de 1828 com a Argentina, pelo qual perde o Brazil a provincia da Cisplatina.

Pouco depois da morte de D. João VI, recebeu o Imperador a noticia da usurpação do throno portuguez por seu irmão D. Miguel de Bragança, Regente do reino em nome de D. Maria II, em favor de quem abdicára D. Pedro I a corôa de Portugal de que era o legitimo herdeiro.

Desgostoso tambem o Imperador pela fria recepção que teve na sua segunda visita a Minas em 1831 e pelos motins levantados na Côrte por occasião de sua volta, resolveu tambem abdicar a sua corôa imperial em seu Filho o Snr. D. Pedro II, então com 5 annos de idade, o que realisou no dia 7 de abril de 1831.

Regencia durante a minoridade de D. Pedro II (7 de abril de 1831 até 23 de julho de 1840). — I. Regencia Trina Provisoria e Definitiva, de 1831 a 1834.

II. Governo de um só Regente: 1°. O Senador Diogo Antonio Feijó, de 1835 a 1837; 2°. O Senador Pedro de Araujo Lima de 1837 a 1840.

A abdicação do Imperador encheu de jubilo o partido democratico, seus chefes, porêm, não puderam chegar a um accordo. Entretanto reuniram-se os 34 deputados e 26 senadores que se achavam no Rio de Janeiro e proclamaram Imperador a D. Pedro II, que conforme a determinação de seu pae, recebeu por tutor a José Bonifacio de Andrada. Foi eleita uma Regencia Provisoria de tres membros, entre os quaes nota-se o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, que tambem fez parte da subsequente Regencia Permanente com José da Costa Carvalho (Marquez de Monte Alegre) e João Braulio Moniz.

Durante o governo regencial deram-se muitas revoltas que se podem classificar em dois grupos: I. Anarchias e motins. II. Lutas contra os partidarios de D. Pedro I tambem chamados *Caramurús*.

As provincias em que se declararam revoltas foram *Pará*, *Minas-Geraes e Rio Grande de Sul;* mas em todas as outras quinze deram-se motins e assassinatos.

Depois da retirada de D. Pedro I houve serios disturbios na propria *Côrte*, os quaes foram logo abafados pelo energico Ministro da Justiça, Diogo Antonio Feijó. Estas revoltas deram origem á formação da guarda nacional, que organisou-se em todas as provincias.

Em *Pernambuco* rebentou uma seria revolução militar, appellidada dos *Septembristas*, por lembrar as horriveis scenas da Revolução franceza em setembro de 1792. Seguiu-se logo uma guerra civil cognominada *dos Cabanos*, que durou quatro annos e foi tranquillisada pelo Major Joaquim José Luiz de Souza auxiliado pelo bispo D. Marques Perdigão.

Na Bahia foi expulso o Coronel João Chrysostomo do mesmo modo que o Brigadeiro Soares de Andréa no Pará; mas cinco annos depois de serem expulsos de suas presidencias elles conseguiram restabelecer a paz nas suas respectivas provincias. Ambos estes generaes conservaram-se fieis ao governo; mas o Coronel Joaquim Pinto Madeira, adorador de D. Pedro I, proclamou na villa do Jardim, do Ceará, a restauração do 1°. Imperador, e conseguiu reunir alguns adeptos; mas vencido em um encontro que teve com as forças do governo, foi abandonado pelos seus, preso e assassinado no Crato.

Entretanto chegaram ao Brazil noticias dos heroicos feitos do ex-imperador, que expulsára seu irmão de Portugal depois das brilhantes victorias de Almoster e da Asseiceira, e pelo decisivo triumpho da causa liberal na convenção de Evora-Monte a 25 de maio de 1834 restituira a corôa a sua filha D. Maria II. Ora, muitas pessoas importantes temiam a volta do ex-imperador e desenvolveu-se grande rigor contra um pro- 1834
jecto de conspiração, em que estava compromettido José Bonifacio de Andrada, que perdeu seu cargo de tutor do Imperador e foi mandado preso para a ilha de Paquetá. Ao mesmo tempo tratava-se nas Camaras de decretar a expatriação de D. Pedro I; mas antes de passar a lei no Senado chegou a noticia da morte do ex-imperador em Lisboa a 24 de setembro de 1834.

Para restabelecer a tranquillidade foi apresentado no mesmo anno ás Camaras um projecto de lei que modificava a Constituição. Este projecto convertido em lei a 12 de agosto de
1834, é conhecido pelo nome de *Acto Addicional*. Entre 1834
as reformas da nova lei notam-se: Instituição das Assembléas Provinciaes; creação do Municipio Neutro; abolição do Con-

selho de Estado, e eleição de um só Regente nomeado por quatro annos.

Foi eleito para Regente em outubro de 1835, o Senador Diogo Antonio Feijó, que não mostrou nessa elevada posição a mesma energia de que antes dera provas, como Ministro da Justiça.

Foi pacificada a provincia do Pará, mas ganhou incremento a revolução do Rio Grande do Sul, chamada dos *Farrapos*, cujo chefe era o Coronel Bento Gonçalves da Silva, a qual se prolongou durante todo o periodo da regencia.*

Diogo Antonio Feijó teve contra si nas Camaras um forte partido e tornou-se impopular pelo projecto de uma reforma religiosa; mas seu animo varonil nunca fraqueou nas mais criticas circumstancias, e si nem sempre procedeu com a energia necessaria a um governador no meio de facções exaltadas, nunca foi a isso induzido por fraqueza de caracter. Elle dizia de si mesmo: "Sou homem de quebrar, mas não de torcer."

O chefe da opposição Bernardo Pereira de Vasconcellos havia então contra o Regente organizado o *partido conservador*, que augmentando-se cada dia em rasão das más noticias da guerra do Rio Grande do Sul, obrigou o Regente a resignar o poder.

Seguiu-se a regencia do *Senador Pedro de Araujo Lima* (1837–1840), que governou em harmonia com as Camaras, não obstante a continuação das revoltas nas provincias.

Na Bahia foi pelo medico Sabino Alvares da Rocha Vieira proclamada a *Republica Bahiense* até a maioridade de Sua Magestade o Snr. D. Pedro II.

Foi mandado contra elle pelo Governo o marechal João Chrysostomo Callado, que restabeleceu a tranquillidade em toda a provincia.

Entretanto no Rio Grande do Sul continuava a revolução dos *Farrapos*, e no Maranhão rompia uma nova sedição. Mas o

---

* Nesta campanha principiou a sua carreira militar José Garibaldi, o subsequente libertador da Italia.

chefe dos revoltosos maranhenses Raymundo Gomes desprestigiou-se por associar-se aos bandos do preto Cosme, vil salteador que intitulava-se tutor do Imperador. 1838

Em 1840 mandou o governo para Maranhão o Coronel Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), como Presidente e Commandante das Armas, o qual em menos de um anno pacificou a provincia (5 de janeiro de 1841).

No Rio Grande do Sul continuavam os revezes para as forças do governo, que perderam a villa do Rio-Pardo com a maior parte do exercito ás ordens do Marechal Barreto (1838). Em 1839 o chefe rebelde David Canavarro invadiu Santa Catharina e occupou a villa da Laguna. Mas emquanto preparavam-se os *Farrapos* para novas incursões, chegou á Santa Catharina o novo Presidente e Commandante das Armas, Marechal Soares de Andréa, que retomou a villa da Laguna, expulsou os guerrilheiros de Santa Catharina e perseguiu-os mesmo no Rio Grande do Sul, enviando reforços ao general Manoel Jorge Rodrigues. 1838 1839

Prolongando-se a guerra pela energia dos chefes rebeldes, foi em 1842 mandado para o Rio Grande do Sul o Barão de Caxias, como Presidente e Commandante das Armas da provincia, com plenos poderes de acabar com a revolta. O novo general teve a fortuna de attrahir ás bandeiras do governo o valente caudilho, Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, e depois de uma serie de combates em que os *Farrapos* foram constantemente batidos, chegaram em fevereiro de 1845 os chefes revoltosos a um accordo com o Barão de Caxias, aceitando a amnistia imperial de 1844. Assim terminou uma triste guerra civil que por mais de nove annos assolou a provincia do Rio Grande do Sul.

O novo partido conservador que tomára as redeas do governo desde a resignação do Senador Diogo Antonio Feijó, não tendo podido abafar o enthusiasmo publico pelas reformas da Constituição, nem pacificar os Rio-grandenses, foi perdendo rapidamente a confiança das Camaras, de sorte que em principios de 1840 viu-se atacado por uma forte opposição, á 1837

frente da qual achava-se o eminente orador Antonio Carlos de Andrada, que apresentou o projecto da declaração da maioridade do Imperador mesmo antes da epoca legal.

Tornando-se os debates a este respeito muito calorosos, para vencer a crise decretou o governo o adiamento das Camaras. Os membros do partido liberal, deputados e senadores, não aceitando tal determinação, enviaram ao jovem Imperador uma Commissão pedindo a S. Magestade que assumisse a direcção do governo, como o unico meio de salvação para o paiz.

Tendo o Imperador respondido favoravelmente á Commissão, foi no dia 23 de julho de 1840 declarada a Maioridade de S. M. I. o Snr. D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXVII.

— Qual foi o resultado dos acontecimentos que se deram no Brazil depois da partida de D. João VI?

— No principio como governou D. Pedro I?

— Porque perdeu o Imperador a popularidade?

— Porque foi altamente impolitica a demissão de José Bonifacio?

— Porque dissolveu D. Pedro I a Constituinte? e quem deu a Constituição ao Imperio?

— Em que influiu a revolução de Pernambuco para o desprestigio imperial? o tratado com D. João VI em 1825? e o do Rio de Janeiro com a Argentina em 1828?

— Que tristes noticias recebeu da Europa o Imperador em 1826?

— A quem pertencia de direito a corôa de Portugal?

— Em quem abdicára D. Pedro I a corôa portugueza?

— O que levou D. Pedro I a abdicar a corôa imperial do Brazil? quando? Em quem abdicou elle? Que idade tinha o novo Imperador?

— Quanto tempo durou o governo da Regencia?

— De quantos membros se compunha a primeira Regencia?

— Quem foram os triumviros na Regencia Permanente? quanto tempo durou este triumvirato?

— Quando começa o governo de um só Regente? Quem foi? e quando deixou o poder?

— Quem foi o segundo Regente? e por quanto tempo?

— Que effeito produziu no partido democratico a abdicação do Imperador?

— O que fizeram então os deputados e senadores?

— Quem foi nomeado Tutor do Imperador?

— Quem era Francisco de Lima e Silva?

— Como se podem classificar as erupções do descontentamento nacional durante os governos regenciaes?

— Em que provincias houve revoltas declaradas? e as outras conservaram-se tranquillas?

— Com a retirada de D. Pedro I que acontecimentos se deram na Côrte?

— Por quem foram suffocadas essas revoltas? e a que instituição deram ellas origem?

— Que aconteceu em Pernambuco? porque foi a revolta chamada dos *Septembristas?* e que outras calamidades se seguiram?

— Qual o resultado dos motins populares em Bahia e Pará?

— Como procedeu o Coronel Joaquim Pinto Madeira do Ceará? e qual o resultado de sua rebellião?

— Que noticias chegaram de Portugal em 1834? que effeito produziram no animo dos Brazileiros? que medidas rigorosas tomou o governo contra o chefe da allegada conspiração em favor de D. Pedro I? quem era elle? que resolução tomaram as Camaras relativamente ao ex-imperador? e chegou essa lei a ser approvada? porque?

— Que reformas foram feitas na Constituição em 1834? e que nome tem essa lei?

— Quem foi eleito Regente em 1835? Que fez elle relativamente ao Pará? e ao Rio Grande do Sul?

— Como se denomina esta revolução do Rio Grande do Sul? quem foi o chefe e quanto tempo durou?

— Tinha a administração do Regente o apoio das Camaras? porque se tornou elle impopular? e qual era seu caracter?

— Quem era o chefe da opposição parlamentar? que novo partido foi então organisado? porque ganhou forças?

— Que decisão viu-se o Regente obrigado a tomar?

— Quem lhe succedeu no poder? quanto tempo governou?

— O que fez na Bahia o doutor Sabino? e com que resultado?

— Que acontecimentos se deram em 1838 no Maranhão? quem foi o chefe? e porque perdeu o prestigio?

— Quem pacificou o Maranhão? em quanto tempo?

— Que revezes soffriam as forças do governo no Rio Grande do Sul? quando?

— Quem foi David Canavarro? e o que fez em Santa Catharina?

— Quem foi então nomeado Presidente e Commandante das Armas de Santa Catharina? e que successos obteve contra os invasores?

— Que general foi em 1842 mandado para o Rio Grande do Sul? com que poderes? e que cargo exercia na provincia?

— Que grande vantagem obteve logo no principio o Barão de Caxias? e como conseguiu estabelecer a tranquillidade na provincia?

— Quanto tempo durou a guerra dos Farrapos?

— Quando tomára a direcção do governo o partido conservador? o que conseguiu sobre os liberaes? e a revolta do Rio Grande do Sul?

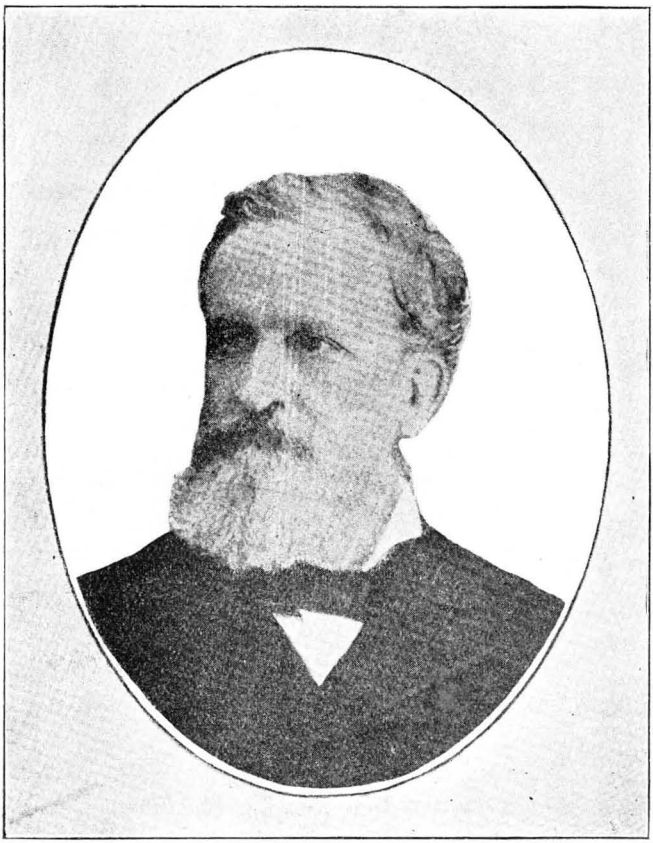
— Quem era na Camara dos Deputados o chefe da opposição liberal? que projectos apresentou?

— Que medidas tomou o governo?

— Foi aceita pela Assembléa Geral a decisão do Ministro do Imperio? e que providencias foram tomadas pelas Camaras?

— Como respondeu o Imperador á Commissão?

— Em que dia foi proclamada a Maioridade de S. M. o Imperador?



JOSÉ BONIFACIO
Netto do Patriarcho.

CAPITULO XXVIII.

GOVERNO DE D. PEDRO II, ATÉ O ROMPIMENTO DA GUERRA DO PARAGUAY. REVOLUÇÕES EM S. PAULO E MINAS (1842), ALAGOAS (1844), RIO GRANDE DO SUL (1835-1845), E PERNAMBUCO (1848). GUERRA CONTRA ROSAS (1850-1852).

1840-1864.

Tinha D. Pedro II apenas 14 annos, quando o partido liberal, dirigido pelos irmãos Andradas, convidou-o a assumir as redeas do governo. O moço imperador formou seu primeiro ministerio com os dois Andradas (Antonio Carlos e Martim Francisco), Limpo de Abreu (visconde de Abaeté), Aureliano Coutinho (visconde de Sepitiba), Hollanda Cavalcanti e seu irmão Francisco mais conhecido por *Suassuna*. Concedeu amnistia a todos os crimes politicos, com o que pacificou o Maranhão, mas não o Rio Grande do Sul, onde os *Farrapos* lutavão desde 1835 (20 de setembro) por apagar da bandeira nacional uma de suas mais brilhantes estrellas. Foi só dez annos depois que o barão de Caxias poz termo a esta revolução.

23 de julho de 1840

A 23 de março de 1841 por causa de desintelligencias entre Aureliano Coutinho e seus collegas, foi o ministerio dimittido, e o partido contrario (conservador) chamado ao poder.

Celebrárão-se a 18 de julho desse mesmo anno as festas da coroação.

18 de julho de 1841

O novo ministerio apresentou ás camaras os projectos de restabelecimento do conselho de estado e da reforma do codigo criminal, os quaes forão immediatamente discutidos e votados, confirmados pelo senado e sanccionados pelo imperador.

A opposição vencida nas camaras resolveu então protestar contra a nova lei por todos os meios ao seu alcance.

Revolução de S. Paulo (17 de maio a 22 de junho de 1842). — A assembléa provincial de S. Paulo, por influencia do ex-regente Feijó, fez uma representação que não foi attendida pelo governo, que sabendo tambem que a maioria da camara dos deputados, que se estava reconstituindo, pertencia á opposição, dissolveu-a. Levantou então S. Paulo o grito de revolta, e os chefes do partido liberal reunidos em Sorocaba, proclamárão presidente da provincia ao brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.

1842

17 de maio

O ministro da guerra, José Clemente Pereira, desenvolvendo a maior actividade e energia, mandou logo o barão de Caxias com as forças que á pressa poude reunir, para suffocar a revolta, tendo ordens terminantes de aggregar á sua toda a tropa disponivel nas provincias visinhas.

Como nesse interim chegasse ao Rio a noticia de que a revolução se estendêra até Minas, resolveu o governo empregar os meios mais energicos. Ordenou ao presidente da provincia do Rio, Honorio Hermeto Carneiro Leão (marquez de Paraná) que puzesse em estado de defeza todos os municipios visinhos das provincias revoltosas, decretando o estado de sitio, e deportou, por meras suspeitas, a quinze cidadãos dos mais influentes.

Em S. Paulo houve pouca resistencia; o combate mais serio foi o da *Venda Grande*, onde ficárão os revoltosos desbaratados. O barão de Caxias poude, dentro de um mez, sem dar um tiro, entrar em Sorocaba, donde participou a José Clemente, que S. Paulo estava pacificada.

Revolução de Minas (10 de junho a 30 de agosto de 1842). — Applacada a revolta de S. Paulo, ordenou o governo ao barão de Caxias que immediatamente fosse pôr-se á testa das forças que operavão em Minas. Os mineiros revoltosos havião-se reunido a 10 de junho em Barbacena, e escolhido a José Feliciano Pinto Coelho da Cunha para presidente interino da provincia. Uma força de mais de quatro mil rebeldes avançava para Ouro-Preto, quando encontrou as tropas legaes em Santa Luzia, onde travou-se renhida luta, sendo o barão de Caxias repellido pelo coronel Galvão á frente de seus voluntarios; mas a traição de Joaquim Martins, um dos commandantes dos sediciosos, deu a victoria á legalidade. Caxias marchou para Ouro-Preto, e em toda a provincia ficou restabelecida a ordem.

10 de junho de 1842

20 de agosto de 1842

A 4 de setembro de 1843 casou-se D. Pedro II, com a princeza D. Thereza Christina, irmã de Fernando II de Napoles, e por occasião das festas que então se derão, foi decretada a amnistia para os revoltosos de S. Paulo e Minas.

1843

Revolução nas Alagoas (outubro a dezembro de 1844). — A mudança da capital da cidade de Alagoas para Maceió causou desgostos que se traduzirão em movimento revolucionario contra o presidente, Dr. Bernardo de Souza Franco, que pediu auxilio a Bahia e a Pernambuco e bateu os rebeldes em Atalaia e St.º Antonio Grande. A nomeação de novo presidente, o Visconde de Maranguape, que deu amnistia geral, poz termo a esta triste revolta.

1844

Revolução do Rio Grande do Sul (1835–1845). — Havia nove annos que a heroica provincia do Rio Grande do Sul lutava por separar-se de suas irmans, sem considerar que a União é a condição indispensavel da força, da grandeza e da felicidade da patria.

1844

Desde os tempos coloniaes que o Rio Grande do Sul tem sido pelo valor e patriotismo de seus filhos considerado o *escudo do Brazil*, o guarda vigilante de nossas fronteiras tantas vezes ameaçadas por visinhos ambiciosos. Assim não era possivel que paixões partidarias pudessem amortecer no coração dos rio-grandenses os sentimentos de fraternidade que os ligão á patria; e todos aguardavão uma occasião favoravel para voltar ao gremio da communhão brazileira.

Esta occasião não tardou em apresentar-se. O governo no intuito de acabar de uma vez com aquella revolução, nomeou para commandante em chefe do exercito da legalidade no sul, dando-lhe poderes discrecionarios, ao barão de Caxias, já cercado do prestigio da pacificação de tres provincias.

O novo commandante entendeu-se com o chefe dos republicanos de Piratinim, David Canabarro, que depoz as armas e deu por finda aquella triste revolução, que desde 1835 assolava o Rio Grande do Sul.

1845 28 de fevereiro

Em 1847 visitou o imperador alguns municipios da provincia do Rio de Janeiro e teve a dôr de perder o principe imperial D. Affonso.

1847 11 de junho

Os monarchas brazileiros tiverão mais tres filhos: D. Isabel nascida a 29 de julho de 1846, D. Pedro fallecido a 19 de julho de 1848 e D. Leopoldina fallecida a 7 de fevereiro de 1871.

Revolução de Pernambuco (1848). — O partido liberal, que governava desde 1844, teve a 29 de setembro de 1848 de ceder ao conservador, que apenas de posse do poder, tratou logo de tomar medidas de repressão contra a opposição liberal. Dahi provierão grandes desgostos aos pernambucanos, que achárão pretexto para a revolta em algumas demissões dadas pelo presidente da provincia, Herculano Ferreira Penna. Os rebeldes reunirão-se em Pau-d'Alho e dahi marchárão sobre a villa de Iguarassú que tomárão sem resistencia.

1848

O governo central, logo que recebeu a noticia desta insurreição, nomeou para presidente da provincia ao Dr. Manoel Vieira Tosta (barão de Muritiba), e para commandante das armas ao general José Joaquim Coelho (barão da Victoria).

As forças revoltosas atacárão o Recife no dia 2 de fevereiro de 1849; mas encontrárão a cidade bem defendida pelas tropas legaes já organisadas, que resistirão, durante muitas horas e batêrão completamente os assaltantes, 1849 que fugirão em debandada para as mattas, onde forão perseguidos pelas autoridades e tratados com o maior rigor.

A severidade do governo para com os vencidos de Pernambuco levantou na camara dos deputados uma forte opposição da maioria liberal, pelo que foi a camara immediatamente dissolvida. As eleições, como de costume, derão maioria ao governo.

Por influencia da Inglaterra este governo sanccionou a 4 de setembro de 1850 a lei relativa ao trafico de 1850 africanos. A guarda nacional e o codigo commercial forão reorganisados.

Alem disto teve que attender a questões de politica externa e de intervir activamente nos negocios das republicas do sul, onde o dictador Rosas queria estender seu dominio sobre Paraguay e Uruguay.

Guerra contra Rosas (1850–1852).—O general D. João Manoel Rosas, eleito chefe da Confederação Argentina (1836), imaginou reconstruir sob seu dominio o antigo vice-reinado de Buenos Ayres. Tratou por tanto de reunir a Buenos-Ayres o Paraguay, cuja independencia não reconheceu, e declarou guerra ao Uruguay, que expulsára o general Oribe, chefe do partido *blanco*.

Soffreu a cidade de Montevidéo um assedio de nove annos, o qual perturbando o commercio estrangeiro causou a inter-

venção da Inglaterra e da França, cujas esquadras bloqueárão (1845) o porto de Buenos Ayres ; mas depois de alguns ataques e aprisionamentos de navios mercantes retirárão-se a ingleza em 1848 e a franceza em 1849.

Rosas ainda mais orgulhoso depois da retirada das duas frotas, deu largas ao seu furor de vingança, e organisou a *mashorca*, policia de selvagens, praticando actos de crueldade que encherião de horror aos maiores tyrannos da antiquidade ou dos tempos medievaes.

Foi então que o governo do Brazil, afim de proteger as provincias do sul, expostas ás devastações daquelle *Nero americano*, mandou o marquez de Abrantes a Paris e a Londres para que ahi explicasse suas intenções a respeito da republica do Uruguay, de cuja independencia erão fiadoras aquellas nações. E ao Paraguay enviou dinheiro, armas e officiaes militares que preparassem ahi a defeza. Tambem celebrou tratados de alliança com o general Urquiza, governador de Entre-Rios e com os partidarios da resistencia em Montevidéo.

Em março de 1850 o dictador Rosas decretou a encorporação do Paraguay á Confederação Argentina. Então o Brazil, afim de proteger seus alliados, mandou um exercito de doze mil homens commandados pelo conde de Caxias (depois duque), invadir o Uruguay occupado por um preposto de Rosas, o general Oribe, que tendo ao mesmo tempo noticia do bloqueio dos portos argentinos pela esquadra brazileira, ás ordens do almirante inglez Greenfel, tratou logo de entabolar negociações com Urquiza e retirar-se.

1850

Desembaraçado de Oribe, ordenou o conde de Caxias ao general Marques de Souza (conde de Porto-Alegre) que com sua divisão fosse reunir-se ás forças de Urquiza que marchavão sobre Buenos Ayres.

Rosas conhecendo o perigo que o ameaçava, desenvolveu toda a sua energia na formação de um exercito capaz de fazer

frente ás forças alliadas e marchou contra ellas. Os dois exercitos encontrárão-se no dia 2 de fevereiro de 1852 em Monte-Caseros. Travou-se ahi renhida luta, ficando por fim os alliados senhores do campo. Não se pode negar á valorosa e bem disciplinada divisão braziliera, a grande parte da gloria que lhe coube por esta victoria sobre o sangrento tyranno, que por quinze annos enchêra de terror e devastação as terras platinas.

1852. **Batalha de Monte-Caseros**

Vendo perdida a batalha, o feroz dictador procurou salvar-se fugindo e a 10 de fevereiro embarcou-se para a Inglaterra, onde foi residir.

1853

O ministerio conservador apezar do apoio da maioria das camaras e das victorias internas e externas teve de retirar-se, sendo substituido por outro presidido pelo marquez de Paraná (6 de setembro de 1853), que formou um programma de *conciliaçao*, que conseguiu pôr em pratica, cuidando em serenar os animos e fazer esquecer antigas odiosidades, afim de que unidos os partidos politicos, — liberal e conservador — concorressem para o progresso e engrandecimento da patria.

6 de setembro de 1853

Este habil estadista colheu os fructos de sua illustrada politica. Dentro de poucos annos forão grandes terrenos explorados, abrirão-se muitas estradas, assentárão-se os primeiros trilhos de vias ferreas, e augmentou consideravelmente a navegação a vapor.

Fundárão-se bancos e emprezas industriaes que levavão por todo o paiz a prosperidade e a riqueza.

Durante o ministerio do marquez de Paraná (1853–1856) teve por duas vezes o governo de intervir nas questões das republicas platinas, e sempre da maneira a mais honrosa. A primeira quando mandou forças brazileiras guarnecer a cidade de Montevidéo a pedido do governador de Uruguay; e a segunda quando exigiu satisfacão do insulto feito ao encarregado de negocios, Felippe J. P. Leal, pelo dictador do Paraguay,

Carlos Antonio Lopes. A esquadra brazileira foi postar-se
1856 no rio Paraná e o dictador viu-se obrigado a dar a satisfação exigida e a celebrar o tratado de 1856, que regulava o commercio entre o Brazil e o Paraguay.

A 3 de setembro de 1856 morreu o marquez de Paraná e foi
1857 incumbido o marquez de Caxias de formar outro ministerio, que não achando apoio na nova camara, eleita pela lei dos circulos (setembro de 1855), pediu sua exoneraçao em maio de 1857.

Foi o marquez de Olinda o organisador do novo ministerio,
1858 onde, apezar da fusão, predominavão os liberaes, sendo ministro da fazenda Bernardo de Souza Franco; mas em fins de 1858, retirando-se por doentes alguns ministros, ficou o ministerio dissolvido.

Encarregado o visconde de Abaeté da nova organisação, deu aos conservadores a maior parte das pastas e escolheu para a da fazenda a Francisco de Salles Torres Homen* (depois visconde de Inhomirim), que como deputado combatêra fortemente as medidas energicas de Bernardo de Souza Franco.

Apenas poude este gabinete obter uma maioria insignificante, na votação da reforma da lei bancaria (agosto de 1859), que havia provocado os mais virulentos debates; pelo que propoz a dissolução da camara. Com a recusa do imperador retirárão-se os ministros.

No dia 10 de agosto de 1859 foi o senador Angelo Moniz da Silva Ferraz chamado a formar o novo gabinete conservador, que foi bem recebido pela assembléa geral.

Em fins desse anno visitou o imperador o norte do
1859 Brazil (Bahia, Sergipe, Alagôas e Pernambuco).

Em 1861 havendo o senador Ferraz perdido a maioria na camara dos deputados, passou a presidencia do conselho ao marquez de Caxias (3 de março de 1861), que nenhuma

---

* Autor do "Timandro."

medida importante apresentou, e a 21 de maio pediu sua exoneração por causa de uma emenda ao projecto da resposta da falla do throno feita pelo deputado Zacharias de Goes e Vasconcellos.

A 24 de maio organisou-se o ministerio liberal presidido pelo deputado Zacharias, que tambem não obtendo maioria na camara, pediu ao imperador que a dissolvesse, o que lhe foi negado, tendo por isso de resignar as pastas. 1861

Não havendo pois na camara temporaria nenhum partido em maioria, formou o imperador um ministerio mixto, mas de homens que parecião afastados das odiosas lutas politicas. O marquez de Olinda foi escolhido para presidente de conselho e o marquez de Abrantes para a pasta dos estrangeiros.

Este ministerio, decidido a usar de toda a prudencia para conservar-se, soffreu uma grande provação com a questão *Christie*, que tanto sobresaltou os animos em fins de dezembro de 1862 e principios de janeiro de 1863. 30 de maio de 1861

O embaixador inglez (Christie) no Rio de Janeiro recebêra de Wereker, consul no Rio Grande do Sul, uma participação de assassinatos de marinheiros e roubo da carga de um barco mercante inglez (Prince of Wales) naufragado naquella costa; ao passo que pelo inquerito feito pelas autoridades brazileiras e pelo proprio Wereker havia-se verificado que o naufragio se dera á noite e que os quatro marinheiros, que faltavão havião perecido afogados. 1862

Deu este incidente origem a uma discussão entre o ministro de estrangeiros e o diplomata inglez, que sustentava a asserção de Wereker. Como o marquez de Abrantes não lhe desse a satisfacão exigida, queixou-se Christie a Lord Russell, que logo enviou-lhe instrucções para forçar o governo brazileiro a pagar a somma de seis mil libras esterlinas e indemnisar as familias dos marinheiros mortos.

Alem desta iniqua reclamação apresentou outra a respeito da prisão de alguns officiaes da fragata ingleza *Fort*, vestidos á paisana, sem distinctivo algum, que passeiando na Tijuca, travárão-se de razões com a sentinella daquelle corpo de guarda; mas que fôrão no dia seguinte postos em liberdade logo que os reclamou o seu commandante.

Isto fez com que as notas do ministro inglez ao marquez de Abrantes fossem-se tornando mais asperas, até que em fins de
1862 dezembro espalhou-se a noticia de que a Inglaterra enviára um *ultimatum* ao governo do Brazil, e que o almirante Warren tivera ordem de tomar represalias sobre propriedade brazileira.

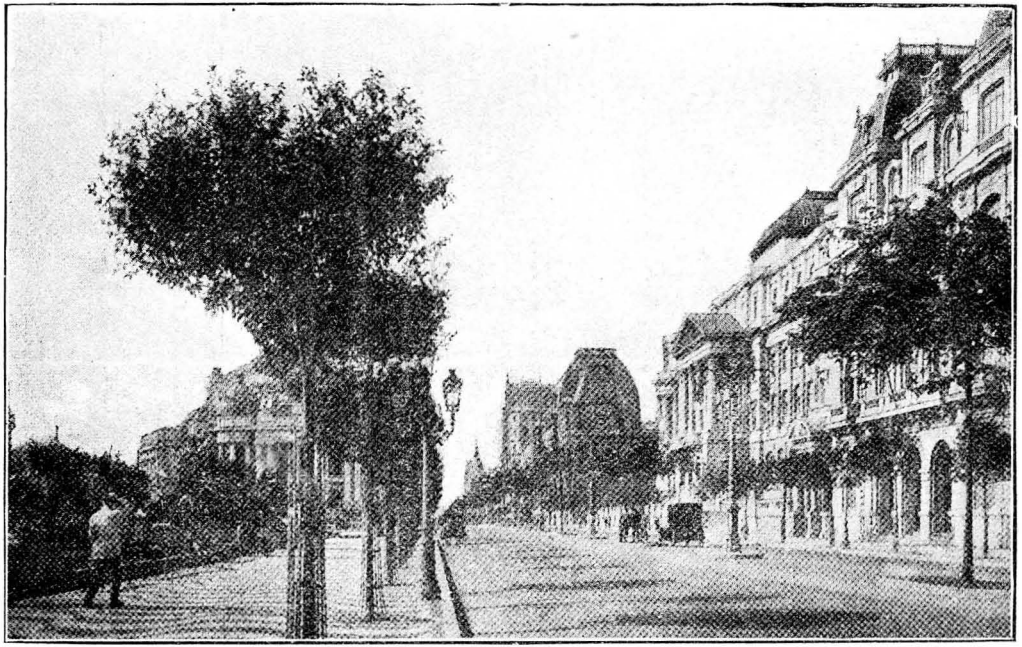
A população fluminense encheu-se de susto e anciedade e a indignação chegou ao seu maior auge quando o telegrapho annunciou que alguns vapores inglezes, sahidos fóra da barra, havião apresado navios brazileiros.

O imperador e os ministros procuráram por todos os meios socegar a irritação do povo, afim de que não fosse commettido
1863 algum excesso contra a colonia ingleza na capital. Reuniu-se o conselho de Estado pleno e resolveu-se pagar *sob protesto* a somma exigida, e pedir arbitramento sobre a questão da *Fort:* Christie aceitou ambas as propostas e cessárão as represalias.

O arbitro escolhido foi o rei da Belgica, que decidiu favoravelmente para o Brazil.

O governo brazileiro queixou-se a Inglaterra do procedimento do ministro Christie, e não tendo obtido satisfação, interrompeu com aquella nação suas relações diplomaticas, que foram pouco depois reatadas por intervenção do rei de Portugal.

O ministerio Olinda foi em 15 de janeiro de 1864 substituido
1864 por outro presidido pelo conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos, que a 15 de agosto cedeu as pastas ao gabinete Furtado (Francisco José Furtado), que em



Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro

maio de 1865 retirou-se depois de ter preparado o paiz para a campanha travada em Montevidéo e que devia estender-se ao Paraguay, no que foi auxiliado por todos os partidos.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXVIII.

— Que idade tinha D. Pedro, quando começou a governar?
— Que cidadãos escolheu elle para formar o primeiro ministerio?
— Que provincias estavão revoltosas em julho de 1840?
— Qual o resultado da amnistia?
— Em que anno havia-se revoltado o Rio Grande do Sul?
— Quando depoz as armas?
— Quem a pacificou?
— Quem era o chefe dos revoltosos?
— Porque cahiu o primeiro ministro liberal?
— Que partido tomou conta do governo?
— Que aconteceu a 18 de julho de 1841?
— Que fez o ministerio depois disto?
— Qual o resultado da nova lei?
— Quando rompeu a revolução de S. Paulo? Como?
— Que fez mais o governo?
— Onde foi declarada a revolução em S. Paulo?
— Quem era o chefe?
— Que fez então José Clemente?
— Nenhuma outra provincia revoltou-se?
— Que medidas tomou o governo?
— Que resistencia apresentou S. Paulo?
— Quanto tempo durou a revolução? Como acabou?
— Quem foi mandado contra os rebeldes de Minas?
— Onde havia Minas dado o grito de revolta?
— Quem era o chefe dos rebeldes?
— Que aconteceu em Santa Luzia?
— Que fez o barão de Caxias?
— Com quem casou-se D. Pedro II? Quando?
— Como celebrou D. Pedro II as festas do seu casamento?

— Que provincia revoltou-se em 1844? Porque?

— Como foi pacificada?

— Quanto tempo durou a revolução do Rio Grande do Sul?

— Qual a importancia especial desta provincia?

— Com que poderes foi confiada ao barão de Caxias a pacificação da provincia? Quando partiu elle?

— Como se portou Caxias no Rio Grande do Sul?

— Quando deixou de existir a republica de Piratinim?

— Que viagem fez o imperador em 1847?

— Que grande desgraça lhe succedeu nesse anno?

— Quantos filhos teve D. Pedro II? Quantos morrêrão?

— Porque revoltou-se Pernambuco em 1848?

— Quem era o presidente de Pernambuco?

— Onde reuniram-se os rebeldes? Que villa tomárão?

— Que autoridades nomeou o governo para Pernambuco?

— Quando atacárão os revoltosos o Recife? Qual o resultado do ataque? Como forão tratados os vencidos?

— Qual foi o resultado da opposição da camara ás violencias do governo?

— Que leis se promulgárão em 1850?

— Com que outras difficuldades lutou o governo?

— Quanto tempo durou a guerra contra Rosas?

— Quem era Rosas? Quaes os seus projectos? Que medidas tomou para realisal-os?

— Quanto tempo esteve sitiada Montevidéo?

— Que nações bloqueárão Buenos Ayres? Por quanto tempo?

— Que era a *mashorca?* Quem a organisou?

— Que medidas tomou o Brazil para proteger as provincias do sul e as republicas alliadas?

— Que decreto publicou Rosas em 1850?

— Que commissão foi dada ao conde de Caxias?

— Quem era Oribe? Greenfel? Marques de Souza?

— Que fez Rosas para defender Buenos Ayres?

— Que batalha decisiva se deu a 2 de fevereiro de 1852? Onde? Quem foi o vencedor?

— Como salvou-se Rosas?

— Que partido subiu ao poder a 6 de setembro de 1853?

— Qual o programma do marquez de Paraná?

— Que vantagens delle colheu?

— Quanto tempo durou este ministerio?

— Quantas vezes teve de intervir nas questões do sul?

— De que modo? Que conseguiu de Carlos A. Lopes?

— Que tratados celebrou com o Paraguay? Quando?

— Porque não formou ministerio o marquez de Caxias depois da morte do marquez de Paraná?

— Quem foi o novo organisador do gabinete? Por quanto tempo? Porque dissolveu-se o ministerio?

— Que fez então o visconde de Abaeté? Porque não continuárão os novos ministros?

— Quem foi chamado a formar novo gabinete? Quando?

— Que viagens fez o imperador em 1859?

— Quem era o presidente do conselho a 3 de março de 1861? Porque retirou-se?

— Porque não se conservou o ministerio Zacharias de 24 de maio?

— Porque formou o imperador um ministerio mixto?

— Que soffreu este ministerio?

— Que mandou dizer o consul inglez do Rio Grande do Sul ao seu ministro no Rio de Janeiro?

— Como havia naufragado o Prince of Wales? Que fôra feito dos marinheiros desapparecidos?

— Qual foi o procedimento do ministro inglez? Que instrucções recebeu do seu governo?

— Que outra reclamação apresentou Christie? Qual foi o resultado dessa discussão?

— Como foi pelo povo recebido o *ultimatum*? Qual o procedimento do imperador e dos ministros?

— Que resolveu-se? Quem foi o arbitro? Como decidiu?

— Como portou-se o governo brazileiro em relação ao ministro inglez?

— Como se reatárão as relações diplomaticas com a Inglaterra?

— Quem era o presidente do Conselho, quando rompeu a guerra com Montevidéo?

CAPITULO XXIX.

GUERRAS NO SUL; GUERRA CONTRA AGUIRRE (DE 1864 A 1865). GUERRA CONTRA O PARAGUAY: 1.ª EPOCA DE 1864 A 1866. 2.ª EPOCA DE 1866 A 1869. 3.ª EPOCA DE 1869 A 1870.

1864–1870.

Desde os tempos coloniaes que a questão de limites entre o Brazil e as regiões platinas (Argentina, Paraguay e Uruguay) tem sido causa de constantes lutas.*

Em 1864 não se havião ainda determinado os limites entre Rio Grande do Sul e Uruguay, que por cinco annos (1823–1828) formára parte do imperio com o nome de provincia

---

*Tratados de limites entre as possessões portuguezas e hespanholas na America do Sul, e o Brazil e as republicas platinas: 1494 — Tratado de Tordesilhas entre D. João Portugal e os reis catholicos, celebrado pelo papa Alexandre VI.

1681 — Tratado de Lisboa entre D. Pedro II de Portugal e D. Carlos II de Hespanha.

1713 — Tratado de Utrecht entre D. João V de Portugal e Felippe V de Hespanha.

1750 — Tratado de Madrid entre D. João V de Portugal e Fernando VI de Hespanha.

1761 — Tratado entre D. José I de Portugal e Carlos III de Hespanha.

1777 — Tratado de Sto. Ildefonso entre D. Maria I de Portugal e Carlos III de Hespanha.

1885 — Tratado de 28 de setembro entre o imperio do Brazil e a Republica Argentina.

1889 — Tratado de 5 de novembro entre o imperio do Brazil e a Republica Argentina.

Cisplatina. Desde então que nas fronteiras se estabelecêrão estancieiros brazileiros cujo numero elevava-se em 1864 a mais de 30,000, e que foram se estendendo tanto pelas terras do Rio Grande do Sul como do Uruguay. Estes estancieiros recusavão sujeitar-se ás leis do Brazil sob pretexto de serem republicanos ; mas tambem não querião prestar obediencia ás autoridades do Uruguay por se dizerem brazileiros. O resultado desta situação duvidosa foi tornarem-se odiosos aos orientaes.

Por occasião da guerra civil que em 1863 arrebentou entre o general D. Venancio Flores, chefe dos *colorados* e o presidente Aguirre, chefe dos *blancos*, forão estes estancieiros tratados com o maior rigor por Aguirre, que assolava-lhes as fazendas e mandava fusilal-os onde quer que os encontrassem.

Não podendo resistir a tantos vexames e máos tratos, os fazendeiros levárão queixas amargas ao governo do Brazil, que pediu informações aos seus representantes em Montevidéo. Os jornaes orientaes então clamárão que o Brazil queria reconquistar a Cisplatina.

Os rio-grandenses armárão-se para defender seus compatriotas.

Do Rio de Janeiro partirão para Montevidéo o conselheiro Saraiva e o almirante Tamandaré com alguns vasos de guerra. No Rio Grande do Sul concentrou-se uma força de 4000 homens commandada pelo general Menna Barreto.

1890 — Tratado de Montevidéo entre a Republica dos Estados Unidos do Brazil e a Republica Argentina, assignado a 25 de janeiro de 1890 e rejeitado quasi unanimemente pelo congresso brazileiro a 10 de agosto de 1891.

1895 — Laudo do Sr. Grover Cleveland, presidente dos Estados Unidos da America do Norte, arbitro escolhido para demarcar os limites desde o rio Uruguay até o Iguassú. Este laudo poz fim á serie de disputas que se haviam travado sobre os limites do Brazil com as regiões platinas.

No dia 4 de agosto (1864) foi apresentado ao Uruguay o *ultimatum* do Brazil, que não foi aceito. O exercito brazileiro transpoz então a fronteira e invadiu o norte do Uruguay.

Aguirre pediu soccorro ao presidente do Paraguay, Francisco Solano Lopez, que declarou-se em seu favor. O ministro brazileiro em Assumpção deu parte deste acontecimento ao seu governo, que não ligou-lhe grande importancia.

Entretanto ordenava o almirante Tamandaré a alguns vapores que subissem o Uruguay, e aprisionava um vaso oriental, que levava tropas, junto a Paysandú.

Ao receber esta noticia o presidente Aguirre publicou um violentissimo manifesto contra o imperio, e remetteu os passaportes ao nosso ministro, João Alves Loureiro. Elle julgava-se muito forte, confiado na alliança da Argentina e do Paraguay, e mandou queimar publicamente todos os tratados com o Brazil.

Nestas circumstancias entendeu-se o conselheiro Saraiva com o almirante Tamandaré e o marechal Menna Barreto para que se reunissem com Flores, chefe dos *colorados* revoltados contra Aguirre.

Achava-se agora complicadissima a questão do Uruguay pela noticia da invasão de Matto-Grosso pelos Paraguayos, e o governo do Brazil mandou o conselheiro Paranhos (visconde do Rio Branco) substituir o conselheiro Saraiva que terminára sua missão.

Menna Barreto, Flores e Tamandaré atacárão o forte de Paysandú, cujo commandante, o coronel Leandro Gomes, rendeu-se com 700 homens depois de tres dias de porfiada resistencia. Os generaes vencedores resolvêrão sitiar Montevidéo, cujo bloqueio foi intimado a 2 de fevereiro. A cidade resistiu alguns dias, durante os quaes derão os *blancos* larga ás manifestações de seu odio aos brazileiros, a ponto de arrastarem na lama bandeiras brazileiras ; mas reconhecendo Aguirre que era impossivel defender-se por mais tempo,

passou o governo ao presidente do senado, D. Thomaz Villalba, que capitulou a 29 de fevereiro (1865), graças aos esforços do conselheiro Paranhos plenipotenciario brazileiro.

Vingado o Brazil retirou suas tropas sem exigir indemnisação de guerra, nem cessão de territorio. O general Flores assumiu a presidencia, legalisada depois pelo voto popular, e deu ao Brazil toda a satisfação exigida.

Guerra contra o Paraguay. — 1.ª Epoca de 1864 a 1866. A 14 de dezembro de 1864, estando o Brazil em guerra com o Estado Oriental, o presidente do Paraguay, Francisco Solano Lopes, sob o pretexto de que era alliado e defensor do Uruguay, declarou tambem guerra ao Brazil, aprisionando inesperadamente o vapor *Marquez de Olinda*, a bordo do qual ia o presidente de Matto-Grosso, o coronel Dr. Carneiro de Campos. 1864

Lopes, filho do primeiro presidente do Paraguay, herdára o poder e governava dictatorialmente um povo ignorante e fanatico, e para encetar conquistas preparára de antemão um poderoso exercito de 80,000 homens, 400 peças e mais de 19 navios com 120 canhões.

NOTABILIDADES DO URUGUAY.

D. Francisco Xavier Elio, Governador (1810).
João Lavalleja, fundador da republica.
Fructuoso Rivera, coronel, 1.º presidente.
Oribe, 2.º presidente.
Soares, 3.º presidente.
João Giró, 4.º presidente.
D. Venancio Flores, general e presidente.
Prudencio Berro, presidente.
Aguirre, presidente.
Villalba, presidente.
Leandro Gomes, coronel.

EPOCAS NOTAVEIS. — 1821 encorporação ao Brazil.
1828 separação e fundação da republica.

O Paraguay, fechado aos estrangeiros, nem de seus visinhos era conhecido. Nada se sabia de seu povo, de seus recursos, nem de seu territorio.

A 27 de dezembro foi a provincia de Matto-Grosso invadida pelo general Barrios com mais de 4000 homens de infanteria e 6000 de cavallaria commandados pelo coronel Resquin.

1864 Elles atacárão o forte Coimbra defendido por 150 homens sob as ordens do tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrêro (barão de Forte Coimbra), que depois de tres dias de heroica resistencia abandonou a praça por falta de munições. Em Albuquerque o tenente Antonio João Ribeiro só com 18 homens resistiu até succumbir gloriosamente com quasi todos os seus bravos. As devastações e as maiores atrocidades indicavão a passagem dos feros paraguayos, que forão-se apoderando de Dourado, Corumbá, Miranda, Nioac, etc.

Apenas estas noticias se espalhárão, em todo o imperio levantou-se um brado de indignação. De guardas nacionaes e voluntarios da patria improvisou-se um exercito que formado pela maior parte de agricultores, mostrou que tambem podia manejar as armas para sustentar e defender a honra nacional.

Foi o marechal Manoel Luiz Osorio nomeado commandante em chefe do exercito, e o chefe de divisão, Francisco Manoel Barroso, e o capitão de mar e guerra, Secundino Gomensoro com duas divisões de nossa esquadra tiverão ordem de subir o rio Paraná para atacar o Paraguay.

Nessa occasião foi tambem repentinamente a Republica Argentina invadida pelo general paraguayo Robles a frente de um exercito que apoderou-se da cidade de Corrientes.

Matto-Grosso tinha sido atacado, agora estava o Rio Grande do Sul ameaçado por 12,000 paraguayos ás ordens do tenente-coronel Estigarribia.

A invasão da Argentina determinou a triplice alliança do Brazil, Argentina (Mitre) e Uruguay (Flores).* 1º de Maio de 1865

Corrientes foi retomada pelo general argentino Paunero, auxiliado pelos officiaes brazileiros, o tenente-coronel Guimarães e o primeiro tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

A 11 de junho deu-se a batalha naval de *Riachuelo* onde a esquadra brazileira destruiu a paraguaya, commandada pelo capitão Meza, depois de oito horas de encarniçadissimo combate. Nota-se nesse dia memoravel o heroico episodio da fragata *Amazonas* sob o commando do chefe Barroso que metteu successivamente a pique tres navios inimigos. A *Parnahyba* atacada por tres vapores paraguayos perdeu entre muitos tres valentes: Pedro Affonso, Grenhalgh e Marcilio Dias.

A esquadra inimiga igual a nossa em numero de vapores (9) e apesar de protegida por uma bateria de 22 canhões e uma guarnição de 2000 homens de infanteria na barranca de Riachuelo, retirou-se com grandes perdas.

Nas barrancas de *Mercedes* alcançou Barroso nova victoria a 18 de junho e a 18 de agosto foi ainda vencedor em *Cuevas*.

Nesse interim Estigarribia invadia *S. Borja* no Rio Grande do Sul, e tentava reunir-se a Robles para apoiar o partido *blanco* no Estado Oriental.

Com esta noticia partiu para o sul o imperador com seus genros, o principe conde d'Eu e o duque de Saxe, em quanto os generaes brazileiros encerravão os paraguayos em Uruguayana. Osorio, Mitre, Flores e o almirante Tamandaré operavão de combinação contra os paraguayos.

---

* Signatarios do tratado: pelo Brazil o plenipotenciario Conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa;—pela Republica Argentina D. Rufino de Elizalde,—e pelo Estado Oriental D. Carlos de Castro.

A 17 de agosto ganhou Flores a batalha de Jatahy. Lopes chamou de Matto-Grosso a Barrios a quem deu o commando do exercito de Corrientes e mandou fusilar Robles por traição.

O general barão de Porto-Alegre tomou o commando das forças sitiantes de Uruguayana.

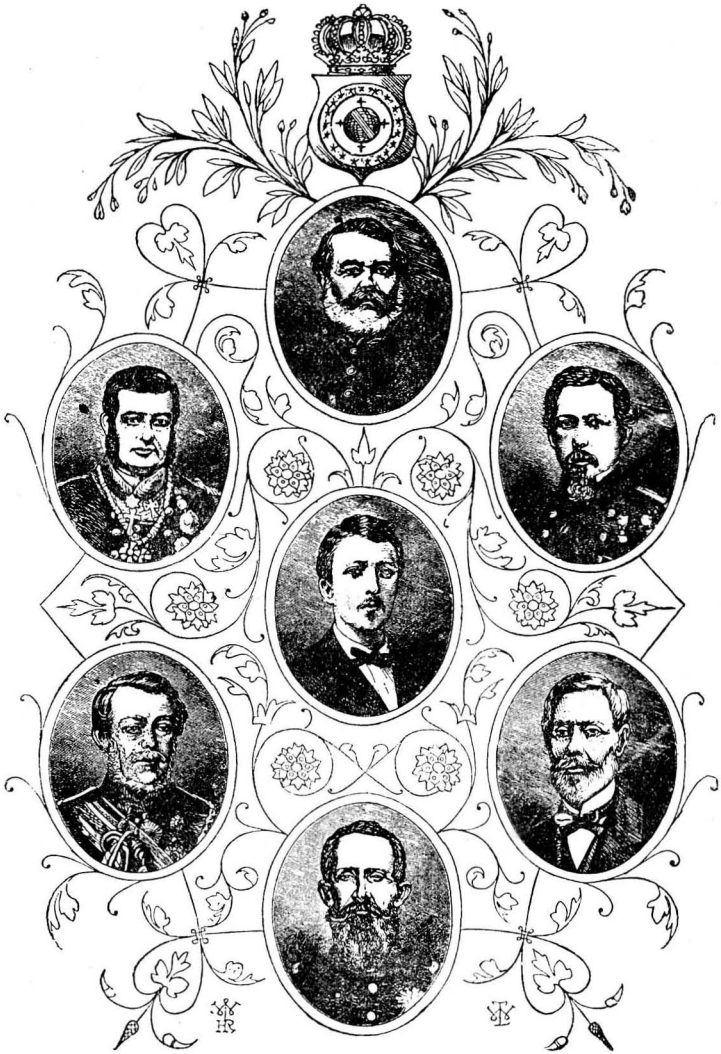
Chegárão a 11 de setembro ao acampamento o imperador e os principes, assim como o general Mitre a testa dos argentinos. A 18 effectuou-se a rendição de Uruguayana com 6000 prisioneiros. Em outubro retirárão-se de Corrientes os paraguayos.

Em fevereiro de 1866 assentou-se no plano de invasão no territorio paraguayo. A 10 de abril atacárão os para-
1866 guayos a posição brazileira na ilha da Redempção ou de Carvalho, em frente ao forte de Itapirú; mas forão depois de encarniçadissimo combate repellidos com grandes perdas.

A passagem do Paraná pelo general Osorio, em presença de um inimigo forte e preparado, foi um dos mais audaciosos feitos desta campanha. Este arrojo admiravel só acha parallelo na historia com a passagem do Granico por Alexandre á vista do numeroso exercito de Dario e a do Berezina por Napoleão na campanha do Russia. Osorio elevou-se á altura dos grandes heroes da Grecia e da França nesse dia memoravel de 16 de Abril de 1866. No *Passo da Patria* estabeleceu-se nosso quartel general.

HEROES BRAZILEIROS.

COMMANDANTES EM CHEFE.	GENERAES.
D. Pedro II, Imperador.	Manoel Deodoro da Fonseca.
Marquez de Herval (Osorio), general.	Benjamim Constant Botelho de Magalhães.
Visconde de Tamandaré, vice-almirante.	Floriano Peixoto.
Conde de Porto-Alegre, general.	Barão de S. Gabriel.
Duque de Caxias, general.	Barão do Triumpho.
Conde d'Eu, marechal de exercito.	Victorino Carneiro Monteiro.
	Visconde de St.ª Thereza.



SETE HEROES DA GUERRA DO PARAGUAY

ALMIRANTE INHAUMA — VISCONDE DE HERVAL — GENERAL ARGOLLO

GENERAL EM CHEFE CONDE D'EU

DUQUE DE CAXIAS — BARÃO DO TRIUMPHO — GENERAL POLYDORO

No dia 2 de maio atacárão inesperadamente os paraguayos o nosso acampamento socorrido a tempo por Osorio que rechaçou o inimigo depois de renhido combate.

A 24 nova sorpreza da parte de Lopes, que depois de cinco horas de luta desesperada, bate em retirada com enormes perdas. Sampaio, Flores, Castro, Paunero, Argollo, Netto, e outros valentes chefes derão os mais bellos exemplos de heroicidade a seus briosos camaradas; mas especialmente Osorio,

---

HEROES BRAZILEIROS.

Visconde de Pelotas.
Argollo.
Gurjão.
Barão de Forte Coimbra.
A. Tiburcio Ferreira de Souza.

OFFICIAES DO EXERCITO.

Dr. Frederico Carneiro de Campos, coronel.
Dr. Francisco P. Guimarães, coronel.
Dr. Manoel Peixoto Cursino de Amarante, coronel.
Carlos de Villagran Cabrita, tenente-coronel.
Antonio da Silva Paranhos, major.
Pantaleão, major.*
Luiz Fernandes de Sampaio, major.
T. M. dos Guimarães Peixoto, major.
Antonio João Ribeiro, tenente.
Jacob José dos Santos, soldado.†

OFFICIES DA ARMADA.

Barão da Passagem, vice-almirante.
Barão do Amazonas, vice-almirante.
Visconde de Inhauma, vice-almirante.
A. C. Mariz e Barros, commandante.
Bonifacio J. de St.ª Anna, commandante.
F. Henrique Martins, commandante.
Francisco A. de Vassimon.
F. J. de Lima Barros.
A. J. Rodrigues Torres.
José Carlos de Carvalho.
João Guilherme Grenhalgh.
Marcilio Dias.

* Fallando do major Pantaleão, o brigadeiro Tiburcio dizia que "era o official mais bravo do nosso exercito." O major Pantaleão morreu no ataque do reducto do Passo-Real em setembro de 1867.

† "O soldado Jacob José dos Santos collocou com o maior denodo o estandarte brazileiro em uma das sotéas tomadas ao inimigo." Parte official da tomada de Paysandú, ao tratar do 3.º batalhão de infantaria.

o bravo dos bravos, cobriu-se de gloria nesta grande batalha, a maior de toda a campanha. De ambos os lados combatêrão 70,000 homens. Os brazileiros chamão-na — *24 de maio* — e os paraguayos — *Tuyuty*. — Os generaes paraguayos forão Barrios, Diaz, Resquin e Burguez, sem fallar em Lopes que assistia ao combate.

Tuyuty 1866

Desintelligencias entre Mitre, general em chefe do exercito alliado, que oppunha-se á perseguição do inimigo, e Osorio que apesar de gravemente ferido queria acabar de golpe com a guerra, sem dar tempo a Lopes de preparar-se para continuar a resistencia, fizerão com que se retirasse o general brazileiro entregando o commando do nosso exercito ao general Polydóro (visconde de Sta. Thereza) que continuou a campanha.

Em julho travárão-se fortes combates, sobretudo nos dias 16, 17 e 18, para tomar sem completo resultado, as fortificações paraguayas.

A 3 de setembro foi tomado o forte Curuzú, e Lopes fingindo ceder, mandou pedir aos alliados uma conferencia, com o fim de ganhar tempo para defender Curupaity, que a 22 poude resistir ao ataque do exercito alliado, commandado por Mitre, que foi repellido com grandes perdas. Este revez foi causa de adiar-se por muito tempo a guerra.

Curuzú

2.ª Epoca — 1866–1869. — O governo brazileiro impaciente com a prolongação da guerra, mandou como commandante em chefe para o Paraguay o velho general, marquez de Caxias; Osorio restabelecido de seus ferimentos voltou ao 3.º corpo. Mitre retirou-se para Argentina.

10 de outubro de 1866

O cholera-morbus dizimava nosso exercito.

Em Matto-Grosso a força expedicionaria retomou Corumbá e invadiu o Paraguay.

Em julho de 1867 o marquez de Caxias auxiliado por Porto-Alegre, Osorio e Argollo começou a aproximar-se de Humaitá, afim de provocar uma batalha decisiva.

1867

A 31 Mitre chegou e tomou o commando em chefe do exercito alliado.

O general João Manoel Menna Barreto (barão do Triumpho) tomou a Villa do Pilar.

Entre os numerosos combates que se davão entre os alliados e os paraguayos em torno de Humaitá, destaca-se a sortida de Lopes a 3 de novembro de 1867, que principiou as 4½ horas da madrugada e terminou ás 9, sendo os paraguayos rechaçados, com grandissimos prejuizos de parte a parte.

Em janeiro de 1868 retirou-se Mitre e o marquez de Caxias assumiu de novo o commando do exercito.

A 19 de fevereiro operou-se a famosa *passagem de Humaitá* * pela nossa valente esquadra, commandada pelo capitão de mar e guerra Delfim C. de Carvalho (barão da Passagem) emquanto o exercito atacava e tomava o forte do Estabelecimento, á extrema esquerda do inimigo. A esquadra explorou o rio Paraguay até Assumpção.

Por varias vezes tentárão os paraguayos abordar os nossos encouraçados, mas sempre infelizmente.

A 20 de março foi tomada Carupaity.

Aos sitiados de Humaitá só restava uma linha de communicação — o Chaco — que foi atacado pelos alliados e defendido pelos paraguayos com encarniçamento, ficando em nosso poder, depois de tres dias de combate, o caminho pelo qual podião communicar-se as nossas tropas do sul e as do norte da fortaleza.

---

* O monitor *Alagôas* commandado pelo primeiro tenente Maurity, tendo perdido o cabo de reboque, foi levado aguas abaixo e teve ordem do almirante de regressar; mas continuou impavido sua marcha debaixo da saraiva de balas da fortaleza e tendo de repellir a abordagem de canoas cheias de paraguayos que erão metralhados mesmo dentro do convés do monitor. É uma façanha tão brilhante, que por si só dá renome illustre á marinha brazileira.

1866 A 16 de maio deu-se o primeiro assalto a Humaitá, que resistiu.

A 25 percebendo o marquez de Caxias que os paraguayos querião retirar-se, ordenou a occupação da praça; mas foi só depois de nove dias e nove noites de fogo incessante, e de soffrer todos os horrores de um assedio, até mesmo a fome, que rendeu-se a heroica guarnição com as honras da guerra. Mais de 1000 prisioneiros, immensa quantidade de material e munições cahirão em nosso poder.

Em outubro effectuárão-se prodigios da parte de nossos engenheiros. Basta citar a estrada do Chaco construida em 22 dias. Abrirão-se 1700 metros de picadas; construirão-se 8 pontes com mais de 5 metros de profundidade, e estivas em que se empregárão mais de 30,000 vigas de palmeira; abriu-se a navegação do Rio Negro, limpando-o de vegetações aquaticas que o obstruião por mais de duas leguas. Uma linha telegraphica dirigida pelo habilissimo engenheiro Alvaro Joaquim de Oliveira acompanhava a estrada.

No dia 6 de dezembro marchou o exercito sobre Villeta atravessada pela ponte de Itororó, que foi tomado depois de um horrivel combate, onde fizerão prodigios de valor o 1868 coronel Fernando Machado, o major Moraes Rego, os generaes Argollo e Gurjão e sobretudo o marquez de Caxias que com a espada desembainhada carrega em pessoa a testa do 1.° corpo do exercito. Os paraguayos defendendo-se como leões, concentrárão-se em Villeta.

No dia 11 deu-se o ataque de Villeta, onde distinguirão-se o tenente-coronel do 9.°, Francisco de Lima e Silva (morto), Osorio (ferido no queixo), o marquez de Caxias á testa das reservas, Triumpho, Camara, e João Manoel. Villeta foi tomada e o exercito poude ter juncção franca com a esquadra.

A 21 de dezembro o marquez de Caxias á testa das columnas de José Luiz Menna Barreto, e das de Jacintho Andrade Bittencourt marchou ao assalto de Lommas Valentinas

(Camara ficára em Angostura). O barão do Triumpho, ferido na luta, retirou-se e muitos outros bravos morrêrão. O velho general em chefe passou a noite velando nas linhas de fogo.

No dia 23 o marquez de Caxias intimou Lopes a render-se, o que elle recusou.

No dia 27 novo ataque. Lopes fogiu com alguns officiaes.

A 30 rendição de Angostura.

A 5 de janeiro de 1869 entrada de Caxias em Assumpção. 1869

A nossa cavallaria occupou Luque, segunda capital do Paraguay.

Estavão destruidas todas as fortificações de Lopes. Caxias, Osorio, Argollo e Inhauma voltárão ao Brazil por doentes ou feridos.

3.ª Epoca, — 1869-1870. — A retirada dos chefes levára o desanimo ás fileiras brazileiras, ao passo que exaltava-se o orgulho de Lopes, que ia creando novos recursos. O dictador estabeleceu sua capital em Peripebuy, formou novo exercito armado de novos canhões.

Era inevitavel terceira campanha.

O governo do Brazil nomeou para commandante em chefe das forças no Paraguay o marechal de exercito, conde d'Eu, principe joven, intelligente e activo que devia pôr a esta guerra termino tão feliz.

Em fevereiro de 1869 o conselheiro José Maria da Silva Paranhos (visconde do Rio Branco), em missão especial formou em Assumpcão o governo provisorio.

A 16 de abril tomou o commando o conde d'Eu. Com elle estavão o marquez do Herval (Osorio) e o general Polydoro. A 18 deu o principe ordem a uma frota de monitores que

---

ENGENHEIROS CONSTRUCTORES DA ESTRADA DO CHACO.

Marechal Argollo, Falcão da Frota, E. C. Jourdan, Sepulveda Everard, e Guilherme Carlos Lassance.

percorresse o Manduvirá e a 20 de maio começou a campanha das cordilheiras ocupadas pelo inimigo.

O brigadeiro Camara (visconde de Pelotas) atravessando estensos pantanaes e terrenos desconhecidos tomou Potreiro-Ponan e Tupy-Puitan.

O general João Manoel Menna Barreto mandado com destino a Villa-Rica, foi atacado em Sapucaia, mas com os reforços trazidos pelo general Pedra, foi avançando até Paraguay, acompanhado de mais de 3000 pessoas, que imploravão nossa protecção.

O conde d'Eu mandou proceder a diversas explorações em pontos inteiramente desconhecidos. Entre os exploradores nota-se o capitão Manoel Peixoto Corsino de Amarante no valle de Pirayú.

No dia 12 de Agosto foi tomada de assalto a praça de Peripebuy, nova capital de Lopes. Esta victoria custou-nos o bravo brigadeiro João Manoel Menna Barreto e o capitão Seixas. Na vespera (11) havia o brigadeiro José Auto da Silva Guimarães tomado a villa de Autos.

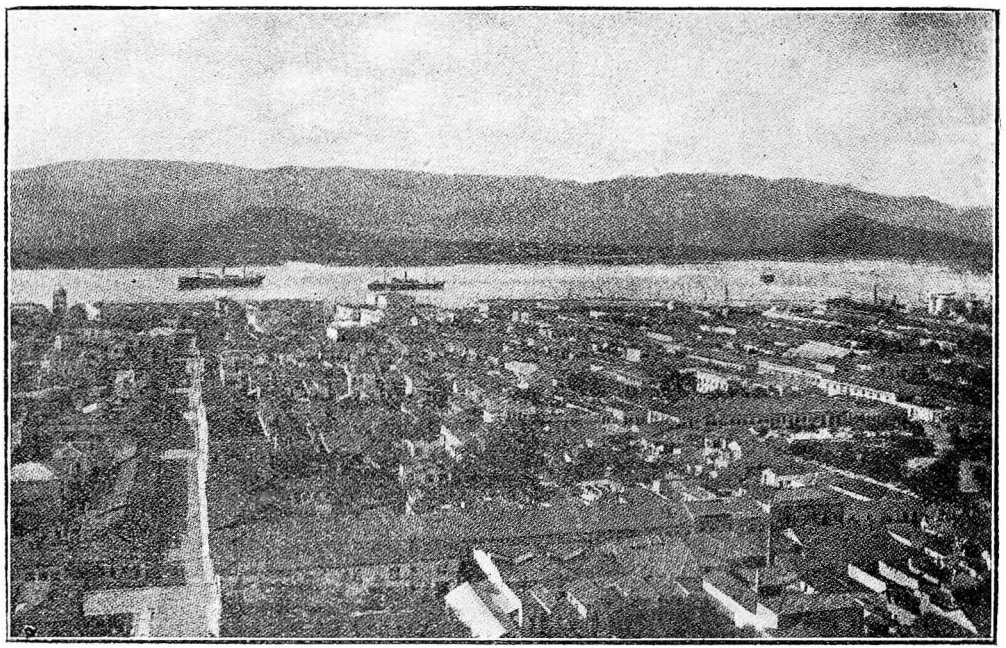
Lopes fugiu de Peripebuy para Caraguatahy.

Aggravando-se os ferimentos do marquez de Herval, retirou-se.

A 15 ordenou o conde d'Eu ao general Camara que fosse atacar o inimigo pela frente, emquanto elle o perseguia pela retaguarda.

A 16 de agosto deu-se a batalha de Nhú-Guassú ou Campo Grande, onde o habil general Caballero á frente de seus soldados que combatião como leões, teve de ceder a uma carga irresistivel da 4.ª brigada de cavallaria do coronel Hippolyto. Depois de cinco horas e meia de peleja ficámos de posse de 2300 prisioneiros, grande material e munições.

A 18 travou-se nova batalha, a de Caraguatahy, que levou o desanimo ao coração dos paraguayos a ponto de fazel-os queimar os seus navios.



Vista de Santos, o maior porto de exportação de café no mundo.

A 19 proseguiu a expedição, commandando a vanguarda o general Nery, que em tres dias voltou a Caraguatahy, tendo percorrido 27 leguas de terreno cortado de extensos banhados, immensos atoleiros e muitos rios difficeis de passar, e trazendo 800 prisioneiros, 5 canhões e 1 bandeira.

Em agosto tinha Lopes perdido mais de 9000 homens, 81 boccas de fogo, e extraordinaria quantidade de munições, provisões e despojos; estava expulso das cordilheiras, e fugitivo pelos sertões.

O principe afim de impedir que o dictador fugisse do territorio paraguayo, preparou-se para marchar sobre Caraguaty (S. Isidro), desde fins de agosto a terceira capital de Lopes.

No dia 9 de setembro acampou o exercito brazileiro em Arecutaguá, onde descançou, foi pago e recebeu novo fardamento por se haver estragado o velho e tambem porque os soldados tinhão dado grande parte delle ás miseraveis familias paraguayas que encontravão pelo caminho implorando amparo e pão.

No dia 8 de outubro marchou o conde d'Eu sobre Curuguaty, donde Lopes avisado retirou-se immediatamente. Elle havia, antes de retirar-se de S. Estanislau, mandado lancear mais de 70 homens e mulheres sob pretexto de conjuração, e

---

HEROES PARAGUAYOS.

Francisco Solano Lopes, presidente.
Leandro Gomes, tenente-coronel.
Estigarribia, coronel.
Diaz, general.
Caballero, general.
Barrios, general.
Resquin, coronel.
Robles, general.
Bruguez, general.
Galeano, major.

Carlos Loizaga, Cyrillo Rivarolla, João Diaz Bedoya, } triumvirato formando o Governo Provisorio em Assumpção (15 de agosto de 1869).

em Capivary ordenára outra hecatombe dos desgraçados cujas privações e prostração impedião de acompanhal-o na fuga.

No dia 13 de setembro havia embarcado em Arecutaguá os soldados do general Camara que devião atacar o inimigo pela retaguarda. Em Naranjahy encontrárão um troço de tropas paraguayas, que repellirão; mais adiante, porêm, em Itapitanguá, estava postada uma força maior, fortemente defendida pelas barrancas quasi a prumo do arroio, cuja ponte fôra destruida. Alli renovou-se o ataque e só com a cavallaria desalojou Camara o inimigo, a quem tomou 500 prisioneiros, libertando nessa occasião 200 brazileiros captivos.

Ao sul o general Resin expulsava gloriosamente o inimigo do serro do Coagoazú e a 22 occupava S. Joaquim, onde aos horrores da guerra juntárão-se os da fome. Durante mez e meio derão ahi provas os soldados brazileiros do mais admiravel valor e da mais sublime abnegação. Pallidos, magros, inanidos, nem uma só queixa transpunha os labios quer dos soldados, quer do povo! O unico alimento que lhes restava era a carnauba. Chegou-se a comer couro assado tirado dos arreios!

A columna do principe acampára a 17 em Capivary e tambem soffrêra as torturas da fome até o dia 28 de setembro. O principe destribuiu com os soldados todas as suas provisões. Palmito e fructas sylvestres era todo o alimento das nossas tropas.

A 26 o coronel Fidelis marchára sobre Curuguaty e na madrugada de 28 foi a villa tomada.

Mandou o principe em novembro abrir e alargar a estrada entre S. Joaquim e Capivary e recolher todo o gado que encontrassem nos campos.

A 28 de novembro renovou-se a perseguição do inimigo mas tão abrazador era o sol que os soldados ficárão extraordinariamente acabrunhados, morrendo cinco homens asfixiados, nem lhes foi possivel oppor o menor embaraço ao inimigo

na passagem do Peri-pucú a 2 de dezembro. Mas em compensação no mesmo dia (28 de novembro) o coronel Fidelis alcançou um brilhante triumpho no passo de Jejuy e occupou em seguida a villa de Iguatemy. Tres dias antes havia Lopes abandonado Itanará e se dirigido para Panadero.

Dias depois sob o commando do tenente-coronel Moura, partiu uma expedição para o cerro Nandurucay, onde constava acharem-se na maior penuria grande numero de familias exiladas de Assumpção pelo dictador. Entre ellas havia uma irmã e duas sobrinhas de Moura, e a viuva do consul portuguez, Leite Pereira, fuzilado por ordem de Lopez. O tenente-coronel Moura salvou 800 pessoas de torturas indiziveis, e entre ellas suas sobrinhas; mas não poude salvar sua irmã, que morrêra de fome no dia antecedente.

A fortificação de S. Carlos foi tomada pelo coronel Guerreiro e o general Camara a 31 de dezembro marchou em direcção ao Rio Verde, cuja trincheira tomou a 2 de janeiro de 1870. No dia seguinte (3) apoderou-se da fortificação de Cambassibá, e teve noticia de que Lopes se retirára para Cerro-Corá. 1870

Não se pode avaliar os innumeros sacrificios sem nome, que soffrérão nossos soldados nessas affoutas expedições de Camara ao norte do Paraguay, n'um vasto paiz desconhecido, sem recursos, onde lhes faltava mesmo o indispensavel. Taes provações só o heroismo brazileiro era capaz de supportar!

O brigadeiro José Auto tratou logo de mandar uma expedição a Cerro-Corá, a margem esquerda do Aquidaban com uns 500 homens.

No dia 28 de fevereiro chegou ao arroyo Guassú Camara, que ahi tomou de sorpreza duas boccas de fogo e postou uma emboscada na picada de Aquidaban, capturando um ajudante de ordens de Lopes que viera em procura de noticias.

No dia 1.º de março Camara passou a váo o rio, e mandou o coronel Jóca com os lanceiros e parte do 9.º de infantaria do

major Floriano Peixoto * em perseguição do inimigo. Foi nessa occasião que Lopes, lanceado por um soldado appellidado Chico-Diabo, querendo fugir, apeiou-se do cavallo e atravessou o regato Aquidabanigui; mas cahiu de joelhos na margem opposta. Nesse momento chegou o general Camara, intimou-lhe que se rendesse e pediu-lhe a espada ao que Lopes respondeu vibrando-lhe um golpe que não o attingiu. Camara *deu então ordem a um soldado que o desarmasse; acto que foi executado no tempo em que exhalava elle o ultimo suspiro.*†

Combattendo como heroes tambem succumbirão o coronel Lopes, filho do dictador, o velho Sanchez, vice-presidente, e grande numero de officiaes.

Quando chegou a artilharia tudo estava acabado.

Consequencias da guerra do Paraguay.—Contra a tyrannia de Lopes perdeu o Brazil 100,000 de seus filhos, e immensos cabedaes, elevando sua divida a 700,000 contos; mas ficárão exuberantemente provados os grandes recursos de que dispõe a bravura e o patriotismo dos brazileiros.

O Paraguay ficou prostado, só com tempo poderá reerguer-se de seu abatimento.

As republicas de Uruguay e Argentina muito lucrárão com essa guerra, pelo movimento commercial de que foi theatro o rio da Prata.

QUESTIONARIO.—CAPITULO XXIX.

—Qual o resultado da incerteza de limites entre o Brazil e as republicas platinas? Desde quando?

—Até quando durou esta incerteza? (pp. 204–205, nota)

---

* O Snr. Marechal Floriano Peixoto, feito presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil em 1891.

† Palavras textuaes do general Camara (visconde de Pelotas).

— Que republica do sul fôra provincia do Brazil?
— Que nome tinha?
— Quem se estabeleceu nas fronteiras? Como? Quando?
— A que governo obedecião, brazileiro ou oriental?
— Que consequencias teve esta situação anormal?
— Que acontecêra em Uruguay em 1863?
— Que desvantagens acarretava aos brazileiros das fronteiras as guerras civis dos orientaes?
— A quem recorrêrão? Que fez o governo?
— Que accusação fazia ao Brazil a imprensa oriental?
— Como se portárão os rio-grandenses?
— Como auxiliou-os o governo?
— Que fez o conselheiro Saraiva em agosto de 1854?
— Porque invadirão os brazileiros o norte do Uruguay?
— A quem pediu Aguirre soccorro?
— Como respondeu Lopes?
— Que fez o governo ao saber disto?
— Que ordem deu o almirante Tamandaré?
— Qual o procedimento de Aguirre?
— Que fez o Brazil ao receber esta noticia?
— Quem atacou Paysandú? Quanto tempo resistiu o forte?
— Que fez em seguida o general Menna Barreto?
— Quem mais concorreu para a capitulação de Montevidéo?
— Que generoso procedimento teve o Brazil para com Uruguay?
— Quem foi eleito presidente do Uruguay?
— Que fez Lopes ao Brazil durante a luta com Montevidéo? Como? Porque?
— Quem era Lopes? Como governava?
— De que recursos dispunha para encetar conquistas?
— Que se sabia do Paraguay? Porque?
— Quem invadiu Matto-Grosso em dezembro de 1864?
— Quem commandava a cavallaria paraguaya?
— Que forte atacárão? Quem o defendia? Porque se rendeu?
— Quem foi Antonio João Ribeiro?
— Que signaes deixavão os paraguayos de sua passagem?
— Que effeito causárão no Brazil estas noticias?
— Que cidade argentina foi tomada por Robles?

— Que outra provincia do Brazil estava ameaçada de ser invadida? Por quem?

— Que acontecimento determinou a triplice alliança?

— Quem retomou Corrientes?

— Porque é memoravel a data 11 de junho de 1865?

— Quem commandava o *Amazonas?*

— Que aconteceu á guarnição da *Parnahyba?*

— Que outras victorias alcançou o heroico Barroso?

— Porque invadiu Estigarribia o Rio Grande do Sul?

— Com quem partiu para o sul o imperador? Porque?

— Que fizerão os generaes brazileiros?

— Quem ganhou a batalha de Jatahy? Quando?

— Que providencias tomou Lopes? A quem mandou fusilar?

— Quem commandava os sitiantes de Uruguayana?

— Quando rendeu-se Uruguayana?

— Que combate travou-se no dia 10 de abril de 1866?

— A que general cabe a gloria da *passagem do Paraná?*

— Com que heroes illustres se pode comparar, por esse feito de armas, o general Ozorio? Quando operou elle esse passagem memoravel?

— Onde estabeleceu-se o nosso quartel general?

— Que aconteceu no dia 2 de maio?

— Que chefes se distinguirão no dia 24 de maio?

— Como chamão os paraguayos á batalha de 24 de maio?

— Quem forão nessa batalha os generaes paraguayos?

— Porque se retirou Ozorio? A quem entregou o commando?

— Que acontecimentos se derão nos dias 16, 17 e 18 de julho? 3 de setembro?

— De que estratagema se serviu Lopes para fortificar-se?

— Qual o resultado do desastre de Curupaity?

— Porque foi nomeado o marquez de Caxias, general em chefe?

— Que flagello atacou nosso exercito?

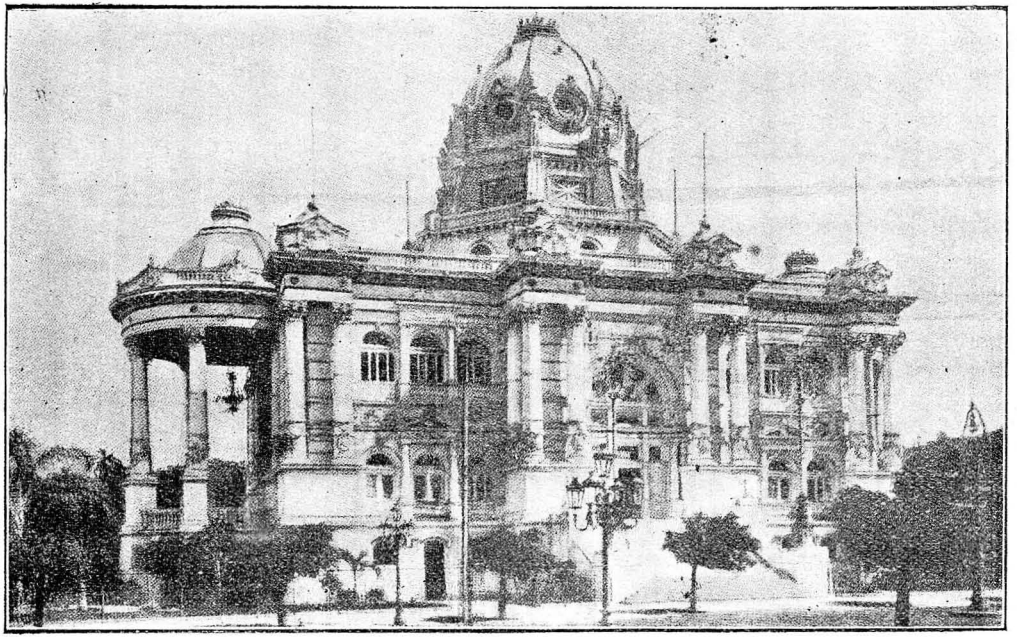
— Que se passou em Matto-Grosso?

— Que fez o marquez de Caxias em julho de 1867?

— Quem tomou o commando em chefe?

— Quem tomou a Villa do Pilar?

— Qual foi o combate mais importante em torno de Humaitá?



O Palacio Monroe, Rio de Janeiro

— Quando retirou-se Mitre? Quem tomou o commando?

— Que acontecimentos se derão no dia 19 de fevereiro de 1868?

— Nunca mais foi a esquadra brazileira atacada nas suas explorações do rio Paraguay?

— Quando foi tomada Carupaity?

— Porque era defendido com tanto empenho o Chaco pelos paraguayos? Que vantagens nos trouxe a sua posse?

— Em que dia foi pela primeira vez assaltada Humaitá? Pela segunda vez? Quanto tempo resistiu? Como rendeu-se aquella heroica guarnição?

— Que despojos cahirão em nosso poder?

— Como se distinguirão nossos engenheiros nesta campanha?

— Como foi tomada a ponte do Itororó? Quando?

— Quando foi Villêta attacada? Que officiaes se distinguirão nessa batalha? Qual seu resultado?

— Que assalto se deu a 21 de dezembro? Quem atacou? Com que forças?

— Onde ficára o general Camara?

— Que aconteceu ao barão do Triumpho? Onde passou a noite o velho general em chefe? Que medidas tomou elle?

— Que intimação fez a Lopes no dia 23? Foi aceita?

— Quando renovou o attaque? Que foi feito de Lopes?

— Quando rendeu-se Angostura?

— Quando entrou Caxias em Assumpção?

— Quem occupou Luque? Que era Luque?

— Que resultada teve a segunda epoca desta campanha?

— Porque voltárão os generaes vencedores para o Brazil?

— Qual o resultado desta retirada dos chefes?

— Que nova capital escolheu Lopes? Como se preparou?

— Que resolução tomou o governo brazileiro?

— Quem foi nomeado general em chefe em 1869?

— Quem era o Conde d'Eu?

— Quem formou em Assumpção um governo provisorio?

— Quando tomou o conde d'Eu o commando?

— Que generaes o acompanhárão? Que ordens deu á frota?

— Quando começou a campanha das Cordilheiras?

— Que façanhas brilhantes fôrão executadas pelo brigadeiro Camara?

— Para onde foi mandado Menna Barreto? Quem o auxiliou em Sapucaya? Porque? Quem o acompanhou até Paraguay?

— Que explorações mandou fazer o conde d'Eu?

— Mencionar um dos mais notaveis exploradores. Onde? Que batalha se deu no dia 12 de agosto?

— Que bravos nella morrêrão?

— Que victoria alcançou o brigadeiro José Auto da Silva Guimarães? Quando?

— Para onde fugiu Lopes?

— Que aconteceu ao marquez de Herval?

— Que ordenou o conde d'Eu ao general Camara?

— Quem ganhou a batalha de Campo-Grande? Que outro nome tem essa batalha? Que despojos tomámos?

— Quando travou-se a batalha de Caraguatahy?

— Quaes seus resultados para os paraguayos?

— Que actos de bravura praticou o general Nery?

— Em que circumstancias se achava Lopes em agosto?

— Para onde marchou o principe? Que era Caraguaty?

— Para que ia elle atacal-a?

— Onde acampou nosso exercito? A quem derão nossos soldados parte de seu fardamento? Porque?

— Que fez Lopes quando soube da marcha do Conde sobre Sto. Isidro? Que actos de crueldade praticava o dictador?

— Que fez o general Camara no dia 13? Que tropas encontrou pelo caminho? Qual o resultado da victoria.

— Que fazia ao sul o general Resin? Quando occupou S. Joaquim? Que soffrêrão ahi? Como portárão-se nesses extremos os soldados brazileiros? E o principe?

— Quem atacou Caraguaty? Quando a tomou?

— Que ordem deu o principe em novembro?

— Que outros rigores soffreu o exercito em novembro e dezembro?

— Quem alcançou a victoria de Jejuy e tomou Iguatemy?

— Onde estava Lopes? Para onde foi?

— Que noticias havia de Nandurucay? Quem foi verifical-as? Quem lá encontrou? Quantas pessoas salvou?

— Que fez o coronel Guerreiro?

— Que fez o general Camara a 31 dezembro? A 2 de janeiro? A 3 de janeiro? Que noticias recebeu?

— Como foi provado o heroismo de nossos soldados na campanha das Cordilheiras?

— Que fez o brigadeiro José Auto?

— Por onde queria fugir Lopes? Onde estava?

— Que homens se apresentárão ao exercito brazileiro?

— Que fez Camara no dia 28 de fevereiro?

— A quem aprisionou? A quem mandou perseguir o inimigo? Quando?

— Que aconteceu a Lopes nas margens do Aquidaban?

— Quem o lanceou? Que intimação lhe fez Camara? Como respondeu?

— A quem se deve a victoria decisiva de Aquidaban?

— Quaes forão as consequencias da guerra do Paraguay? Para o Brazil? Para o Paraguay? Para Uruguay e Argentina?

CAMPANHA DO PARAGUAY. — BATALHAS E COMBATES.

1864.	Tomada do Forte Coimbra por Barrios.	
1865.	Maio 25.	Tomada de Corrientes por Paunero.
	Junho 11.	Batalha naval de Riachuelo por Barrozo (Barão do Amazonas.)
	Junho 18.	Combate naval de Mercedes por Barrozo.
	Agosto 12.	Combate naval de Cuevas por Barrozo.
	Agosto 17.	Batalha de Jatahy por Flores.
	Setembro 18.	Rendição de Uruguayana; Estigarribia entrega a praça a D. Pedro II.
1866.	Abril 5.	Tomada da ilha da Redempção por Tamandaré.
	Abril 16.	Passagem do Paraná por Osorio.
	Abril 17.	Combate de Itapirú por Osorio.
	Abril 25.	Evacuação do Passo da Patria pelos paraguayos.
	Maio 2.	Sorpreza do exercito brazileiro por Valiente.
	Maio 24.	Batalha de Tuyuty, a maior da campanha, por Osorio.
	Junho 14.	Bombardeio do acampamento brazileiro.
	Julho 16 e 18.	Combates indecisos por Polydoro. (V. de Sta. Thereza.)
	Setembro 2.	Tomada de Curuzú por Porto-Alegre.
	Setembro 22.	Revez de Curupaity por Porto Alegre e Mitre.
1867.	Setembro 15.	Passagem de Curupaity por Inhauma.

1867.	Outubro.	Tomada do Pilar ou Niembuçú por Hornos e Menna Barreto. Ataque de S. Solano por Caxias. Tomada de Potrero Ovelha por Menna Barreto.
	Novembro 2.	Combate de Tagy por Menna Barreto.
	Novembro 3.	2.ª Batalha de Tuyuty por Porto-Alegre.
1868.	Janeiro.	Bombardeio de Humaitá pelo Barão da Passagem. Assalto do Estabelecimento por Caxias, Falção e Andrade Neves (Barão do Trumpho).
	Maio, junho e Julho.	Sortidas e combates renhidos.
	Julho 15.	Assalto de Humaitá por Osorio (sem resultado).
	Julho 25.	Rendição de Humaitá por Martinez.
	Setembro 1.º	Passagem do arroio Jacaré. Ataque do Passo-Real. Retirada de Lopes de Tebicuary depois de horriveis morticinios. Passagem e combate de ponte do Surubicy por Andrade Neves.
	Outubro 1.º	Reconhecimento á viva força das linhas do Pikysyry por Osorio e Andrade Neves.
	Outubro 6.	Passagem para o Chaco por Argollo e Tiburcio.
	Novembro 6-26.	Pequenos combates no Chaco. A esquadra força Angustura. Passagem pelo Chaco.
	Dezembro 6.	Batalha de Itororó por Caxias.
	Dezembro 11.	De Avahy por Caxias (Osorio ferido).
	Dezembro 21-27.	Ataques successivos ás linhas de Lomas-Valentinas.
	Dezembro 24.	Rendição de Angostura.
	Dezembro 25.	Tomada da linha do Pikysyry.
1869.	Julho.	Combate de Tupium, Conde d'Eu.
	Agosto 7.	Assalto de Valenzuella, Conde d'Eu.
	Agosto 11.	Tomada de Autos por José Auto da Silva Guimarães.
	Agosto 12.	Assalto de Peripebuy, Conde d'Eu.
	Agosto 14.	Batalha de Yagary, Conde d'Eu.
	Agosto 16.	Batalha de Nhúguaçu (Campo-Grande), Conde d'Eu.
	Agosto 18.	Coaguijurú. Tomada de Caraguatahy.
	Setembro.	Ataque de Sanguinagué por Camara (V. de Pelotas). Ataque de Campina Verde por Camara.
1870.	Março 1.º	Assalto do Cerro-Corá por Camara. Batalha de Aquidaban por Camara.

CAPITULO XXX.

GOVERNO DE D. PEDRO II DESDE O FIM DA GUERRA DO PARAGUAY ATÉ A REVOLUÇÃO DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889, QUE ABOLIU A MONARCHIA E ESTABELECEU A REPUBLICA FEDERATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.

1870 - 1889.

A victoria de Aquidaban, onde morreu o dictador Francisco Solano Lopes, poz termo á terrivel guerra de 5 annos que teve o Brazil de sustentar contra aquelle tyranno (1 de março de 1870).

Emancipação dos escravos. — Durante esse tempo (1865-1870), havião se succedido tres ministerios: Marquez de Olinda (1865), Zacharias (1866), e Visconde de Itaborahy (1868), e desde então já se tratava da emancipação dos escravos, envidando-se todos os meios para que este desideratum se effectuasse sem grande perturbação na vida nacional, empenhando-se o governo juntamente com o povo em resolver tão difficil problema.

Com effeito as idéas philantropicas, que condemnavão a escravidão, desde muito se ião propagando nas cidades por todas as camadas sociaes, e já em janeiro de 1866 o marquez de S. Vincente (Pimenta Bueno) apresentou ao imperador um projecto de lei pelo qual os escravos poderião emancipar-se gradualmente. Esse projecto ficou adiado até o fim da guerra por resolução do conselho de estado, a que foi submettido, por ser-lhe contrario o presidente marquez de Olinda.

Nesse mesmo anno a sociedade franceza de abolição apellou para D. Pedro II, que prometteu tratar dessa questão logo que pudesse, e elle mesmo redigiu a resposta, que foi assignada pelo ministro da justiça Martim Francisco.

Em cumprimento de sua promessa conseguiu D. Pedro II que o projecto do marquez de S. Vincente fosse em 1867 submettido outra vez ao conselho de estado, que o approvou; mas supprimiu sua clausula mais importante — emancipação completa em dezembro de 1899.

Outro projecto redigido pelo conselheiro Nabuco não foi aceito por entender o conselho de estado que só depois da guerra podia o governo tomar alguma iniciativa a esse respeito.

Com a subida dos conservadores (Itaborahy) contrarios á emancipação, ia ser adiado o projecto, quando o deputado Teixeira Junior (visconde do Cruzeiro) requereu e ob-
1868 teve da camara uma commissão especial para redigir um novo projecto de lei que tornasse a emancipacão gradual e effectiva. Nesse projecto tratava-se de libertar os nascituros.

Como era de esperar, causou esta reforma desintelligencias entre os ministros e em 1870 subiu o ministerio S. Vicente, que nada poude fazer, cedendo logo a presidencia do
1871 conselho ao visconde do Rio-Branco (7 de março de 1871).

Este notavel estadista para conseguir a votação daquella lei aproveitou-se da ausencia do imperador, que fôra por algum tempo viajar a Europa, deixando sua filha, a princeza D. Izabel, Condessa d'Eu, como regente do imperio.

Primeira victoria abolicionista. — Partilhava a jovem princeza as idéas abolicionistas de seu pae, e teve a gloria de assignar a lei de 28 de setembro de 1871, que emancipava o berço dos captivos, apezar da luta fortissima que travou-se na

camara, a qual effectuou uma dissidencia no partido conservador.

Esta brilhante victoria do partido abolicionista foi devida aos esforços e á habil diplomacia do visconde do Rio-Branco, José Maria da Silva Paranhos, cujo nome (Paranhos) derão aos seus filhos, que nascêrão nessa epoca, as mães escravas agradecidas.

Mas com essa lei não ficárão de todo satisfeitos os abolicionistas, como esperavão os conservadores, e é notavel a epoca de 1880 a 1885 pela actividade da propaganda libertadora, que teve em resultado o projecto Dantas (1884), em que o deputado Rodolpho Dantas, de combinação com o ministerio, propoz o augmento do fundo de emancipação e a alforria dos velhos sexagenarios. Este projecto suscitou uma opposição tão decidida que a camara teve de ser dissolvida. Mas os novos deputados continuárão com a opposição de tal modo que foi o gabinete obrigado a dimittir-se. Succedeu-lhe o ministerio Saraiva que por sua vez cedeu o lugar aos conservadores presididos pelo barão de Cotegipe (1885). 1885

Segunda victoria abolicionista. — Antonio Prado e Francisco Belisario fazião parte deste ministerio, que conseguiu a votação da lei no senado, sendo ella sanccionada a 28 de setembro.

Neste mesmo anno (1885) as provincias do Ceará e de Amazonas libertárão todos os seus captivos. O partido abolicionista augmentava todos os dias; seus emissarios ião por todas as partes preparando os animos dos escravos para a victoria final que se esperava dentro em pouco tempo.

Adoeceu gravemente o imperador em principios de 1887 e por conselho de seus medicos partiu para a Europa, deixando outra vez como regente a princeza D. Izabel, que tambem influida pelas idéas abolicionistas resolvêra apressar esta reforma tão desejada.

Os conservadores apoiados pelo gabinete Cotegipe oppunhão-se fortemente áquella medida que na sua opinião traria como consequencia immediata a victoria republicana. Mas a enthusiasta princeza acreditava o contrario e estava certa de que a abolição seria um meio infallivel de alcançar popularidade e de destruir o partido republicano que ia ganhando terreno entre a mocidade de nossas academias, anciosa pelo engrandecimento da patria sob um regimen de verdadeira liberdade.

Triumpho dos abolicionistas.—O barão de Cotegipe não concordando com a regente a este respeito pediu sua demissão e foi substituido pelo ministerio João Alfredo (10 de março de 1888), que pôz-se á frente dos abolicionistas e conseguiu que fosse realisada esta reforma, sendo a lei da liberdade dos escravos sanccionada a 13 de maio, no meio das mais enthusiasticas demonstrações de jubilo do povo, que alcatifou de flores as ruas por onde tinha de passar o carro da piedosa princeza, a cujos esforços, não ha negar, se deve aquelle grande acontecimento tão cedo e tão pacificamente alcançado.

Todas as nações civilisadas nos applaudirão com a maior exaltação.

Conta-se que o imperador em Milão, quasi moribundo, ao receber pela imperatriz a noticia de que estava feita a abolição no Brazil, despertára de seu lethargo e derramando lagrimas de jubilo, exclamára: "Grande povo! Grande povo!"

Desenvolvimento do partido republicano.—Em agosto voltou D. Pedro II ao Brazil, onde foi recebido com verdadeiro enthusiasmo popular, apezar do desenvolvimento que havia tido a propaganda republicana. A propria lei de 13 de maio foi causa de muitos conservadores escravagistas despeitados abraçarem as novas idéas de liberdade, de sorte

que já se dizia bem alto que *no Brazil não haveria terceiro reinado.*

Emfim realisava-se o que havia previsto o grande estadista, barão de Cotegipe—*"depois da abolição a republica."*

Em junho de 1889 o ministerio conservador pediu sua demissão e o Sr. Affonso Celso, visconde do Ouro Preto, foi chamado a organisar um gabinete liberal (7 de junho), que por reformas constitucionaes, satisfizesse de algum modo os partidos democraticos já muito exaltados.

Mas os republicanos se achavão bem fortes para entrar abertamente na luta que se tornára inevitavel.

A 11 de junho, dia da apresentação do novo ministerio ás camaras, a sessão foi tempestuosa. O Sr. Cesario Alvim, deputado liberal por Minas, declarou-se republicano, e o padre João Manoel, deputado conservador pelo Rio Grande do Norte, terminou o seu revolucionario discurso com o brado: *"Abaixo a monarchia! Viva a republica!"*

A camara foi dissolvida, mas crescia sempre a propaganda republicana.

Na noite de 15 de julho foi o imperador desacatado no theatro, onde ouviu-se o grito de *Viva a republica!* e logo depois disparárão um tiro sobre seu carro na praça da Constituição.

O visconde de Ouro Preto tomou medidas energicas, e conseguiu fazer eleger uma camara* quasi unanime com a qual contava realisar seus planos anti-republicanos.

Quanto ao exercito notava-se que, desde que voltára glorioso da campanha do Paraguay, onde ganhárão renome immortal seus heroicos chefes, já não se sujeitava a ser

---

* Esta camara appellidada *de finados*, por ter começado suas sessões preparatorias no dia 2 de novembro, e formada expressamente para acabar com o partido republicano, tinha que assistir á proclamação da republica (15 de novembro de 1889) que devia abolil-a.

instrumento passivo de elevações de partidos e pedia tambem seu lugar na communhão dos cidadãos. Em suas fileiras havia tambem penetrado o sopro da liberdade e a idéa republicana alli contava muitos adeptos especialmente entre moços estudantes das escolas militares.

O governo bem comprehendeu que elle se tornára pela maior parte seu decidido adversario, e por todos os modos procurava destruir-lhe a força, mas sem resultado, ou antes perdendo a sua propria, como aconteceu nas duas questões militares, que se derão no ministerio Cotegipe. A primeira foi resolvida por intervenção do senado e pela retirada do ministro da guerra, o Snr. Alfredo Chaves. A segunda teve por pretexto o espancamento do capitão-tenente Lobo pelo alferes policial Baptista. O Club Naval e o Club Militar levantárão a questão de classe, de que resultou a demissão do gabinete.

No ministerio João Alfredo houve desavenças militares em S. Paulo, e a expedição de Matto-Grosso teve por fim afastar da côrte o marechal Deodoro.

Mas estas questões só servião para irritar em vez de sujeitar o exercito. De modo que no gabinete Ouro-Preto a organisação da guarda nacional, o augmento da força policial, a creação da guarda civica e a remoção de alguns batalhões para fóra da capital, medidas que revelavão o proposito do governo de enfraquecer o militarismo, fizerão chegar o descontentamento ao seu auge, a ponto de congregarem-se a maior parte dos officiaes do exercito e da armada e fazerem um protesto solemne de sustentar a todo o transe o prestigio da classe militar, e por esta causa sacrificar até mesmo a vida. Os documentos assignados pelos proprios officiaes forão entregues ao illustre professor da Escola Militar, o dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães, e em caso de mallogro devião ser destruidos, queimados até o ultimo por sua esposa e suas filhas, afim de que só elle, o chefe, ficasse compromettido,

tornando impossivel qualquer denuncia contra quem quer que fosse.

O tenente-coronel dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães não dissimulou seu modo de pensar, nem suas intenções relativamente ao governo, antes pelo contrario, na Escola Militar, em presença do ministro da guerra e de alguns officiaes da marinha chilena pronunciou um eloquente discurso, commemorando todos os aggravos do exercito. Dias depois ao receber uma manifestação dos officiaes da 2ª brigada, jurou com elles que havia de expôr a propria vida na praça publica para salvação da patria e levantamento da classe militar (26 de outubro de 1889).

Os jornaes publicárão este acontecimento que levou o governo a dimittir o director da Escola Superior de Guerra, o tenente-general Miranda Reis, por não ter censurado ao dr. Benjamim Constant.

Desde então a *propaganda* da acção era feita no exercito com a maior energia e sem interrupção. A principio os conspiradores só visavão a queda do ministerio Ouro-Preto; mas depois de algumas conferencias entendêrão que era chegada a hora de fazer-se a republica, para que mais tarde não o fosse á custa de muito sangue brazileiro; porque o elemento militar, representando a força, era uma garantia de ordem e de paz, que não perturbaria o progresso do paiz.

Assim tratarão de alliar-se ao partido republicano de que erão chefes o Snr. Quintino Bocayuva, dr. Ruy Barbosa e dr. Aristides Lobo.

Na noite de 9 de novembro* no Club Militar, tomou o dr. Benjamim Constant o solemne compromisso de tudo resolver dentro do praso de oito dias.

No dia 11 conferenciárão os chefes em casa do marechal

---

* Nessa noite offereceu o governo um esplendido baile na ilha Fiscal aos officiaes do Almirante Cockrane.

Deodoro, e entre elles estava o chefe de divisão Eduardo Wandenkolk, o capitão de fragata, Frederico Guilherme e muitos outros officiaes de mar e terra.

Os centros republicanos em todas as provincias tiverão participação de que grandes acontecimentos terião lugar dentro de poucos dias, e que estivessem de sobre-aviso.

No dia 12 tendo o governo (que por traidores era avisado da conspiração) dado ordem de desarmar e embarcar para S. Borja o 2.º regimento de artilheria, o capitão Menna Barreto foi ao respectivo quartel e declarou que o 1.º e o 9.º regimentos de cavallaria tal violencia não havião de consentir, ao que os officiaes respondèrão que "não embarcarião."

A imprensa opposicionista, representada pelo *Correio do Povo* e *O Dia*, publicava os mais exaltados artigos contra o ministerio e preparava os animos para a revolução.

O marechal Deodoro mandou chamar o ajudante general do exercito, marechal Floriano Peixoto, e declarou-lhe tudo, mas ponderando-lhe este que não havia motivo para empregarem medidas tão extremas, affirmou-lhe o marechal Deodoro que *o movimento era irrevogavel porque a republica viria com sangue, si não fossem ao seu encontro sem derramal-o, e que havia bastantes provas de que com a monarchia não era possivel a salvação para a patria, nem para o exercito.*

No dia 14 á noite tiverão ordem os officiaes revoltosos de marchar com seus corpos armados e municiados para o Campo de Acclamação, affim de oppôr-se á partida dos batalhões ordenada pelo ministro.

Por sua parte o governo de tudo avisado tratou por todos os modos de abafar a revolta que suppunha só contra o ministerio. O presidente do conselho depois de conferenciar no arsenal de marinha com os ministros da justiça, da marinha e de estrangeiros, dirigiu-se ás seis horas da manhã, accompanhado de uma força de 400 homens, para a secretaria da guerra, onde se achavão os outros ministros.

Defronte da secretaria da guerra havião-se postado, desde o romper do dia, forças ás ordens do marechal Deodoro, que gravemente doente, deixára o leito para pôr-se a frente de seus companheiros de armas.

Em seguida chegou o 1.º batalhão de engenheiros, que fez juncção com a tropa do marechal, a que tambem reunirão-se os batalhões de infantaria da policia e dos bombeiros.

Desde as 5½ da manhã que chegára ao quartel da 2.ª brigada o tenente-coronel dr. Benjamim Constant, que mandou logo um mensageiro ao Club Naval avisar para que estivesse preparada a esquadra, e dahi marchou com todas as forças para o Campo da Acclamação, onde tomou posição sem o menor impedimento, por não ter sido cumprida a ordem que o visconde de Ouro-Preto dera para prendel-os, ao general Almeida Barreto. Este general estava no quartel general e constrangido a tomar o commando de uma brigada, foi postar-se com ella em frente á estação da estrada de ferro D. Pedro II. Pelas 8 horas apresentárão-se tambem na praça o Snr. Quintino Bocayuva e os drs. Aristides Lobo e Sampaio Ferraz.

Pouco depois chegou em um coupé o ministro da marinha, barão do Ladario, e ao apeiar-se viu approximar-se o tenente Pena que lhe disse: "Está preso á ordem do marechal Deodoro." O barão immediamente puxou pelo revolver, que negou fogo.

Então o tenente puxou tambem pelo seu revolver e disparou-o quatro vezes.

Ao primeiro tiro correu para elle o marechal Deodoro, sobre quem atirou o barão; mas a bala passou-lhe rente da cabeça, sem tocal-o. Nesse interim chegou o piquete do marechal e fez uma descarga, acertando uma bala no barão, que tambem recebeu um golpe de espada na face. O marechal Deodoro bradou: "Não matem esse homem." O barão foi levado ao palacio Itamaraty.

Depois deste incidente mandou o marechal Deodoro intimar ao ministerio ordem de deposição.

O Snr. visconde de Ouro-Preto não obedeceu, antes mandou fechar os portões do quartel general e deu ordem de fazer fogo sobre a brigada revoltosa. Mas o general Floriano Peixoto disse-lhe que reparasse nos canhões da praça e que si houvesse fogo elles farião voar pelos ares o quartel em cinco minutos. O visconde então insistindo replicou-lhe: "Mas os senhores na guerra do Paraguay não tomavão a artilharia com a infantaria?"

"É verdade," tornou o general, "mas os de lá erão inimigos, aqui somos todos brazileiros. Aquelles homens não se entregão; brigão até morrer. E os que estão aqui dentro não vão lá fóra brigar com elles."

O visconde foi ainda deliberar com os collegas acerca dos meios de resistencia, mas ás 10 horas e meia abriu-se o portão e o marechal Deodoro entrou no pateo do quartel ás acclamações de todos os batalhões, que no meio de um dilirio indiscriptivel prorompêrão em *vivas ao marechal Deodoro!*

O marechal commovidissimo passou revista ás tropas que lhe fizerão continencia e forão reunir-se a 2.ª brigada.

O governo vendo que as forças com que contava havião-se reunido ás do marechal, telegraphou para o imperador em Petropolis, pedindo sua dimissão.

O ajudante general Floriano Peixoto teve uma breve conferencia com o marechal Deodoro e convidou-o a subir e a explicar-se com o visconde de Ouro-Preto.

O marechal Deodoro foi á secretaria e depois de ennumerar ao presidente do conselho todos os aggravos do exercito, e de declarar-lhe a força de que dispunha, deu-lhe ordem de prisão assim como ao ministro da guerra (a qual pouco depois foi revogada), deixando sahir livres todos os mais. O visconde declarou que se submettia á força.

Nessa occasião chegárão ao Campo da Acclamação os alumnos da Escola-Militar acompanhados do 10.º que tinha sido

pelo governo postado no largo da Lapa, para impedir-lhes a passagem e fizerão a juncção com a 2.ª brigada.

Ao ministerio não restava mais elemento algum de resistencia.

Victoria do partido republicano. — A noticia destes acontecimentos espalhou-se rapidamente por toda a cidade enchendo a uns de alegria, a outros de pavor, por successos tão inesperados. Ouvião-se pelas ruas centraes os mais calorosos vivas ao exercito, á armada, aos generaes e ao povo.

Os chefes republicanos, aproveitando aquelle feliz ensejo, propuzerão que fosse immediatamente proclamada a Republica. Então o marechal Deodoro descobrindo-se bradou: "Viva a Republica Brazileira!"

Este brado foi repetido pelos soldados e pelo povo cheios do mais delirante enthusiasmo.

Uma salva de 21 tiros sagrou o momento solemne do nascimento da republica.

Erão 11 horas da manhã de 15 de novembro de 1889.

O marechal Deodoro á frente dos batalhões marchou para o arsenal de marinha, onde se lhe reunirão as forças de mar, que lá o aguardavão com o chefe de esquadra Eduardo Wandenkolk, e regressárão todos juntos ao Campo da Acclamação por entre os ruidosos vivas do povo que victoriava o exercito e a armada.

Organisou-se immediatamente o governo provisorio.*

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca acclamado chefe do governo provisorio, assumindo podores dictatoriaes, tratou sem demora de nomear os outros membros do governo e as principaes autoridades.

---

* O governo provisorio a principio funccionou no edificio do Instituto dos Meninos Cegos, de que era director o tenente-coronel dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães.

Forão nomeados :

O tenente-coronel dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães, ministro da guerra.

O dr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda o interinamente da justiça.

O Snr. Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas.

O Snr. Aristides de Silveira Lobo, ministro do interior.

O chefe de esquadra, Eduardo Wandenkolk, ministro da marinha.

Em seguida destribuiu-se a seguinte proclamação do governo provisorio :

PROCLAMAÇÃO.

Concidadãos. — O povo, o exercito e a armada nacional, em perfeita communhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas provincias, acabão de decretar a deposição da dynastia imperial e consequentemente a extincção do systema monarchico representativo.

Como resultado immediato desta revolução nacional, de caracter essencialmente patriotico, acaba de ser instituido um Governo Provisorio, cuja principal missão é garantir com a ordem publica a liberdade e os direitos dos cidadãos.

Para comporem este governo, emquanto a nação soberana, pelos seus orgãos competentes, não proceder á escolha do governo definitivo, forão nomeados pelo chefe do poder executivo da Nação os cidadãos abaixo assignados.

Concidadãos. — O Governo Provisorio, simples agente temporario da soberania nacional, é o governo da paz, da liberdade, da fraternidade e da ordem.

No uso das attribuições e faculdades extraordinarias de que se acha investido para a defeza da integridade da patria e da ordem publica, o Governo Provisorio, por todos os meios ao

seu alcance, promette e garante a todos os habitantes do Brazil, nacionaes e estrangeiros, a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos interesses individuaes e politicos, salvas, quanto a estes, as limitações exigidas pelo bem da patria e pela legitima defensa do governo proclamado pelo povo, pelo exercito e pela armada nacional.

CONCIDADÃOS. — As funcções da justiça ordinaria, bem como as funcções da administração civil e militar, continuarão a ser exercidas pelos orgãos até aqui existentes, com relação aos actos na plenitude de seus effeitos; com relação ás pessoas, respeitadas as vantagens e os direitos adquiridos por cada funccionario.

Fica, porêm, abolida desde já a vitaliciedade do senado e bem assim abolido o conselho de estado. Fica dissolvida a camara dos deputados.

CONCIDADÃOS. — O Governo Provisorio reconhece e acata todos os compromissos nacionaes contrahidos durante o regimen anterior, os tractados subsistentes com as potencias extrangeiras, a divida publica interna e externa os tractos vigentes e mais obrigações legalmente estatuidas.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do governo provisorio.

Aristides da Silveira Lobo, ministro do interior.

Ruy Barbosa, ministro da fazenda e interinamente da justiça.

Tenente-coronel *Benjamim Constant Botelho de Magalhães*, ministro da guerra.

Chefe de esquadra *Eduardo Wandenkolk*, ministro da marinha.

Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas.

Em seguida expediu o Governo Provisorio o seguinte decreto:—

DECRETO N. 1 DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889.

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil decreta:—

ART. 1.° Fica proclamada provisoriamente e decretada como a forma de governo da nação brazileira—a Republica Federativa.

ART. 2.° As provincias do Brazil, reunidas pelo laço da federação, ficão constituindo os Estados Unidos do Brazil.

ART. 3.° Cada um desses estados, no exercicio de sua legitima soberania, decretará opportunamente a sua constituição definitiva, elegendo seus corpos e os seus governos locaes.

ART. 4.° Emquanto pelos meios regulares não se proceder á eleição do Congresso Constituinte do Brazil, e bem assim á eleição das legislaturas de cada um dos estados, será regida a nação brazileira pelo Governo Provisorio da Republica; e nos novos estados pelos governos que hajão proclamado ou, na falta destes, por governadores delegados do Governo Provisorio.

ART. 5.° Os governos dos estados federaes adoptarão com urgencia todas as providencias necessarias para a manutenção da ordem e da segurança publica, defensa e garantia da liberdade e dos direitos dos cidadãos, quer nacionaes, quer estrangeiros.

ART. 6.° Em qualquer dos estados, onde a ordem publica for perturbada e onde faltem ao governo local meios efficazes para reprimir as desordens e assegurar a paz e tranquillidade publicas, effectuará o Governo Provisorio a intervenção necessaria para, com o apoio da força publica, assegurar o livre exercicio dos direitos dos cidadãos e a livre acção das autoridades constituidas.

ART. 7.° Sendo a Republica Federativa Brazileira a forma de governo proclamada, o Governo Provisorio não reconhece nem reconhecerá nenhum governo local contrario á forma

republicana, aguardando, como lhe cumpre, o pronunciamento definitivo da nação, livremente expressado pelo suffragio popular.

ART. 8.º A força publica regular, representada pelas tres armas do exercito e pela armada nacional de que existem guarnições ou contingentes nas diversas provincias, continuará subordinada e exclusivamente dependente do Governo Provisorio da Republica, podendo os governos locaes, pelos meios ao seu alcance, decretar a organisação de uma guarda civica destinada ao policiamento do territorio de cada um dos novos estados.

ART. 9.º Ficão igualmente subordinados ao Governo Provisorio da Republica todas as repartições civis e militares até aqui subordinadas ao governo central da nação brazileira.

ART. 10.º O territorio do municipio neutro fica provisoriamente sob a administração immediata do Governo Provisorio da Republica, e a cidade do Rio de Janeiro constituida tambem provisoriamente séde do poder federal.

ART. 11.º Ficão encarregados da execução deste decreto, na parte que a cada um pertença, os secretarios de estado das diversas repartições ou ministerios do actual Governo Provisorio.

RIO DE JANEIRO, 15 de novembro de 1889.

Forão tomadas todas as medidas para manter a ordem, de sorte que durante tode esse dia e nos que se seguirão, não se deu o menor disturbio entre o povo.

No paço da camara municipal foi içada a bandeira republicana e em nome do povo proclamada a republica.

Este acto foi no dia seguinte (16) approvado por todos os camaristas lavrando-se a seguinte moção; que foi entregue ao Governo Provisorio:—

"Exmos. Snrs. representantes do exercito e da armada nacional—Temos a honra de communicar-vos que, depois da

gloriosa e nobre resolução que *ipso facto* depoz a monarchia brazileira, o povo por orgãos espontaneos e pelo seu representante legal nesta cidade, reuniu-se no edificio da Camara Municipal, e, na forma da lei ainda vigente, declarou consummado o acto da deposição da monarchia e, acto seguido, o vereador mais moço, ainda na forma da lei, proclamou como nova forma de governo do Brazil — a Republica.

"Attendendo ao que os abaixo assignados esperão que as patrioticas classes militares sanccionem a iniciativa popular, fazendo immediatamente decretar a nova forma republicana do governo nacional.

"Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889."

Accompanhava-a este officio: —

"Exmos. Snrs. representantes supremos das classes militares do Brazil, Marechal Deodoro da Fonseca, chefe de divisão Wandenkolk e tenente-coronel dr. Benjamim Constant.

"O povo de Rio de Janeiro, reunido em massa no edificio da Camara Municipal, tem a honra de communicar-vos que, por meio de diversos orgãos espontaneamente surgidos e pelo seu representante legal, proclamou como a nova forma de governo nacional — a Republica.

"Esperão os abaixo assignados, representantes do povo do Rio de Janeiro, que o patriotico e nobre Governo Provisorio sanccione o acto pelo qual, instituindo a Republica, se pretende satisfazer a intima e real aspiração do povo brazileiro.

"Viva a Republica Brazileira!

"Viva o Exercito e a Armada nacional!

"Viva o Povo do Brazil!"

Em seguida o presidente, Dr. José Ferreira Nobre, submetteu á approvação da Camara outra moção assignada por todos os vereadores e pelo secretario, e é a seguinte:

"Moção. — Os acontecimentos testemunhados hontem por esta cidade produzirão a fundação da Republica Brazileira.

"O governo democratico está constituido como fazem publico todas as folhas diarias de hoje.

"Avultado numero de cidadãos tendo á testa o nosso collega vereador José do Patrocinio, occupou hontem os salões deste paço, proclamando a Republica Brazileira.

"O Imperador e a familia imperial, tratados com o maior respeito, consta que retirão-se hoje do paiz.

"O Governo Provisorio acha-se á testa dos negocios publicos.

"Tendo a Illma. Camara conhecimento destes factos, resolve reconhecer a nova ordem de coisas, e declarar em nome da paz publica, que o povo deste municipio adhere ao Governo Provisorio.

"Paço da Illma. Camara Municipal da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889.

"*José Ferreira Nobre*, presidente. — Dr. Antonio Dias Ferreira, vice-presidente. — Torquato José Fernandes Couto. — Francisco Leonardo Gomes. — José Firmo de Moura. — Dr. Constante da Silva Jardim. — Alexandre Cardoso Fontes. — José Manoel da Silva Veiga. — J. Francisco Gonçalves. — Pedro Goncalves do Souto Carvalho. — Dr. José Paulo Nabuco de Araujo Freitas. — Candido Alves Pereira de Carvalho. — José Carlos do Patrocinio. — Thomaz da Costa Rabello. — Benedicto Hyppolito de Oliveira. — José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho, secretario."

Ás 3 horas, depois da chegada dos membros do Governo Provisorio, o secretario lavrou o termo do juramento que tinhão de prestar e que todos assignárão :

"Termo de juramento que prestão os membros do Governo Provisorio, abaixo assignados perante a Illma. Camara Municipal da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

"Aos dezeseis dias do mez de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove compareceu no paço municipal o Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, composto dos cidadãos Aristides da Silveira Lobo, Ruy Barbosa, tenente-coronel Benjamim Constante Botelho de Magalhães, chefe de divisão Eduardo Wandenkolk, e Quintino Bocayuva, que declarou vir perante a Illma. Camara reunida em sessão extraordinaria, fazer a promessa solemne de sob a sua honra manter a paz e a liberdade publicas, os direitos dos cidadãos, respeitar e fazer respeitar as obrigações da Nação, quer no interior, quer no exterior. Em firmeza do que assignão os ditos cidadãos expontaneamente com os vereadores da Illma. Camara este compromisso para com o Povo Brazileiro, representado neste momento pela Municipalidade da cidade do Rio de Janeiro."

(Seguem-se as assignaturas dos membros do Governo Provisorio, dos da camara municipal e dos cidadãos presentes.)

Estava o imperador em Petropolis quando ás 10 horas da manhã do dia 15 recebeu o telegramma do visconde do Ouro-Preto, pedindo sua exoneração do ministerio por ter o marechal Deodoro imposto a deposição do gabinete, que achava-se na impossibilidade de resistir. Partiu elle immediatamente para o Rio chegando ás 3 horas da tarde ao paço da cidade, onde dentro em pouco se lhe reunirão os outros membros da familia imperial, os senadores, os camaristas e homens de estado, entre elles o visconde do Ouro-Preto para discutir sobre a formação de um novo ministerio e a reunião do conselho de estado.

A noite voltando ao paço o senador Manoel F. Corrêa informou ao imperador, como este o exigira, de que estava proclamada a republica, o Governo Provisorio definitivamente organisado e já nomeadas as autoridades mais importantes; porque o exercito, tendo perdido toda a confiança nos partidos monarchicos, havia-se reunido com os republicanos. Noticiou-

lhe tambem que algumas provincias já havião adherido ao movimento ; mas que a vida e a pessoa do imperador e de toda a familia imperial estava inteiramente garantida.

O paço estava guardado por uma força que depois foi augmentada com ordem de não deixar entrar nelle pessoa alguma sem ordem do camarista de semana.

Durante toda a noite ahi tratou-se dos meios a empregar para provocar uma reacção, mas sem resultado algum.

Na manhã seguinte chegando ao conhecimento do marechal Deodoro que por ordem do governo deposto se transportavão munições do arsenal de guerra, ordenou elle immediatamente a prisão do ex-ministro Candido de Oliveira e do visconde do Ouro-Preto, que foi encontrado em casa do barão de Javary e levado para o quartel onde esteve prisioneiro até embarcar-se para a Europa. Mandou tambem que o ex-imperador e sua familia ficassem incommunicaveis, o que foi exactamente cumprido.

Ás 3 horas da tarde o major Frederico Solon Sampaio Ribeiro entregou ao ex-imperador a mensagem do Governo Provisorio, na qual lhe declarava que as perseguições do exercito e da armada por parte dos ministros desejosos de aniquilar estas duas classes, tinhão provocado os acontecimentos da vespera, que a resolução tomada no dia 15 era irrevogavel, e por tanto sua presença e a de sua familia não era mais possivel no territorio brazileiro, donde esperava que se retiraria dentro de 24 horas, por assim o exigir a salvação publica, que lhe cumpria sobretudo zelar. Quanto á sua pessoa e á sua familia, serião tratados como convinha á dignidade das funcções publicas que acabava de exercer, sendo todos á custa do Governo transportado para um porto da Europa, em navio com a guarnição militar precisa e com todas as commodidades necessarias, continuando-se a contar-se-lhe a dotação que tinha por lei até que sobre esse ponto se pronunciasse a futura Assembléa Constituinte.

O ex-imperador respondeu que cedia ao imperio das circumstancias e se retiraria dentro do prazo marcado, e que conservaria do Brazil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.

Ministerio 7 de junho: — Visconde do Ouro-Preto, presidente do conselho e ministro da fazenda.

Visconde de Maracajú, ministro da guerra.
Barão do Ladario, ministro da marinha.
Barão do Loreto, ministro do imperio.
Candido de Oliveira, ministro da justiça.
Dr. Rodrigo Silva, ministro da agricultura.
Dr. José Francisco Diana, ministro de extrangeiros.

Partida do ex-imperador. — Na madrugada de 17 o ex-imperador com sua esposa, a Sra. D. Thereza Christina, a princeza Isabel, o conde d'Eu e D. Pedro Augusto, acompanhados da baroneza de Fonseca Costa, e duas damas camaristas, do marquez de Tamandaré, do conde de Motta Maia e do conde de Aljezur, forão levados para bordo do cruzador *Parnahyba* aonde depois vierão juntar-se-lhes os principes, filhos do conde d'Eu, trazidos por seu aio, o Snr. barão de Ramiz.

Ahi recebeu o Snr. D. Pedro de Alcantara, das mãos do tenente Jeronymo Teixeira França, o decreto do Governo Provisorio concedendo-lhe cinco mil contos para o estabelecimento de sua familia na Europa, sem prejuizo de sua dotação annual.*

---

* O Governo Provisorio havia feito a nomeação do marquez de Paranaguá para depositario e zelador dos bens e joias da familia imperial, a qual foi revogada em vista das procurações do ex-imperador e sua familia apresentadas pelo visconde Nogueira da Gama e barão de Maia Monteiro.

O Parnahyba foi para a Ilha-Grande aguardar o paquete Alagoas, que se estava preparando convenientemente para conduzir a Lisboa o ex-imperador e sua familia, com prohibição de tocar nos portos brazileiros.

Á tarde fez-se a baldeação de toda a familia do ex-imperador e suas bagagens do "Parnahyba" para o paquete "Alagoas," que partiu comboiado pelo encouraçado "Riachuelo" até transpôr a Linha Equatorial.

Adhesões ao Governo Provisorio. — A guarda nacional, o conselho supremo militar, o tribunal da relação do Rio de Janeiro, as escolas superiores, os homens de letras e jornalistas, emfim todas as corporacões sociaes, assim como todas as provincias adherirão ao Governo republicano.

A bandeira nacional. — "A bandeira adoptada pela Republica mantem a tradição das antigas côres nacionaes — verde e amarello — do seguinte modo: um losango amarello em campo verde, tendo no meio a esphera celeste azul atravessada por uma zona branca, em sentido obliquo e descendente da esquerda para a direita com a legenda — Ordem e Progresso — e ponteada por vinte e uma estrellas, entre as quas as da constellação do Cruzeiro dispostas na situação astronomica quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os 20 estados da Republica e o districto federal.

"Para os sellos e sinetes da Republica, serve de symbolo a esphera celeste, qual se debuxa no centro da bandeira, tendo em volta as palavras — Republica dos Estados Unidos do Brazil (19 de novembro de 1889)."

NOTAS.

I. O imperador do Brazil, D. Pedro II, nasceu a 2 de dezembro de 1825.

Subiu ao throno a 7 de abril de 1831, na idade de 5 annos e 4 mezes.

Proclamada a maioridade, assumiu o governo a 23 de junho de 1840.

Foi sagrado e coroado no Rio de Janeiro a 18 de julho de 1840.

Casou-se com a princeza D. Thereza Christina, filha de Francisco I, das Duas Sicilias, em 4 de setembro de 1843.

Teve 4 filhos, D. Affonso, D. Pedro, e D. Leopoldina fallecidos, e D. Isabel, ex-princeza imperial, casada com o Snr. D. Luiz Felippe Gaston de Orleans, conde d'Eu, a qual governou por trez vezes o Brazil, como regente, e ligou seu nome ás duas memoraveis leis de 28 de setembro de 1871 e de 13 de maio de 1888.

Foi deposto do throno pela revolução de 15 de novembro de 1889, e banido a 16 do mesmo mez e anno em virtude de providencias meramente politicas, pois que foi solicitamente cercado de todas as mostras do maior respeito e veneração pelos grandes serviços com que se recommendára ao reconhecimento do povo brazileiro.

Perdeu sua virtuosa consorte, a adoravel D. Thereza Christina em Lisboa a 28 de dezembro de 1889.

Falleceu em Paris a 5 de dezembro de 1890.

II. O primeiro congresso da Republica dos Estados Unidos do Brazil reuniu-se no dia 15 de novembro de 1890, um anno depois de proclamada a republica.

A Constituição Republicana foi publicada no dia 24 de fevereiro de 1891.

No dia seguinte (25) foi pelo Congresso eleito o primeiro Presidente da Republica Brazileira, o Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio.

O glorioso fundador da Republica Brazileira, o immortal general Benjamim Constant Botelho de Magalhães, nasceu em Nictheroy a 18 de outubro de 1837, foi alumno da Escola Militar; serviu na guerra contra o Paraguay; foi nomeado repetidor do curso superior da Escola Militar; serviu como lente interino e depois como lente cathedratico da Escola Superior de Guerra.

Foi tambem durante annos director do instituto dos meninos cegos; e exerceu o cargo de director e professor da Escola Normal. "Á educação nacional dispensou as maiores claridades de seu espirito, e as maiores virtudes de seu coração."

Falleceu a 21 de janeiro de 1890.

O Congresso votou uma pensão á sua viuva a Sra. D. Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães.

A casa onde elle morreu foi comprada para proprio nacional, podendo sua viuva habital-a emquanto viver.

Os brazileiros bemdirão sua memoria por suas altas virtudes, sua culta intelligencia e sua inexcedivel dedicação ao bem da patria.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXX.

— Qual o resultado da victoria de Aquidaban?

— Quantos ministerios forão nomeados durante a guerra do Paraguay? quaes?

— De que importante questão se tratava então?

— Como queriamos resolvel-a no Brazil?

— Donde dimanavão as idéas abolicionistas?

— Quem apresentou ao imperador o primeiro projecto de emancipação? Porque não foi aceito?

— Que fez a sociedade franceza de abolição? Que respondeu D. Pedro II?

— Quando foi approvado o projecto S. Vicente? sob que condição?

— Quem redigiu outro projecto? porque não foi aceito?

— Que fez o deputado Teixeira Junior? Que havia de novo nesse projecto? que resultado teve?

— Quem conseguiu a votação dessa lei? de que ensejo favoravel aproveitou-se?

— Qual era a opinião da regente acerca da abolição?

— Que gloria teve ella? Passou a lei sem opposição?

— A quem se deve esta victoria? Como lhe agradecêrão os escravos?

— Porque é notavel a epoca de 1880 a 1885?

— Qual o resultado da propaganda abolicionista?

— Foi o projecto Dantas bem recebido? Como se portárão os novos deputados?

— Quem conseguiu a votação do projecto Dantas?

— Quando foi sanccionada a lei?

— Em que provincias não havia escravos em 1885?

— Que fazião os abolicionistas?

— Que succedeu ao imperador em 1887?

— Quem tomou a regencia? Era a regente favoravel ou não á abolição?

— Porque opunha-se tanto o barão de Cotegipe a que se fizesse a abolição?

— Porque queria a regente apressar a abolição?

— Onde ganhava mais terreno o partido republicano?

— Que aconteceu ao ministerio Cotegipe? Quem foi nomeado?

— Que conseguiu o ministerio João Alfredo? Como recebeu o povo a sancção da lei? A quem mais se deve ter ella sido tão pacificamente feita?

— Que impressão causou este facto na Europa? Como o recebêra o velho imperador moribundo?

— Quando voltou D. Pedro II? Como foi recebido?

— De que modo desenvolveu-se o partido republicano?

— Quem predissera o que se estava realisando?

— Que ministerio succedeu ao conservador? Com que fim foi chamado o Snr. Visconde do Ouro-Preto?

— Como se achava o partido republicano?

— Que acontecimentos se derão no dia 11 de junho por occasião de apresentar-se o novo ministerio ás camaras?

— A dissolução da camara enfraqueceu os republicanos?

— Que aconteceu em 15 de julho? Que fez o Visconde do Ouro-Preto? Qual o resultado das eleições?

— Desde quando os militares cogitárão de intervir nas questões sociaes? Que fez o governo? com que resultado?

— Como-se resolveu a primeira questão militar? A segunda?

— Qual o fim da expedição de Matto-Grosso? Qual o effeito dessas medidas?

— Que actos do ministerio Ouro-Preto irritárão mais os militares?

— Que fizerão os officiaes? A quem forão os documentos entregues? para que fim?

— Como procedeu o tenente-coronel dr. Benjamim Constant?

— Onde fez um discurso publico? Sobre que? Que fez elle ao receber a manifestação da 2.ª brigada?

— Que medidas tomou o governo? com que resultado?

— Qual era a principio a intenção dos conspiradores? e depois? para que fim? Porque?

— A que partido se alliárão os militares? Quaes os chefes do partido republicano?

— Que acontecimentos se derão na noite de 9 de novembro?

— No dia 11 que fizerão os chefes? Que pessoas estavão com elles?

— Como forão avisados os republicanos das provincias?

— Que ordens deu o governo no dia 12? porque? que fez o capitão Menna Barreto?

— Que fazia a imprensa opposicionista?

— A quem communicou o marechal Deodoro o plano da revolta? Que objecção fez-lhe o ajudante-general? Como a destruiu o marechal?

— Que ordens forão dadas aos revoltosos na noite de 14?

— Que fazia então o governo? o presidente do conselho?

— Que havia defronte da Secretaria da guerra? Que batalhões ahi se reunirão?

— Onde estava o tenente-coronel dr. Benjamim Constant? que providencias tomou? porque poude chegar sem impedimento ao Campo da Acclamação?

— Onde estava o general Almeida Barreto? que fez?

— Quando chegárão os Snrs. Quintino, Aristides e Sampaio Ferraz?

— Que aconteceu ao ministro da marinha?

— Como se portou o tenente Penna?

— Quem acudiu ao barão? Como foi tratado?

— Quem o defendeu? Quem salvou o ministro?

— Que intimação foi feita ao ministerio? por quem? como foi a intimação recebida?

— Que observação fez o marechal Floriano Peixoto?

— Que respondeu-lhe o visconde do Ouro-Preto? Que disse então o marechal? que resolução tomou o visconde?

— Quando entrou no quartel o marechal Deodoro? Como?

— Que fez o marechal?

— Porque telegraphou o visconde para Petropolis pedindo a demissão do ministerio?

— Que disse ao presidente do conselho o marechal Deodoro?

— Forão os ministros presos?

— Que batalhão chegou nessa occasião ao Campo? a quem acompanhava? porque lá não estava?

— Que meios de resistencia restavão ao ministerio?

— Que effeito produziu sobre a cidade a noticia deste acontecimento? Que fizerão os chefes republicanos?

— Como foi proclamada a republica?

— Como foi correspondida esta proclamação pelos soldados e pelo povo? a que horas? como foi este momento consagrado? Para onde dirigiu-se o marechal? Como voltou para o Campo?

— Que medidas forão logo tomadas?

— Quem foi acclamado chefe do governo?

— Quem forão os outros membros? quem os nomeou?

— Que proclamação publicárão?

— Qual foi o 1.º decreto do Governo Provisorio?

— Que outras medidas forão tomadas pelo governo?

— Que acontecimentos se derão na Camara Municipal?

— Quem aprovou este acto? quando? como?

— Que formalidade cumprirão na Camara Municipal os membros do Governo Provisorio?

— Onde estava o imperador no dia 15 de novembro?

— Que fez o monarcha ao receber o telegramma do visconde do Ouro-Preto? Quando chegou á capital? para onde foi? que pessoas forão ao paço? de que lá tratárão?

— Quem relatou ao imperador os successos do dia? como estava o paço guardado? que fizerão ahi durante a noite?

— Que ordens de prisão deu o marechal Deodoro na manhã de 16?

— Que foi feito do visconde do Ouro-Preto?

— Que foi ordenado relativamente ao imperador e sua familia?

— Quem entregou a D. Pedro a mensagem do Governo Provisorio?

— Que se declarava nesta mensagem? Como foi respondida?

— Em que dia embarcou o ex-imperador para a Europa?

— Com quem partiu elle? Em que navio?

— Que decreto do Governo Provisorio recebeu o Snr. D. Pedro de Alcantara a bordo do "Parnahyba"? quem o entregou?

— Onde aguardou o "Parnahyba" o paquete "Alagoas"? Aonde devia "Alagoas" levar o ex-imperador e sua familia?

— Quando se fez a baldeação? Que encouraçado comboiu o "Alagoas"? até que ponto?

— Que corporações adherirão ao Governo republicano?

— Que bandeira adoptou a Republica Brazileira? Qual o symbolo dos sellos e sinetes da Republica?

CAPITULO XXXI.

O REGIMEN FEDERATIVO DESDE A PRESIDENCIA DE DEODORO DA FONSECA ATÉ A PRESIDENCIA CIVIL DE PRUDENTE DE MORAES.

1891-1894.

A mudança do systema governamental de monarchico para republicano não se havia de effectuar com a facilidade que se presagiava na marcha rapida e relativamente pacifica dos momentosos acontecimentos de 15 de novembro, tanto que a primeira decada da historia da Republica se resente de lutas renhidas e sangrentas. Estas, embora sejam paginas brilhantes de bravura e heroismo, possuem maior valor ainda pelo facto de constituirem uma phase mui significativa da evolução nacional, phase em que o povo, á custa de terriveis sacrificios, se foi acostumando ao novo regimen.

Presidencia de Deodoro. — Graças aos meritos adquiridos no dia 15 de novembro e no decurso do Governo Provisorio, embora tivesse havido forte opposição, venceu a candidatura do Generalissimo Deodoro e este, de accordo com as disposições transitorias da nova Constituição, foi devidamente eleito no dia 25 de fevereiro de 1891 á primeira presidencia da Republica, tomando posse no mesmo dia. Para vice-presidente foi eleito o marechal Floriano Peixoto.

Não tardou que se manifestassem as mais graves dissidencias entre o Congresso e o Presidente, allegando-se de parte a parte varios motivos de ordem politica ou militar, sendo certo que para a opposição não pouco estimulo se encontrou na derrubada

geral dos governos locaes em todos os Estados cujos representantes haviam deixado de suffragar o nome do Generalissimo, costume politico este já arraigado desde os tempos do imperio.

Reunido de novo o Congresso em 15 de julho de 1891, tentou-se um accordo, porêm foram baldados todos os esforços, e os attrictos entre os poderes executivo e legislativo cresceram e se amiudaram tanto que afinal Deodoro resolveu a dissolver o Congresso.

Golpe de Estado (3 de novembro de 1891).—Nesta data, apezar de terem corrido boatos da proxima dissolução do Congresso, foi motivo de geral estranheza a publicação do decreto de 3 de novembro para aquelle fim, vedando-se a entrada dos congressistas nos edificios onde funccionavam as duas camaras pela collocação alli de corpos do exercito. No mesmo dia Deodoro publicou um manifesto justificando o seu acto, compromettendo-se a governar com a Constituição e a garantir a liberdade e os direitos a todos; ao mesmo tempo, para a manutenção da ordem decretou o estado de sitio na Capital Federal e na cidade de Nictheroy.

Comquanto, tomados assim de surpresa, se vissem assim os congressistas sem meios de se vindicarem pela força, não demoraram a agir com energia contra a dictadura, tanto que se combinou uma forte campanha em todos os Estados no sentido de se promover meios de a destituir, publicando-se um contra-manifesto que deveria ser assignado por todos os senadores e deputados que não adherissem áquelle golpe. Esse contra-manifesto, redigido por Campos Salles, appareceu em São Paulo com a data de 9 de novembro. Na chefia da reacção destacaram-se muitos dos mais illustres antigos propagandistas da Republica, que se denominaram "republicanos historicos," como tambem militares de alta patente do exercito e da armada. Entre estes sobresahiam Floriano Peixoto e José Simeão no exercito, e na armada Custodio José de Mello e Wandenkolk.

Travou-se então uma luta temivel, tanto nos Estados como na Capital Federal. Foi deposto o presidente de São Paulo, que tinha adherido á dictadura; contra a mesma insurgiram-se as forças federaes da guarnição do Rio Grande do Sul; e na noite do dia 23 de novembro telegraphou Lauro Muller, governador de Santa Catharina e amigo pessoal de Deodoro, em termos delicados porêm terminantes, manifestando a sua recusa de apoio ao golpe de estado. Na Capital Federal os officiaes da esquadra conseguiram reunir-se, tendo resolvido agir de prompto, e na manhã do dia 23 começaram a mover-se na bahia de Guanabara as unidades de guerra, sob o commando do contra-almirante Custodio José de Mello, que por um tiro de canhão sobre a cupola da Candelaria intimou a deposição do governo.

Convencido da inutilidade de qualquer resistencia, Deodoro reuniu incontinente os seus ministros e renunciou o poder, que foi entregue ao vice-presidente da Republica, marechal Floriano Peixoto.

Em tocante manifesto então rememorou os serviços prestados ao paiz e justificou a sua retirada, terminando-a com estas palavras: "Despeço-me dos meus bons companheiros e amigos, que sempre se me conservaram fieis, e dirijo meus votos ao Todo Poderoso pela perpetua prosperidade e crescente florescimento do meu amado Brazil." Retirando-se em seguida á vida privada, curvado sob os padecimentos da grave doença que ha tempos o havia atacado, viveu o Generalissimo no socego de sua casa até o dia 23 de agosto de 1892, quando expirou o grande patriota. No senado fez-se o seu elogio funebre pelo verbo de Campos Salles, que propoz fosse suspensa a sessão daquelle dia, omittida a do dia seguinte, e que fosse nomeiada uma commissão para representar o senado nos funeraes do illustre morto.

Presidencia de Floriano Peixoto (23 de novembro de 1891 a 15 de novembro de 1894). — Assumindo as redeas do

governo, o vice-presidente convocou uma reunião extraordinaria do Congresso que se realizou no dia 13 de dezembro de 1891 e continuou até o dia 22 de janeiro do anno seguinte. Foram approvados todos os actos do governo, inclusive a deposição de todos os governadores de Estados que houvessem adherido á causa de Deodoro.

No emtanto, não cessaram de agir os amigos do regimen anterior, pois no dia 19 de janeiro deu-se uma revolta na fortaleza de Santa Cruz, e no dia 10 de abril houve certo levantamento popular na Capital. Aquella foi suffocada pelo bombardeamento da fortaleza, e este pela proclamação de estado de sitio por 72 horas e uma manifestação da força armada. Os tumultuosos dispersaram-se e o incidente acabou pacificamente. Comtudo, foram presos muitos civis e militares, dos quaes alguns ficaram encerrados nas fortalezas do porto, e outros foram deportados para o Alto Amazonas, sendo todos amnistiados a 19 de setembro de 1895.

No entretanto, surgiu no seio do Congresso grande polemica sobre si deveria proceder á nova eleição, ou si devia o vice-presidente continuar a governar até completar-se o primeiro periodo presidencial. Baseiaram-se os da primeira parte no art. 42 da Constituição (q.v.), ao passo que os da segunda parte invocavam o § 2° do art. 1° das disposições transitorias. Sendo contrario á nova eleição o relatorio da commissão do senado, este decidiu por 27 votos contra 7 que não houvesse nova eleição.

Guerra Civil no Rio Grande do Sul. — Velhas questões historicas, cujos motivos já foram por nós referidos, traziam em constante ebullição a politica local do grande Estado do sul, sendo notavel que durante os primeiros 3 annos da Republica o Estado contou nada menos de 19 governadores, que eram elevados e depostos a capricho do povo.

Sem entrarmos nos detalhes, basta aqui referir que se degladiavam dois partidos principaes, a saber, os *federalistas*, que se

achavam em geral na opposição, e cujos chefes contavam grandes caudilhos como Joca Tavares, Gumercindo Saraiva e o Coronel Salgado, patente do exercito federal; e da outra parte, os *legalistas* ou *Castilhistas*, assim denominados pelo duplo facto de terem por chefe o dr. Julio de Castilhos, que por sua vez soubera conquistar o apoio tanto de Floriano como de seu antecessor, marechal Deodoro, embora aquelle ao primeiro se declarasse neutro.

Aconteceu, pois, que em junho de 1892 existiam no Estado de Rio Grande do Sul dois governos, o dos *federalistas*, em Bagé, tendo á frente o activo caudilho Joca Tavares, e o dos *legalistas*, em Porto Alegre, chefiado pelo dr. Julio de Castilhos, que depois entregou o poder ao dr. Victorino Monteiro.

Houve de parte a parte refregas entre os numerosos bandos de patriotas, que se haviam incorporado ás forças do general Tavares, e as forças estadoaes, alternando-se as vantagens de um a outro lado. No entretanto, contra a expectativa de Tavares, intervieram na luta as forças federaes, que, unindo-se aos legalistas, marcharam contra o acampamento dos federalistas em Bagé e obrigaram-nos a capitular. Foram dissolvidas as tropas do general Tavares e este com muitos outros chefes importantes emigraram para além da fronteira. Assim terminou a primeira phase da revolução.

Primeira Invasão dos Federalistas (2 de fevereiro a 10 de agosto de 1893). — Os mezes de treguas que então succederam apenas deram ensejo para os preparativos da renovação da luta, pois, ao passo que os revolucionarios iam recebendo reforços dos emigrados que, á força da renhida perseguição das forças federaes, haviam fugido dos seus lares, buscando asylo além da fronteira, ao mesmo tempo os castilhistas tratavam de assegurar ainda mais o apoio do governo federal, que nos vapores *Itaóca* e *Itatyaia* remetteu para o sul importantes subsidios de material bellico.

Afinal, os *federalistas*, sob o commando de Gumercindo Saraiva e Vasco Martins, transpozeram a fronteira no dia 2 de fevereiro de 1893, tendo sido o seu contingente de 600 homens logo augmentado com as tropas de Joca Tavares, chegando a attingir o exercito federalista a um effectivo de 3200 homens, sem entrar na conta diversos grupos que agiam em separado por diversos partes do Estado.

As forças legalistas, sob o commando do coronel Arthur Oscar, conseguiram circumdar o contingente de Tavares, isolando-o das forças de Gumercindo, porêm Tavares poude evitar habilmente um combate e, fazendo rapido movimento contra D. Pedrito, apoderou-se desse ponto em seguida á sanguinolenta batalha da Lagoa Branca, a 10 leguas de Alegrete, onde se acampou. Depois de 2 dias de descanso nesse ponto, Joca Tavares moveu-se contra Alegrete, mas foi logo enfrentado pela Divisão do Norte sob as ordens do general Gomes Machado que o forçou a entrar em combate em *Inhanduby*, onde os federalistas soffreram uma grande derrota, internando-se depois Joca Tavares e seus chefes no Estado Oriental e entregando todas as suas armas aos castelhanos. A 6 de junho foram dispersadas as suas forças.

No entremeio, Gumercindo, com 500 homens, havia voltado para o interior do Estado e assumia a suprema direcção das forças revolucionarias. Perseguido pelos generaes Rodrigues Lima e Pinheiro Machado, foi forçado a transpor a nado o rio Janguary; porêm, reunindo a sua gente, conseguiu uma grande vantagem na batalha da Cerradilha, onde foi gravemente ferido o general Menna Barreto. Afinal, retirou-se Gumercindo para Lavras, e achavam-se em vias de fazer as pazes os combatentes, quando se deu importante successo na Capital Federal.

Defecção do Almirante Wandenkolk. — Partiu do Rio para Montevidéo, em junho de 1893, o almirante Wandenkolk, com a declarada intenção de tomar parte na luta contra os

castilhistas, acto que, visto a alta posição e o grande prestigio desse official, teve o effeito de reanimar os federalistas e afastar as possibilidades de se terminar a luta fratricida.

O almirante soube usurpar a direcção do *Jupiter*, no qual conseguiu forçar a barra do Rio Grande e assenhorear-se do navio mercante *Italia*. Depondo o governo municipal de S. José do Norte e incorporando alguns contingentes de revolucionarios, logo poude capturar a canhoneira *Camocim* com toda a officialidade, e em breve reuniu á sua esquadra mais dois rebocadores.

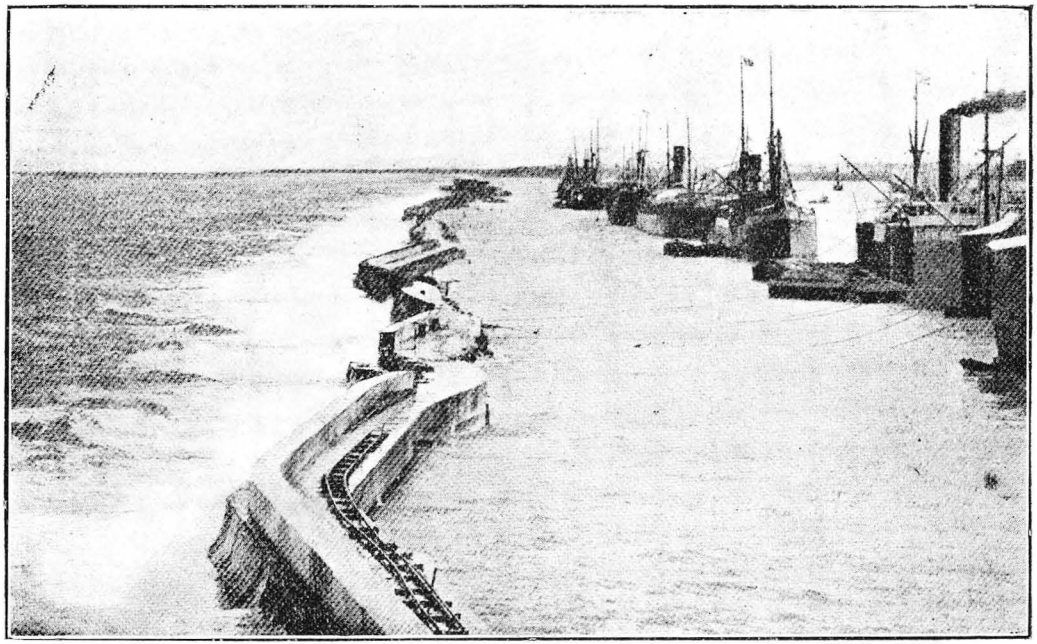
Apezar do exito tão brilhante de seu golpe, o almirante foi logo repellido para a barra e o *Jupiter* teve de retirar-se para o norte, sendo aprisonado no dia 13 de julho pelo *Republica*. O desgraçado official foi preso e levado á Capital Federal, onde por conselho de guerra foi julgado réu de morte, acto este que teve grande repercussão entre os officiaes da marinha e deu motivo immediato a que rompesse a celebre revolta da Armada.

A REVOLTA DA ARMADA.

Motivos e Principios da Revolta.—Á luta travada entre o governo constitucional e os revolucionarios do sul veiu unir-se então mais um elemento poderoso na Capital da Republica onde se desenrolou uma acção horrivel de combate ao Governo central por parte dos seus adversarios, conflicto que, embora fratricida, evidenciou por todos os modos as qualidades varonis e guerreiras dos brazileiros.

A 6 de setembro de 1893 a esquadra nacional revoltou-se na bahia de Guanabara, hasteando no *Aquidaban* a bandeira branca que symbolisava a revolta.

O almirante Custodio José de Mello que dirigiu o movimento fôra inimigo cerrado do governo do marechal Deodoro; porêm, com o advento de Floriano ao poder, tomára assento no governo



Quebra-mar em Pernambuco.

deste como Ministro da Guerra. Incompatibilisando-se depois com o governo de Floriano, por motivos que se ligavam, talvez, ás dissidencias entre as forças de mar e as de terra, o ministro abandonou sua pasta e logo demonstrou os mais vivos signaes de sympathia para com os federalistas no Rio Grande do Sul. Com o incidente Wandenkolk, começou a arder infrene antipathia entre os officiaes da marinha e o exercito, augmentando-se cada vez mais os preparativos para uma resistencia violenta ao governo vice-presidencial, até que, afinal, rebentou na Guanabara o golpe que precipitava a maior crise da joven Republica.

Dispunham os revoltosos de importante contingente de forças maritimas, incluindo-se na esquadra 16 grandes vasos de guerra, para cujo guarnecimento passou no mesmo dia da ilha das Cobras o batalhão naval que de prompto adherira á revolta. Contavam ainda mais com um contingente de circumstancias favoraveis que em outras espheras começaram a manifestar-se, a saber, no dia 6, uma grande greve na estrada de ferro central do Brazil, e a marcha victoriosa das tropas de Gumercindo atravez do Estado de S. Catharina, em franco caminho para S. Paulo.

Actividades do Governo. — O governo do marechal demonstrou grande energia em armar a resistencia, ora guarnecendo o littoral com a tropa de linha, ora chamando ao serviço activo a guarda nacional, á qual competia a maxima responsabilidade pela defeza da capital. Reunido o Congresso, o executivo foi autorisado a declarar o estado de sitio onde quer que se fizesse necessaria essa medida extraordinaria; e foi decretado immediatamente para as cidades de Rio e Nictheroy, sendo ao primeiro por dez dias só, e prorogado por diversas vezes até o fim da revolta. Extendeu-se a medida ao Districto Federal, e aos Estados do Rio, S. Paulo, Parana, S. Catharina, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Incidentes da Revolta na Capital Federal.—No dia 13 de setembro os habitantes da cidade do Rio amanheceram assustados com o estrondo dos canhões que dos navios da esquadra rebelde descarregavam sobre o arsenal de guerra e outros pontos da cidade. Em manifesto publicado no mesmo dia o vice-presidente da Republica mostrou-se firmemente decidido a manter a todo o custo o poder da autoridade. Corriam os mais alarmantes boatos de operações importantes da parte da esquadra, tanto que o povo começou desde cedo a fugir em massa da capital para os suburbios, calculando-se que a população destes augmentou nesse mesmo dia de umas cem mil pessoas.

A pedido dos commandantes dos navios estrangeiros surtos no porto, foi combinado de parte a parte que em cada dia houvesse um periodo de treguas para a entrada e sahida dos navios mercantes, durante o qual seriam suspensas todas as operações militares.

Tendo resolvido Custodio de Mello a mandar sahir ao mar tres navios, conseguiu executar a manóbra o cruzador *Republica*, que na noite do dia 17 logrou illudir a vigilancia das fortalezas e sahiu barra fóra, tomando rumo do sul; porêm, foi somente no dia 18 que o frigorifico *Pallas* e a torpedeira *Marcilio Dias* puderam fazer a mesma passagem debaixo de uma chuva medonha de balas das peças que vigiavam a barra. Dirigindo-se a Angra dos Reis, a torpedeira *Marcilio Dias* desmanchou os apparelhos telegraphicos nesse porto e apoderou-se do armamento da guarda policial; o *Republica* e o *Pallas* seguiram para o sul, reunindo-se logo depois no porte de Desterro, hoje Florianapolis.

Pelos fins de setembro e durante todo o mez de outubro houve medonho bombardeamento entre os vasos de guerra e as fortalezas da barra, sendo que o povo, primeiro assustado e foragido, agora voltava á cidade para assistir do littoral ao terrivel espectaculo. Bombardeiou-se a cidade de Nictheroy, porêm foram baldadas todas as tentativas para tomar de assalto essa cidade.

Igualmente foram repellidos os ataques dos revoltosos que tiveram por objectivo capturar os navios mercantes que descarregavam mercadorias nos diversos caes da cidade do Rio.

No dia 9 de outubro a fortaleza de Villegaignon adheriu á revolta, acto sedicioso que foi respondido pelo Governo com o decreto do dia 10 que destituia dos seus privilegios e privava da protecção da bandeira nacional todos os navios, fortalezas, etc. que tomassem parte ou se associassem á revolta. Logo rompeu feroz bombardeamento entre as fortalezas da barra e os navios, no qual participou a fortaleza de Villegaignon e na noite do dia 12 o *Meteoro* logrou sahir barra fóra, seguindo a reunir-se aos demais vasos no porto de Desterro. Volvendo os canhões contra a cidade, o povo abandonou as suas casas e o commercio ficou completamente paralysado, cumulando-se os males da epoca com o rompimento da febre amarella que então flagellou a população.

No dia 12 de novembro soffreram os revoltosos a perda do *Jacary*, alvo da fortaleza de S. João, o qual se mergulhou nas aguas da bahia e desappareceu, apezar da tenaz resistencia que não deixou de oppôr emquanto não se submergiram as boccas dos seus canhões.

Nas primeiras horas do dia 1 de dezembro, no meio de terrivel fuzilaria, sahiu pela barra fóra o *Aquidaban*, navio chefe dos revoltosos, pois nelle fluctuava o pavilhão do almirante Custodio de Mello. Passou pois a dirigir as actividades dentro da Guanabara o cruzador *Almirante Tamandaré*.

A partida de Custodio de Mello para o sul trouxe á capitania das forças da esquadra na bahia da Guanabara uma das maiores glorias da marinha brazileira, o almirante Saldanha da Gama, que, renitente na sua politica, só não pugnou pela causa da monarchia contra o golpe do dia 15 de novembro, por se achar de serviço nos Estados Unidos, e que se deixara então vencer pela antiga amizade com Custodio de Mello para adherir francamente á revolta.

Com o governo de Saldanha da Gama começaram os revolucionarios a soffrer uma serie de desastres, que foi iniciada com a conquista da ilha do Governador no dia 17 de dezembro, importante posto dos revoltosos, pois era dessa ilha que se abasteciam de agua, cereaes, carnes verdes, etc. Ainda mais, a ilha lhes servira de trincheira natural para a navegação, e de ponto de communicação com o Governo na Capital Federal.

O mez de janeiro notabilisou-se pela tomada de Mocangué Grande por tropas destacadas da guarnição de Nictheroy; pelo regresso do *Aquidaban* á bahia, no dia 17; pela acção da esquadra americana no dia 29, acto este que importava em grande vantagem para as forças do Governo. Foi notavel que a Inglaterra e Portugal, por meio dos seus respectivos navios surtos na bahia do Rio de Janeiro, haviam manifestado fundas sympathias pelos revoltosos, ao passo que os Estados Unidos, ou, ao menos, os seus navios, sob o commando do almirante Benham, se manifestavam partidarios do Governo do vice-presidente. Quando, portanto, no dia 20 de janeiro o *Detroit* vedou com ameaça de fogo certas operações que o almirante Saldanha de Gama ia encetar, o resultado foi ao todo favoravel ao Governo legal.

No dia 9 de fevereiro o almirante resolveu dar grande assalto á cidade de Nictheroy, fazendo-se o ataque com cinco columnas, tendo designado a cada qual a sua parte na acção. O assalto, desenvolvido com grande vigor, foi repellido com igual bravura, tanto que após horas de combate as forças legaes ficaram por fim de posse do campo de batalha, tendo morrido 147 homens de ambos os lados.

A Guerra no Sul. — Voltamos os olhos, agora, para os successos que se iam passando no sul, onde deixámos os *federalistas*, sob as ordens de Gumercindo e Salgado, seguindo, a marchas forçadas, para o norte, tendo chegado a sete de novembro ao Estado de Santa Catharina.

No entretanto, chegara o *Republica*, que com tanta audacia

partira da Bahia do Rio de Janeiro para Desterro. Nelle se encontrava o capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, incumbido de estabelecer um governo provisorio naquelle porto, acto que devia, conforme raciocinava Custodio José de Mello, collocar os revoltosos em posição de belligerantes aos olhos das potencias estrangeiras. De accordo, foi com grande solemnidade installado o governo provisorio em Desterro no dia 14 de outubro. Pouco tempo depois, ahi chegaram todos os principaes chefes da revolução, inclusive o almirante Custodio de Mello, o general Salgado, o commandante Alexandrino de Alencar, o tenente Annibal Cardoso e diversos representantes do governo civil dos federalistas do sul.

Com a separação dos congressistas, voltou o general Salgado para Laguna, e Custodio passou ao Paraná, onde ia agir junto a Gumercindo para a conquista desse Estado, que, effectivamente, com a entregar da cidade da Lapa no dia 11 de fevereiro, ficou de todo no poder dos revolucionarios, que ora ameaçavam invadir o Estado de S. Paulo.

Fim da Revolta da Armada. — Emquanto se iam passando as coisas tão lisongeiramente para os revolucionarios no sul, appareceu ao norte um novo elemento de resistencia organizada pelo Governo legal. Este, ficando privado de qualquer elemento naval, mandára já em outubro de 1893 o velho almirante Jeronymo Francisco Gonçalves para Montevidéo no intuito de organizar uma força naval. Com grande esforço conseguiu Gonçalves juntar uma flotilha de sete ou oito vasos de guerra, a qual nos primeiros dias de janeiro de 1894 se fez ao mar. Logo mais, ás ordens telegraphicas do ministro da marinha, o velho almirante tomou rumo para o norte no vapor *Itapú*, chegando a S. Salvador da Bahia no dia 25 de janeiro, onde encontrou sete vasos de guerra, aos quaes se reuniram em breve outros navios comprados a alto preço na Europa e na America do Norte, e tripulados por homens de diversas nacionalidades.

Com o intuito de apressar a organização da esquadra legal chegou á Bahia no dia 10 de fevereiro o vice-almirante José Coelho Netto, ministro da marinha, que com tanta habilidade agiu que a 28 de fevereiro a esquadra, levando a bordo o 9° batalhão de infanteria, levantou ferro e tomou rumo ao sul, chegando na madrugada do dia 10 de março ao ancoradouro da Praia Vermelha.

Os revoltosos, reconhecendo a futilidade de offerecerem resistencia á esquadra legal, no dia 11 pediram capitulação por intermedio do commandante da corveta portugueza *Mindello*, e o ministro residente de Portugal, o conde de Paraty, sob as seguintes condições: 1) A retirada para o estrangeiro dos officiaes revoltados; 2) Garantia de vida para os inferiores, praças e voluntarios; 3) Entrega dos navios, fortalezas e mais material de guerra tal qual se achavam; 4) Restituição dos prisioneiros.

No dia 13 o almirante Gonçalves recebeu a noticia de que os rebeldes se haviam refugiado abordo de dois navios portuguezes, e logo no mesmo dia, a esquadra legal demandou a barra lançando ferro pelas seis horas da tarde entre Villegaignon e a ilha fiscal.

O vice-presidente Floriano repelliu energicamente a proposta da capitulação, declarando por um Boletim Official que o governo não podia aceitar propostas de militares rebeldes, e impondo-lhes um prazo de 48 horas para se entregarem; terminaria o dito prazo ao meio dia da proxima terça feira, 13 de março, salvo aggressões anteriores da parte dos revoltosos, caso em que os canhões de terra fariam fogo antes de terminar o referido prazo.

Pontualmente no dia 13, ao meio dia, os canhões do governo romperam fogo contra os diversos pontos occupados pelos revoltosos, continuando até ás tres horas e quarenta minutos da tarde, quando cessou o bombardeamento, não havendo respondido nenhum dos canhões dos revoltosos, pelo que se presumiu que

todos os navios e fortalezas estivessem abandonados. Logo depois tomaram rumo de Villegaignon diversas embarcações que levavam tropas do governo, chegando primeiro a lancha *Quinze de novembro*. Desembarcadas as tropas, a arruinada fortaleza foi encontrada em completo abandono e pouco depois, ás seis horas da tarde, um joven trepou no mastro e arrancou a bandeira branca, symbolo da mallograda Revolta da Armada.

Conforme descreve autorizado testemunho do successo, "Foi um momento de verdadeiro delirio. Com o imponente troar dos canhões, que de todas as partes salvaram com 21 tiros, misturavam-se os prolongados vivas da compacta multidão que se acotovelava em todos os pontos donde se divisavam as operações, ao que se juntavam o estrepitar continuo de gyrandolas e descargas de fuzilaria. As seis horas e 15 minutos a esquadra fundeava no poço salvando á terra."

Havendo-se refugiado a officialidade revoltosa abordo dos navios portuguezes surtos na bahia, estes, por exigencia do governo brazileiro, foram detidos até o dia 18, seguindo nesse dia para Montevidéo e Buenos Ayres. Alli recebeu o navio *Pedro II* do governo portuguez ordem de conduzir os officiaes revoltados a Lisboa, salvo muitos que fugiram, indo refugiar-se na provincia de Entre-Rios, donde haviam de passar para o Rio Grande do Sul, tomando parte na invasão daquelle Estado conforme mais tarde será narrado. O proceder do governo portuguez neste incidente provocou forte indignação da parte do governo brazileiro, motivo pelo qual este cortou as relações diplomaticas com Portugal.

O almirante Custodio, derrotado deante da cidade de Rio Grande a 11 de abril, abandonou as forças no porto de Castilhos e passou a Buenos Ayres, onde pediu asylo para si e para os que com elle privavam. A esquadra legal passando por Desterro, logrou o almirante Gonçalves apoderar-se daquella cidade no dia 17 de abril, sendo que no dia 7 de maio as forças do governo tambem occuparam de novo o Estado do Paraná, e as

tropas de Gumercindo Saraiva foram obrigadas a bater-se em retirada, o que fizeram, demandando algumas Santa Catharina, outras o rio Paraná, emquanto o valente gaucho tomava o caminho do centro. Derrotado na batalha de Passo Fundo (Rio Grande do Sul), Gumercindo teve de abandonar-se a uma fuga precipitada na direcção do Estado Oriental onde pretendia refugiar-se; porêm, em uma das muitas escaramuças com as forças federaes, a 10 de agosto de 1894, ficou gravemente ferido o chefe federalista, morrendo horas depois no mesmo dia.

Após muitos combates com a Divisão do Norte que os acossava e apezar de grandes difficuldades, os revolucionarios chegaram afinal ao termo da sua longa retirada á margem direita do rio Uruguay.

QUESTIONARIO.—CAPITULO XXXI.

— Quem foi o primeiro presidente da Republica Brazileira?

— Que opposição se manifestou? porque?

— Era a derrubada dos governos locaes em varios Estados novo costume?

— Que fez então o presidente? em que dia?

— Que fizeram os congressistas a principio?

— Que chefes sobresahiam na reacção?

— Que Estados tomaram parte na revolta?

— Que fez a armada?

— Que fez então o presidente Deodoro?

— A quem entregou o poder?

— Quando e como morreu? Que fez o senado?

— Que fez o vice-presidente Floriano no principio do seu governo?

— Que fizeram os amigos do regimen anterior?

— Que polemica surgiu no Congresso? Que resolução tomou o senado?

— Em que Estado travaram-se novos combates?

— Que partidos houve ahi? Quaes os chefes dos partidos?

— Como terminou a primeira phase da revolução?

— Como se renovou a luta?
— Quaes os successos das campanhas de Joca Tavares?
— Quem assumia então a direcção da revolução? Que fez elle?
— Que fez nestas circumstancias o almirante Wandenkolk?
— Que succedeu depois do seu mallogro?
— Que forças tinham os revoltosos?
— Que circumstancias favoraveis se deram?
— Que medidas tomou o governo?
— Que succedeu na Capital Federal?
— O que foi combinado relativamente aos navios mercantes?
— Que fizeram os navios revoltosos que sahiram ao mar?
— Que succedeu depois na Capital?
— Para onde foi o almirante Custodio de Mello?
— Quem assumiu o commando das forças da esquadra na bahia da Guanabara?
— Que desgraças soffreram então os revolucionarios?
— Que fizeram os revolucionarios em Desterro?
— Como organizou o governo uma força naval? Que fez esta força?
— Como se acabou a revolta da armada?
— Que fizeram os navios portuguezes? Qual o resultado?
— Como se acabou a revolta no Rio Grande do Sul?

CAPITULO XXXII.

A REPUBLICA DESDE A PRESIDENCIA DE PRUDENTE DE MORAES ATÉ A ELEIÇÃO DE EPITACIO PESSOA.

1894–1919.

Presidencia de Prudente de Moraes (1894–1898). — No dia 1° de março de 1894 foram devidamente eleitos, de conformidade com o § 1° do art. 47 da Constituição Federal, á presidencia da Republica o dr. Prudente de Moraes Barros, paulista, e á vice-presidencia o dr. Manuel Victorino Monteiro, filho da Bahia, que assumiram as redeas do governo no dia 15 de novembro do mesmo anno com toda a cerimonia de praxe. Destacam-se durante este governo os seguintes factos notaveis:

Tratado de Limites com a Republica Argentina. — O Tratado de Madrid do dia 13 de janeiro de 1750 (v. pag. 132) equivocava em certos pontos que diziam respeito aos limites do Brazil com os territorios hespanhoes, assim legando aos novos governos que succediam á epoca colonial uma questão que de quando em quando surgia, porêm sem nunca receber uma solução definitiva. Afinal, foi aceita a proposta do Brazil que se submetesse a questão a um juiz arbitral, e a 7 de setembro de 1889 as duas partes assignaram um tratado pelo qual escolheram como arbitro o presidente dos Estados Unidos da America do Norte.

Foi apenas no dia 5 de fevereiro de 1895 que o dito presidente, nesse tempo o Sr. Grover Cleveland, proferiu um laudo

que dava plena razão ás reclamações que fazia o Brazil, mediante a mui competente representação do sr. barão do Rio Branco. Logo foram celebrados diversos tratados e nomeadas commissões mixtas para proceder á demarcação definitiva dos limites, o que se fez.

Relações com Portugal. — A 16 de março de 1895, mediante os officios do governo inglez, as relações diplomaticas com Portugal foram estabelecidas, as quaes estavam rompidas desde 13 de março do anno anterior, por motivo do refugio dos officiaes revoltosos.

Morte de Floriano Peixoto. — Em acto continuo depois de entregar o governo ao seu successor, retirou-se Floriano Peixoto para a vida privada, procurando em balde allivio para os seus incommodos de saude. Passou a Cambuquira, mas quando sentia aggravar-se o seu mal estar, tratou de regressar á Capital Federal; porêm teve que parar em uma fazenda proxima da estação Divisa no Estado do Rio de Janeiro, onde falleceu a 29 de junho de 1895.

CAMPANHA DE CANUDOS.

Deu-se durante a presidencia de Prudente de Moraes este celebre episodio, que marcou mais uma etapa no estabelecimento da republica. Lembrado o facto de que o novo systema de governo teve o seu começo nos grandes centros do paiz, era de prever que as grandes populações do remoto interior não tivessem immediatamente uma nitida comprehensão da natureza de um movimento tão radical. A Campanha de Canudos representa, pois, a iniciação do povo sertanejo no novo regimen, e alli, não menos do que no littoral, o tributo havia de ser pago.

Antonio Vicente Mendes Maciel. — Este personagem, que foi o chefe do movimento que tão heroicamente resistiu a todos os esforços do Governo Federal para subjugal-o, nasceu

pelos annos de 1835 no Ceará. Já desde 1864 tomara certa importancia no interior, tanto pela curiosidade de suas ideas religiosas, como pela exquisitice de seu traje, que consistia em uma tunica azul sem cintura, um chapeu de abas largas, derrubadas, e umas sandalias; tinha as faces escaveiradas, a barba longa e inculta, e levava nas mãos um bordão nodoso. Este singular personagem chegou logo a impressionar o povo do sertão, e em breve era seguido em suas perigrinações por uma turba de gente, que não demorou em criar em torno de seu chefe as mais fantasticas lendas e historias que o puzeram na categoria de um santo milagroso.

Preso no Ceará por desordeiro, o Antonio Conselheiro foi julgado innocente de qualquer crime e posto em liberdade. Logo mudou o scenario de suas actividades para o interior da Bahia, por cujos sertões errava em todos os sentidos, chegando afinal a levantar um povoado na comarca de Itapicurú, ao qual deu o nome de Bom Jesus, a 10 de novembro de 1886. Desse logar foi desalojado em 1887 pelo presidente da provincia, a pedido do arcebispo da Bahia, que via no Conselheiro um pregador de doutrinas subversivas. Seguido por seus adeptos passou, então, para o norte até parar na margem esquerda do Alto Barris em Canudos, velha fazenda de gado, que em 1890 era uma tapera que contava umas 50 casinhas arruinadas. Para este remoto logar affluiam muitos devotos, e devassos e criminosos de toda sorte, chegando a despovoarem-se muitas aldêas da comarca, e até do Estado vizinho de Sergipe.

Irritando-se o Conselheiro ao ver que o municipio affixára editaes nas taboas, que no sertão tradicionalmente substituem os orgãos de publicidade, para a cobrança de impostos, mandou elle queimar solemnemente aquellas taboas e pregou abertamente a insurreição contra a Republica.

A primeira tentativa official para suffocar essa resistencia foi pelos meios brandos da religião. O governador da Bahia despachou para Canudos um frade capuchinho que desde o dia

13 até o dia 21 de maio de 1895 se dirigiu ao povo num esforço de leval-o a tornar ao gremio da Egreja e a obedecer ás leis do paiz. Tudo, porêm, foi baldado, e afinal o frade teve de dar por finda a missão sem esperança de apaziguar os turbulentos que apoiavam o seu Conselheiro e incitavam o povo a fazer a mais violenta resistencia ao Governo.

Primeira expedição (novembro de 1896).— Por causa de boatos alarmantes no sentido de que o Antonio Conselheiro vinha em pessoa a Joazeiro, cujo saque geral ordenaria como medida de vingança em certos cidadãos que o haviam desgostado por factos anteriores, o dr. Juiz de Direito requisitou do governador do Estado a remessa de forças. Tendo seguido uma força de cem praças para Joazeiro, no dia 12 de novembro tomaram rumo a Canudos, chegando no dia 18 ao arraial de Uauá, distante de Canudos uns 114 kilometros. Alli foram surprehendidos por um ataque inesperado dos discipulos do Conselheiro, tendo havido 31 baixas entre mortos e feridos, retirando-se logo o destacamento para Joazeiro.

Segunda expedição (dezembro–janeiro de 1896–1897).— Havendo crescido de ponto o prestigio do Conselheiro determinando grande emigração para Canudos, o governo resolveu despachar maior expedição contra os *jagunços*. Á testa de 543 praças e munido de dois canhões Krupp e duas metralhadoras, o major Febronio de Brito partiu da Bahia, a 25 de novembro, e após alguma demora em Monte Santo chegou afinal a acampar a seis kilometros de Canudos no dia 18 de janeiro de 1897, onde foram avistadas pela primeira vez as forças do Conselheiro. Deu-se renhida luta na qual houve de parte a parte muitos exemplos de abnegado heroismo, porêm, cercada a columna por grande massa de inimigos que combatiam com um fanatismo que via na morte apenas o portal para uma vida de eterna felicidade no outro mundo, assentaram os officiaes que se retrocedesse a Monte Santo.

Terceira expedição (fevereiro – março de 1897). — De toda a parte houve, agora, um levantamento de opinião publica exigindo que se continuasse a campanha contra os que se viam na mais franca revolta contra o governo legal. Pela terceira vez partiu da Bahia em 8 de fevereiro uma força expedicionaria sob o commando do coronel Moreira Cesar que para esse fim partiu do Rio de Janeiro. Esta columna era composta de quasi 1,300 homens, municiados com quinze milhões de cartuchos e setenta tiros de artilharia. Reinava entre todos a mais plena confiança no resultado victorioso da expedição, só receiando encontrarem vasio o arraial dos sediciosos. No dia 4 de março toparam com o inimigo. Diz um abalizado chronista que "o encontro fôra um choque galvanico." Enganados pelos artificios dos *jagunços*, os combatentes legaes deixaram-se separar em pequenos magotes, o que facilitou de todos os modos a sua facil derrota. Cahindo mortalmente ferido o coronel Moreira Cesar, seguiu-se uma debandada geral. Levados pelo susto a uma desordem indescriptivel, fugiram para o alto do Mario, onde se reuniram com os officiaes que, unanimemente, resolveram começar a immediata retirada. Muitas já haviam sido as baixas, e augmentou-se mais o numero dellas com os que morreram de fome e privações. Diz ainda Euclydes da Cunha, "a terceira expedição, anullada, dispersa, desappareceêra. E, como na maioria os fugitivos evitavam a estrada, desgarraram sem numero, errando á tôa no deserto, onde muitos, e entre estes os feridos, exgotados, se perderam para sempre, agonisando e morrendo no absoluto abandono. Alguns, desviando-se da rota, foram bater no Cumbé ou em pontos mais remotos. O resto chegou outro dia a Monte Santo."

Repercussão no paiz. — O mallogro da terceira expedição contra o Conselheiro teve enorme repercussão pelo paiz inteiro. Os mais extravagantes boatos surgiam em toda parte. Começava a pairar a suspeita sobre os monarchistas, e diversos

journaes no Rio de Janeiro soffreram serios prejuizos da parte do furor do povo, exaltidissimo pelos acontecimentos no norte; foi victima de assassinio Julio Gentil de Castro. Em fim, dizia-se que a Republica corria grave perigo, do qual cumpria salval-a por acção energica.

Quarta expedição (abril-outubro 1897).—Ao clamor popular responderam os Governadores dos diversos Estados, os Congressos e as Camaras municipaes, todas salientando a urgente necessidade de proceder-se immediatamente á organisação de uma força expedicionaria que puzesse termo á revolta dos *jagunços*. Acto continuo, começaram a organizar-se diversos batalhões, e foram chamados soldados de todos os Estados desde o Rio Grande do Sul até o distante Amazonas, sendo entregue o commando da expedição ao general Arthur Oscar de Andrade Guimerães, commandante do 2° districto militar. Uma segunda columna foi confiada ao general Savaget, montando o total das duas columnas a cerca de quatro mil e quinhentos homens, munidos de muito material de guerra, inclusive um enorme canhão Whitworth, o qual pesava mil e setecentos kilos.

Aos 25 e 27 de junho a segunda columna foi acommettida em terriveis refregas pelos *jagunços* que, conforme á tactica já antes practicada com tão bons resultados, atiravam, invisiveis, de esconderijos preparados de antemão, ou occultos atraz das arvores ou dos penhascos. Nestes encontros as baixas soffridas pela columna subiram a 326, entre mortos e feridos. No entretanto, a primeira columna travára terrivel combate com os *jagunços* no lugar chamado Pitombas, ponto distante tres kilometros da posição occupada pelo general Savaget. Cercados pelos inimigos invisiveis, que arremessavam verdadeiras chuvas de balas, os legaes perderam cerca de mil homens antes de poderem unir-se ás forças do general Savaget, acto que foi effectuado no dia 28.

Nessa mesma noite começou o bombardeamento do arraial

que continuou incessante. No entretanto, os *jagunços*, por sua vez, atacavam continuamente, dia e noite, as forças legaes, chegando não poucas vezes a penetrar no centro do acampamento com o intuito de estragar a artilharia.

Para cumulo da infelicidade da campanha, manifestou-se então grande falta de generos alimenticios. Atacados da fome por um lado e por outro dos ferozes *jagunços* que cada vez mais inspiravam o terror, os soldados começaram a manifestar certa falta de disciplina que prejudicou em muito a campanha. Afinal, foi necessario abater os 40 bois que tinham puxado o grande canhão Whitworth. Não chegou o comboio que se esperava, e de Monte Santo chegou a triste noticia de não haver nada alli. "Cada dia que passava", diz E. da Cunha, "augmentavam esses transes. A partir de 19 de julho, cessou a distribuição de generos aos doentes. E os infelizes baleados, mutilados, estropeados, devorados de febre, começaram a viver de esmola incerta dos proprios companheiros." Um comboio que chegou no dia 13 quasi nada trouxe, ao qual se accrescentou no dia 18 terrivel combate com os *jagunços* na beira esquerda do Vasa-Barris, dando-se nesse dia 947 baixas entre mortos e feridos.

Sem entramos em outros detalhes, pois já são apparentes as principaes difficuldades que caracterisavam a campanha, podemos referir-nos á chegada pelos fins de agosto da *Brigada Mimosa*, trazendo reforços de quasi mil homens; porêm, dizimada pela variola e pelos ataques dos sertanejos, aquella força não foi de grande auxilio, nem mesmo no abastecimento de munições de bocca, pois de cento e dez bois que conduziu salvou dos sertanejos apenas onze.

Imminente a possibilidade de outro fracasso, resolveu-se agora que fosse para o campo o proprio Ministro de Guerra, o Marechal Carlos Machado de Bettencourt. Este seguiu immediatamente para a Bahia onde reuniu cerca de tres mil homens e grande porção de munições de bocca e de guerra, para cujo transporte reuniu um milheiro de burros mansos, meio efficaz

para dominar o sertão, que fôra o inimigo mais terrivel de todas as expedições anteriores.

Pelos meiados de setembro estava o marechal em pleno campo de batalha, trazendo, com os reforços de homens e de munições, novo brio ao exercito, que ora sommava em uns 8000 homens. Estava para terminar a campanha. Por todo o mez de setembro soffreram os sediciosos diversos prejuizos, entre estes a morte de um dos principaes cabecilhas, e a perda de certas posições importantes em as quaes se haviam intrincheirado.

No dia 1 de outubro deu-se um bombardeamento firme e o assalto geral ao arraial, tocando-se fogo a toda a casaria, sendo o incendio grandemente auxiliado pelo derramamento de latas de petroleo onde fosse efficaz. Ao terminar do dia, as forças legaes se achavam de posse da nova egreja, recentemente construida pelo Conselheiro. No dia 2 começou de novo o combate, porêm pelo meio-dia os *jagunços* mostraram uma bandeira branca, vindo logo dois delles para parlamentear, dizendo que já morrera o Conselheiro e que alguns desejavam render-se. A resposta foi que se entregassem com a unica condição de terem salvas as vidas. Voltaram ao arraial reapparecendo logo um delles com umas trezentas mulheres, e creanças e velhos imprestaveis, que se entregaram.

Recomeçou a bombardeio que continuou incessante nos dias 3 e 4 terminando só no dia 5, quando dos *jagunços* todos haviam succumbido, resolutos e teimosos na morte como haviam sido na vida.

A chronica triste da tragedia de Canudos, a mais importante guerra civil na historia patria, tornou frisante a necessidade da unificação do paiz, tanto moralmente, como por estradas de ferro e de rodagem, a fim de que não houvesse contingentes de povo desaffectos por causa de seu isolamento do movimento politico e moral da nação. Revelou, ainda, este episodio a existencia de grandes recursos de força e virilidade entre os sertanejos, que embora conservadores e pouco dispostos a

entregar-se facilmente ás novidades, possuem, entretanto, factores relevantes para o desenvolvimento da patria, uma vez ligados de facto á vida nacional.

Presidencia de Campos Salles (1898–1902). — Com o mallogro dos movimentos subversivos da Revolta Naval e da Revolução no Rio Grande do Sul, e com o terrivel castigo dos *jagunços* sediciosos em Canudos, conseguiu-se o equilibrio politico da Republica. Restava ainda uma serie de problemas gravissimos para cuja solução não sobraram forças sufficientes nos regimens anteriores.

Foi portanto á solução destes problemas que o presidente Campos Salles resolveu dar toda a sua energia, e, de accordo com esta orientação, escolheu por divisa a celebre expressão *Paz e Economia*. Logo ao ser eleito, emprehendeu uma viagem a Europa com o fim de negociar um grande emprestimo, o qual tornou-se celebre pelo nome de *Funding Loan*. Aqui não nos cabe a tarefa de fazermos uma explicação dos pormenores dessa negociação financeira: basta dizer que se pediu uma economia rigorosa para satifazer suas condições e para salvar as finanças da joven Republica, o que se fez graças á sabia orientação do Ministro da Fazenda, dr. Joaquim Murtinho, e á leal cooperação do Congresso Nacional, que votou ao presidente amplos poderes, levando-se assim a um exito completo o arranjo de Campos Salles. Entre as economias notaveis que se praticavam figuram a venda de muitas propriedades nacionaes e o arrendamento de outras, a suppressão de diversos arsenaes de guerra, como tambem se decretavam novos impostos, até no funccionalismo publico, etc. etc.

Relações com a Republica Argentina. — Ainda foi assignalada a presidencia Campos Salles pelo intercambio amigavel de visitas entre o Brazil e a Republica Argentina, cujo fim era cimentar as relações entre as duas grandes potencias da America do Sul.

A 8 de agosto de 1899 chegou no Rio de Janeiro o general Julio Roca, presidente da Argentina, sendo elle alvo das mais imponentes manifestações da parte dos habitantes da Capital Federal. Com o illustre visitante veiu uma divisão naval de tres couraçados e uma grande comitiva de ministros e senadores, junto com altas patentes do exercito e da marinha argentinos. Os 10 dias que demoraram na capital brazileira foram para elles uma successão sem fim de bailes, banquetes e passeios, sendo tudo ordenado da maneira mais luxosa possivel.

No anno seguinte o presidente Campos Salles retribuiu a visita, indo passar alguns dias como hospede official do Governo argentino em Buenos Ayres, onde lhe foi retribuida, a elle e á sua grande comitiva, a magnifica recepção dos Argentinos no Rio de Janeiro. Estando ausente o presidente desde o dia 17 de outubro até o dia 8 de novembro, o paiz foi governado neste interim pelo vice-presidente, dr. Francisco de Assis Rosa e Silva.

Governo de Rodrigues Alves (de 1902 a 1906). — Tendo-se firmado as bases da prosperidade, graças á habil direcção economica e financeira do dr. Campos Salles, succedeu a este na presidencia o distincto paulista dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, que já havia sido presidente do seu Estado, sendo inaugurado o seu quatriennio a 15 de novembro de 1902. Tendo fallecido o vice-presidente eleito, dr. Silviano Brandão, realisou-se nova eleição em janeiro de 1903, da qual sahiu vencedor o nome do illustre mineiro, dr. Affonso Penna.

O governo de Rodrigues Alves notabilisou-se por diversas actividades que aqui poderemos apenas referir, a saber:

Antes de tudo foi este o primeiro regimen presidencial em que o chefe da nação governou pessoalmente sem nemhuma interrupção durante todo o prazo legal.

Principiaram debaixo deste governo as obras do reconstrucção e de melhoramento da cidade e do porto do Rio de Janeiro, que tornaram esta cidade uma das mais attrahentes do mundo.

Foram assignados diversos tratados relativos aos limites do Brazil com os paizes circumvizinhos, notavelmente:

O Tratado de Petropolis, a 17 de novembro de 1903, pelo qual se resolveu a velha questão com a Bolivia sobre o territorio do Acre; o Tratado do Rio, a 6 de maio de 1904, que teve por fim liquidar a questão de limites com o Equador; e o de 5 de maio de 1906, que marcou definitivamente a fronteira entre o Brazil e a Guiana Hollandeza. Devemos estes e outros triumphos diplomaticos ao insigne genio do barão Rio Branco, secretario do Ministerio das Relações Estrangeiras.

Acontecimentos notaveis que merecem ser mencionados são os seguintes:

O levante militar de 14 de novembro de 1904, pelo qual a opposição procurava depor o presidente da Republica, sendo suffocado no mesmo dia, após a morte da sua alma directriz, o general Sylvestre Travassos; uma tentativa de revolta nas fortalezas de Santa Cruz, Pico e Praia de Fóra, a 8 de novembro de 1905; e a explosão do vaso de guerra *Aquidaban* na bahia de Jacuecanga, a 21 de janeiro de 1906, desastre este que muito amargurou a alma nacional, tendo perecido nelle tres contra-almirantes e um total de 212 pessoas da flôr da marinha nacional.

De 23 de julho a 27 de agosto reuniu-se na Capital Federal o Congresso Pan-Americano de 1906, com o qual fechou-se, por assim dizer, com chave de ouro o governo de Rodrigues Alves, pois foi este o passo mais importante até ahi dado para o estreitamento das relações entre as republicas co-irmãs dos dois hemispherios.

Presidencia de Affonso Penna (1906–1910). — A 1° de março foi indicado pelo suffragio nacional o nome do illustre e piedoso mineiro dr. Affonso Augusto Moreira Penna como successor de Rodrigues Alves, sendo eleito vice-presidente o dr. Nilo Peçanha, do Estado de Rio de Janeiro.

Conhecedor profundo dos problemas politicos e economicos da nação, o presidente eleito emprehendeu logo mais uma viagem a diversos estados da Republica a fim de melhor poder avaliar as condições actuaes de cada um, como tambem para conhecer as suas mais imperiosas necessidades.

Inaugurado o novo governo a 15 de novembro do mesmo anno, foi posto em execução um grande programma de expansão industrial em todos os centros mais importantes do paiz, e de accordo com este programma foi organisada uma importante Exposição da Industria Nacional, a qual foi realisada na Capital Federal desde agosto até setembro de 1908. Ao mesmo tempo foram continuados ou levados a termo os melhoramentos e as obras publicas encetadas no regimen anterior.

Facto notavel durante este governo foi a participação do Brazil na grande Conferencia Internacional de Haya, em 1907, na qual, por sua inexcedivel eloquencia, o representante brazileiro, dr. Ruy Barbosa, mereceu tanto os maiores louvores dos delegados de outras nações áquella conferencia, como a eterna gratidão de seus patricios.

Foi assim, no meio de um governo cujos augurios eram de todo lisongeiros, que falleceu o presidente Affonso Penna no dia 14 de junho de 1909. Ao pranto nacional chorando a morte de tão amado filho, alliaram-se as mais tocantes expressões da parte de muitas nações estrangeiras que por innumeraveis telegrammas manifestaram seus pezames.

Passou em seguida á cadeira presidencial o vice-presidente, dr. Nilo Peçanha, que completou o prazo legal do Governo sem a minima confusão ou desordem.

Notabilisaram-se os ultimos mezes deste governo pelo facto de haver-se dado no Brazil, pela primeira vez, uma verdadeira campanha popular pela presidencia da Republica, na qual os dois candidatos se apresentaram ao povo para o esclarecimento dos principios civicos que se achavam em discussão. De um lado combatia o velho estadista e tribuno, dr. Ruy Barbosa, e

do outro o marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra sob o governo Affonso Penna. Foi disputadissimo o pleito, sendo afinal declarado vencedor o marechal Hermes da Fonseca.

Presidencia Hermes da Fonseca (1910–1914). — Eleito a 1° de março de 1910, foi a 15 de novembro do mesmo anno inaugurado o governo do marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, sendo vice-presidente o dr. Wenceslao Braz.

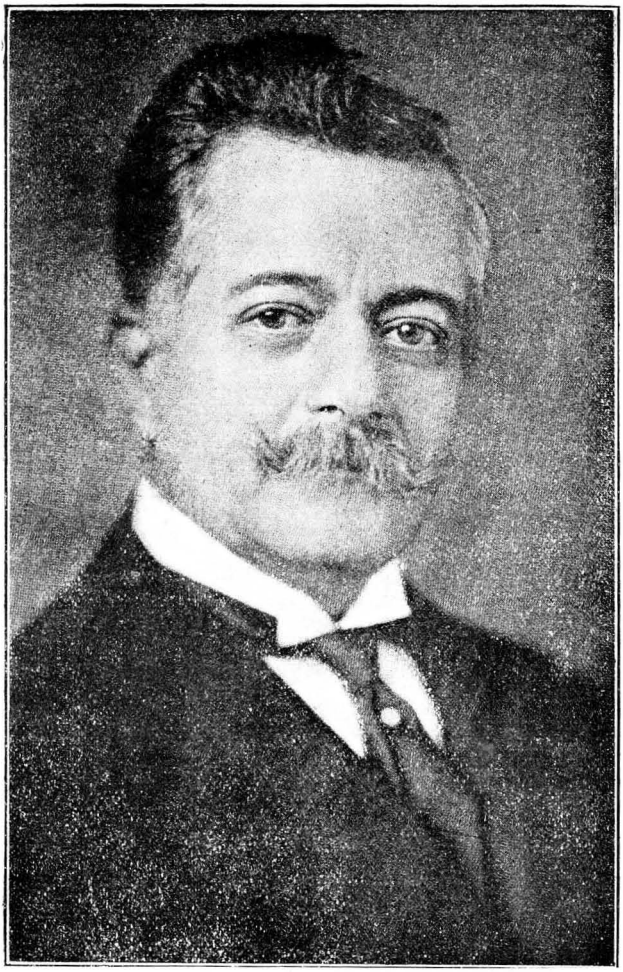
A presidencia Hermes viu o resurgimento, outra vez, de graves problemas financeiros, para cuja solução foram adoptadas diversas medidas que não nos compete esclarecer aqui.

Houve diversas tentativas á ordem publica, entre estes um levante dos marinheiros do novo dreadnaught *Minas Geraes*, que por suas manobras pela bahia de Guanabara e as descargas de canhões sobre a cidade chegou a aterrorizar os habitantes, dos quaes muitos fugiram para os arrabaldes; entretanto foi logo terminado este movimento sedicioso, sendo amnistados os participantes, menos alguns dos chefes que consta haverem sido presos e deportados.

Em 1914 foi brutalmente assassinado no Hotel dos Estrangeiros o vice-presidente do Senado e Senador do Estado do Rio Grande do Sul, general Pinheiro Machado, notavel politico e *caudilho* que havia exercido grande influencia na politica nacional durante o governo Hermes da Fonseca.

Presidencia de Wenceslao Braz (1914–1918). — Foi eleito successor á presidencia no anno 1914 o dr. Wenceslao Braz Gomes Pereira, estadista e fazendeiro mineiro, sendo escolhido para vice-presidente o dr. Urbano Santos, presidente do Senado, e chefe politico do Maranhão.

Teve por tarefa o novo presidente fazer a maxima economia dos recursos nacionaes para fazer frente aos graves problemas financeiros que ameaçavam a nação, a qual, apezar das manifestas difficuldades, o novo chefe do Governo nacional ia desempenhando com resolução e firmeza, quando foi sorprehendido por um phenomeno inesperado e terrivel.



SENHOR DR. EPITACIO PESSOA, PRESIDENTE DO BRAZIL

A 28 de julho de 1914 rompeu-se a grande conflagração na Europa, para cuja vortice foram impellidas, uma por uma, quasi todas as nações do velho continente, e, afinal, diversos estados americanos, sendo que o Brazil, após repetidas violações de seus direitos internacionaes, teve que romper as ligações diplomaticas com a Allemanha no dia 11 de abril de 1917, sendo a causa immediata de tal passo o torpedeamento do vapor brazileiro *Paraná*. No dia 26 de outubro de 1917 foi declarada a existencia de um estado de guerra entre o Brazil e a Allemanha.

No dia 1° de março de 1918 o suffragio nacional por unanimidade chamou á presidencia da republica pela segunda vez o ex-presidente dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, sendo ao mesmo tempo nomeado vice-presidente pelo quadrennio 1918–1922 o dr. Delfim Moreira, o então presidente do Estado de Minas Geraes.

Mas adoeceu gravemente o presidente recem-eleito, e não pode tomar posse do seu cargo em novembro, e por esta circumstancia foi obrigado o vice-presidente dr. Delfim Moreira a emprehender o governo do paiz. A doença do dr. Rodrigues Alves peiorou, até que morreu o venerando e aureolado estadista, a 16 de janeiro de 1919. Procedeu-se a nova eleição, a qual se realisou a 13 de abril; foi eleito presidente o dr. Epitacio Pessoa, que nesse tempo se achava em Paris como delegado á Conferencia de Paz.

QUESTIONARIO. — CAPITULO XXXII.

— Quem foi o primeiro presidente eleito por suffragio nacional?
— Que questão de limites foi liquidada durante este governo?
— Como começaram as actividades do Antonio Conselheiro?
— Que povoados fundou?
— Como principiou a sua insurreição?
— Que exito teve o frade capuchinho despachado pelo governador da Bahia?
— Que exito teve a primeira expedição militar?

— Que exito teve a segunda?
— Que exito teve a terceira?
— Em que estado se achava a opinião publica?
— Que exito teve a quarta expedição até o fim de agosto?
— Que reforços chegaram ao campo em setembro?
— Como terminou a guerra?
— Que verdades revelou a campanha de Canudos?
— Quem foi eleito presidente depois da guerra?
— Que divisa escolheu?
— Que medidas de economia e finança tomou?
— Que troca de visitas assignalou a sua presidencia?
— Quem succedeu na presidencia?
— Como se notabilisou pessoalmente o seu governo?
— Como se notabilisou relativamente á cidade do Rio de Janeiro?
— Que tratados de limites foram assignados durante a sua presidencia?
— Que tentativas de revolta houve?
— Qual foi o grande Congresso que se reuniu? aonde?
— Quem foi então eleito presidente?
— Que politica seguiu?
— Que parte tomou o Brazil na Conferencia Internacional de Haya?
— Quem teve de completar o termo do governo? porque?
— Que facto notavel é mencionado com respeito ás eleições que seguiram?
— Quem foi eleito?
— Com que difficuldades lutou?
— Que motim naval se deu com este governo?
— Que assassinato notavel houve?
— Quem foi eleito presidente no anno 1914?
— Que graves problemas ameaçavam a nação? Como desempenhava o novo presidente a sua tarefa?
— Que grande e terrivel acontecimento assignalou o anno de 1914 na Europa?
— Que parte tomou o Brazil?
— Quem foi eleito presidente em 1918?
— Quem tomou posse do governo? porque?
— Porque se realisou nova eleição em 1919? Quem foi eleito?

CONSTITUIÇÃO POLITICA

DA

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS

DO

BRAZIL.

Nós, os Representantes do Povo Brazileiro, reunidos em Congresso Constituinte para organisar um regimen livre e democratico, estabelecemos, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brazil: —

TITULO I.

DA ORGANISAÇÃO FEDERAL.

Disposições Preliminares.

ART. 1.° A Nação Brazileira adopta como fórma de governo, sob o regimen representativo, a republica federativa, proclamada a 15 de Novembro de 1889, e constitue-se, por união perpetua e indissoluvel das suas antigas provincias, em Estados Unidos do Brazil.

ART. 2.° Cada uma das antigas provincias formará um estado, e o antigo municipio neutro constituirá o districto federal, continuando a ser a capital da União, emquanto não se der execução ao disposto no artigo seguinte.

ART. 3.° Fica pertencendo á União, no planalto central da Republica, uma zona de 14,400 kilometros quadrados, que será opportunamente demarcada para nella estabelecer-se a futura capital federal.

Paragrapho unico. Effectuada a mudança da capital, o actual districto federal passará a constituir um estado.

ART. 4.° Os estados podem incorporar-se entre si, subdividir-se, ou desmembrar-se, para se annexar a outros, ou formar novos estados, mediante acquiescencia das respectivas assembléas legislativas, em duas sessões annuaes successivas, e approvação do congresso nacional.

ART. 5.° Imcumbe a cada estado provêr, a expensas proprias, ás necessidades de seu governo e administração; a União, porém, prestará soccorros ao estado que, em caso de calamidade publica, os solicitar.

ART. 6.° O governo federal não poderá intervir em negocios peculiares aos estados, salvo:

1.° Para repellir invasão estrangeira, ou de um estado em outro;

2.° Para manter a fórma republicana federativa;

3.° Para restabelecer a ordem e a tranquillidade nos estados, á requisição dos respectivos governos;

4.° Para assegurar a execução das leis e sentenças federaes.

ART. 7.° É da competencia exclusiva da União decretar:

1.° Impostos sobre a importação de precedencia estrangeira;

2.° Direitos de entrada, sahida e estada de navios, sendo livre o commercio de cabotagem ás mercadorias nacionaes, bem como ás estrangeiras que já tenham pago imposto de importação;

3.° Taxas de sello, salvo a restricção do artigo 9.° § 1.° n. 1;

4.° Taxas dos correios e telegraphos federaes.

§ 1°. Tambem compete privativamente á União:

1.° A instituição de bancos emissores;

2.° A creação e manutenção de alfandegas.

§ 2.° Os impostos decretados pela União devem ser uniformes para todos os estados.

§ 3.° As leis da União, os actos e as sentenças de suas autoridades serão executados em todo o paiz por funccionarios federaes, podendo todavia a execução das primeiras ser confiada aos governos dos estados, mediante annuencia destes.

ART. 8.° É vedado ao governo federal crear de qualquer modo, distincções e preferencias em favor dos portos de uns contra os de outros estados.

ART. 9.° É da competencia exclusiva dos estados decretar impostos:

1.° Sobre a exportação de mercadorias de sua propria producção;

2.° Sobre immoveis ruraes e urbanos;

3.° Sobre transmissão de propriedade;

4.° Sobre industrias e profissões.

§ 1.° Tambem compete exclusivamente aos estados decretar:

1.° Taxas de sello quanto aos actos emanados de seus respectivos governos e negocios de sua economia;

2.° Contribuições concernentes aos seus telegraphos o correios.

§ 2.° É isenta de impostos, no estado por onde se exportar, a producção de outros estados.

§ 3.° Só é licito a um estado tributar a importação de mercadorias estrangeiras, quando destinadas ao consumo no seu territorio, revertendo, porém, o producto do imposto para o thesouro federal.

§ 4.° Fica salvo aos estados o direito de estabelecerem linhas telegraphicas entre os diversos pontos de seus territorios, e entre estes e os de outros estados que se não acharem servidos por linhas federaes, podendo a União desaproprial-as, quando fôr de interesse geral.

ART. 10. É prohibido aos estados tributar bens e rendas federaes ou serviços a cargo da União, e reciprocamente.

ART. 11. É vedado aos estados, como á União:

1.° Crear impostes de transito pelo territorio de um estado, ou na passagem de um para outro, sobre productos de outros estados da Republica ou estrangeiros, e bem assim sobre os vehiculos de terrae agua, que os transportarem;

2°. Estabelecer, subvencionar, ou embaraçar o exercicio de cultos religiosos.

3.° Prescrever leis retroactivas.

ART. 12. Além das fontes de receita discriminadas nos artigos 7° e 9°, é licito á União como aos estados, cumulativamente, ou não, crear outras quaesquer, não contravindo o disposto nos artigos 7°, 9° e 11 n. 1.

ART. 13. O direito da União e dos estados de legislarem sobre a viação ferrea e navegação interior, será regulado por lei federal.

Paragrapho unico. A navegação de cabotagem será feita por navios nacionaes.

ART. 14. As forças de terra e mar são instituições nacionaes permanentes, destinadas á defesa da patria no exterior e á manutenção das leis no interior.

A força armada é essencialmente obediente, dentro dos limites da lei, aos seus superiores hierarchicos e obrigada a sustentar as instituições constitucionaes.

ART. 15. São orgãos da soberania nacional o poder legislativo, o executivo e o judiciario, harmonicos e independentes entre si.

SECÇÃO I.

DO PODER LEGISLATIVO.

CAPITULO I.

Disposições Geraes.

ART. 16. O poder legislativo é exercido pelo congresso nacional, com a sancção do presidente da republica.

§ 1.° O congresso nacional compõe-se de dous ramos; a camara dos deputados e o senado.

§ 2.° A eleição para senadores e deputados far-se-ha simultaneamente em todo o paiz.

§ 3.° Ninguem póde ser, ao mesmo tempo, deputado e senador.

ART. 17. O congresso reunir-se-ha, na capital federal, independentemente de convocação a 3 de Maio de cada anno, se a lei não designar outro dia, e funccionará quatro mezes da data da abertura, podendo ser prorogado, adiado ou convocado extraordinariamente.

§ 1.° Só ao congresso compete deliberar sobre a prorogação e adiamento de suas sessões.

§ 2.° Cada legislatura durará tres annos.

§ 3.° O governo do estado em cuja representação se der vaga, por qualquer causa, inclusivè renuncia, mandará immediatamente proceder á nova eleição.

ART. 18. A camara dos deputados e o senado trabalharão separadamente e, quando não se resolver o contrario por maioria de votos, em sessões publicas. As deliberações serão tomadas por maioria de votos, achando-se presente em cada uma das camaras a maioria absoluta dos seus membros.

Paragrapho unico. Á cada uma das camaras compete:

Verificar e reconhecer os poderes de seus membros;

Eleger a sua mesa;

Organisar o seu regimento interno;

Regular o serviço de sua policia interna;

Nomear os empregados de sua secretaria.

ART. 19. Os deputados e senadores são inviolaveis por suas opiniões, palavras e votos, no exercicio do mandato.

ART. 20. Os deputados e os senadores, desde que tiverem recebido diploma até á nova eleição, não poderão ser presos, nem processados criminalmente, sem prévia licença de sua camara, salvo caso de flagrancia em crime inafiançavel. Neste caso, levado o processo até pronuncia exclusive, a autoridade processante remetterá os autos á camara respectiva, para resolver sobre a procedencia da accusação, se o accusado não optar pelo julgamento immediato.

ART. 21. Os membros das duas camaras, ao tomar assento, contrahirão compromisso formal em sessão publica de bem cumprir os seus deveres.

ART. 22. Durante as sessões vencerão os senadores e os deputados um subsidio pecuniario igual, e ajuda de custo, que serão fixados pelo congresso, no fim de cada legislatura, para a seguinte.

ART. 23. Nenhum membro do congresso, desde que tenha sido eleito, poderá celebrar contratos com o poder executivo nem delle receber commissões ou empregos remunerados.

§ 1.° Exceptuam-se desta prohibição:

1.° As missões diplomaticas;

2.° As commissões ou commandos militares;

3.° Os cargos de accessos e as promoções legaes.

§ 2.° Nenhum deputado ou senador, porém, poderá aceitar nomeação para missões, commissões ou commandos, de que tratam os ns. 1 e 2 do paragrapho antecedente, sem licença da respectiva camara, quando da aceitação resultar privação do exercicio das funcções legislativas, salvo nos casos de guerra ou naquelles em que a honra e a integridade da União se acharem empenhadas.

ART. 24. O deputado ou senador não póde tambem ser presidente ou fazer parte de directorias de bancos, companhias ou emprezas que gozem dos favores do governo federal definidos em lei.

Paragrapho unico. A inobservancia dos preceitos contidos neste artigo e no antecedente, importa perda da mandato.

ART. 25. O mandato legislativo é incompativel com o exercicio de qualquer outra funcção durante as sessões.

ART. 26. São condições de elegibilidade para o congresso nacional:

1.° Estar na posse dos direitos de cidadão brazileiro e ser alistado como eleitor;

2°. Para a camara, ter mais de quatro annos de cidadão brazileiro, e para o senado mais de seis.

Esta disposição não comprehende os cidadãos a que refere-se o n. 4 do artigo 69.

ART. 27. O congresso declarará, em lei especial, os casos de incompatibilidade eleitoral.

CAPITULO II.

Da camara dos deputados.

ART. 28. A camara dos deputados compõe-se de representantes do povo eleitos pelos estados e pelo districto federal, mediante o suffragio directo, garantida a representação da minoria.

§ 1.° O numero dos deputados será fixado por lei em proporção que não excederá de um por setenta mil habitantes, não devendo esse numero ser inferior a quatro por estado.

§ 2°. Para esse fim mandará o governo federal proceder, desde já, ao recenciamento da população da Republica, o qual será revisto decennalmente.

ART. 29. Compete á camara a iniciativa do adiamento da sessão legislativa e de todas as leis de impostos, das leis de fixação das forças de terra e mar, da discussão dos projectos offerecidos pelo poder executivo e a declaração da procedencia ou improcedencia da accusação contra o presidente da Republica, nos termos do artigo 53, e contra os ministros de estado nos crimes connexos com os do presidente da Republica.

CAPITULO III.

Do senado.

ART. 30. O senado compõe-se de cidadãos elegiveis nos termos do artigo 26 e maiores de 35 annos, em numero de tres senadores por estado e tres pelo districto federal, eleitos pelo mesmo modo porque o forem os deputados.

ART. 31. O mandato de senador durará por nove annos, renovando-se o senado pelo terço triennalmente.

Paragrapho unico. O senador eleito em substituição de outro exercerá o mandato pelo tempo que restava ao substituido.

ART. 32. O vice-presidente da Republica será presidente no senado, onde só terá voto de qualidade, e será substituido, nas ausencias e impedimentos, pelo vice-presidente da mesma camara.

ART. 33. Compete privativamente ao senado julgar o presidente da Republica e os demais funccionarios federaes designados pela Constituição, nos termos e pela fórma que ella prescreve.

§ 1°. O senado, quando deliberar como tribunal de justiça, será presidido pelo presidente do supremo tribunal federal.

§ 2.° Não proferirá sentença condemnatoria senão por dous terços dos membros presentes.

§ 3.° Não poderá impôr outras penas mais que a perda do cargo e a incapacidade de exercer qualquer outro, sem prejuizo da acção da justiça ordinaria contra o condemnado.

CAPITULO IV.

Das attribuições do Congresso.

ART. 34. Compete privativamente ao Congresso nacional:

1°. Orçar a receita, fixar a despeza federal annualmente e tomar as contas da receita e despeza de cada exercicio financeiro;

2.° Autorisar o poder executivo a contrahir emprestimos e fazer outras operações de credito;

3.° Legislar sobre a divida publica e estabelecer os meios para o seu pagamento;

4.° Regular a arrecadação e a distribuição das rendas federaes;

5.° Regular o commercio internacional, bem como o dos estados entre si e com o districto federal, alfandegar portos, crear ou supprimir entrepostos;

6.° Legislar sobre a navegação dos rios que banhem mais de um estado, ou se estendam a territorios estrangeiros;

7.° Determinar o peso, o valor, a inscripção, o typo e a denominação das moedas;

8.° Crear bancos de emissão, legislar sobre ella e tributal-a;

9.° Fixar o padrão dos pesos e medidas;

10. Resolver definitivamente sobre os limites dos estados entre si, os do districto federal e os do territorio nacional com as nações limitrophes;

11. Autorisar o governo a declarar guerra, se não tiver lugar ou mallograr-se o recurso do arbitramento, e a fazer a paz;

12. Resolver definitivamente sobre os tratados e convenções com as nações estrangeiras;

13. Mudar a capital da União;

14. Conceder subsidios aos estados na hypothese do artigo 5°;

15. Legislar sobre o serviço dos correios e telegraphos federaes;

16. Adoptar o regimen conveniente á segurança das fronteiras;

17. Fixar annualmente as forças de terra e mar;

18. Legislar sobre a organisação do exercito e da armada;

19. Conceder ou negar passagem a forças estrangeiras pelo territorio do paiz, como operações militares;

20. Mobilisar e utilisar a guarda nacional ou milicia civica, nos casos previstos pela constituição;

21. Declarar em estado do sitio um ou mais pontos do territorio nacional, na emergencia de aggressão por forças estrangeiras ou de commoção interna, e approvar ou suspender o sitio que houver sido declarado pelo poder executivo, ou seus agentes responsaveis, na ausencia do congresso;

22. Regular as condições e o processo da eleição para os cargos federaes em todo o paiz;

23. Legislar sobre o direito civil, commercial e criminal da Republica e o processual da justiça federal;

24. Estabelecer leis uniformes sobre naturalisação;

25. Crear e supprimir empregos publicos federaes, fixar-lhes attribuições, e estipular-lhes os vencimentos;

26. Organisar a justiça federal, nos termos dos artigos 56 e seguintes da secção III;

27. Conceder amnistia;

28. Commutar e perdoar as penas impostas, por crimes de responsabilidade, aos funccionarios federaes;

29. Legislar sobre terras e minas de propriedade da União;

30. Legislar sobre a organisação municipal do districto federal, bem como sobre a policia, o ensino superior e os demais serviços que na capital forem reservados para o governo da União;

31. Submetter a legislação especial os pontos do territorio da Republica necessarios para a fundação de arsenaes, ou outros estabelecimentos e instituições de conveniencia federal;

32. Regular os casos de extradição entre os estados ;
33. Decretar as leis e resoluções necessarias ao exercicio dos poderes que pertencem á União ;
34. Decretar as leis organicas para a execução completa da constituição ;
35. Prorogar e adiar suas sessões.

ART. 35. Incumbe, outrosim, ao congresso mas não privativamente:

1.° Velar na guarda da constituição e das leis ; e providenciar sobre as necessidades de caracter federal ;
2.° Animar no paiz o desenvolvimento das lettras, artes e sciencias, bem como a immigração, a agricultura, a industria e o commercio, sem privilegios que tolham a acção dos governos locaes ;
3.° Crear instituições de ensino superior e secundario nos estados ;
4.° Prover a instrucção secundaria no districto federal.

CAPITULO V.

Das leis e resoluções.

ART. 36. Salvas as excepções do artigo 29, todos os projectos de lei podem ter origem indistinctamente na camara ou no senado, sob a iniciativa de qualquer dos seus membros.

ART. 37. O projecto de lei adoptado em uma das camaras será submettido á outra, e esta, se o approvar, envial-o-ha ao poder executivo, que, aquiescendo, o sanccionará e promulgará.

§ 1°. Se, porém, o presidente da Republica o julgar inconstitucional ou contrario aos interesses da Nação, negará sua sancção dentro de dez dias uteis, daquelle em que recebeu o projecto, devolvéndo-o, nesse mesmo prazo, á camara, onde elle se houver iniciado, com os motivos da recusa.

§ 2.° O silencio do presidente da Republica no decendio importa a sancção ; e, no caso de ser esta negada, quando já estiver encerrado o congresso, o presidente dará publicidade ás suas razões.

§ 3.° Devolvido o projecto á camara iniciadora, ahi se sujeitará a uma discussão e á votação nominal, considerando-se approvado, se obtiver dous terços dos suffragios presentes. Neste caso, o projecto será remettido á outra camara, que se o approvar pelos mesmos tramites, e pela mesma maioria, o enviará como lei ao poder executivo para a formalidade da promulgação.

§ 4.° A sancção e a promulgação effectuam-se por estas formulas:

1.ª "O congresso nacional decreta, e eu sanccionо a seguinte lei (ou resolução)."

2.ª "O congresso nacional decreta, e eu promulgo a seguinte lei (ou resolução)."

ART. 38. Não sendo a lei promulgada dentro de 48 horas pelo presidente da Republica nos casos dos §§ 2° e 3° do art. 37, o presidente do senado ou o vice-presidente, se o primeiro não o fizer em igual prazo, a promulgará, usando da seguinte formula: "Eu, presidente (ou vice-presidente) do senado, faço saber aos que o presente virem que o congresso nacional decreta e promulga a seguinte lei ou resolução."

ART. 39. O projecto de uma camara, emendado na outra, volverá á primeira, que, se aceitar as emendas, envial-o-ha, modificado em conformidade dellas, ao poder executivo.

§ 1.° No caso contrario, volverá á camara revisora, e se as alterações obtiverem dous terços dos votos dos membros presentes, considerar-se-hão approvadas, sendo então remettidas com o projecto á camara iniciadora, que só poderá reproval-as pela mesma maioria.

§ 2.° Rejeitadas deste modo as alterações, o projecto será submettido, sem ellas, á sancção.

ART. 40. Os projectos rejeitados, ou não sanccionados, não poderão ser renovados na mesma sessão legislativa.

SECÇÃO II.

DO PODER EXECUTIVO.

CAPITULO I.

Do presidente e vice-presidente.

ART. 41. Exerce o poder executivo o presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, como chefe electivo da nação.

§ 1.° Substitue o presidente, no caso de impedimento, e succede-lhe, no de falta, o vice-presidente, eleito simultaneamente com elle.

§ 2.° No impedimento, ou falta do vice-presidente, serão sucessivamente chamados á presidencia o vice-presidente do senado, o presidente da camara e o do supremo tribunal federal.

§ 3.° São condições essenciaes, para ser eleito presidente, ou vice-presidente da Republica:

1.° Ser brazileiro nato:

2.° Estar no exercicio dos direitos politicos;

3.° Ser maior de 35 annos.

ART. 42. Se, no caso de vaga, por qualquer causa, da presidencia ou vice-presidencia, não houverem ainda decorrido dous annos do periodo presidencial, proceder-se-ha a nova eleição.

ART. 43. O presidente exercerá o cargo por quatro annos, não podendo ser reeleito para o periodo presidencial immediato.

§ 1.° O vice-presidente que exercer a presidencia no ultimo anno do periodo presidencial não poderá ser eleito presidente para o periodo seguinte.

§ 2.° O presidente deixará o exercicio de suas funcções, improrogavelmente, no mesmo dia em que terminar o seu periodo presidencial, succedendo-lhe logo o recem-eleito.

§ 3.° Se este se achar impedido, ou faltar, a substituição far-se-ha nos termos do Art. 41, §§ 1.° e 2.°

§ 4.° O primeiro periodo presidencial terminará a 15 de novembro de 1894.

ART. 44. Ao empossar-se do cargo o presidente pronunciará, em sessão do congresso, ou se este não estiver reunido, ante o supremo tribunal federal, esta affirmação:—

"Prometto manter e cumprir com perfeita lealdade a constituição federal, promover o bem geral da Republica, observar as suas leis, sustentar-lhe a união, a integridade e a independencia."

ART. 45. O presidente e o vice-presidente não podem sahir do territorio nacional sem permissão do congresso, sob pena de perderem o cargo.

ART. 46. O presidente e o vice-presidente perceberão subsidio fixado pelo congresso no periodo presidencial antecedente.

CAPITULO II.

Da eleição de presidente e vice-presidente.

ART. 47. O presidente e vice-presidente da Republica serão eleitos por suffragio directo da nação e maioria absoluta de votos.

§ 1.° A eleição terá lugar no dia 1 de março do ultimo anno do periodo presidencial, procedendo-se na capital federal e nas capitaes dos estados á apuração dos votos recebidos nas respectivas circumscripções. O congresso fará a apuração na sua primeira sessão do mesmo anno, com qualquer numero de membros presentes.

§ 2.° Se nenhum dos votados houver alcançado maioria absoluta, o congresso elegerá, por maioria dos votos presentes, um, dentre os que tiverem alcançado as duas votações mais elevadas na eleição directa.

Em caso de empate considerar-se-ha eleito o mais velho.

§ 3.° O processo da eleição e da apuração será regulado por lei ordinaria.

§ 4.° São ineligiveis para os cargos de presidente e vice-presidente os parentes consanguineos e affins, nos 1.° e 2.° gráos, do presidente ou vice-presidente, que se achar em exercicio no momento da eleição ou que tenha deixado até seis mezes antes.

CAPITULO III.

Das attribuições do poder executivo.

ART. 48. Compete privativamente ao presidente da Republica:—

1.° Sanccionar, promulgar e fazer publicar as leis e resoluções do congresso; expedir decretos, instruções e regulamentos para a sua fiel execução;

2.° Nomear e demittir livremente os ministros de estado;

3.° Exercer ou designar quem deva exercer o commando supremo das forças de terra e mar e dos Estados Unidos do Brazil, quando forem chamadas ás armas em defesa interna ou externo da União;

4.° Administrar o exercito e armada e distribuir as respectivas forças, conforme as leis federaes o as necessidades do governo nacional;

5.° Provêr os cargos civis e militares de caracter federal, salvas as restricções expressas na constituição;

6.° Indultar e commutar as penas nos crimes sujeitos á jurisdição federal, salvo nos casos a que se referem os artigos 34, n. 28, e 52, § 2.°;

7.° Declarar a guerra e fazer a paz nos termos do artigo 34, n. 11;

8.° Declarar immediatamente a guerra nos casos de invasão ou aggressão estrangeira;

9.° Dar conta annualmente da situação do paiz ao congresso nacional, indicando-lhe as providencias e reformas urgentes, em mensagem, que remetterá ao secretario do senado no dia da abertura da sessão legislativa;

10. Convocar o congresso extraordinariamente;

11. Nomear os magistrados federaes mediante proposta do supremo tribunal;

12. Nomear os membros do supremo tribunal federal e os ministros diplomaticos, sujeitando a nomeação á approvação do senado.

Na ausencia do congresso, designal-os-ha em commissão, até que o senado se pronuncie;

13. Nomear os demais membros do corpo diplomatico e os agentes consulares;

14. Manter as relações com os estados estrangeiros ;

15. Declarar por si, ou seus agentes responsaveis, o estado de sitio em qualquer ponto do territorio nacional, nos casos de aggressão estrangeira, ou grave commoção intestina (art. 6.°, n. 3; art. 34, n. 21, e art. 80);

16. Entabolar negociações internacionaes, celebrar ajustes, conversões e tratados, sempre *ad referendum* do congresso, e approvar os que os estados celebrarem na conformidade do art. 65, submettendo-os, quando cumprir, á autoridade do congresso.

CAPITULO IV.

Dos ministros de Estado.

ART. 49. O presidente da Republica é auxiliado pelos ministros de Estado, agentes de sua confiança, que lhes subscrevem os actos, e cada um delles presidirá a um dos ministerios em que se dividir a administração federal.

ART. 50. Os ministros de Estado não poderão acumular o exercicio de outro emprego ou funcção publica, nem ser eleitos presidentes ou vice-presidente da União, deputado ou senador.

Paragrapho unico. O deputado ou senador que acceitar o cargo de ministro de Estado, perderá o mandato e proceder-se-ha immediatamente á nova eleição, na qual não poderá ser votado.

ART. 51. Os ministros de Estado não poderão comparecer ás sessões do congresso, e só se communicarão com elle por escripto, ou pessoalmente em conferencia com as commissões das camaras.

Os relatorios annuaes dos ministros serão dirigidos ao presidente da Republica e distribuidos por todos os membros do congresso.

ART. 52. O ministros de estado não são responsaveis perante o congresso, ou perante os tribunaes, pelos conselhos dados ao presidente da Republica.

§ 1.° Respondem, porém, quanto aos seus actos, pelos crimes qualificados em lei.

§ 2.° Nos crimes communs e de responsabilidade serão processados e julgados pelo supremo tribunal federal, e, nos connexos com os do presidente da Republica, e pela autoridade competente para o julgamento deste.

CAPITULO V.

Da responsabilidade do presidente.

ART. 53. O presidente dos Estados Unidos do Brazil será submettido a processo e a julgamento, depois que a camara declarar

procedente a accusação, perante o supremo tribunal federal, nos crimes communs, e nos de responsabilidade perante o senado.

Paragrapho unico. Decretada a procedencia da accusação ficará o presidente suspenso de suas funcções.

ART. 54. São crimes de responsabilidade, os actos do presidente da Republica que attentarem contra:—

1.° A existencia politica da União;
2.° A constituição e a fórma do governo federal;
3.° O livre exercicio dos poderes politicos;
4.° O gozo e exercicio legal dos direitos politicos ou individuaes;
5.° A segurança interna do paiz;
6.° A probidade da administração;
7.° A guarda e emprego constitucional dos dinheiros publicos;
9.° As leis orçamentarias votadas pelo congresso;

§ 1.° Esses delictos serão definidos em lei especial.

§ 2.° Outra lei regulará a accusação, o processo e o julgamento.

§ 3.° Ambas essas leis serão feitas na primeira sessão do primeiro congresso.

SECÇÃO III.

DO PODER JUDICIARIO.

ART. 55. O poder judiciario da União terá por orgãos um supremo tribunal federal, com séde na capital da Republica e tantos juizes e tribunaes federaes, distribuidos pelo paiz, quantos os congresso crear.

ART. 56. O supremo tribunal federal compôr-se-ha de quinze juizes, nomeados na fórma do art. 48, n. 12, dentre os cidadãos de notavel saber e reputação, elegiveis para o senado.

ART. 57. Os juizes federaes são vitalicios e perderão o cargo unicamente por sentença judicial.

§ 1.° Os seus vencimentos serão determinados por lei e não poderão ser diminuidos;

§ 2.° O senado julgará os membros do supremo tribunal federal nos crimes de responsibilidade, e este os juizes federaes inferiores.

ART. 58. Os tribunaes federaes elegerão de seu seio os seus presidentes e organisarão as respectivas secretarias.

§ 1.° A nomeação e a demissão dos empregados de secretaria, bem como o provimento dos officios de justiça nas circumscripções judiciarias, compete respectivamente aos presidentes dos tribunaes.

§ 2.° O presidente da Republica designará, dentre os membros do supremo tribunal federal, o procurador geral da Republica, cujas attribuições se definirão em lei.

ART. 59. Ao supremo tribunal federal compete:

I. Processar e julgar originaria e privativamente;

a) O presidente da Republica nos crimes communs e os ministros de estado nos casos do art. 52.

b) Os ministros diplomaticos, nos crimes communs e nos de responsabilidade;

c) As causas e conflictos entre a União e os estados, ou entre estes uns com os outros;

d) Os litigios e as reclamações entre nações estrangeiras e a União ou os estados;

e) Os conflictos dos juizes ou tribunaes federaes entre si, ou entre estes e os dos estados, assim como os dos juizes e tribunaes de um estado com juizes e os tribunaes de outro estado;

II. Julgar, em gráo de recurso, as questões resolvidas pelos juizes e tribunaes federaes, assim como as de que tratam o presente artigo, § 1.°, e o artigo 60;

III. Rever os processos findos, nos termos do artigo 81.

§ 1.° Das sentenças das justiças dos estados em ultima instancia haverá recurso para o supremo tribunal federal:

a) Quando se questionar sobre a validade, ou a applicação de tratados e leis federaes, e a decisão do tribunal do estado fôr contra ella;

b) Quando se constestar a validade de leis o de actos dos governos dos estados em face da constituição, ou das leis federaes, e a decisão do tribunal do estado considerar validos esses actos, ou essas leis impugnadas.

§ 2.° Nos casos em que houver de applicar leis dos estados, a justiça federal consultará a jurisprudencia dos tribunaes locaes, e vice-versa, as justiças dos estados consultarão a jurisprudencia dos tribunaes federaes, quando houverem de interpretar leis da União.

ART. 60. Compete aos juizes ou tribunaes federaes processar e julgar:

a) As causas em que algumas das partes fundar a acção, ou a defesa, em disposição da constituição federal;

b) Todas as causas propostas contra o governo da União ou fazenda nacional, fundadas em disposições da Constituição, leis e regulamentos do poder executivo, ou em contratos celebrados com o mesmo governo;

c) As causas provenientes de compensações, reivindicações, indemnisação de prejuizos ou quasquer outras, propostas pelo governo da União contra particulares ou vice-versa;

d) Os litigios entre um estado e cidadãos de outro, ou entre cidadãos de estados diversos, diversificando as leis destes;

e) Os pleitos entre estados estrangeiros e cidadãos brazileiros;

f) As acções movidas por estrangeiros e fundadas, quer em contratos com o governo da União, quer em convenções ou tratados da União com outras nações;

g) As questões de direito maritimo e navegação assim no oceano como nos rios e lagos do paiz;

h) As questões de direito criminal ou civil internacional;

i) Os crimes politicos.

§ 1.° É vedado ao congresso commetter qualquer jurisdicção federal ás justiças dos estados.

§ 2.° As sentenças e ordens da magistratura federal são executadas por officiaes judiciarios da União, aos quaes a policia local é obrigada a prestar auxilio, quando invocado por elles.

ART. 61. As decisões dos juizes ou tribunaes dos estados, nas materias de sua competencia, porão termo aos processos e ás questões, salvo quanto a:

1.° Habeas-corpus, ou:

2.° Espolio de estrangeiro, quando a especie não estiver prevista em convenção, ou tratado.

Em taes casos haverá recursos voluntarios para o supremo tribunal federal.

ART. 62. As justiças dos estados não podem intervir em questões submettidas aos tribunaes federaes, nem annullar, alterar, ou suspender as suas sentenças ou ordens. E, reciprocamente, a justiça federal não póde intervir em questões submettidas aos tribunaes dos estados, nem annular, alterar ou suspender as decisões ou ordens destes, exceptuados os casos expressamente declarados nesta constituição.

TITULO II.

DOS ESTADOS.

ART. 63. Cada estado reger-se-ha pela constituição e pelas leis que adoptar, respeitados os principios constitucionaes da União.

ART. 64. Pertencem aos estados as minas e terras devolutas situadas nos seus respectivos territorios, cabendo á União sómente a porção de territorio que fôr indispensavel para a defeza das fronteiras, fortificações, construcções militares, e estradas de ferro federaes.

Paragrapho unico. Os proprios nacionaes, que não forem necessarios para serviço da União, passarão ao dominio dos estados, em cujo territorio estiverem situados.

ART. 65. É facultado aos estados:

1.° Celebrar entre si ajustes e convenções sem caracter politico (Art. 48, n. 16);

2.° Em geral todo e qualquer poder, ou direito, que lhes não fôr negado por clausula expressa ou implicitamente contida nas clausulas expressas da constituição.

ART. 66. É defeso aos estados:

1.° Recusar fé aos documentos publicos, de natureza legislativa, administrativa, ou judiciaria da União, ou de qualquer dos estados;

2.° Regeitar a moeda, ou a emissão bancaria em circulação por acto do governo federal;

3.° Fazer, ou declarar guerra entre si e usar de represalias;

4.° Denegar a extradicção de criminosos, reclamados pelas justiças de outros estados, ou do districto federal, segundo as leis da União, porque esta materia se reger (Art. 34, n. 32).

ART. 67. Salvas as restricções especificadas na constituição e nas leis federaes, o districto federal é administrado pelas autoridades municipaes.

Paragrapho unico. As despezas de caracter local, na capital da Republica, incumbem exclusivamente á autoridade municipal.

TITULO III.

DO MUNICIPIO.

ART. 68. Os estados organisar-se-hão de fórma que fique assegurada a autonomia dos municipios, em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse.

TITULO IV.

DOS CIDADÃOS BRAZILEIROS.

SECÇÃO I.

Das qualidades do cidadão brazileiro.

ART. 69. São cidadãos brazileiros:—

1.° Os nascidos no Brazil, ainda que de pae estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação;

2.° Os filhos de pae brazileiro e os illegitimos de mãe brazileira, nascidos em paiz estrangeiro, se estabelecerem domicilio na Republica;

3.° Os filhos de pae brazileiro, que estiver em outro paiz ao serviço da Republica, embora nella não venham domiciliar-se;

4.° Os estrangeiros, que, achando-se no Brazil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro em seis mezes depois de entrar em vigor a constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem;

5.° Os estrangeiros, que possuirem bens immoveis no Brazil, e forem casados com brazileiras ou tiverem filhos brazileiros, comtanto que residão no Brazil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade;

6.° Os estrangeiros por outro modo naturalizados.

ART. 70. São eleitores os cidadãos maiores de 21 annos, que se alistarem na fórma da lei.

§ 1.° Não podem alistar-se eleitores para as eleições federaes, ou para a dos estados:—

1.° Os mendigos;

2.° Os analphabetos;

3.° As praças de pret, exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior;

4.° Os religiosos de ordens monasticas, companhias, congregações ou communidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediencia, regra ou estatutos que importe a renuncia da liberdade individual.

§ 2.° São inelegiveis os cidadãos não alistaveis.

ART. 71. Os direitos de cidadão brazileiro só se suspendem, ou perdem nos casos aqui particularisados.

§ 1.° Suspendem-se:—

a) Por incapacidade physica ou moral;

b) Por condemnação criminal, emquanto durarem os seus effeitos;

§ 2.° Perdem-se:—

a) Por naturalisação em paiz estrangeiro;

b) Por acceitação de emprego ou pensão de governo estrangeiro, sem licença do poder executivo federal.

§ 3.° Uma lei federal determinará as condições de reacquisição dos direitos de cidadão brazileiro.

SECÇÃO II.

Declaração de direitos.

ART. 72. A Constituição assegura a brazileiros e a estrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual e á propriedade, nos termos seguintes:—

§ 1.° Ninguem póde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa, senão em virtude de lei.

§ 2.° Todos são iguaes perante a lei.

A Republica não admitte privilegios de nascimento, desconhece fóros de nobresa, e extingue as ordens honorificas existentes e todas as suas prerogativas e regalias, bem como os titulos nobiliarchicos e de conselho.

§ 3.° Todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito commum.

§ 4.° A Republica só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita.

§ 5.° Os cemiterios terão caracter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a pratica dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral publica e as leis.

§ 6.° Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos publicos.

§ 7.° Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official nem terá relações de dependencia ou alliança com o governo da União, ou o dos estados.

§ 8.° A todos é licito associarem-se e reunirem-se livremente e sem armas; não podendo intervir a policia senão para manter a ordem publica.

§ 9.° É permittido a quem quer que seja representar, mediante petição, aos poderes publicos, denunciar abusos das autoridades e promover a responsabilidade dos culpados.

§ 10. Em tempo de paz, qualquer póde entrar no territorio nacional ou delle sahir, com a sua fortuna e bens, quando e como lhe convier independentemente de passaporte.

§ 11. A casa é o asylo inviolavel do individuo; ninguem póde ahi penetrar, de noite, sem consentimento do morador, senão para acudir a victimas de crimes, ou desastres, nem de dia, senão nos casos e pela fórma prescripta na lei.

§ 12. Em qualquer assumpto é livre a manifestação de pensamento pela imprensa, ou pela tribuna, sem dependencia de censura, respondendo cada um pelos abusos que commetter, nos casos e pela fórma que a lei determinar. Não é permittido o anonymato.

§ 13. A excepção do flagrante delicto, a prisão não poderá executar-se senão depois de pronuncia do indiciado, salvos os casos determinados em lei, e mediante ordem escripta da autoridade competente.

§ 14. Ninguem poderá ser conservado em prisão sem culpa formada, salvas as excepções especificadas em lei, nem levado á prisão, ou nella detido, se prestar fiança idonea, nos casos em que a lei admittar.

§ 15. Ninguem será sentenciado senão pela autoridade competente, em virtude da lei anterior e na fórma por ella regulada.

§ 16. Aos accusados se assegurará na lei a mais plena defesa, com todos os recursos e meios essenciaes a ella, desde a nota de culpa, entregue em vinte e quatro horas ao preso e assignada pela autoridade competente, com os nomes do accusador e das testemunhas.

§ 17. O direito de propriedade mantem-se em toda a sua plenitude, salva a desapropriação por necessidade, ou utilidade publica, mediante indemnisação prévia.

As minas pertencentes aos proprietarios do sólo, salvas as limitações que forem estabelecidas por lei a bem da exploração deste ramo de industria.

§ 18. É inviolavel o sigillo da correspondencia.

§ 19. Nenhuma pena passará da pessoa do delinquente.

§ 20. Fica abolida a pena de galés e a de banimento judicial.

§ 21. Fica igualmente abolida a pena de morte, reservadas as disposições da legislação militar em tempo de guerra.

§ 22. Dar-se-ha o *habeas-corpus* sempre que o individuo soffrer ou se achar em imminente perigo de soffrer violencia ou coacção por illegalidade ou abuso de poder.

§ 23. A excepção das causas que, por sua natureza, pertecem a juizos especiaes, não haverá fôro privilegiado.

§ 24. É garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intelectual e industrial.

§ 25. Os inventos industriaes pertencerão aos seus autores, aos quaes ficará garantido por lei um privilegio temporario ou será concedido pelo congresso um premio razoavel, quando haja conveniencia de vulgarisar o invento.

§ 26. Aos autores de obras litterarias e artisticas é garantido o direito exclusivo de reproduzil-as pela imprensa ou por qualquer outro processo mecanico. Os herdeiros dos autores gozarão desse direito pelo tempo que a lei determinar.

§ 27. A lei assegurará tambem a propriedade das marcas de fabricas.

§ 28. Por motivo de crença ou de funcção religiosa, nenhum cidadão brazileiro poderá ser privado de seus direitos civis ou politicos, nem eximir-se do comprimento de qualquer dever civico.

§ 29. Os que allegarem motivo de crença religiosa com o fim de se isentarem de qualquer onus que as leis da Republica imponhão aos cidadãos, e os que aceitarem condecorações ou titulos nobiliarchicos estrangeiros, perderão todos os direitos politicos.

§ 30. Nenhum imposto de qualquer natureza poderá ser cobrado senão em virtude de uma lei que o autorise.

§ 31. É mantida a instituição do jury.

Art. 73. Os cargos publicos civis, ou militares, são accessiveis a todos os Brazileiros, observadas as condições de capacidade especial, que a lei estatuir; sendo, porém vedadas as accumulações-remuneradas.

ART. 74. As patentes, os postos e os cargos inamoviveis são garantidos em toda sua plentitude.

ART. 75. A aposentadoria só poderá ser dada aos funccionarios publicos em caso de invalidez no serviço da nação.

ART. 76. Os officiaes do exercito e da armada só perderão suas patentes por condemnação em mais de dous annos de prisão, passada em julgado nos tribunaes competentes.

ART. 77. Os militares de terra e de mar terão fôro especial nos delictos militares.

§ 1.° Este fôro compor-se-ha de um supremo tribunal militar, cujos membros serão vitalicios, e dos concelhos necessarios para a formação da culpa e julgamento dos crimes.

§ 2.° A organisação e attribuições do supremo tribunal militar serão reguladas por lei.

ART. 78. A especificação das garantias e direitos, expressos na constituição, não exclue outras garantias e direitos, não enumerados mas resultantes da fórma de governo que ella estabelece e dos principios que consigna.

TITULO V.

DISPOSIÇÕES GERAES.

ART. 79. O cidadão investido em funcções de qualquer dos tres poderes federaes não poderá exercer as de outro.

ART. 80. Poder-se-ha declarar em estado de sitio qualquer parte do territorio da União, suspendendo-se ahi as garantias constitucionaes por tempo indeterminado, quando a segurança da Republica o exigir, em caso de aggressão estrangeira, ou commoção intestina (Art. 34. n. 21).

§ 1.° Não se achando reunido o Congresso, e correndo a patria imminente perigo, exercerá essa attribuição o Poder Executivo Federal (Art. 48. n. 15).

§ 2.° Este, porém, durante o estado de sitio, restringir-se-ha, nas medidas de repressão contra as pessoas, a impôr:

1.° A detenção em lugar, não destinado aos réos de crimes communs;

2.° O desterro para outros sitios do territorio nacional.

§ 3.° Logo que se reunir o Congresso, o presidente da Republica lhe relatará, motivando-se, as medidas de excepção que houverem sido tomadas.

§ 4.° As autoridades que tenhão ordenado taes medidas são responsaveis pelos abusos commettidos.

ART. 81. Os processos findos, em materia crime, poderão ser revistos, a qualquer tempo, em beneficio dos condemnados, pelo Supremo Tribunal Federal, para reformar ou confirmar a sentença.

§ 1.° A lei marcará os casos e a fórma da revisão, que poderá ser requerida pelo sentenciado, por qualquer do povo, ou *ex-officio* pelo procurador geral da Republica.

§ 2.° Na revisão não podem ser agravadas as penas da sentença revista.

§ 3°. As disposições do presente artigo são extensivas aos processos militares.

ART. 82. Os funccionarios publicos são estrictamente responsaveis pelos abusos e omissões em que encorrerem no exercicio de seus cargos, assim como pela indulgencia, ou negligencia em não responsabilisarem effectivamente os seus subalternos.

Paragrapho unico. O funccionario publico obrigar-se-ha por compromisso formal, no acto da posse, ao desempenho dos seus deveres legaes.

ART. 83. Continuam em vigor, emquanto não revogadas, as leis do antigo regimen, no que explicita ou implicitamente não fôr contrario ao systema de governo firmado pela constituição e aos principios nella consagrados.

ART. 84. O governo da União afiança o pagamento da divida publica interna e externa.

ART. 85. Os officiaes do quadro e das classes annexas da armada terão as mesmas patentes e vantagens que os do exercito nos cargos de cathegoria correspondentes.

ART. 86. Todo o brazileiro é obrigado ao serviço militar, em defesa da patria e da constituição na forma das leis federaes.

ART. 87. O exercito federal compor-se-ha de contingentes que os estados e o districto federal são obrigados a fornecer, constituidos de conformidade com a lei annua de fixação de forças.

§ 1.° Uma lei federal determinará a organisação geral do exercito, de accôrdo com o n. 18 do art. 34.

§ 2.° A União se encarregará da instrucção militar superior.

§ 3.° Fica abolido o recrutamento militar forçado.

§ 4.° O exercito e a armada compor-se-hão pelo voluntariado, sem premio e, em falta deste, pelo sorteio, préviamente organizado.

Concorrem para o pessoal da armada a escola naval, as de aprendizes marinheiros e a marinha mercante mediante sorteio.

ART. 88. Os Estados Unidos do Brazil, em caso algum, se empenharão em guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação.

ART. 89. É instituido um tribunal de contas para liquidar as contas da receita e despeza e verificar a sua legalidade, antes de serem prestadas ao congresso.

Os membros deste tribunal serão nomeados pelo presidente da Republica com approvação do senado, e sómente perderão os seus lugares por sentença.

Art. 90. A Constituição poderá ser reformada, por iniciativa do congresso nacional ou das assembléas dos estados.

§ 1.° Considerar-se-ha proposta a reforma, quando, sendo apresentada por uma quarta parte, pelo menos, dos membros de qualquer das camaras do congresso nacional, fôr aceita em tres discussões, por dous terços dos votos em uma e em outra camara, ou quando fôr solicitada por dous terços dos estados, no decurso de um anno, representado cada estado pela maioria de votos de sua assembléa.

§ 2.° Essa proposta dar-se-ha por approvada, se no anno seguinte o fôr, mediante tres discussões, por maioria de dous terças dos votos nas duas camaras do congresso.

§ 3.° A proposta approvada publicar-se-ha com as assignaturas dos presidentes e secretarios das duas camaras, e incorporar-se-ha á constituição como parte integrante della.

§ 4.° Não poderão ser admittidos como objecto de deliberação, no congresso, projectos tendentes a abolir a fórma republicana-federativa, ou a igualdade da representação dos estados no senado.

Art. 91. Approvada esta constituição, será ella promulgada pela mesa do congresso e assignada pelos membros deste.

DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS.

Art. 1.° Promulgada esta constituição, o congresso, reunido em assembléa geral, elegerá em seguida, por maioria absoluta de votos, na primeira votação, e, se nenhum candidato a obtiver, por maioria relativa na segunda, o presidente e o vice-presidente dos Estados Unidos do Brazil.

§ 1.° Essa eleição será feita em dous escrutinios distinctos para o presidente e o vice-presidente respectivamente, recebendo-se e apurando-se em primeiro lugar as cedulas para presidente, e procedendo-se em seguida do mesmo modo para o vice-presidente.

§ 2.° O presidente e o vice-presidente, eleitos na fórma deste artigo, occuparão a presidencia e vice-presidencia da Republica durante o primeiro periodo presidencial.

§ 3.° Para essa eleição não haverá incompatibilidades.

§ 4.° Concluida ella, o congresso dará por terminada a sua missão constituinte, e, separando-se em camara e senado, enceterá o exercicio de suas funcções normaes a 15 de junho do corrente anno; não podendo em hypothese alguma ser dissolvido.

§ 5.° No primeiro anno da primeira legislatura, logo nos trabalhos preparatorios, discriminará o senado o primeiro e segundo terço de seus membros, cujo mandato ha de cessar no termo do primeiro e do segundo triennios.

§ 6.° Essa discriminação effectuar-se-ha em tres listas, correspondentes aos tres terços, graduando-se os senadores de cada estado e os do districto federal pela ordem de sua votação respectiva, de modo que se distribua ao terço do ultimo triennio o primeiro votado no districto federal e em cada um dos estados, e aos dous terços seguintes os outros dous nomes na escala dos suffragios obtidos.

§ 7.° Em caso de empate, considerar-se-hão favorecidos os mais velhos, decidindo-se por sorteio, quando a idade fôr igual.

ART. 2.° O Estado, que até ao fim do anno de 1892, não houver decretado a sua constituição, será submettido, por acto do congresso, á de um dos outros, que mais conveniente a essa adaptação parecer, até que o estado sujeito a esse regimen a reforme, pelo processo nella determinado.

ART. 3.° Á proporção que os estados se forem organisando, o governo federal entregar-lhes-ha a administração dos serviços, que pela constituição lhes competirem, e liquidará a responsabilidade da administração federal no tocante a esses serviços e ao pagamento do pessoal respetivo.

ART. 4.° Emquanto os estados se occuparem em regularisar as despezas, durante o periodo de organisação dos seus serviços, o governo federal abrir-lhes-ha para esse fim creditos especiaes, segundo as condições estabelecidas por lei.

ART. 5.° Nos estados que se forem organisando, entrará em vigor a classificação das rendas estabelecidas na constituição.

ART. 6.° Nas primeiras nomeações para a magistratura federal e para a dos estados serão preferidos os juizes de direito e os desembargadores de mais nota.

Os que não forem admittidos na nova organisação judiciaria, e tiverem mais de 30 annos de exercicio, serão aposentados com todos os seus vencimentos.

Os que tiverem menos de 30 annos de exercicio continuarão a perceber seus ordenados, até que sejam approveitados ou aposentados com ordenado correspondente ao tempo de exercicio.

As despezas com os magistrados aposentados ou postos em disponibilidade serão pagas pelo governo federal.

ART. 7.° É concedida a D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, uma pensão que, a contar de 15 de novembro de 1889, garantalhe, por todo o tempo de sua vida, subsistencia decente. O congresso ordinario em sua primeira reunião, fixará o *quantum* desta pensão.

ART. 8.° O governo federal adquirirá para a nação a casa em que falleceu o dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães e nella

mandará collocar uma lapide em homenagem á memoria do grande patriota — o fundador da Republica.

Paragrapho unico. A viuva do mesmo dr. Benjamim Constant terá, emquanto viver, o uso-fructo da casa mencionada.

Mandamos, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta Constituição pertencer que a executem e façam observar fiel e inteiramente como nella se contem.

Publique-se e cumpra-se em todo o territorio da Nação.

Sala das sessões do Congresso Constituinte, na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de fevereiro de 1891, terceiro da Republica.